

*Il n'y a pas d'opposition possible
entre la forme et le sens complet
(et impraticable)
« Il est faux de dire qu'il soit possible
d'opposer la forme et le sens. Il est
juste de dire d'opposer la figure vocale d'une
part et la forme - sens de l'autre. »*

A PALAVRA DE SAUSSURE

2ª Edição

Lucília Maria Abrahão e Sousa
Gláucia Nagem de Souza &
Lauro Baldini

[organizadores]

Préface

*- Il paraît impossible de donner
une prééminence à telle ou telle vérité
fondamentale de la linguistique, de manière
à en faire le point de départ unique;
mais il y a cinq ou six vérités
fondamentales qui sont tellement liées entre elles, qu'on
peut partir indifféremment de l'une
ou de l'autre, on arrivera logi-
quement à toutes les autres*



A PALAVRA DE SAUSSURE

2ª edição



Pedro & João
editores

Lucília Maria Abrahão e Sousa
Glaucia Nagem de Souza
Lauro Baldini
(Organizadores)

A PALAVRA DE
SAUSSURE

2ª edição



Pedro & João
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Lucília Maria Abrahão e Sousa; Glaucia Nagem de Souza; Lauro Baldini [Orgs.]

A palavra de Saussure. 2ª ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 369p.
16 x 23 cm.

**ISBN: 978-85-7993-334-9 [Impresso – 2016 – 1ª edição]
978-65-265-1338-5 [Digital]**

1. Saussure. 2. Linguística. 3. Psicanálise. 4. Análise de Discurso. I. Título.

CDD – 410

Capa: Hélio Márcio Pajeú

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Revisão: Thales de Medeiros Ribeiro, Karine de Medeiros Ribeiro, Leonardo Paiva Fernandes

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
A linguística e o sujeito “no escorregadio da língua”	9
Uma história de santos, ovos e maçãs... e de um carneiro que ostenta um enfeite de cobre <i>Lauro José Siqueira Baldini, Thales de Medeiros Ribeiro</i>	11
O dizer da gente, vazio, vazios <i>Lucília Maria Abrahão e Sousa</i>	33
Explorando a hipótese saussuriana sobre o esquecimento na língua e na literatura. <i>Maria Fausta Pereira de Castro</i>	43
As Sereias de Joyce nas letras de Saussure <i>Glaucia Nagem de Souza</i>	59
Estrutura/sistema: eis uma questão para os estudos linguísticos do ponto de vista da história da Linguística <i>Amanda Eloina Scherer</i>	77
Saussure e suas meditações silenciosas (não-)publicadas: a complexidade do corpus saussuriano <i>Maria Iraci Sousa Costa</i>	93
Da dupla essência da linguagem e a renovação do saussurismo <i>François Rastier</i>	133
Tripla articulação da língua e articulação hermenêutica da linguagem <i>Simon Bouquet</i>	151
	173

Leitura atenta – Saussure e comentadores	175
Interloquções a partir de Saussure	
<i>Alexandre Zanella, Luiza Castello Branco, Thaís de Araújo da Costa, Vanise Medeiros</i>	203
Saussure: um [] estruturalista	
<i>Ana Paula El-Jaick</i>	225
Natureza e destino dos manuscritos de Ferdinand de Saussure	
<i>Eliane Silveira</i>	243
Imagens em Curso	
<i>Helena Martins, Elisângela Nogueira Teixeira</i>	261
A presença de Saussure na obra de Michel Pêcheux: reflexões sobre a noção de língua	
<i>Verli Petri, Larissa Montagner Cerro</i>	279
Lacan leitor de Saussure	281
Do escrito como borda da língua	
<i>Eduardo Vidal</i>	303
Lacan é o a posteriori de Saussure	
<i>Maria Claudia Maia Brasil</i>	323
O efeito Saussure	
<i>Patrícia Ribeiro</i>	335
Decantamento de sentido: grafema, poema e anagrama	
<i>Ana Paula Lacorte Giansi</i>	349
O intuicionismo saussureano como fundamento da interpretação poética em Lacan	
<i>Conrado Ramos</i>	

INTRODUÇÃO

O que se pode dizer sobre Saussure hoje? Um professor falado e tornado autor por seus alunos – cujo “Curso de Linguística Geral” se cristalizou sob o efeito de evidência como se fosse a própria voz do genebrino – é colocado em xeque diante do que os textos de Saussure descobertos em 1996 não explicam, fazem questão e deixam sem resposta. A partir daí, pode-se inverter a posição e a pergunta se torna “O que Saussure nos diz, hoje?”.

Dada a nossa pergunta e a contradição emergente dessas duas posições – Saussure editado por outrem e Saussure dito por si mesmo –, convidamos linguistas e psicanalistas a escrever sobre o mestre, suas obras autorais e a atualidade do “Curso” em seu centenário de publicação. Colhemos leituras diversas, caleidoscópicas e multifacetadas que se dividiram em dois percursos, frequentemente cruzados: olhar pelo retrovisor apontando o papel fundamental do teórico na constituição do campo das ciências humanas, avaliando a forma de inscrição da obra que deu nome ao Curso de Linguística Geral e avançando na direção de interpretar e compreender os textos escritos pelo próprio Saussure.

Nesse ponto, interessa-nos destacar a empreitada de estudar Saussure por si mesmo, em sua pena de dizer e de formular questionamentos que agora passam a ser lidos e a circular. As ressonâncias e ecos dele indiciam a robustez com que tomou a sério o que na língua faz série e o que escapa. Aqui fazemos reverência a ele e atualizamos seu impacto no pensamento contemporâneo.

**A linguística e o sujeito
“no escorregadio da língua”**

Uma história de santos, ovos e maçãs... e de um carneiro que ostenta um enfeite de cobre

Lauro José Siqueira Baldini¹

Thales de Medeiros Ribeiro²

¹⁰⁸⁶ Ao capítulo *semiologia*: <A maior parte das concepções que têm, ou ao menos que oferecem os> filósofos da linguagem, faz lembrar o <nosso primeiro pai> Adão chamando para perto de si os <diversos> animais e dando a cada um o seu nome³. (SAUSSURE, 1989, p. 147, tradução nossa).

Uma antiga suspeita atravessa a inquietante procura da essência da linguagem: a suspeita de que esta não é outra coisa senão um estranho espelho que refletiria a realidade e o mundo, assim como a razão e as paixões do homem, suas intenções e seus pensamentos. Pela ilusão de uma coincidência do existente com o dizível, a linguagem seria concebida como uma imagem lógica da realidade e um reflexo do real, tendo a emblemática tendência de se “fazer passar pelo real, a representá-lo sem distâncias, a constituir um equivalente dele” (Gadet; Pêcheux, 2010, p. 98).

¹ Professor do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP).

² Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP). Bolsista CNPq-Brasil. Membro do Grupo de Pesquisa PHIM (Projeto História, Inconsciente, Materialidades), coordenado pelo Prof. Dr. Lauro José Siqueira Baldini e pela Profa. Dra. Aline Fernandes de Azevedo.

³ « ¹⁰⁸⁶ Au chapitre *sémiologie*: <La plupart des conceptions que se font, ou du moins qu’offrent les> philosophes du langage font songer à <notre premier père> Adam appelant près de lui les <divers> animaux et leur donnant à chacun leur nom. » (Saussure, 1989, p. 147).

Diante de uma fronteira que separa radicalmente o dizível e o existente, um desejo vem à luz: domar a boca segundo os signos e os signos segundo a boca, superar a linguagem e atravessar, como Alice, tal “espelho”.

“*Meu nome significa meu formato... aliás um belo formato. Com um nome como o seu, você poderia ter praticamente qualquer formato*” (Carroll, 2002, p. 200, grifo do autor), disse o ovo humano chamado Humpty Dumpty⁴, argumentando que Alice era um nome bem estúpido já que poderia significar qualquer formato. Em sequência, nesse célebre diálogo de Humpty Dumpty com Alice, o ovo declara que quando escolher uma palavra, ela significará exatamente o que escolheu fazê-la significar. Alice responde: “a questão é [...] se *pode* fazer as palavras significarem tantas coisas diferentes” (Carroll, 2002, p. 204, grifo do autor); e Humpty Dumpty replica: “a questão [...] é saber quem vai mandar – só isto” (Carroll, 2002, p. 204). Como mestre da língua, Humpty Dumpty é extremista e contraditório, ao tentar denegar o risco de a língua escapar ao sujeito que fala (Gadet; Pêcheux, 2010).

Em “Como aprendi a falar”, capítulo VIII do livro primeiro de suas *Confissões*, Santo Agostinho relata como, desde a época em que era “um menino que principiava a balbuciar algumas palavras”, aprendera a falar, retendo na memória todos os sinais (signos), movimentos e gestos que eram a expressão de um querer designar o nome de cada coisa. Ao reter pouco a pouco as palavras em suas significações, pôde, então, domar a boca segundo aqueles sinais e começar a exprimir por eles suas paixões e vontades.

Retinha tudo na memória quando pronunciavam o nome de alguma coisa, segunda essa palavra, moviam o corpo para ela. Via e notava que davam ao objeto, quando o queriam designar, um nome que eles pronunciavam. Esse querer era-me revelado pelos movimentos do corpo, que são como que a linguagem natural a todos os povos e consiste na

⁴ De fato, como afirma Rey (2000), o próprio nome do “ovo humano” poderia indicar de maneira motivada a forma dessa personagem, remetendo, simultaneamente, à corcunda, monte, pessoa redonda e curta etc.

expressão da fisionomia, no movimento dos olhos, nos gestos, no tom de voz, que indica a afeição da alma quando pede ou possui e quando rejeita ou evita⁵. Por este processo retinha pouco a pouco as palavras convenientemente dispostas em várias frases e frequentemente ouvidas como sinais de objetos. Domando a boca segundo aqueles sinais, exprimia por eles minhas vontades.

Assim principiei a comunicar com as pessoas que me rodeavam, e entrei mais profundamente na sociedade tempestuosa dos homens, sob a autoridade de meus pais e a obediência dos mais velhos. (Agostinho, 1973, p. 31-32).

Eis-nos jogados no círculo em que o sujeito é a causa de si mesmo, sob um efeito retroativo pelo qual é posto como sempre já-sujeito⁶. Do santo ao ovo, o apagamento de que o sujeito-falante é resultado de um processo independente dele tem como consequência uma série de tiradas espirituosas e espirituais⁷ e de fantasias metafísicas (Pêcheux, 1995). Que estranha relação é essa que (não) se dá, na linguagem, entre o dizível e o existente?

Por caminho diverso, poderíamos enunciar outra *suspeita* situada, por sua vez, fora da circularidade dessa série de fantasias metafísicas e do campo da complementaridade⁸: a tese subversiva do *primado do valor sobre a significação*.

⁵ Sobre a problemática do signo e da expressão em Santo Agostinho, cf. Todorov (1996).

⁶ A relação da memória de Santo Agostinho, ao lembrar-se de como aprendeu a falar, antes mesmo de ser sujeito constituído pela linguagem, com o efeito Münchhausen (série de fantasias metafísicas) foi traçada anteriormente por Pedro Karczmarczyk na palestra “Interpelación y razones de sujeto: AtIhusser, Pêcheux y Wittgenstein”, proferida no dia 17 de julho de 2015, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-UNICAMP).

⁷ Tomamos o *Witz* como uma questão fundamental ao enigma sobre a natureza negativa e diferencial da linguagem: “O *Witz* é aquilo que se traduziu por *tirada espirituosa*. Também houve quem dissesse *chiste*, e deixo de lado as razões por que prefiro a primeira tradução. Mas *Witz* também quer dizer *espírito* [*esprit*]. O termo, portanto, apresenta-se de imediato numa extrema ambiguidade” (Lacan, 1999, p. 22, grifo do autor).

⁸ Cf. *A Ferramenta imperfeita*, de Henry (1992).

Nas páginas iniciais de *Análise automática do discurso*, Pêcheux afirma que o deslocamento conceitual de Saussure consiste na separação da homogeneidade cúmplice entre a prática e a teoria da linguagem. Para o autor, a partir do momento em que a língua é concebida como um sistema que autoriza combinações e substituições regradas por elementos definidos, a língua já não tem a *função* de exprimir sentido, ela se torna “um objeto do qual uma ciência pode descrever o *funcionamento*” (Pêcheux, 2014, p. 60, grifo do autor). Ao retomar “a metáfora do jogo de xadrez utilizada por Saussure para pensar o objeto da linguística, diremos que não se deve procurar o que cada parte *significa, mas quais são as regras que tornam possível* qualquer parte, quer se realize ou não” (Pêcheux, 2014, p. 60, grifo do autor).

No *Curso de Linguística Geral*, Saussure afirma que no funcionamento desse sistema “que conhece somente a sua ordem própria” (Saussure, 2006, p. 31), “todos os valores convencionais apresentam esse caráter de não se confundir com o elemento tangível que lhes serve de suporte” (Saussure, 2006, p. 137). De forma semelhante, em *Sobre a Essência Dupla da Linguagem*, o autor indica que as peças do jogo não têm valor fora do próprio jogo, isto é, um elemento não tem sentido por si mesmo, senão por meio das relações regradas que tornam possível o funcionamento do jogo.

Assim como, no jogo de xadrez, seria absurdo perguntar o que seria uma dama, um peão, um bispo ou um cavalo, considerados fora do jogo de xadrez, assim também não tem sentido, quando se considera verdadeiramente a *língua*, buscar o que é cada elemento por si mesmo. Ele nada é além de uma peça que vale por oposição às outras, segundo certas convenções. (Saussure, 2004b, p. 63, grifo do autor).

Em outros termos, um elemento isolado do jogo, em “sua materialidade pura, fora de sua casa e das outras condições do jogo, não representa nada para o jogador e não se torna elemento real e concreto senão quando revestido de seu valor e fazendo corpo com ele” (Saussure, 2006, p. 128). Não existe materialidade sem valor.

Tal afirmação poderia ser compreendida, por exemplo, quando Saussure atribui, ao comparar a língua ao expresso Genebra-Paris⁹ de 8h45 da noite e à rua devastada e reconstruída¹⁰, uma relação entre materialidade e identidade, sendo que esta pode ser confundida parcialmente com a problemática da entidade e da unidade:

Falamos de identidade a propósito de dois expressos “Genebra-Paris, 8h45 da noite”, que partem com vinte e quatro horas de intervalo. Aos nossos olhos, é o mesmo expresso, e no entanto, provavelmente, locomotiva, vagões, pessoal, tudo é diferente. Ou então, quando uma rua é arrasada e depois reconstruída, dizemos que é a mesma rua, embora materialmente nada subsista da antiga. Por que se pode reconstruir uma rua de cima a baixo sem que ela deixe de ser a mesma rua? Porque a entidade que constitui não é puramente material; funda-se em certas condições a que é estranha sua matéria ocasional, por exemplo sua situação relativamente às outras; de modo semelhante, o que faz o expresso é a hora de sua partida, seu itinerário e em geral todas as circunstâncias que o distinguem dos outros expressos. Sempre que se realizem as mesmas condições, obtêm-se as mesmas entidades. E, no entanto, estas não são abstratas, pois uma rua ou um expresso não se concebem fora de sua realização material. (Saussure, 2006, p. 126).

Em “A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso”, Haroche, Henry e Pêcheux, apoiados nas indagações epistemológicas de Normand, sustentam que “o princípio da subordinação da significação ao valor pode ser considerado como o centro da ruptura saussuriana” (Haroche; Henry; Pêcheux, 2007, p. 17, grifo dos autores), por meio do qual Saussure “declara guerra à concepção de língua como nomenclatura” (Haroche; Henry; Pêcheux, 2007, p. 17). Nesse sentido, por meio do princípio da subordinação da significação ao valor, Saussure recusa reduzir à

⁹ Cf. também as variações da metáfora do expresso na edição crítica de Engler (Saussure, 1989, p. 244-246).

¹⁰ As metáforas, comparações e analogias são constitutivas à teoria e à inquietude saussuriana sobre a língua. Sobre essa questão, confira dois artigos de Normand (2009a, 2009b): “Metáfora e conceito: Saussure/Freud – sobre alguns problemas do discurso teórico”; “O Curso de Linguística Geral, metáforas e metalinguagem”.

língua à soma de termos isolados do sistema de valores puros. Em relação ao fato linguístico em sua essência e amplitude, a subordinação da significação ao valor “tem precisamente por efeito interromper bruscamente todo retorno ao sujeito, quando se trata da língua” (Haroche; Henry; Pêcheux, 2007, p. 17).

A partir desse princípio, instaura-se, com Saussure, uma *ferida narcísica* na ciência da linguagem: “um saber aí se libera, o qual, sob o peso do que a ciência da linguagem acreditava saber, a obcecava sem que ela aceitasse reconhecê-lo” (Gadet; Pêcheux, 2010, p. 63). A definição de signo como valor, ou seja, como diferença, abriu caminho para uma “novidade insuportável que perturba assim as relações entre o desejo, o real e o impossível” (Gadet; Pêcheux, 2010, p. 63). Para além do homem e da representação, Saussure subordina o pensamento (amorfo) à ordem da língua¹¹, assim como a consciência humana ao saber da língua, impondo-lhes *a ordem do negativo, do absurdo e da metáfora* (Gadet; Pêcheux, 2010).

Neste ensaio, fazemos um comentário sobre o princípio de subordinação da significação ao valor em *Sobre a essência dupla da linguagem*, estabelecendo relações pontuais com o *Curso de Linguística Geral*. O primeiro refere-se à recente publicação de inéditos saussurianos não numerados (*Acervo BPU 1996*), editados e organizados por Bouquet e Engler¹². Tomamos esse texto recente

¹¹ “Tomado em si, o pensamento é como uma nebulosa onde nada está necessariamente delimitado. Não existem ideias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua” (Saussure, 2006, p. 130). E ainda: “Não há, pois, nem materialização de pensamento, nem espiritualização de sons; trata-se, antes, do fato, de certo modo misterioso, de o ‘pensamento-som’ implicar divisões e de a língua elaborar suas unidades constituindo-se entre duas massas amorfas” (Saussure, 2006, p. 131).

¹² “Sob o título ‘Da essência dupla da linguagem’, eles provêm em sua maioria, de um grande envelope que contém maços de folhas da mesma natureza e do mesmo formato, sendo que várias delas trazem a menção: ‘Da dupla essência da linguagem’, ‘Dupla essência’ ou ‘Essência dupla (da linguagem)’. Uma etiqueta com a menção “Ciência da linguagem” estava colada nesse envelope” (Bouquet; Engler, 2002, p. 16). O leitor ainda poderá encontrar uma edição diplomática

em relação ao *Curso de Linguística Geral*¹³, tendo em vista que este produziu efeitos históricos inquestionáveis, tal como nos adverte Silveira (2009), no sentido em que desqualificar o *Curso de Linguística Geral* implicaria em ignorar percursos de leituras posteriores a sua publicação.

Se o valor parece ter preocupado Saussure durante toda a sua vida¹⁴, os efeitos do primado do valor em *Sobre a essência dupla da linguagem* constitui um caminho pertinente de leitura e discussão. No entanto, não poderíamos deixar de falar de valor sem problematizar, mesmo que de forma muito sumária, o papel do deslocamento saussuriano em relação à teoria do signo.

Em *O amor da língua*, Milner (2012, p. 56) afirma que “referir os fatos de linguagem ao signo é um lugar-comum da tradição filosófica, minimamente desde os estoicos”. Segundo o autor, a teoria do signo pode ser compreendida como uma “teoria da pluralidade dos tipos de signos – convencionais, naturais, acidentais etc” (Milner, 2012, p. 57). Inversamente, em Saussure, o signo é de um só tipo. Este não é “objeto de uma teoria, mas o *meio* de expor a teoria cujo objeto é completamente outro” (Milner, 2012, p. 57, grifo do autor). Embora o conceito de signo tenha sido emprestado de uma tradição, a articulação geral feita por Saussure é profundamente diferente. Em “Retour à Saussure”, Milner (2002) considera que o modelo saussuriano simétrico e recíproco de signo se separa de toda teoria da representação¹⁵.

eletrônica incompleta, estabelecida por Engler, em <<http://www.revue-texto.net/Saussure/Saussure.html>>.

¹³ Editado por Bally e Sechehaye com a colaboração de Riedlinger e publicado de 1916, com base em três cursos proferidos por Saussure na Universidade de Genebra (1907, 1908-1909, 1910-1911).

¹⁴ Tal como indica Haroche, Henry e Pêcheux (2007) em relação às lendas germânicas e Gadet e Pêcheux (2010) em relação aos anagramas.

¹⁵ « [...] la doctrine port-royaliste du signe se fondait sur la relation de représentation. Cette relation est asymétrique : A représente B n’implique pas que B représente A. Or, il est remarquable que Saussure ne parle justement pas de représentation. Le terme décisif dans la doctrine est celui d’*association* ; or, la relation d’association est réciproque : A est associé à B implique que B est

Como o modelo agostiniano (e como o modelo estoico de que Santo Agostinho deriva), o modelo port-royalista é fundado sobre a assimetria: a fumaça é signo do fogo, a respiração é signo da vida, a expressão do rosto é signo do sentimento, mas a recíproca não é verdadeira. Para tomar as expressões de Arnauld e Nicole: no signo, a ideia da coisa que representa suscita a ideia da coisa representada, e a relação não pode ser invertida.

Porém, o modelo saussuriano do signo linguístico não é justamente um modelo assimétrico (Milner, 2002, p. 26-27, tradução nossa)¹⁶.

Em suma, em um de seus direcionamentos tradicionais, o signo seria essencialmente o índice material que autoriza uma conclusão do tipo Sherlock Holmes sobre algo que não se deixa imediatamente perceber em um instante determinado (Milner, 2002). Já o modelo linguístico de signo produzido por Saussure está fundamentalmente estruturado pela reciprocidade¹⁷. Em outras palavras, o signo não é *signo de*, mas *signo em relação a*.

De acordo com Normand (2009c, p. 26), o valor é “uma noção primeira (e não, como se poderia acreditar pela exposição didática, o resultado de uma demonstração). Se partimos dessa noção

associé à A. Le signifiant ne représente pas le signifié ; il lui est associé et, du même coup, le signifié à son tour est associé au signifiant. Si quelque chose représentait, ce pourrait être tout au plus le signe dans son ensemble, mais on remarquera que cette relation-là, c'est-à-dire la relation du signe à la chose signifiée n'importe nullement à Saussure. On assiste là à un déplacement décisif : Saussure construit un modèle de signe qui se disjoint de toute théorie de la représentation. » (Milner, 2002, p. 27-28, grifo do autor).

¹⁶ « Comme le modèle augustinien (et comme le modèle stoïcien dont dérive saint Augustin), le modèle port-royaliste est fondé sur l'asymétrie : la fumée est signe du feu, la respiration est signe de vie, l'expression du visage est signe du sentiment, mais la réciproque n'est pas vraie. Pour reprendre les expressions d'Arnauld et Nicole : dans le signe, l'idée de la chose qui représente excite l'idée de la chose représentée, et la relation ne peut être renversée. Or, le modèle saussurien du signe linguistique n'est justement pas un modèle asymétrique. » (Milner, 2002, p. 26-27).

¹⁷ Em *O amor da língua*, Milner (2012) explica que o signo tem três propriedades dadas como evidentes que *não reclamam nenhuma prova factual ou demonstração lógica*: o signo é arbitrário, negativo e bifacial.

fundamental, ao invés de considerá-la como um ponto de chegada, compreendemos melhor a apresentação crítica das noções tradicionais”. De forma semelhante, Gadet e Pêcheux (2010, p. 61) indicam que “o conceito de valor tem nas notas originais do *Curso* um lugar bem mais importante que o que aparece na apresentação de Bally e Sechehaye. Godel mostra que, na ordem de apresentação dos cursos, o arbitrário do signo só aparece como consequência da tese sobre o valor”.

Por outro viés, Milner considera que o signo é um ponto de partida instaurado pelo minimalismo epistemológico de Saussure, já que o signo, em sua totalidade, fechamento e positividade, encerraria todo acesso ao ponto de vista do negativo e do diferencial. Para o autor, é por esse motivo, que Saussure propôs o conceito de valor, inspirando-se na teoria da moeda. No capítulo “Natureza do signo linguístico”, Saussure (2006, p. 81, grifo do autor) adverte que “quanto a *signo*, se nos contentamos com ele, é porque não sabemos por que substituí-lo, visto não nos sugerir a língua usual nenhum outro”. A partir dessa premissa, Milner afirma que o signo é, portanto, um conceito primitivo de que Saussure se aparta:

A explicação é clara: não há mais do que diferenças entre os significantes tomados em si mesmos ou entre os significados tomados em si mesmos. É verdade que a língua é definida como um sistema de signos, mas, para dizer a verdade, não há, propriamente falando, sistemas de signos, mas somente sistemas de significantes e de significados. A linguística não se ocupa dos signos senão para fazê-los se dissipar na rede diferencial e negativa de suas duas faces; em conclusão, os signos não interessam enquanto signos à linguística. Mas para compreender isso, deve-se justamente partir da noção de signo e de sistema de signos. (Milner, 2002, p. 42-43, tradução nossa)¹⁸.

¹⁸ « L’explication est claire : il n’y a de différences qu’entre les signifiants pris en eux-mêmes ou entre les signifiés pris en eux-mêmes. Il est vrai que la langue est définie comme un système de signes, mais, à vrai dire, il n’y a pas à proprement parler de système de signes, mais seulement des systèmes de signifiants et de signifiés. La linguistique ne s’occupe des signes que pour les faire s’évanouir dans le réseau différentiel et négatif de leurs deux_faces ; en conclusion, les

Ao instituir esse modelo, a um só tempo, simétrico e recíproco de signo, esta noção funcionaria como pura e simples comodidade, “toda teoria autônoma e positiva dessa noção é, portanto, inútil. Isso não se dá sem paradoxos. O mais notável, é que o significado saussuriano permanece inapreensível” (Milner, 2002, p. 28, tradução nossa)¹⁹.

Para nós, se o valor é um ponto de partida pelo qual Saussure “desenvolveria” uma resposta a questões colocadas pela filosofia (como unidade, realidade ou identidade), ou se um ponto de chegada pelo qual Saussure se “apartaria” do conceito filosófico de signo, é uma questão deixada em suspenso. Quando lemos o primado do valor sobre a significação, buscamos não pressupor qualquer relação de causalidade; importa-nos, antes de tudo, problematizar alguns efeitos do valor nas reflexões saussurianas sobre a língua e sobre a linguagem. A distinção entre significação e valor não é, no entanto, evidente ou, pelo menos, é hesitante, não somente por causa do caráter complexo de todo valor – como bem lembra Normand (2009c), o sistema de valores não pode ser demonstrado, apenas afirmado e repetido –, mas também pelas relações de sinonímia possíveis do valor com sentido e com significação.

Citemos a célebre abertura do capítulo em que Saussure discorre sobre a noção de valor, tópico referente ao *Terceiro Curso*²⁰:

Quando se fala do valor de uma palavra, pensa-se geralmente, e antes de tudo, na propriedade que tem de representar uma ideia, e nisso está, com efeito, um dos aspectos do valor linguístico. Mas se assim é, em que difere o valor do que se chama *significação*? Essas duas palavras serão

signes n'intéressent pas la linguistique en tant que signes. Mais pour comprendre cela, il faut justement partir de la notion de signe et de système de signes. » (Milner, 2002, p. 42-43).

¹⁹ « Toute théorie autonome et positive de cette notion est de ce fait inutile. Cela ne va pas sans paradoxes. Le plus notable, c'est que le signifié saussurien demeure insaisissable » (Milner, 2002, p. 28).

²⁰ Cf. as anotações de Constantin na edição do *Troisième Cours de Linguistique Générale (1910-1911)* publicada por Komatsu (1993).

sinônimas? Não o acreditamos, se bem que a confusão seja fácil, visto ser provocada menos pela analogia dos termos do que **pela delicadeza da distinção que eles assinalam.**

O valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui, sem dúvida, um elemento da significação [sentido]²¹, e é difícilimo saber como esta se distingue dele, apesar de estar sob sua dependência. É necessário, contudo, esclarecer esta questão, sob pena de reduzir a língua a uma simples nomenclatura (Saussure, 2006, p. 132-133, itálico do autor, negrito nosso).

A questão se torna ainda mais opaca diante da leitura de Godel (1969) para quem essa sinonímia se torna, em dados momentos, praticamente inextrincável, uma vez que o valor pode coincidir com o *significado* (sentido, significação, conceito). Em *Sobre a essência dupla da linguagem*, Saussure levanta questionamentos semelhantes quanto à possível confusão entre valor, sentido e significação. Embora diga que os termos valor, sentido, significação, função ou emprego de uma forma são sinônimos, o autor apenas indica que a noção de valor “*exprime, melhor do que qualquer outra palavra, a essência do fato, que é também a essência da língua, a saber, que uma forma não *significa*, mas *vale*: esse é o ponto cardeal. Ela *vale*, por conseguinte ela implica a existência de outros *valores*”* (Saussure, 2004b, p. 30, grifo do autor).

No interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem ideias vizinhas se limitam reciprocamente: sinônimos como *recear*, *temer*, *ter medo* só têm valor próprio pela oposição; se *recear* não existisse, todo

²¹ Lemos em Godel (1969, p. 236, grifo do autor): « La valeur est bien un élément du sens ». « La phrase, retouchée par les éditeurs du Cours [...] reste obscure. *Élément* ne doit en tout cas pas s’entendre au sens de partie composante, mais plutôt de facteur (ce qui produit) [...]. Saussure n’a pas voulu dire qu’il y aurait dans le sens d’un mot quelque chose de *plus* que la valeur » . Não entraremos na problemática da significatividade, distinta do valor e entendida como poder de significar da palavra, que não aparece em nenhum momento da vulgata. Sobre essa questão, cf. Godel, p. 223-234 e 276.

seu conteúdo iria para seus concorrentes. (Saussure, 2006, p. 134-135, grifo do autor)²².

Em um sistema de signos em que tudo está em diferença, podemos falar com convicção que não há sinonímia enquanto identidade total, o que não implica em desconsiderar a questão da sinonímia na teoria saussuriana. A sinonímia e a substituição encontram-se no terreno da *negatividade do signo*.

O valor de qualquer termo está determinado por aquilo que o rodeia. Não é a ideia positiva, exterior à língua, de sol, por exemplo, que está em jogo: “nem sequer da palavra que significa ‘sol’ se pode fixar imediatamente o valor sem levar em conta o que lhe existe em redor; línguas há em que é impossível dizer ‘sentar-se ao sol’” (Saussure, 2006, p. 135, grifo do autor). Saussure adverte, em sequência, que se os termos tivessem o papel de representar os conceitos anteriormente dados, haveria, entre línguas, uma correspondência exata de sentido entre os termos, o que certamente é impossível.

Tratando da negatividade da sinonímia, em *Sobre a essência dupla da linguagem*, Saussure mostra que o termo “sol” parece representar uma ideia positiva, precisa e determinada, da mesma forma que a palavra “lua”. No entanto, a exemplo de Diógenes que diz “sai da frente do meu sol!” não há, para Saussure, mais nada de sol a não ser a oposição com a ideia de sombra; e esta, por sua vez, é somente uma negação combinada da ideia de luz, de noite, de penumbra etc. Saussure chega, então, a duas proposições: 1º tudo o que está posto em termos como “sol” ou “lua” é absolutamente negativo; 2º as diversas línguas poderão exprimir por termos diferentes os mesmos fatos e cada termo só terá valor pela posição negativa que ocupar com relação aos outros. Em suma, “se uma palavra não evoca a ideia de um objeto material, não há

²² “Exprimem ideias”. O leitor não estaria enganado se visse aí uma incongruência, mas, na verdade, não se trata disso: a Saussure parece faltar palavras que marquem sua posição radicalmente nova. Daí o retorno inquietante de certo vocabulário pré-saussuriano. Ele mais de uma vez lamentou isso.

absolutamente nada que possa precisar seu sentido, a não ser por via negativa” (Saussure, 2004b, p. 69). A positividade encerra uma ficção (necessária?) para os falantes.

Considerada de qualquer ponto de vista, a língua não consiste de um conjunto de valores *positivos* e *absolutos*, mas de um conjunto de valores *negativos* ou de valores *relativos* que só têm existência pelo fato de sua oposição. [...] A “sinonímia” de uma palavra é, nela mesma, infinita, ainda que seja definida com relação a uma outra palavra. (Saussure, 2004b, p. 71).

Ao suspeitar que a sinonímia não exista fora de um conjunto de valores negativos e relativos, podemos problematizar o estatuto mesmo da metáfora. Nessa orientação, Saussure afirma que “não há diferença entre o sentido próprio e o sentido figurado das palavras (ou: as palavras não têm mais sentido figurado do que sentido próprio) porque seu sentido é eminentemente negativo” (Saussure, 2004b, p. 67).

Uma comparação: em nota de rodapé do artigo “A propósito da análise automática do discurso”, Fuchs e Pêcheux (2014), citam o conceito de efeito metafórico, formulado em Herbert (1995) e, posteriormente, em Pêcheux (2014), para afirmarem seu posicionamento na relação entre sentido próprio e figurado:

A questão da metáfora e do efeito metafórico (cf. Pêcheux, 1969, p. 29) é decisiva, em nosso sentido. Afirmando que a metáfora é *primeira* e *não derivada* não que queremos *inverter* a relação entre sentido próprio (núcleo de sentido, denotação, fundamento da proposição lógica) e sentido figurado (periferia do sentido, maneira de falar, conotação e competência do “estilo”), fazendo entender que todo sentido é figurado e periférico, o que leva a crer na perspectiva das “leituras plurais”. Trata-se, ao contrário, de liquidar o próprio par núcleo/periferia, considerando a metáfora como o *transporte* entre dois significantes, constitutivo de seu sentido, e a orientação des-equalizante desta relação como a condição de aparecimento do que, em cada caso, poderá funcionar como “sentido próprio” ou como “sentido figurado”. (Fuchs; Pêcheux, 2014, p. 244, grifo dos autores).

Nesse artigo, os autores, partindo de um posicionamento que é relacionável ao de Saussure, consolidam o primado da metáfora sobre a significação, rejeitando a oposição próprio/figurado constituída em longo prazo²³.

A convicção de que haja sentido próprio e figurado “parte puramente da suposição tradicional de que a palavra possui uma significação absoluta que se aplica a um objeto determinado; é essa presunção que nós combatemos” (Saussure, 2004b, p. 70). O resultado de tal tese é de que não há relações verdadeiras entre as coisas; e que, por consequência, os termos não se aplicam, mesmo incompletamente, a objetos definidos, materiais ou não. No mesmo direcionamento, diante da negatividade dos signos, Saussure nega completamente que haja um esgotamento do sentido de um termo, assim como a existência de um sentido próprio e um sentido figurado, dado que uma palavra, para o autor, não possui uma significação positiva²⁴.

Além desse aspecto, para Normand, se Saussure não fala “precisamente de metáfora, ele teoriza, por outro lado, sobre a *atividade de associação* (comparação), fazendo desta um componente

²³ Um exemplo de *inversão* do par próprio/figurado se dá no célebre ensaio de Rousseau sobre a origem das línguas, texto lido, principalmente, por autores que foram reconhecidos ao movimento estruturalista como Lévi-Strauss e Derrida. Rousseau (2008) afirma que toda palavra é metafórica e distingue o homem dentre os animais. No ponto de vista do filósofo, a invenção da palavra nasce das paixões, e não das necessidades. Se os primeiros motivos que fizeram o homem falar foram as paixões, a primeira linguagem foi figurada, suas primeiras expressões foram *tropos*. Assim, a linguagem figurada nasce antes da palavra própria, pois a paixão oferece a primeira ideia (ilusória) e que não é verdadeira (a verdade viria depois, com a razão). Como a imagem ilusória é a primeira a se evidenciar, a linguagem que lhe era correspondente também foi a primeira a ser inventada: “tornou-se em seguida metafórica, quando o espírito esclarecido, reconhecendo seu erro inicial, somente usou as expressões para as mesmas paixões que as haviam produzido” (Rousseau, 2008, p. 106).

²⁴ “Nenhum signo é, portanto, limitado no total de ideias positivas que ele é, no mesmo momento, chamado a concentrar em si mesmo; ele só é limitado negativamente, pela presença simultânea de outros signos; e é, portanto, inútil procurar o total de significações de uma palavra” (Saussure, 2004b, p. 72, grifo do autor).

fundamental do ato linguístico” (Normand, 2009a, p. 48, grifo da autora). Nesse sentido, a sua definição de língua e de ato linguístico funciona por dois tipos de relação: a associação e a analogia, eliminando por tal relação o pressuposto clássico de um sentido primeiro, originário e sempre já lá:

Para sair da oposição clássica próprio/figurado, encontramos aqui algumas possibilidades: a língua como sistema de diferenças, sem termos positivos, implica (contém, mesmo que não seja realmente produto) o desaparecimento do pressuposto clássico de um sentido sempre já lá, idêntico a si mesmo sob formulações diversas (pois a identidade linguística é apenas uma relação). Desaparecimento, portanto, também do sentido próprio, original, que perde seu poder de jurisdição, uma vez que todas as diferenças se equivalem; em um campo sincrônico, nenhuma delas pode valer-se de privilégios com base em qualquer tipo de anterioridade. Assim, elimina-se a referência à origem e o problema é reformulado em termos de funcionamento, de jogo, de mecânica. (Normand, 2009a, p. 48).

Para deslocar a referência à origem para a questão do funcionamento, do jogo e da mecânica, o conceito de valor, inseparável do de sistema, é desenvolvido no *Curso de Linguística Geral* por analogia ao jogo de xadrez: qualquer peça que tenha sido destruída ou extraviada, no decorrer da partida, pode ser substituída por uma equivalente ou, até mesmo, por outra figura desprovida de qualquer semelhança, pois “será declarada idêntica, contanto que se lhe atribua o mesmo valor” (Saussure, 2006, p. 128). Em outros termos, as “peças” não têm funções dadas (como os órgãos), mas um funcionamento próprio no interior do jogo: marca do deslocamento da metáfora orgânica à mecânica; sem esquecer, no entanto, que esse “mecânico” é criado pela coletividade. Em “Notas preparatórias para os *Cursos de Linguística Geral*”, estabelecidos por Bouquet e Engler (Saussure, 2004a), Saussure afirma que a língua, assim como os outros tipos de signos, é, sobretudo, um *sistema de valores* criados pela coletividade, e cada valor criado entra em jogo com outros elementos do sistema:

Seja qual for a natureza mais particular, a língua, como os outros tipos de signos, é, antes de tudo, um *sistema de valores*, e é isso que estabelece seu lugar no fenômeno. Com efeito, toda a espécie de valor, mesmo usando elementos muito diferentes, só se baseia no meio social e na força social. É a coletividade que cria o valor, o que significa que ele não existe *antes* e *fora* dela, nem em seus elementos decompostos e nem nos indivíduos. (Saussure, 2004a, p. 250, grifo do autor).

O fato social, por si só, pode criar o valor: “a coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral. O indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja” (Saussure, 2006, p. 132). Para Saussure, se os valores continuam a ser relativos é porque o vínculo entre o signifiante e o significado é radicalmente arbitrário. Valor, de um lado, e arbitrário, de outro, permanecem como pilares ou fundamentos que fazem parte de uma ordem própria e distanciam-se, dessa forma, do ponto de vista “humanista” dominante nas ciências da língua e das línguas.

A partir dessa série de questões, ressaltamos que ao colocar o valor como peça fundamental de sua arquitetura teórica, Saussure concebe “o signo no jogo de seu funcionamento opositivo e diferencial e não na sua realidade” (Gadet; Pêcheux, 2010, p. 58). O conceito de valor está ligado ao de pura diferença²⁵, supondo a dessubstancialização da língua e a recusa de uma explicação causal que preexista à própria língua (o pensamento, o mundo, a realidade etc.) (Barbisan; Flores, 2009). O valor, entendido como um espaço sistêmico capaz de subversão com a tradição filosófica

²⁵ “O sentido de cada forma, em particular, é a mesma coisa que a *diferença das formas entre si*. Sentido = valor diferente. Contudo a diferença das formas entre si não pode ser estabelecida” (SAUSSURE, 2004b, p. 30, grifo do autor); “Não se pode definir o que é uma *forma* com a ajuda da figura vocal que ela representa – e também não com a ajuda do sentido que contém essa figura vocal. Fica-se obrigado a colocar, como fato primordial, o fato GERAL, COMPLEXO e composto de DOIS FATOS NEGATIVOS: da *diferença* geral das figuras vocais associada à *diferença* geral dos sentidos que se pode atribuir a elas” (Saussure, 2004b, p. 31, grifo do autor).

da representação “em que, no máximo, qualquer coisa pode ser representada por qualquer coisa” (Gadet; Pêcheux, 2010, p. 58), produziria, assim, o esfacelamento da complementaridade.

No terreno limítrofe onde os elementos de duas ordens heterogêneas se articulam, o objeto língua (o domínio das articulações) impõe ao linguista uma tarefa absurda e avessa às evidências empíricas dos objetos dados, compreendendo a natureza de tal objeto no extremo oposto da univocidade e da positividade das ciências²⁶. Nas páginas iniciais de *Sobre a essência dupla da linguagem*, em relação à própria determinação (opaca, não evidente, não apreensível por si) de uma identidade linguística, o autor afirma que o absolutamente particular de uma identidade linguística é implicar a associação de dois elementos heterogêneos.

Se nos pedissem para determinar a espécie química de uma barra de ferro, de ouro, de cobre, de um lado e, em seguida, a espécie zoológica de um cavalo, de um boi, de um carneiro, essas seriam duas tarefas fáceis. Mas se nos pedissem para determinar que “espécie” representa o conjunto bizarro de uma barra de ferro presa a um cavalo, de uma barra de ouro em cima de um boi ou de um carneiro que ostenta um enfeite de cobre, nós ficaríamos espantados, achando a tarefa absurda. É precisamente diante dessa tarefa absurda que é preciso que o linguista entenda que está, de repente e antes de tudo, colocado. (Saussure, 2004b, p. 21-22, grifo do autor).

Não há nenhuma entidade concreta da língua que seja dada imediatamente pelo sentido e fora de um ponto de vista. “A entidade linguística só existe pela associação do significante e do significado²⁷” (Saussure, 2006, p. 119) e pela delimitação de cada

²⁶ “Será que a linguística encontra diante de si, como objeto primeiro e imediato, um objeto dado, um conjunto de coisas evidentes, como é o caso da física, da química, da botânica, da astronomia, etc.? De maneira alguma e em momento algum: ela se situa no extremo oposto das ciências que podem partir do dado dos sentidos” (Saussure, 2004b, p. 23).

²⁷ Significante e significado não aparecem, como tais, em *Sobre a essência dupla da linguagem*. Em seu lugar, com frequência, Saussure relaciona o signo (significante) com a significação.

termo enquanto unidade, em oposição a todos os outros termos do sistema. Da mesma forma, na língua, Saussure reconhece que “nada é dado, a não ser a diversidade dos signos combinada indissolúvelmente, e de maneira infinitamente complexa, com a diversidade das ideias” (Saussure, 2004b, p. 50).

Segundo o ponto de vista do negativo e do diferencial, não tendo qualquer positividade, um fato de língua não existe fora de sua oposição com outros, em meio às diferenças em um momento dado, “de sorte que só essas diferenças existem e que, por isso mesmo, todo objeto sobre o qual incide a ciência da linguagem é precipitado numa esfera de relatividade” (Saussure, 2004b, p. 62). “Assim, não apenas não haverá termos positivos, mas *diferenças*; mas, em segundo lugar, essas diferenças resultam de uma combinação da forma e do sentido percebido” (Saussure, 2004b, p. 62). Não é sem efeitos que o esfacelamento do dado e do representado produza a ciência da divisão²⁸ (sem reflexos) e do encontro: a ciência de um carneiro que ostenta um enfeite de cobre.

Colocar o valor como peça fundamental equivale a conceber a língua como rede de diferenças em que cada termo é tomado como o centro de uma constelação em seu primado sobre a “presença”, resistindo à restauração da significação, da positividade do signo e da complementaridade. O que se erige com Saussure ao deslocar noções antes reconhecidas que recobriam a concepção de língua foi o princípio de que, sob qualquer ponto de vista estudado, a língua é sempre um objeto duplo constituída entre a simetria e o equívoco.

²⁸ Em diversidade do signo, “os dois caos [a diversidade dos signos e a diversidade das ideias], ao se unirem, produzem uma *ordem*. Não há nada mais inútil do que querer estabelecer a ordem separando-os. Ninguém, sabemos, pensa em separá-los radicalmente. Mas apenas em separar um do outro e a partir, *ad libitum*, disto ou daquilo, depois de se ter, anteriormente, feito disto ou daquilo uma coisa que supostamente existe por si mesma. É isso, justamente, o que nós chamamos de querer separar os dois caos, e que nós acreditamos ser o vício fundamental das considerações gramaticais à que estamos habituados” (Saussure, 2004b, p. 50, grifo do autor).

Se o objeto da linguística, o próprio da língua, consiste no duplo fato de que existe língua e de que existem línguas é necessário pensar no momento de sua divisão que, aliás, é a imagem de Babel: o mito apresenta a divisão das línguas coincidindo com o começo do Estado, do direito, das ciências e do prazer sexual... logo, com o começo de um impossível retorno ao paraíso perdido, contemporâneo mesmo dessa perda.

A linguística, ciência da língua e das línguas, ciência da divisão sob a unidade, traria assim, inscrito em seu destino o desejo irrealizável de curar a ferida narcísica aberta pelo conhecimento da divisão. Seria esse destino que induz a estranha propensão da linguística a se resvalar na ignorância? Essa surdez interna ganha terreno cada vez que a linguística deixa o real da língua, seu objeto próprio²⁹, e sucumbe às realidades psicossociológicas dos atos de linguagem que – pelo viés da designação, do contrato, do imperativo ou do performativo – terminam em histórias de maçãs³⁰. (Gadet; Pêcheux, 2010, p. 19).

Se a ciência dessa divisão abriu uma ferida narcísica na ciência da linguagem, como nos adverte Gadet e Pêcheux (2010), é por um estranho destino que, apesar de Saussure, a Linguística sucumbe, frequentemente, ao desejo de um impossível retorno ao paraíso perdido, terminando em histórias de maçãs.

²⁹ « Dans ce qui appartient à la langue il present certaines propriétés qu'on ne retrouve nulle part ailleurs. A quoi qu'on la compare, la langue apparaît toujours comme quelque chose de différent. Mais en quoi est-elle différente ? Considérant cette activité, le langage, où tant de facteurs sont associés, biologiques, physiques et psychiques, individuels et sociaux, historiques, esthétiques, pragmatiques, il se demande : où est en propre la langue ? » (Benveniste, 1966, p. 33).

³⁰ A esse respeito, Gadet e Pêcheux (2010, p. 24) afirmam que “esse fruto empírico-teológico desempenha um papel importante nas reflexões linguísticas e lógico-linguísticas, seja nas demonstrações, seja nos exemplos”. O leitor poderá encontrar uma história de maçãs, por exemplo, em Bloomfield (1973, p. 22): “Suppose that Jack and Jill are walking down a lane. Jill is hungry. She sees an apple in a tree. She makes a noise with her larynx, tongue, and lips. Jack vaults the fence, climbs the tree, takes the apple, brings it to Jill, and places it in her hand. Jill eats the apple”.

Referências

- Barbisan, Leci Borges; Flores, Valdir Nascimento. Sobre Saussure, Benveniste e outras histórias da linguística. In: Normand, Claudine. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 7-22.
- Benveniste, Émile. Saussure après un demi-siècle. In: _____. *Problèmes de Linguistique Générale I*. Paris: Gallimard, 1966. p. 32-48.
- Bloomfield, Leonard. *Language*. London: George Allen & Unwin, 1973.
- Bouquet, Simon; Engler, Rudolf. Prefácio dos editores. In: Saussure, Ferdinand de. *Escritos de Linguística Geral*: organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weil. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 11-18.
- Carroll, Lewis. *Alice*: edição comentada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- Fuchs, Catherine; Pêcheux, Michel. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: Gadet, Françoise; Hak, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2014. p. 159-250.
- Gadet, Françoise; Pêcheux, Michel. *A língua inatingível*. 2. ed. Campinas: RG, 2010.
- Godel, Robert. *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure*. Genève : Librairie Droz, 1969.
- Haroche, Claudine; Henry, Paul; Pêcheux, Michel. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: Baronas, Roberto Leiser (Org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João, 2007. p. 13-32.
- Henry, Paul. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Campinas: Unicamp, 1992.
- Herbert, Thomas [Michel Pêcheux]. Observações para uma teoria geral das ideologias. *RUA*, Campinas, n. 1, p. 63-89, 1995.

- Lacan, Jacques. *O seminário: livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- Milner, Jean-Claude. *O amor da língua*. Campinas: Unicamp, 2012.
- _____. Retour à Saussure. In: _____. *Le périple structural: figures et paradigme*. Paris: Éditions du Seuil, 2002. p. 15-44.
- Normand, Claudine. Metáfora e conceito: Saussure/Freud – sobre alguns problemas do discurso teórico. In: _____. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009a. p. 47-80.
- _____. O Curso de Linguística Geral, metáforas e metalinguagem. In: _____. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009b. p. 81-96.
- _____. Proposições e notas para uma leitura de F. de Saussure. In: _____. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009c. p. 23-46.
- Pêcheux, Michel. Análise automática do discurso. In: Gadet, Françoise; Hak, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2014. p. 59-158.
- _____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1995.
- Rey, Alain. Defining Definition. In: Sager, Juan C. *Essays on definition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000. p. 1-14.
- Rousseau, Jean-Jacques. *Ensaio sobre a origem das línguas*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 2008.
- Santo Agostinho. *Confissões; De magistro*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- Saussure, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Ed. Crit. par Rudolf Engler. Wiesbaden: Harrassowitz, 1989.
- _____. *Curso de Linguística Geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- _____. Notas preparatórias para os Cursos de Linguística Geral. In: _____. *Escritos de Linguística Geral: organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weil*. São Paulo: Cultrix, 2004a. p. 243-289.
- _____. Sobre a essência dupla da linguagem. In: _____. *Escritos de Linguística Geral: organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weil*. São Paulo: Cultrix, 2004b. p. 19-80.

_____. *Troisième Cours de Linguistique Generale (1910-1911)*: d'après les cahiers d'Émile Constantin. Oxford/New York/Seoul/Tokyo: Pergamon, 1993.

Silveira, Eliane Mara. A teoria do valor no *Curso de Linguística Geral*. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 25, n. 1, p. 39-54, jan./jun. 2009.

Todorov, Tzvetan. *Teorias do símbolo*. Campinas: Papirus, 1996.

O dizer da gente, vazio, vazios

Lucília Maria Abrahão e Sousa¹

A mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio
do que do cheio.
Falava que os vazios são maiores
e até infinitos.

(Manoel de Barros, *O menino que carregava água na peneira*).

Nesse trabalho busco um pequeno trajeto que me parece unir Saussure e Pêcheux: a inscrição do vazio na ordem da língua, seja como intervalo seja como impossível. Apresentarei aqui o que do meu desejo de analista do discurso leio na obra desses dois autores, que suponho colocarem em cena turbulências de uma empreitada ousada e desejosa em relação ao objeto da linguística. O obscuro no corpo dela, o seu próprio, a cegueira diante da sua claridão como sistema, os traços lacunares entre as palavras não ditas, o vazio entre sons e o silêncio significativo entre as letras, o milmaravilhoso de Rosa, as ressonâncias de Ferdinand de Saussure (2004) e Michel Pêcheux (2004), eis as pistas de minha trilha. Vou aqui me deter tão somente em dois pontos: 1. o desejo pelo som e pelo poético nos cadernos autorais e nos estudos anagramáticos do considerado fundador da Linguística moderna e 2. o desejo de definir, teorizar e bordejar o real nos trabalhos do fundador da teoria discursiva francesa.

¹ Docente da Universidade de São Paulo (USP-Ribeirão Preto). Coordenadora do Grupo de Pesquisa “Discurso e Memória: movimentos do Sujeito” (CNPq). Membro do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo.

No estudo do anagrama ou paragrama ou hipograma, Saussure nos põe diante da “lei do texto sob o texto” que encerra o próprio funcionamento da língua, em que o som da palavra no verso é acesso a superfícies absolutamente imprevisíveis, cadeia movediça cuja ordem sincrônica é perturbada e funda o um e o outro, o um no outro. Tomado pelo poético dos versos saturninos e da tradição védica, das narrativas germânicas e também da tradição clássica, Saussure viu sempre mais de um nome a aparecer, uma propriedade de rei ou deus que possibilitava a emergência de uma combinatória de sons, de puros sons quebrados, partidos e reajuntados, sons de nada com a potência de fundar mais um nome. Ou seja, “[...] o resto não contabilizável de um verso deve poder transbordar e encontrar no verso seguinte seu parceiro, e este outro verso deve poder transbordar por sua vez, e assim por diante.” (Siscar, 1997, p. 179).

Detinha-se diante de pequenas partículas e restos de sons que se entrecruzam sem uma lei outra que os regulasse senão aquilo que poderia ser (re)lido a cada novo contato com as sílabas dos versos.

Toda leitura anagramática arca efetivamente com um certo caráter arbitrário, permitindo que diversas combinações (talvez infinitas: é o que teme Saussure...) sejam possíveis no mesmo fragmento do texto. (Siscar, 1997, p. 174).

A linearidade do som é uma lei fundada pelo próprio genebrino e diz respeito ao funcionamento estrutural de todas as línguas. Nos *Escritos*, ela opera uma sequência que sustenta cada som em um fio, uma sequência a ser lida ao modo de uma linha, que cai no nada após um tempo; som de nada que se esvai e que de nada em nada se combina para dar à luz a outro nome. Um som em desalinho que deslineariza a lei do significante, colocando em xeque os preenchimentos que poderiam ser tidos como evidentes, que dariam a completude ao signo, enfim, que inscrevem o vazio no entre som.

(Acontece a mesma coisa, por outro lado, com qualquer entidade acústica, porque ela é submetida ao tempo; 1º leva um tempo para se realizar e 2º cai no nada depois desse tempo). (Saussure, 2004, p. 33).

No contato com o poético, vários pedaços de linhas se entrecruzam, suportam-se em combinações sem uma repetição de regra, organizam-se no desvario do inédito, possibilitando uma manobra arriscada sobre a qual não há controle. Há na sequência buracos entres os sons, uma espécie de espaço não preenchível pelo som para que outro possa ali se ligar, nesses termos, Saussure aponta a sua lida com o vazio nos espaços entre-emenda, nesse inter-valo(r) de um som que se torna outro, qualquer outro posto que é som de nada. Eis aqui o que ele escuta do/no poético: o desejo de bordejar o inalcançável do som, o imenso mar que se abre à navegação no entre cada som da língua, no entre cada palavra de uma sequência.

Suponho que é justamente aí, na bricolagem de um som fraturado ou de nada, que o poético pode ser escutado como função de um desdobramento da significação, o que se revira sobre si mesmo para produzir outro inesperado campo de sentidos, o outro no que antes era um, o desregulado naquilo que se ordenava de um modo estabilizado no verso anterior, o estranho no familiar. Vejamos, mais ainda, em que termos os escritos de Saussure sinalizam:

Há, na língua, um lado físico e um lado psíquico. Mas o erro irremissível, que se traduzirá de mil maneiras em cada parágrafo de uma gramática, é acreditar que o lado psíquico é a ideia enquanto o lado físico é o som, a forma da palavra.

As coisas são um pouco mais complicadas do que isso. (Saussure, 2004, p. 60).

Mais complicadas porque envolvem dois pontos fundamentais: a negatividade e a diferença. Uma palavra vale em relação ao que ela não representa, o som é em relação aos sons que não o constituem e àqueles que ele não pôde fundar, melhor

dizendo, o sistema da língua estrutura-se pelos graus de estranhamento em relação aos seus traços sempre distintos. Nessa direção, o teórico aponta que o de-fora sustenta o funcionamento do de-dentro da língua e a significação está posta pelas relações de negatividade que se estabelecem pelo/no dito. O interesse em tracejar o vazio no entre-sons comparece, de modo outro e mesmo, na assertiva de que o que não está materializado na língua é o combustível de seu funcionamento. Temos aqui duas formas de ausência, não como falha no sistema, mas como efetiva presença, e Drummond (2015, p. 21) o diz:

Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.

Eis aqui o que me parece ser um possível desejo do linguista, ao menos o meu: lidar com os intervalos nos significantes, perceber e analisar o traço movediço dos significados, talhar um sistema que, de saída, é crivado por furos, condição tão perturbadora que mobiliza tantos na busca por explicar e descrever funcionamentos com regularidade e exatidão. Saussure ele mesmo nos diz:

Parece-me que se pode afirmar, proponho para consideração, o seguinte: jamais se compreenderá o suficiente da essência puramente negativa, puramente diferencial, de cada um dos elementos da linguagem, aos quais atribuímos, precipitadamente, uma existência: não há nenhum deles, em nenhuma ordem, que possua essa suposta existência – embora talvez, eu admito, somos desafiados a reconhecer que sem essa ficção o espírito seria literalmente incapaz de dominar uma tal quantidade de diferenças, em que não há, em parte alguma, em momento algum, um ponto de referencia positivo e firme. (Saussure, 2004, p. 61).

Estamos diante de um sistema de pura(s) diferença(s) em que o próprio acesso às diferenças não é dado ao linguista conhecer, que dirá controlar; ou seja, acesso ao todo do significante e do

significados são inalcançáveis, o que coloca em jogo algo da língua que não tem domínio, nem nunca terá.

Assim como, no jogo de xadrez, seria absurdo perguntar o que seria uma dama, um peão, um bispo ou um cavalo, considerados fora do jogo de xadrez, assim também não tem sentido, quando se considera verdadeiramente a língua, buscar o que é cada elemento por si mesmo. Ele nada é além de uma peça que vale por oposição às outras, segundo certas convenções.

Se não fosse pelo fato, em suma contingente, de que os materiais da língua se transformam e acarretam, só por sua mudança, uma metamorfose inevitável nas próprias condições do jogo, não seria necessário, e jamais se teria considerado, escrutinar a natureza exata desses materiais: seria um esforço positivamente inútil. (Saussure, 2004, p. 61).

Ao afirmar que não há natureza exata, tudo passa a ser teorizado como “negativo na língua” (Saussure, 2004, p. 65), uma “oposição complicada” (Saussure, 2004, p. 66) já que “a língua repousa sobre diferenças” (Saussure, 2004, p. 66) e que “só há, nessa palavra, o que não estava, antes, fora dela; e essa palavra pode conter e encerrar, em germe, tudo o que não está fora dela.” (Saussure, 2004, p. 69). E aqui o autor fratura a noção de verdadeiro e falso, de correto e equivocado nos usos e valores da língua, visão tão domesticada pelas ideias linguísticas afeitas ao funcionalismo do dicionário e da gramática.

E cada uma dessas palavras só tem valor pela posição negativa que ela ocupa com relação às outras: não é, em nenhum momento, uma ideia positiva, legítima ou falsa, do que é a lua, que dita a distribuição de noções pelos dez ou doze termos que existem, mas é unicamente a própria presença desses termos que obriga a ligar cada ideia ao primeiro ou ao segundo, ou aos dois por oposição ao terceiro, e assim por diante, sem qualquer dado além da escolha negativa a ser feita entre os termos, sem nenhuma concentração da ideia diversa sobre o objeto uno. (Saussure, 2004, p. 69).

A maquinaria da língua dá-se pela diferença constitutiva que estrutura o sistema e que desloca a noção de verdade para um

campo que não seja o das palavras. Nada nelas é verdadeiro, nada é positivo, nada é absoluto. “Não há unidade alguma [...] que se repouse sobre alguma coisa além das diferenças, na realidade a unidade é sempre imaginária” (Saussure, 2004, p. 76). É interessante perceber como seus escritos autorais jogam com os efeitos de opacidade, inexatidão e incompletude, colocando o estudioso da língua diante de um objeto, cuja natureza é escorregadia e impossível de aprisionamento. Tal enfoque aparece silenciado e escamoteado no CLG, tanto pelo excesso de postulações afirmativas (nos *Escritos*, as negativas insistem...) quanto pela clareza com que seria possível estabilizar, regularizar e controlar os funcionamentos da língua.

Se faço abstração dessa condição, se me divirto, por exemplo, escrevendo uma língua em meu escritório, nada do que vou dizer sobre “a língua” será verdadeiro, ou não será necessariamente verdadeiro. É esse o erro fundamental, já nos filósofos do século XVIII. (Saussure, 2004, p. 86).

É muito cômico assistir aos gracejos sucessivos dos linguistas sobre o ponto de vista A ou B, porque esses gracejos parecem supor a posse de uma verdade, e é justamente a absoluta ausência de uma verdade fundamental que caracteriza, até hoje, o linguista. (Saussure, 2004, p. 104).

Verdade não há, uma emboscada imaginária que Saussure já antecipa e coloca em jogo nos textos que ele mesmo escreveu. Tal opção pela falta de verdade absoluta aponta que o sistema da língua não conta com outros atributos que não a diferença, a negatividade e, em outros termos, a ausência. Ou melhor, o que não está no som e na forma indicia o dito, paradoxalmente esse só se sustenta porque aquele incide na palavra ao modo de uma chuva de ausências que dá corpo a sua carne. Não se dá a ver aqui um modo de observar a língua que não seja pela lente desses traços, de restos do que não foi efetivamente manifesto, pela emergência de um fluxo em cuja tessitura “coisas inumeráveis estabelecerão que, a cada momento, o RIACHO existe enquanto se diz que ele nasce e que, reciprocamente, ele nada faz além de

nascer enquanto se diz []” (Saussure, 2004, p. 85). O negativo, a diferença, o ausente e a não-verdade: com isso se dá a lida do linguista.

Um linguista que é apenas linguista está na impossibilidade, segundo creio, de encontrar o caminho que permite apenas classificar os fatos. Pouco a pouco, a psicologia assumirá praticamente a tarefa de nossa ciência, porque ela se aperceberá que a língua não é uma de suas ramificações, mas o ABC de sua própria atividade. (Saussure, 2004, p. 98).

Pêcheux implica-se pela leitura de Saussure, dentre outros autores e introduz a noção de real no campo da linguística em uma obra em que tateia o que ele denomina de “inatingível” na ordem da língua. Ele indaga o que “a linguística foraclui no interior de si mesma?” (Gadet; Pêcheux, 2004, p. 19), aponta o ensurdecimento dos linguistas e tateia aquilo que seria o objeto próprio da ciência da “língua e das línguas”.

A linguística [...] ciência da divisão sob a unidade, traria assim, inscrito em seu destino o desejo irrealizável de curar a ferida narcísica aberta pelo conhecimento da divisão. Seria esse destino que induz a estranha propensão da linguística se resvalar na ignorância? Essa surdez interna ganha terreno cada vez que a linguística deixa o real da língua, seu objeto próprio, e sucumbe às realidades psicossociológicas dos atos de linguagem [...]. (Gadet; Pêcheux, 2004, p.19).

Pêcheux agarra-se à língua de Saussure, à interpelação ideológica de Althusser e ao inconsciente de Lacan para produzir torções e fundar o campo da ciência materialista da linguagem, em que o político sustenta a significação. Falar do real como ele fez movimentar é um modo de produzir efeitos de desestabilização para o empreendimento linguístico dos anos 70 e 80, que ele anota como escamoteador do próprio da língua.

A ordem da língua? Nada mais do que a ordem na língua. Uma incessante vigilância de tudo o que – alteridade ou diferença interna – arrisca questionar a construção artificial de sua unidade e inverter a rede de suas obrigações. (Gadet; Pêcheux, 2004, p. 30-31).

Colocando em xeque a unidade no interior da linguística, Pêcheux esculpe duas noções teóricas até então silenciadas na área: acontecimento discursivo e real da língua. Me detenho à segunda.

[...] o campo do interdito na linguagem é, assim, estruturalmente produzido pela língua, do interior dela mesma [...]. Ele é o sintoma, pela relação com o nada, da primeira percepção do impossível. (Gadet; Pêcheux, 2004, p. 30)

É interessante perceber como, tantos anos depois de Saussure se debater com o incontrolável na língua, Pêcheux venha justamente retornar a esse ponto anotando-a marcada por uma instância de impossível. Mariani (2012, p.53) anota que “[...] pelo desconcerto que a entrada em cena do conceito de inconsciente articulado ao conceito de real provoca. Pêcheux se viu diante do real, um real incontornável. [...]”. Pela língua, o impossível se dá a contornar, consistindo em permanecer como tal nela mesma; algo não é passível de representação pela própria língua que contorna o nada.

A posição epistemológica da análise de discurso conduz, então, a pensar na existência da língua não como um sistema (o software de um órgão mental!), mas como um real específico formando o espaço contraditório do desdobramento das discursividades. (Pêcheux, 2011, p. 228).

O autor francês retorna àquilo com que o genebrino já havia se deparado sem contudo conseguir formalizar: o discurso é o lugar em que a língua movediça e escapante pode desdobrar-se sempre um pouco mais em direção ao infinito do descontrolo. Acrescenta um ponto a mais: na trilha de dizer, outro traço não fecha visto que há sempre um impossível de ser manifesto pela língua.

Se o real da língua não fosse sujeito a falha e o real da história não fosse passível de ruptura não haveria transformação, não haveria movimento possível, nem dos sujeitos nem dos sentidos. É porque a língua é sujeita

ao equívoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito, ao significar, se significa. (Orlandi, 2003, p. 37)

Pela via da descrição, análise e interpretação do funcionamento da linguagem verbal, oral ou escrita, o ponto de interesse da ciência da língua(gem) é teorizar sobre o homem e a sua palavra, buscar entender a função simbólica em suas distintas materialidades e problematizar os modos de inscrição do sujeito na trama discursiva, tatear o que da língua nunca será posto como palavra por ser inominável. O incontrolável do sistema e o impossível da língua instabilizam uma ordem de vazio, vazios, que foi apreendida pelos autores aqui visitados. Na verdade, constituem pontos de sustentação da própria língua em seus funcionamentos, e dos sujeitos que as tomam para fazer teoria e análise, e constituem a pedra do anel sem a qual nada se pode fazer além de categorizações limitadoras. Tanto Saussure quanto Pêcheux tropeçaram com o real e, cada um a sua moda e a seu tempo, fez teorias da palavra que levam em conta algo do sujeito; ambos desejaram justamente aí no lugar do inatingível dizer. Ao lado deles, o menino de Manoel se coloca preferindo os vazios infinitos. Com eles, também o faço.

Referências

Andrade, Carlos Drummond de. Ausência. In: _____. *Corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Gadet, Françoise; Pêcheux, Michel. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Campinas: Pontes, 2004.

Mariani, Bethania. Análise do discurso e psicanálise. In: Mariani, Bethania; Medeiros, Vanise (Org.). *Discurso e... ideologia, inconsciente, memória, desejo, movimentos sociais, cinismo, corpo, witz, rede eletrônica, língua materna, poesia, cultura, mídia, educação, tempo, (homo)sexualidade*. Rio de Janeiro: 7 Letras/ FAPERJ, 2012. p. 50-58.

Orlandi, Eni. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Pontes: Campinas, 2003.

Pêcheux, Michel. Especificidade de uma disciplina de interpretação (a análise de discurso na França). In: _____. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux, textos selecionados por Eni Orlandi*. Campinas: Pontes, 2011. p. 227-230.

Saussure, Ferdinand de. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.

Siscar, Marcos Antônio. A Poesia a dois passos (sobre os Anagramas, de Ferdinand de Saussure). *Revista Alfa*, São Paulo, n. 41, p. 169-186, 1997.

Explorando a hipótese saussuriana sobre o esquecimento na língua e na literatura

Maria Fausta Pereira de Castro¹

O espaço teórico aberto pela obra de Saussure não cessa de promover indagação e debate e o *Curso de Linguística Geral*² tem nisso um papel decisivo. Não se trata de uma simples linha de transmissão de tradições, mas de uma reflexão que não pode ser ignorada por qualquer investigador a quem a linguagem importe. Para o linguista Jean-Claude Milner (2002), não se pode fazer como se o *CLG* nunca tivesse sido publicado. Outros pontos devem ainda ser considerados: a aparente clareza, a ilusão de trivialidade e a alegação de filiação. Cito Milner:

Saussure é um autor límpido, mas sua limpidez desorienta. A isso se acrescenta a aculturação que ele propiciou; seu preço é a aparência de trivialidade: o leitor crê com frequência encontrar o que já conhece bem. Ora, há pouca trivialidade em Saussure. Enfim, a ciência da linguagem se expandiu desde 1916; ela o fez com frequência reconhecendo-se na adesão a Saussure; o risco é crer que estão no Curso proposições que foram sustentadas depois dele, e em referência a ele. Sejam claros; o estruturalismo tem o direito de se crer oriundo do Curso, mas ele não está no Curso. (Milner, 2002, p. 17-18)³.

¹ Professora titular pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em psicologia pela Universidade de Montpellier/França e doutora em ciências pela Unicamp; fez pós-doutorado na Universidade de Londres. É pesquisadora do CNPq e coordenadora do Grupo de Pesquisa em Aquisição de Linguagem (GPAL) e do GT Estudos Saussurianos da ANPOLL.

² De agora em diante *CLG* ou, simplesmente, *Curso*.

³ Minha tradução, assim como nas próximas citações em que o original estiver em francês.

Ainda que essas palavras de Milner se refiram essencialmente ao *Curso* – livro publicado em 1916⁴ e que influenciou a linguística e as ciências humanas do século XX – podemos também tomá-las como um itinerário metodológico na leitura da obra de Saussure, isto é, sempre interrogando o que parece límpido ou trivial. Incessante perspectiva do próprio autor, para quem não há um único ponto de partida evidente ao se abordar “a substância deslizante da língua”. *Unde exoriar?* (de onde devo partir? Por onde começar?) se pergunta Saussure ([2002] 2004, p. 241) nos *Escritos de Linguística Geral*⁵.

Nos últimos anos procurei mostrar que é possível depreender da leitura de Saussure elementos pertinentes para a discussão sobre a aquisição da língua materna pela criança⁶.

A reflexão saussuriana sobre a mudança linguística me levou a uma indagação sobre a questão do Tempo na sua teorização (Pereira de Castro, 2012; 2013), mas também e, sobretudo, à hipótese de que a mudança, característica da aquisição de linguagem, implica o esquecimento da fala infantil. O sistema de valor em funcionamento na massa falante produz sobre os erros ou variações da fala da criança uma mudança radical, isto é, o esquecimento dos estados intermediários, na sua trajetória pela linguagem.

Ao discutir a mudança linguística Saussure faz menções à criança levantando hipóteses sobre a relação entre pensamento, língua e linguagem; sobre a memória e o esquecimento.

Temas que requerem uma passagem pelo capítulo do valor linguístico, em que o autor estabelece as bases da relação entre pensamento e linguagem. Não existem ideias pré-estabelecidas, e o

⁴ O *CLG* foi publicado por dois colegas e discípulos de Saussure – Charles Bally e Albert Sechehaye – e com a colaboração de Albert Riedlinger. Para tanto se serviram dos manuscritos do próprio Saussure e de notas tomadas por seus alunos nos cursos proferidos pelo mestre entre 1907 e 1911 na Universidade de Genebra.

⁵ De agora em diante *Escritos*.

⁶ Cf. Pereira de Castro (2006; 2009; 2010; 2013).

pensamento isolado não passa de uma nebulosa. Aliás, é preciso lembrar, não só os dois domínios tomados isoladamente são amorfos como a relação entre eles é perfeitamente arbitrária.

As notas de Constantin na edição crítica de Engler falam da função de articulação da língua: “o terreno linguístico, é aquele da articulação, dos *articuli*, dos pequenos membros em que o pensamento ganha valor por um som”⁷ (Saussure/E IIC32, 1989, p. 253)⁸. O pensamento-som, ou som-pensamento, implica divisões, que são as unidades da língua; “as duas não podem se combinar sem essas divisões” (Saussure/E IIC31, 1989, p. 253).

Tudo nessa relação é de ordem psíquica. Nos *Escritos* Saussure recorre à expressão “nó psíquico entre a ideia e o signo” para caracterizar a língua (Saussure, [2002] 2004, p. 288). No centro associativo, puramente psíquico, nasce a relação entre um “conceito” e uma “imagem acústica”, que se distingue inteiramente do fato não psíquico, físico, do som.

A imagem verbal (acústica) é o som, que se torna sensações psíquicas. <Ela é tão psíquica como o conceito que se liga a ela>⁹. O conceito e a imagem acústica são igualmente psíquicos. (Saussure/E, IIC266, *op. cit.*, p. 38).

⁷ As notas de todos os alunos são iguais a essa citação. Os editores do *CLG* fazem uma pequena alteração: “(...) cada termo linguístico é um pequeno membro, um *articulus*, em que uma ideia se fixa num som e em que um som se torna o signo de uma ideia” (Saussure, [1916] 2008).

⁸ A abreviatura *CLG/E* diz respeito à edição crítica do *Curso* por Rudolf Engler. Essa edição tem uma organização particular. Ela é composta de colunas verticais contendo na primeira o texto do *Curso*, nas quatro seguintes as notas dos alunos e na sexta, e última, notas do próprio Saussure. Há diferentes numerações; no caso da notação acima em algarismo romano tem-se a menção ao segundo curso, depois ao aluno (C, de Constantin) e o número da nota (no caso, 32), que se encontra na página 253, de acordo com a convenção. Além desse tipo de notação, Engler numerou todo o texto do *Curso* em segmentos de 1 a 3281 e as colunas seguintes rementem a essa numeração. Pode-se recorrer ora à numeração como a que foi usada aqui ou àquela dos segmentos. De uma ou de outra forma o leitor encontra facilmente o texto citado.

⁹ Os trechos incluídos entre parênteses angulares <...> são acréscimos interlineares ou marginais presentes nos manuscritos saussurianos.

Mais tarde, no mesmo curso, a questão retorna. No CLG essa passagem se estende longamente, mas não há menção à afinidade entre a língua e as outras realidades psíquicas, que está, entretanto, presente na edição crítica de Engler.

São mais uma vez as notas de Constantin que permitem encontrar essa importante observação:

Na língua temos um objeto de natureza concreta. Esses signos não são abstrações, por mais espirituais [sic] que sejam. O conjunto de associações ratificadas socialmente que constitui a língua tem sua sede no cérebro; é um conjunto de realidades psíquicas semelhantes às outras realidades psíquicas. (Saussure/E IIC263-265, *op.cit.*, p. 44).

É notável o movimento de Saussure ao procurar situar a língua em um universo psíquico que se opõe, em grande parte de sua obra, ao psicológico como domínio do comportamento, ainda que ao longo de seus escritos e nas notas dos alunos por vezes se encontrem menções ao “psicológico”, quando “psíquico” seria provavelmente o termo mais próximo do problema tratado¹⁰. Oscilações terminológicas, assim como o recurso a imagens inimagináveis surpreendem e garantem o prazer renovado de reler Saussure ao se consultar, além do *Curso*, também seus manuscritos e notas dos alunos.

É o que se pode verificar ao acompanhar nas anotações de Constantin que seguem os argumentos que Saussure reúne para reafirmar a concretude psíquica da língua:

[ela] é tangível, isto é traduzível em imagens fixas como imagens visuais, o que não seria possível para os atos da fala por exemplo. [...] Portanto, esse objeto é não apenas de natureza concreta, mas de uma espécie que permite o estudo direto, mais ou menos como aquele das borboletas classificadas em uma caixa de colecionadores. (Saussure/E IIC265, *op.cit.*, p. 44).

¹⁰ Ver sobre esse tema, Silva, K. A. (submetido à publicação) “Considérations sur la notion saussurienne du sujet parlant”. Trabalho apresentado no XIX *Congrès International des Linguistes*. Genebra, 2013.

Borboletas mortas fixadas na caixa de um colecionador é uma imagem, pode-se dizer, paradoxal ou pouco saussuriana, se comparada a tudo que diz o autor ao tratar da língua na sua ordem própria; no seu movimento perene de continuidade e transformação. O nó psíquico entre ideia e signo se mantém, mas também se desfaz, para se refazer de outro modo, pela ação da massa falante. A imagem da coleção de borboletas vem, contudo, como auxílio para isolar o lugar do falante, separar a língua do ato da fala, introdutor da mudança. Por isso, logo a seguir, o epílogo dessa nota: “[...] Graça a esse caráter, pode-se dizer em suma que um dicionário e uma gramática são uma imagem admissível, conveniente do que está contido na língua” (Saussure/E III C 269, *op. cit.*, p. 44).

Quanto à referência às semelhanças entre a língua e outras realidades da vida psíquica, suas afinidades mencionadas há pouco, ainda que vagas, abrem de certo modo caminho para uma indagação sobre o esquecimento na reflexão saussuriana.

De fato, a hipótese sobre o papel do esquecimento na mudança linguística não está ausente na sua teorização. Basta lembrar o que diz o autor sobre o mecanismo da analogia para que as questões sobre a memória venham à tona. Ela sustenta o processo analógico, como também é a causa, pelo esquecimento, do seu desencadear. Nesse momento entra em cena a criança, mas também todo e qualquer falante. Saussure ora recorre a uma hipótese que dá ênfase à relação entre criação ou transformação e o eixo associativo da linguagem, ora usa uma terminologia que remete à memória nos moldes da psicologia da época, isto é, como *locus* de um armazenamento do signo na sua completude estável – significante e significado – como na citação a seguir. Um ponto comum une as duas perspectivas: tudo começa porque o falante esquece. Na segunda conferência proferida na Universidade de Genebra¹¹ e publicada nos *Escritos Saussure* ([2002] 2004) discute o problema do esquecimento do falante, com destaque para a posição da criança na língua e na linguagem.

¹¹ Houve uma primeira publicação dessa conferência na edição crítica de Engler, Tomo 2. Primeira edição em 1974 e a segunda em 1990.

A operação de analogia é mais viva e mais fértil na criança porque sua memória ainda não teve tempo de armazenar um signo para cada ideia e, por conseguinte, ela se vê obrigada a confeccionar, a cada instante, esse signo. Ora, ela o fabricará sempre de acordo com o procedimento da analogia. É possível que se o poder e a precisão da nossa memória fossem infinitamente superiores ao que são, as novas formações por analogia fossem reduzidas a quase nada na vida da linguagem. Mas, na realidade, não é esse o caso, e uma língua qualquer num momento qualquer nada mais é do que um vasto enredamento de formações analógicas, algumas absolutamente recentes, outras que vêm de um passado tão distante, que podemos apenas adivinhá-las. (Saussure, [2002] 2004, p. 140).

Por isso não existe para Saussure criação *ex nihilo*; cada inovação é “uma nova aplicação” de elementos fornecidos pelo estado anterior da “linguagem” (Saussure, [2002] 2004).

Não me detenho agora nas observações contidas no *CLG* e nos *Escritos* sobre o que diz Saussure a respeito do processo analógico, nem em outras menções à criança nesses mesmos textos; passo a explorar a questão do esquecimento em um tema menos conhecido, pelo menos no debate acadêmico brasileiro, a saber: a reflexão do autor sobre a literatura; sobretudo a literatura oral.

Exploração inicial e necessariamente faltante, mas que deve ser lida como abertura para uma outra cena, a da literatura, geralmente tratada como uma reflexão à parte na obra de Saussure, mas que o autor não deixa de aproximar da reflexão sobre a língua, sob o tema do esquecimento, como se lê na discussão a seguir.

Em um belo ensaio, Pierre-Yves Testenoire (2012) se dedica ao estudo da reflexão saussuriana sobre três grupos de textos da literatura oral: os hinos védicos, as lendas germânicas e os poemas homéricos¹².

Enquanto os primeiros, no que diz respeito à memória, se destacam pelo fato de terem se mantido conservados nos últimos

¹² O autor acompanha a argumentação saussuriana, com inúmeras citações dos manuscritos, e de outros autores que se debruçaram sobre os textos saussurianos.

trinta ou quarenta séculos e apesar do tabu que proibia a sua transmissão escrita mesmo quando esta já era uma prática corrente, o mesmo não aconteceu na Grécia, na transmissão dos poemas homéricos.

O rapsodo, poeta oral que ia de cidade em cidade cantando poemas homéricos, o fazia – segundo Saussure – por prazer ou para agradar aos seus ouvintes. Nada além do prazer artístico favorecia a memorização dos gregos, se comparado ao processo de memorização da Índia. Além disso, do ponto de vista do tempo da duração dessa prática, sem o recurso da escrita, as escolas dos rapsodos conservaram o texto homérico por quatro ou cinco séculos e sem fidelidade absoluta¹³.

Na Índia a motivação era religiosa e “foi pelo método do catecismo da lição aprendida de cor, com vista a um objetivo religioso, de uma educação religiosa, que se produziu o fenômeno da conservação do Veda”. (Saussure, BGE, Ads¹⁴ 373, folhas 14-16; *apud* Testenoire, 2012, p. 66).

Organizam-se assim dois modelos de transmissão oral que se opõem entre eles por motivações muito distintas: religiosa de um lado, o que leva à repetição do mesmo como idêntico, sem brecha para a mudança. Transmissão essa garantida pela formação dos Brâmanes, cuja educação espiritual durava entre um mínimo de 12 anos a um máximo 48 anos¹⁵. Do outro lado, a motivação estética, o modelo da recitação combinada com improvisação, cujas modalidades o linguista teve dificuldades para determinar, segundo Testenoire.

Se a oralidade rapsódica tem como arquétipo o texto de Homero, nesse sentido, as lendas germânicas, as sagas escandinavas, pertencem também para Saussure a esse segundo

¹³ Essa comparação está em Parret (1993, p. 224), citado na íntegra por Testenoire (2012, p. 66).

¹⁴ *Archives de Saussure*. Trata-se dos manuscritos catalogados recentemente.

¹⁵ Saussure chega a falar de “apego à letra” (*attachement à la lettre*) e “superstição da letra” (*superstition de la lettre*).

modo de oralidade. O *Nibelungen-lied*, a *Ilíada* e a *Odisseia* são para ele a reunião de cantos distintos, de datas e autores diferentes, reunidos por um mesmo processo de transmissão oral. Segundo Testenoire, nos cadernos dos anagramas, as modalidades dessa transmissão comum às lendas germânicas e aos poemas homéricos são mais exploradas; isso ocorre em um período que antecede o estudo do autor sobre os anagramas na poesia latina.

Nesse momento da reflexão surge a questão da memória e do esquecimento, pelo viés da improvisação. Os anagramas nos poemas homéricos são concebidos por Saussure como auxiliares à “memória livre” dos aedos¹⁶ e assim o ajudam a pensar o modo de oralidade que sustenta os poemas homéricos e as lendas germânicas. Para Testenoire trata-se de uma solução original ao enigma da transmissão oral durante séculos de um poema com 15.000 versos, como a *Ilíada*. A parte de improvisação na recitação dos poemas resiste entretanto ao modelo de análise, uma vez que há sempre intervalo entre composição e execução.

¹⁶ Sobre rapsodo e aedo (Trajano Vieira, comunicação pessoal): “ὄαψωδός” identifica o poeta épico na Grécia. O termo, técnico e descritivo, é composto por “ὄαπτω” (“costurar”) + “ὠδή” (“canto”). A palavra descreve o processo de composição épica: durante a rapsódia, normalmente uma competição pública de poesia épica, um poeta dava continuidade ao canto a partir do ponto em que o anterior parava. Daí a metáfora da “costura”. A segunda parte da palavra, “ὠδή” (de onde provém nossa “ode”), é uma forma contrata de “ᾠδή” (“canto”). “ᾠδός” é o substantivo masculino proveniente da mesma raiz: “aedo” (“cantor”). Assim, tanto “rapsodo” quanto “aedo” referem-se ao poeta oral. Há muita discussão entre os filólogos sobre se haveria uma diferença cronológica quanto ao uso das duas palavras. A questão é, de fato, interessante, pois Homero nunca emprega “rapsodo”, mas com frequência “aedo”. Um excelente indoeuropeísta italiano dos anos 30, Gigante, ponderou, contudo, que Homero não usou “rapsodo” porque a palavra não cabe no esquema métrico do poeta, o hexâmetro datílico. Outra corrente diferencia o sentido dos dois vocábulos da seguinte forma: “aedo” seria o cantor épico de uma fase mais arcaica e criativa; “rapsodo”, o cantor de um momento em que a poesia épica, sobretudo a *Ilíada* e a *Odisseia*, já estaria consolidada e seria apenas repetida por “costuradores de canto” no âmbito das competições.

Em uma passagem do terceiro curso, nas notas de Constantin, pode-se ler um trecho em que Saussure estabelece a relação entre a transmissão oral dos poemas e o próprio funcionamento da língua: ambos são submetidos aos movimentos de continuidade e transformação constantes e imprevisíveis. Essa citação faz parte de uma passagem extensa nas notas de Constantin, oriundas do terceiro curso de Saussure (1910-1911).

[...] A transmissão pela memória recorre à mesma faculdade que a própria língua, que é um rio cambiante. As gerações só passam a matéria linguística pela memória. Ordinariamente o texto transmitido por esse modo é versificado, e isso é uma garantia. Mas um texto transmitido assim é sempre suspeito de ser colorido ao longo do tempo pelos diferentes aspectos da língua ulterior. É isso que ocorre em parte nos textos homéricos. (CFS¹⁷ 58, 2005, p. 196).

A base semiológica comum à língua e à oralidade poética reside tanto no “veículo da memória” como na “faculdade do esquecimento” (Testenoire, 2012, p. 74). A tensão entre memória e esquecimento, no centro da semiologia saussuriana, é desenvolvida de modo especial nos manuscritos sobre as lendas. Ela está na base das aproximações entre os dois sistemas: o da língua e o dos relatos lendários.

O esquecimento é “negativo” e também “positivo” na dialética da memória: negativo porque a memória falha e positivo porque há improvisado em um movimento reparador do contador da lenda, como aliás, também na língua, no caso da analogia. Ainda que tudo se passe no universo psíquico, tal como configurado pela teoria saussuriana, é o termo “psicológico” que comparece na citação a seguir, assim como em outras que virão posteriormente.

A falta de memória ~~desempenha um papel~~ da parte dos detentores titulares da lenda é um elemento <psicológico> negativo, que, em tal matéria, é forçado ~~de ter~~ a produzir um resultado <consideravelmente>

¹⁷ *Cahiers Ferdinand de Saussure.*

positivo: a invenção de ~~outra~~ alguma coisa para substituir o que não vem à memória no momento desejado. [...]

Falta de memória. A invenção <consciente> de alguma coisa para substituir <que deve> <uma outra coisa> que não vem suficiente à memória <do contador> no momento desejado, é ~~um dos fatores mais~~ para o contador uma pequena humilhação passageira ~~para~~ que ele tenta dissimular <ao seu público>, para o destino geral da lenda um dos enormes <e um dos mais regulares> fatores de transformação. ~~Aqui como esquecimento~~. Pode-se dizer que o esquecimento age aqui como um fator psicológico <psicológico> positivo (porque é preciso a todo preço reparar o esquecimento) e <é preciso> acrescentar que assistimos exatamente ao mesmo fenômeno no domínio infinitamente mais delicado das formas linguísticas (ms. fr.¹⁸. 3959/11. Saussure/Marinetti e Meli, 1986, p. 440).

Choi (2002), apoiando-se na obra seminal de Anna Marinetti e Marcello Meli (1986)¹⁹, a edição crítica do texto saussuriano *Le Leggende Germaniche*, dá grande visibilidade à questão do esquecimento a partir de uma indagação sobre o lugar da história e do tempo nessas lendas.

Seriam as lendas “puro produto de invenção” ou elas advêm de um “fundo histórico” (Saussure, M/M, 1986, p. 21)? Essa é a questão que dá início à pesquisa do autor e que o leva a interrogar a fidelidade à “cena originária” (Saussure, M/M, 1986, p. 156), ao elemento ausente, a saber, o referente, a história, “cabide externo onde pendurar a lenda” (Saussure, M/M, 1986, p. 313).

Um plano inicial do autor, que continha uma reflexão sobre o lugar da história, é na sequência abandonado e a história remetida a uma função auxiliar para verificação de um ou outro detalhe (Choi, 2002, p. 100).

Saussure observa no ato de narrar o momento em que a palavra plena de sentido direto se transforma em “palavra pura” privada da contaminação referencial (Saussure, M/M, 1986, p. 132) e que passa funcionar assim como puro significante. É o

¹⁸ Manuscritos franceses. Escritos de Saussure catalogados pela BGE de 3951 até 3974a.

¹⁹ De agora em diante: Saussure, M/M.

esquecimento que “exerce papel decisivo na passagem da palavra plena à palavra pura”. Não seria o esquecimento da “cena originária”, pergunta-se Choi, que faz da semiologia saussuriana um sistema de valores puros? (Choi, 2002, p. 100).

É quando a marca mnemônica de um referente cai, ao longo do tempo, que a mitologia se elabora. A criação simbólica é para Saussure involuntária: “Nas criações simbólicas, que são sempre involuntárias, deve-se dar sempre uma parte à palavra pura” (Saussure, M/M, 1986, p. 132); elas são um erro de transmissão que incide sobre “palavras que tinham seus sentidos diretos no começo” (Saussure, M/M, 1986, p. 132). A intenção do narrador ao transformar o relato não é criar um símbolo, mas contar o que lhe parece verdadeiro (Engler, 1974 apud Choi, 2002, p. 110).

Se o passar do tempo foi aqui mencionado, não se deve, entretanto, concluir que Saussure o tome como causa da mudança nas lendas. Ele é mesmo explícito nos manuscritos; lançando mão de uma escrita poética procura mostrar que os personagens são constituídos puramente pela combinação de alguns traços, que podem se dissociar a qualquer momento, acarretando a dissolução da unidade. Se toda mudança se projeta no Tempo, este não é, contudo, a sua causa²⁰. Nas lendas a mudança se deve à natureza do próprio objeto que, enquanto signo, se submete às leis que regem a mudança na língua²¹.

[...] A incapacidade de manter uma identidade certa não deve ser posta na conta dos efeitos do Tempo - esse é um erro <notável> da parte daqueles que se ocupam dos signos - mas é dada de antemão na própria constituição do ser que acalentamos e observamos como um organismo, ao passo que ele não é <nada além> de um fantasma obtido pela combinação <fugidia> de 2 ou 3 ideias. (ms. fr. 3958.8.21v. Saussure, M/M, 1986, p. 192).

²⁰ Cf. Pereira de Castro (2012).

²¹ Cf. também Henriques (2014).

É o esquecimento que interfere na cadeia narrativa esvaziando de sentido a palavra plena, transformando-a em puro significante, pronta para receber outra identidade. Tanto na mitologia como na língua, o esquecimento é um fator central da mudança: é a própria chave nos *Niebelungen*, na criação simbólica (Gandon, 2002).

Depois dessa longa passagem pela literatura é preciso voltar às mudanças analógicas também afetadas pelo esquecimento. A reflexão saussuriana vai muito além do trecho mencionado anteriormente, quando autor invoca a criança na segunda conferência na Universidade de Genebra (Saussure, [2002] 2004).

A analogia se dá no corte sincrônico e remete a uma forma criada à imagem de outra por associação, processo que inclui tanto a “aproximação das formas” e “fixação de valor”, como uma “análise involuntária” (por uma “operação subconsciente”) do primeiro dado, isto é, do termo que deu início à aproximação das formas com outras séries. Para Saussure, “toda aproximação das analogias implica também a aproximação de diferenças” (Saussure/Riedlinger, [1907] 1996, p. 67). De fato, em um sistema de valores negativos não é possível pensar em aproximações por pura semelhança.

Nas notas de Riedlinger, que foram a base para o capítulo do *CLG* sobre analogia, se encontram os elementos que lançam a questão do falante nas operações analógicas. Ele é o ponto de partida para o tratamento do problema do esquecimento e está no centro da rede de fatores que participam do procedimento da analogia. Entretanto, sua posição no movimento analógico é discutida por Saussure com idas e vindas: consciência, subconsciência e inconsciência se alternam ao longo da discussão. Mas o esquecimento, como desencadeador do movimento do falante no eixo associativo, está claramente posto.

As notas de Riedlinger aqui comparadas provêm de duas fontes: a edição crítica de Engler (1989) e a edição do primeiro curso de Saussure ([1907] 1996)²². Tê-las lado a lado permite

²² Editado por Komatsu e Wolf.

observar certas diferenças, por se tratar de recortes não idênticos, mas ambas mantêm a menção ao papel do esquecimento, que curiosamente está ausente no *CLG*.

[...] estamos lidando com um fenômeno psicológico; ninguém o contesta <mas> convém frisar nesta ocasião o caráter de inovação <de criação e não de mudança> do fenômeno analógico. Com efeito, falsearíamos toda a psicologia apresentando <a analogia como uma> intenção <dos sujeitos falantes>. <A analogia> supõe um esquecimento momentâneo da antiga forma para que a nova surja, <não há>, portanto, oposição, modificação. (Saussure/E, *op.cit.*, IR2.19, p. 373 verso).

Se vamos ao fundo do processo psicológico que conduz pela primeira vez o tipo *honor*²³, é certo que a condição fundamental dessa criação é o esquecimento momentâneo da forma legítima existente até então. A forma hereditária é a única que não participa da formação do novo tipo <não se pode> falar de transformação <uma vez que a primeira forma está ausente da consciência no momento em que se opera esta suposta transformação>. (Saussure, [curso I] Riedlinger, [1907] 1996, p. 61).

Além da convergência dos fenômenos do esquecimento nas lendas e nas formas linguísticas, essas citações chamam a atenção para a posição do falante, que deve ser acompanhada para que, apesar de algumas oscilações terminológicas e do léxico flutuante, se possam entender os movimentos de Saussure ao tratar da relação do sujeito falante com a língua. Quando afetado pelo esquecimento ele é lançado no eixo associativo, no tesouro da língua, procedendo por “um ato <inconsciente> de comparação não apenas para criar, mas para compreender as relações” (Saussure/E, *op.cit.*, IR 2.23, p. 375 verso). À inconsciência do falante, vem em suplência a “consciência da língua”:

[...] a língua tem consciência não apenas dos elementos, mas também da influência que eles exercem uns sobre os outros quando são postos em uma certa ordem. A língua tem o sentimento do seu sentido lógico, da sua ordem. (Saussure/E, *op.cit.* IR 2.92, p. 379 verso).

²³ Na fórmula da quarta proporcional A está para B, assim como C está para X (pelo esquecimento, X é preenchido por analogia ao primeiro par): “ōrātōrem : ōrātor = honōrem : honor”.

Por isso o risco de falsear o processo ao se atribuir uma intenção ao sujeito falante, como adverte Riedlinger na citação mencionada há pouco. Para Saussure

A analogia nos ensina, portanto, uma vez mais, a separar a língua da fala; ela nos mostra a segunda dependente da primeira e nos faz tocar com o dedo o jogo do mecanismo linguístico [...]. (Saussure/E, *op.cit.*, CLG 233 (227), p. 375 verso).

A posição do falante, afetado pelo esquecimento, se expressa na própria etimologia das palavras esquecer/esquecimento. Segundo o linguista Weinrich (2000, p. 17), *oblivisci* é um verbo “depoente”, isto é, um verbo em forma passiva, mas de sentido ativo. “Essa qualidade formal combina bem com o sentido de ‘esquecer’, que também é uma espécie de ‘meio’ entre atividade e passividade”.

Ainda segundo Weinrich, da forma verbal *oblivisci* derivou-se em latim o substantivo *oblívio* (esquecimento). Por outro lado, da forma verbal do latim vulgar **oblitare* depende grande parte “da família vocabular românica do esquecimento”. No português, surgiu com a metátese -bl-/-lv- o verbo “olvidar”, que reúne “olvido”, “olvidamento”, “(in)olvidável”. Mas na língua cotidiana prevalece o verbo “esquecer”, do latim *cadere* (cair), usado também como reflexivo (Weinrich, 2001, p. 17-18).

As questões aqui levantadas sobre o esquecimento na linguagem – da aquisição às formas linguísticas, passando pelas lendas – se abrem necessariamente para a consideração do sujeito falante no seu modo de habitar a língua/linguagem. O esquecimento é um fenômeno psíquico que ocorre no universo psíquico da língua. Segundo Milner (1988) o esquecimento é um fato estrutural que diz respeito ao sujeito e nessa problemática subjetiva é que devemos perguntar: por que o sujeito esquece?

Nem é preciso dizer que essa pergunta nos leva à noção de inconsciente freudiano, que incluído na reflexão sobre o esquecimento, desloca necessariamente o próprio conceito de

sujeito falante. Contudo, ao que tudo indica, Saussure não conheceu os textos freudianos.

Para Milner (1988), não basta invocar o inconsciente como o lugar onde permanece a matéria do esquecimento e que é também a sua causa. Para haver esquecimento é preciso que o sujeito fale; é o ser falante que é capaz de esquecimento.

Nesse sentido a aquisição da língua materna é o momento inaugural de um modo singular de habitar a linguagem, pelo esquecimento da fala infantil.

Referências

- Choi, Y-H. *Le problème du temps chez Ferdinand de Saussure*. Paris: L'Harmattan, 2002.
- Constantin, E. Linguistique générale, Cours de M. le Professeur de Saussure, 1910-1911. *Cahiers Ferdinand de Saussure* : Revue suisse de linguistique générale, n. 58, p. 83-292, 2005.
- Gandon, F. *De dangereux édifices: Saussure lecteur de Lucrèce: les cahiers d'anagrammes consacrés au de Rerum Natura*. Louvain-Paris : Peeters, 2002.
- Henriques, S. M. [inédito]. *O nome próprio nas elaborações de Ferdinand de Saussure*. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.
- Milner, J-C. Le matériel de l'oubli. In: Yerushalmi, Y. H.; Loraux, N.; Mommsen, H. et al. *Usages de l'oubli*. Paris: Seuil, 1988. p. 63-75.
- _____. *Le périple structural: figures et paradigme*. Paris: Seuil, 2002.
- Pereira de Castro, M. F. A fala infantil e a aquisição da língua materna: reflexões em torno de um paradoxo. In: Cortina, A.; Nasser S. M. (Org.). *Sujeito e Linguagem*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2009. p. 11-28.

- _____. [inédito]. La teoría saussureana sobre el Tiempo y el cambio lingüístico. Trabalho apresentado nas I Jornadas Internacionales de Historia de la Lingüística, UBA, Buenos Aires, 2012.
- _____. [inédito]. Língua materna e os destinos da fala infantil. Aula apresentada como prova didática em Concurso para Professor Titular, IEL-UNICAMP, 2006.
- _____. Pequeno ensaio sobre o Tempo na teorização saussuriana. In: Fiorin, J. L.; Flores, W. N.; Barbisan, L. B. (Org.). *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 87-98.
- _____. Saussure e o necessário esquecimento da fala infantil: uma leitura para a aquisição de linguagem. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 52, v. 1, p. 91-102, 2010.
- Saussure, F. de. *Cours de linguistique générale*. Édition critique par Rudolf Engler. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1989. t.1.
- _____. *Cours de linguistique générale*. Édition critique par Rudolf Engler. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1990. t. 2.
- _____. [1916]. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2008.
- _____. [2002]. *Escritos de Linguística Geral*: organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix, 2004.
- _____. *Le Leggende Germaniche*: organizado e comentado por Anna Marinetti e Marcello Meli. Este: Libreria Editrice Ziolo, 1986.
- _____. *Premier Cours de Linguistique Générale (1907)*: d'après les cahiers d'Albert Riedlinger. Oxford/New York/Seoul/Tokyo: Pergamon, 1996.
- Silva, K. A. [submetido à publicação]. Considérations sur la notion saussurienne du sujet parlant. Trabalho apresentado no XIX *Congrès International des Linguistes*. Genebra, 2013.
- Testenoire, P. Y. En quoi Saussure peut-il nous aider à penser la littérature ? *Linguistique et Littérature, I-Saussure*, p. 61-74, 2012.
- Weinrich, H. *LETE: Arte e crítica do esquecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

As Sereias de Joyce nas letras de Saussure

Glaucia Nagem de Souza¹

Escrever algo sobre as letras de Saussure é um desafio assustador. Pela linguística não posso me aventurar, pois neste mar não nado senão com boias salva-vidas dos comentadores e amigos linguistas mais chegados. Arrisco-me assim em águas que navego com um pouco mais de segurança, a psicanálise. Aviso aos que acompanharão a viagem deste artigo que para pensar a relação entre a psicanálise e os escritos de Saussure precisei fazer um percurso pelos autores que me orientam – Freud e Lacan – de modo a localizar alguns conceitos destes que me parecem essenciais. Assim, o texto subdivide-se em quatro tempos: 1) O som das vozes analisantes – pensamento de Freud em ressonância com Saussure; 2) O som, a língua, a linguagem – primeiro encontro de Lacan com Saussure; 3) RSI – heresia de Lacan consonante à letra de Saussure; 4) Joyce – Exemplo para Lacan do uso de a-língua.

O som das vozes analisantes – pensamento de Freud em ressonância com o de Saussure

Freud, em uma carta à Fliess de 6 de dezembro de 1896 descreve sua ideia de aparato psíquico. Este é o germe do que apresentaria posteriormente em 1900 no capítulo em que retoma este aparelho em seu texto *A Interpretação dos Sonhos*. Uma marca de signo (*Wahrnehmungszeichen*) é o primeiro registro das

¹ Psicanalista. Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL-Brasil) e do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo (FCL-SP).

percepções. Um signo que deixa uma marca. E na sequência desta carta define o recalque como:

Uma falha de tradução – eis o que se conhece clinicamente como “recalcamento”. O motivo disso é sempre a liberação do desprazer, que seria gerado por uma [tradução]; é como se esse desprazer provocasse um distúrbio do pensamento que não permitisse o trabalho de tradutor. (Freud, [1896] 1986, p. 109).

Tradução pressupõe um texto, uma língua. Assim, o aparato psíquico desde o começo se apresenta como marcado por signos tal como um texto, e aquilo que faz com que alguns erros sejam cometidos na tradução deste mesmo texto é o recalque. Essa falha na tradução visa evitar o desprazer. Lembrando que neste tempo Freud está em sua primeira tópica, ou seja, baseado no Princípio do Prazer.

No caso dos sonhos Freud recomenda ainda que

Quando o relato de um sonho me parece dificilmente compreensível, peço ao paciente que o repita, e tenho podido observar que só raríssimas vezes o faz com as mesmas palavras. Porém as passagens onde modifica a expressão revelam ser, por este último fato, os pontos débeis da deformação dos sonhos, ou seja aqueles que menos resistência colocaram à penetração analítica. (Freud, [1900] 1981, p. 659-660).

Esta recomendação nos dá a dica de como Freud pensava a estrutura do inconsciente, ou seja, que este se mostra nos pontos débeis de um relato, onde as palavras não se sustentam, mancam. Ali, a escuta analítica pode recolher algo que diga do inconsciente e de suas formações.

Foi baseado na estrutura dos sonhos que Freud construiu sua primeira hipótese sobre o inconsciente e com ele um aparato psíquico do sujeito. Afirma que “a interpretação onírica é a via régia para o conhecimento do inconsciente na vida psíquica” (Freud, [1900] 1981, p. 713). Vemos assim que a descoberta do inconsciente freudiano se dá pela interpretação dos sonhos apostando que estes tem estrutura de texto e podem ser lidos,

relatados. E onde o relato capengar ali é a entrada para o inconsciente.

É neste período do ensino freudiano que Lacan se baseará para construir a proposição de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Para tal, seguirá ao pé da letra freudiana a indicação de que as formações do inconsciente, como o sonho, o sintoma, o ato falho e os chistes são passíveis de leitura, “escritos”, são textos eles mesmos e devem ser lidos como tais. Podemos depreender que a interpretação segue aí uma primeira trilha que é de leitura.

Mas para que este inconsciente estruturado como linguagem seja acessado pelo sujeito em análise o que o analista tem a seu favor? A fala.

Afirmamos, quanto a nós, que a técnica não pode ser compreendida nem corretamente aplicada, portanto, quando se desconhecem os conceitos que a fundamentam. Nossa tarefa será demonstrar que esses conceitos só adquirem pleno sentido ao se orientarem num campo de linguagem, ao se ordenarem na função da fala [...] Quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe de apenas um meio: a fala do paciente. (Lacan, [1953] 1998, p. 247).

Só pela fala do paciente é possível que um trabalho de análise possa seguir. Parece óbvio, mas desde o início de seu ensino nos anos 50 Lacan insiste que os pós-freudianos tinham se desviado disso que é *princeps* na teoria psicanalítica. E para sustentar essa construção Lacan se utilizará de outra área que não a psicologia. Ele não dialogará com a psicologia, pois esta se baseava mais no comportamento, desviando-se com isso do caminho da fala. Será na linguística que inicialmente Lacan irá se basear.

A linguística pode servir-nos de guia neste ponto, já que é esse o papel que ela desempenha na vanguarda da antropologia contemporânea, e não poderíamos ficar-lhe indiferente. A forma de matematização em que se inscreve a descoberta do fonema, como função dos pares de oposição compostos pelos menores elementos discriminativos captáveis da semântica, leva-nos aos próprios fundamentos nos quais a doutrina final

de Freud aponta, numa conotação vocálica da presença e da ausência, as origens subjetivas da função simbólica. E a redução de todas as línguas ao grupo de um número pequeníssimo dessas oposições fonêmicas, dando início a uma formalização igualmente rigorosa de seus mais elevados morfemas, coloca a nosso alcance uma abordagem estrita de nosso campo. (Lacan, [1953] 1998, p. 286).

Em sua primeira tópica, Freud saca a estrutura do inconsciente como sendo estruturada na linguagem, e vemos isso constantemente nas interpretações que ele nos dá como exemplo. Dois mecanismos apresentados por ele serão destacados por Lacan como pertencendo ao campo da linguagem: os mecanismos de condensação e deslocamento. Voltemos um pouco ao que Freud nos oferece na interpretação dos sonhos, onde ele afirma que “o deslocamento e a condensação são os trabalhadores cuja atividade temos que atribuir principalmente a conformação dos sonhos” e ainda na sequência, dizendo que “o deslocamento constitui um dos meios principais para a consecução de dita deformação [...]. Podemos, pois, supor que o deslocamento nasce pela influência de dita censura, ou seja da defesa endopsíquica” (Freud, [1900] 1981, p. 534).

Baseada nas descobertas e avanços da linguística, a leitura desse trecho feita por Lacan traz esses mecanismos para o campo da linguagem. Lemos em seu escrito *A instância da letra*:

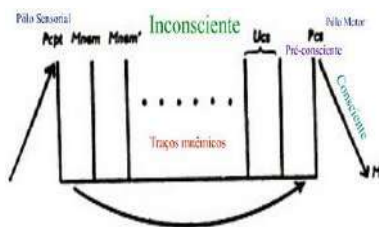
A *Verdischtung*, condensação, é a estrutura de superposição dos significantes em que ganha campo a metáfora, e cujo o nome, por condensar em si mesmo a *Dischtung*, indica a conaturalidade desse mecanismo com a poesia, a ponto de envolver a função propriamente tradicional desta. A *Verschiebung* ou deslocamento é, mais próxima do termo alemão, o transporte da significação que a metonímia demonstra e que, desde seu aparecimento em Freud, é apresentado como o meio mais adequado do inconsciente para despistar a censura. (Lacan, [1957] 1998, p. 515).

Acompanhamos assim o esforço inicial de Lacan para resgatar para a psicanálise o que seu criador tinha privilegiado: a fala. Nos

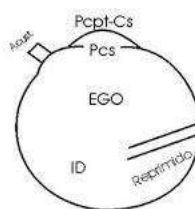
estudos iniciais de Saussure e Jakobson, Lacan buscou sustentação para que o trabalho do analista não se perdesse nos comportamentos e seus fenômenos. Não nos enganemos, porém, pensando que era apenas na primeira tópica que Freud tinha baseado o inconsciente na estrutura de linguagem. Sua segunda tópica veio de uma série de reformulações. No entanto, no que diz respeito à fala ele segue em sua primeira hipótese. Ele nos aponta em o *Ego e o Id*:

Assim pois, a pergunta de como se faz algo consciente deverá ser substituída pela pergunta de como se faz algo pré-consciente, e a resposta seria que por seu enlace com as representações verbais [...]. Os restos verbais procedem essencialmente de percepções acústicas [...]. A palavra é, pois, essencialmente o resto mnêmico da palavra ouvida. (Freud, [1923] 1981, p. 2705).

Se em seu aparelho psíquico da primeira tópica Freud descreve a entrada de percepção como este polo sensorial (figura 1), em sua segunda tópica ele especifica esse polo sensorial como sendo acústico, como esses restos de palavras ouvidas (figura 2). Não temos como ignorar que nisso Saussure trabalhou exaustivamente no que propõe como a constituição acústica dos significantes.



(Figura 1)



(Figura 2)

Isso não é indiferente se pretendemos seguir a proposta de Lacan quanto às contribuições que ele recolheu de Saussure. Com o que dispunha nos anos 50, o *Curso de Linguística Geral*, ele já supunha que era na escuta que algo poderia ser manejado da linguagem. “Basta escutar a poesia, o que sem dúvida aconteceu

com F. de Saussure, para que nela se faça ouvir uma polifonia e para que todo discurso revele alinhar-se nas diversas pautas de uma partitura” (Lacan, [1957] 1998, p. 506). Ora, somente nas pautas de partituras que os sons podem se ordenar uns sobre os outros. A voz humana não tem essa propriedade, a não ser quando várias cantam juntas.

Mas essa ideia dos sons como partitura não seria tão clara se a base fosse apenas o *Curso de Linguística Geral* editado a partir de anotações de aula dos alunos de Saussure. Assim, 9 anos depois, quando da publicação dos Escritos, Lacan acrescenta uma nota a esta passagem dizendo:

A publicação, feita por Jean Starobinski no *Mercure de France* de fevereiro de 1964, das notas deixadas por F. de Saussure sobre os anagramas e seu uso hipogramático, desde os versos Saturninos até os textos de Cícero, dá-nos a certeza que nos faltava nessa ocasião. (Lacan, [1957] 1998, p. 506).

Ora, que certeza faltava a Lacan nesta ocasião?

O som, a língua, a linguagem – primeiro encontro de Lacan com Saussure;

Lacan indicava logo no início de seu ensino que, mais que o fenômeno observável, era a fala que seria o motor da análise. Como exposto acima, fez uma leitura de Freud ressaltando o que da clínica deste se sustentava pela escuta atenta ao deslizar dos significantes. A Freud faltava a teorização saussuriana, mas não lhe escapava que o que os pacientes construíam se escorava na linguagem. O inconsciente então “não é o primordial nem o instintivo e, de elementar, conhece apenas os elementos do signifiante” (Lacan, [1957] 1998, p. 526).

Com esses instrumentos Lacan pôde construir passo a passo algumas instâncias, que nomeou Simbólico, Imaginário e Real. Nos anos 50 era assim que ele apresentava: S.I.R. Costuma-se dizer de uma primazia do Simbólico neste tempo. O fato é que Lacan tenta

retornar a Freud restaurando o que este nomeara como lâmina cortante. Para isso, nestes primeiros anos repetia seminário após seminário o que lhe parecia principal: O inconsciente é estruturado como uma linguagem. Desses três registros, inclusive, ele faz uma conferência nomeada S.I.R. onde anuncia:

Tentarei esta noite, muito simplesmente, dizer algumas palavras sobre o que significa a confrontação desses três registros bem distintos que são, efetivamente, os registros essenciais da realidade humana e que chamam simbólico, imaginário e real. (LACAN, [1953] 2005, p. 12).

O que chama atenção neste período é que por mais que do Simbólico e do Imaginário ele consiga dizer alguma coisa, pois tinha a seu encaixe a Linguística e a Filosofia, por vários momentos o conceito de Real ficava confuso. Vemos isto claramente num exemplo que ele nos oferece para tentar explicar esses registros em seu seminário de 55/56:

O imaginário, vocês o viram também transparecer pela referência que fiz à etiologia animal, isto é, a suas formas cativantes, ou captadoras, que constituem os trilhos pelos quais o comportamento animal é conduzido aos seus fins naturais [...]. Se a imagem desempenha igualmente um papel capital no campo que é o nosso, esse papel é inteiramente retomado, refeito, reanimado pela ordem simbólica. Que diferença há entre o que é da ordem imaginária ou real, e o que é da ordem simbólica? Na ordem simbólica, ou real, nós temos sempre mais e menos, um limiar, uma margem, uma continuidade. Na ordem simbólica, todo elemento cabe como oposto do outro. (Lacan, [1955-1956] 1998, p. 17).

O que lemos como imaginário e simbólico nesse período pouco mudará. Mas seu conceito de Real, que neste começo confunde-se um pouco entre o simbólico e imaginário, será efetivamente construído mais adiante. Por fim, Lacan o constrói e mesmo declara que este conceito é uma criação sua: “É na medida em que Freud fez verdadeiramente uma descoberta – supondo-se que essa descoberta seja verdadeira – que podemos dizer que o real é minha resposta sintomática” (Lacan, [1975-1976] 2007, p. 128). Essa

declaração é feita em seu vigésimo terceiro seminário, no ano em que está as voltas com o conceito de Sinthoma. No crepúsculo de seus dias ele chega ao ponto de afirmar que o Real era sua criação, resposta dele ao que Freud havia descoberto. Que dizer desse Real?

RSI – heresia de Lacan consonante à letra de Saussure

O Real: o que carrega seu lugar na sola dos pés, o que se reencontra sempre no mesmo lugar, o que não é, mas toca a realidade. Em 76 temos enfim que:

Falo do real como impossível na medida em que creio justamente que o real é sem lei. O real implica a ausência de lei. O real não tem ordem. É o que quero dizer dizendo que a única coisa que chegarei talvez um dia a articular diante de vocês é alguma coisa concernente ao que chamei de um pedaço de real. (Lacan, [1975-1976] 2007, p. 133).

Muito se diz que este seria um último Lacan, o Lacan do Real, uma clínica do Real. Acompanhando o ensino de Lacan é possível não nos embarçarmos com essa ideia. Lacan não se afasta do Simbólico na medida em que avança com seu conceito de Real. Ele passa a dar um peso homólogo para os três registros. Não mais uma predominância do Simbólico, senhor, SIR. Mas uma visada em que se propõe o herético, uma heresia (homófono em francês à RSI): que haja operação sobre o Real, pelo próprio Real via Discurso analítico: “A questão não é a descoberta do inconsciente, que tem no simbólico sua matéria pré-formada, mas a criação do dispositivo pelo que o real toca no real, ou seja, daquilo que articulei como o discurso analítico” (Lacan, [1975] 2003, p. 545).

Poderíamos neste ponto afirmar que Lacan se afastou da linguística na medida em que se aprofundou na dimensão do Real? E se ele se afastou de qual linguística foi?

A clínica oferecia a Lacan a cada dia quilos de material em que ele poderia estacionar suas hipóteses e instalar-se numa primazia significativa. Sonhos, lapsos, chistes, sintomas jorravam diariamente para ele e até hoje para cada analista atento à sua própria escuta.

Mas podemos acompanhar algo interessante no decorrer de seu ensino. O que seria isso do real tocar o real? O que poderia se inscrever via real?

Lacan se utiliza de dois tipos de topologia no decorrer de seu ensino. Inicialmente ele se utiliza da topologia de superfície e posteriormente da dos nós. Não temos como nos aprofundar sobre estas questões neste artigo. Apenas ressaltaremos alguns pontos que parecem ser cruciais para acompanharmos o conceito de Real. A topologia auxiliou na construção deste conceito principalmente porque nela há uma abordagem específica quanto à noção de espaço e as relações que o estruturam. “O objeto específico dos topólogos é, portanto, esta noção de espaço e as relações que o estruturam. É nesta medida que a topologia diz respeito à psicanálise” (Granon-Lafont, 1990, p. 18). E ainda, “Por que topologia? Porque é imprescindível. Porque é a única via de que dispomos para aceder à estrutura real do espaço” (Eidelsztein, 2006, p. 22).

Mesmo recorrendo à topologia de superfície Lacan segue se sustentando nas concepções da linguística. Baseado nas propriedades da Banda de Moebius, Lacan afirma:

Quando lhes digo que o significante é essencialmente alguma coisa estruturada sobre o modelo da dita superfície de Moebius, é o que quer dizer, a saber, que é sobre a mesma face, constituindo tudo direito e avesso, que podemos encontrar o material. O material que, aqui, se acha estruturado pela oposição fonemática é alguma coisa que não se traduz, mas que passa, que passa de um significante a um outro, em seu funcionamento, no funcionamento qualquer que ele seja da linguagem, até o mais arriscado. (LACAN, [1964-65] 2006, p. 47).

Vemos que mesmo com a introdução e o aprofundamento de Lacan com a topologia, o inconsciente segue até o fim tendo sua estrutura de linguagem. A topologia proporcionou uma maior clareza, mostrando como o Real opera numa análise e que outros efeitos são recolhidos dessa instância.

Linguagem, significantes, língua, são todos atravessados pelas questões do Real, como o cancionero nos diz “daquilo que não tem governo nem nunca terá”. Temos o Simbólico para dizer desse vazio no início do ensino, mas como pensar em um modo em que o próprio real pudesse tocar o real?

Um primeiro passo, a partir de um lapso, é a proposta do conceito de Lalíngua. Em 4 de novembro de 71 Lacan nos propõe:

Lalangue, como escrevo agora não tenho o quadro-negro, bem, escrevam la-língua numa só palavra é assim que escreverei doravante [...]. Eu não disse que o inconsciente é estruturado como uma a-língua, mas é estruturado como uma linguagem e voltarei a isso daqui a pouco. (LACAN, [1971-1972], p. 15).

Lacan não se abandona à ideia de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, e todas as consequências que provém deste fato, mas inclui a partir daí isso que, mesmo que se utilizando da fala, não é um artifício do Simbólico. Ainda mais uma citação importante para que isto fique bem fundamentado:

Esse dizer provém apenas do fato de que o inconsciente, por ser “estruturado como uma linguagem”, isto é, como a lalíngua que ele habita, está sujeito à equivocidade pela qual cada uma delas se distingue. Uma língua entre outras não é nada além da integral dos equívocos que sua história deixou persistirem nela. É o veio em que o real – o único, para o discurso analítico, a motivar seu resultado, o real de que não há relação/proporção sexual – se depositou ao longo das eras. (Lacan, [1973] 2003, p. 492).

Assim, incluímos o inconsciente estruturado como linguagem no campo de lalíngua, num campo que não opera segundo a ordenação simbólica. Um campo com uma textura de acúmulos de eras, desde o nascimento do sujeito na materialidade da palavra. Cada sujeito constrói assim em uma análise uma língua própria, com os restos que estão no “que se diga fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve” (Lacan, [1973] 2003, p. 449).

Podemos assim voltar ao início, ao que a linguística ofereceu inicialmente como base. Seria fora dela que o Real opera? Lacan nos diz numa nota anteriormente citada que nos estudos dos anagramas Saussure havia a confirmação do que ele já pressupunha sobre os deslizamentos significantes. Saussure persegue em seus estudos dos anagramas algo que se escutava, que se repetia nas poesias e textos analisados. Não são fenômenos místicos como afirma o comentador de *As Palavras sob as palavras*,

[...] a palavra tema não é para ele nada mais que um dado material cuja função, talvez primitivamente sagrada, se reduz muito cedo a um valor de apoio mnemônico para o poeta improvisador, depois a um procedimento regulador inerente à própria escritura, ao menos na língua latina. (Starobinski, [1971] 1974, p. 46).

O que não sabemos é se Lacan teve contato com os textos publicados dos outros cadernos de Saussure e que nos chegou em português em 2004 pela Cultrix. O que chama a atenção é que o conflito que se apresenta na pesquisa saussureana sobre os anagramas se mantém nesses escritos.

Podemos acompanhar nas pesquisas do caderno “Novos Documentos” uma extensa discussão de Saussure sobre a diferença de letra, linguagem, idioma e signo. Paremos um pouco sobre isso. Pouco acima vimos a introdução de Lacan de seu conceito de lalíngua e sua relação com a linguagem. Obviamente não podemos apenas sobrepor este fato com os estudos do genebrino. Mas é surpreendente que este tenha se dedicado tanto a essa diferenciação. Podemos supor um eco desses textos saussureanos com as construções dos anos 70 de Lacan?

Olhando de modo um pouco mais cuidadoso, o que parece é que Saussure não se entregou passivamente ao que os seus alunos divulgaram de seu ensino. Essa linguística apresentada nos escritos parece incluir o que Lacan construiu em sua obra como conceito de Real. Vejamos o que lemos na parte 1 dos Novos Documentos:

Não há fala, há apenas conjunto de letras.

Um primeiro passo se deu: da letra se veio considerar o som articulado e do papel se passou ao sujeito falante []. Não há ainda a linguagem, já há a fala.

A conquista destes últimos anos é ter, enfim, colocado não apenas tudo o que é a linguagem e a língua em seu verdadeiro nicho exclusivamente no sujeito falante seja como ser humano seja como ser social. (Saussure, [2002] 2004, p. 116).

É estarrecedor que acompanhando o que Lacan constrói como o estatuto da língua até chegar à lalíngua e mesmo o de significante e letra possam aparecer de modo embrionário nessas investigações de Saussure. Não o vemos colocar algo anterior à linguagem como uma metalinguagem, mas sim algo da ordem da letra na saída do ser falante. Acompanhando Lacan, não é isso que ele nos aponta quando nos diz que a linguagem “é uma elucubração de saber sobre lalíngua”? E o que está submetido a essa operação é o sujeito falante, que precisa fazer algo com isso que o marca, o constitui.

E Saussure nos oferece um exemplo magnífico com a leitura do nome do presidente Félix Faure, vejamos:

O nome Faure, o que em geral se ignora, não é diferente de Favre, do qual deriva graças a uma confusão da antiga ortografia, que misturava continuamente o u e o v. Favre, por sua vez, é como se conhece a antiga palavra faber, a mesma que muito se difundiu, é pronunciada fèvre em outras províncias da França, como comprovam, ainda, a palavra or-fèvre e o nome de família Le-fèvre.

Os Faure, os Favre, os Fèvre e os Lefèvre formam uma mesma grande família que remonta não apenas à respeitável profissão de artesãos mas, na realidade, à profissão, especialmente respeitada na Idade Média, de artesãos em metal. (Saussure, [2002] 2004, p. 116).

O som por pequenas mudanças de letras, acréscimos mínimos, faz com que o presidente que se nomearia Operário Feliz possa chegar à maior dignidade em seu nome de família. Efeito de letras, deslizamento em lalíngua.

Qual o interesse para os psicanalistas? O material que temos a disposição em nossa clínica encontra-se justamente na fala e em

seus efeitos de som. Não apenas nos puros efeitos de significação literal. Neste exemplo vemos que o presidente poderia ser identificado com o operário, trabalhador braçal. O que o deslizamento mostra é que não apenas poderia ser escutado assim como também escutada uma procedência nobre deste que diacronicamente chegou a um nome de operário.

No avanço de SIR para RSI vemos que no Real é a lalíngua que opera. Alguns psicanalistas, a partir do que Lacan constrói nos anos 70, apontam que o inconsciente estruturado como uma linguagem é um inconsciente dito Simbólico e este onde opera lalíngua é um inconsciente dito Real. As afirmações a este favor são muitas, porém ao acompanharmos o que Lacan constrói, principalmente com a topologia dos nós, podemos afirmar que não agrupamos mais os registros de um em um nem de dois em dois. Nem ainda dizemos da primazia de um sobre o outro. Podemos nos arriscar a afirmar que o nó borromeu, topologia proposta por Lacan para enlaçar RSI é ele mesmo uma representação do inconsciente? Havendo ali as três dimensões enlaçadas?

Joyce – Exemplo para Lacan do uso de la-língua

Saussure em seus escritos nos dá notícia de que é impossível conter o fluxo do significante sobre si mesmo. Isso aponta para um impossível incluído na língua que ele chama de monstro, com quem ele luta bravamente em seus vários cadernos. Para tratar este monstro Lacan toma como aliado o texto de James Joyce. Ele nos diz que “o sintoma é puramente o que lalíngua condiciona, mas de certa maneira Joyce o eleva à potência de linguagem, sem torná-lo com isso analisável” (Lacan, [1972-1973] 2007, 163). A operação feita por Joyce em seus últimos escritos parece trazer ecos da operação de lalíngua. Para pensar nisso vamos parar em uma passagem do *Ulisses* deste autor no capítulo 11. Se o leitor frente ao *Ulisses* conseguiu sustentar sua leitura até o capítulo 11, o das sereias, algo surpreendente acontece: Joyce o desafia a ficar e se

entregar a uma experiência única ou sair e seguir sua vida na paz e segurança que estava até então. Pura falta de chão. E a falta de chão desde o primeiro passo, desde o primeiro parágrafo.

Bernardina Pinheiro diz que no capítulo 11, das Sereias

além das duas garçonetes, senhorita Douce e senhorita Kennedy, destituídas do fascínio das verdadeiras sereias, o episódio se distingue por ser uma extraordinária paródia musical. Na verdade, ao emprego muito especial de palavras, com seus sons e ritmos, – uma fuga em contraponto. O resultado é uma paródia tanto da estrutura da língua quanto da estrutura da música. (Pinheiro, 2010, p. 1160 [nota 11])

Para acompanharmos esta afirmação é preciso entender:

Uma fuga é uma peça de música inteiramente concebida em contraponto, e onde tudo se interliga, direta ou indiretamente, a um motivo inicial denominado sujeito; dessas ligações resulta a unidade da obra; a variedade é obtida por meio das modulações e das diversas combinações em cânone ou em imitação. As vozes parecem, então, se perseguir, ou fugir umas das outras, donde a etimologia da palavra: fuga (de “fugir”). (Lavignac; Laurence, 1920, p. 389).

Parece ser isso que escutamos em *As Sereias*. Sim, *escutamos*, pois não parece que Joyce estava dando a mínima para o sentido. O motivo dado de saída é apenas som, sem sentido, sem ligação, apenas sons e marcações sonoras. E este motivo/sujeito se repete nas páginas seguintes e as vozes fogem umas das outras. Não à toa estavam eles em um bar e nele nos perdemos na balburdia, ou em joycês, na “barburdia” de Joyce.

Os sons das vozes, dos copos e do sexo. Isso num crescente. Joyce nos convoca a abrir os ouvidos. Percorrendo este capítulo recortamos:

“Uma nota rouca de pífaro soou.” [...] “Notas respondem Chilreando” (Joyce, 2010, p. 357).

“Tinlinter tilinter cabriolé tilintando [...] uma moeda ressoou. Um relógio estalou” (Joyce, 2010, p. 358).

“Bravo! Clepeclepe. Muito bem, Simon. Clepiclepeclepe. Encore! Clepeclopeclepe. Encore, enlepe, disseram, gritaram, aplaudiram todos” (Joyce, 2010, p. 582).

Joyce clama para que se abra os ouvidos para ouvir o que acontece na cena das Sereias. O que para a linguística não constitui um fonema, pois é apenas som dos copos da charrete das palmas, enche toda a passagem.

Essa maneira de “bulir” com as palavras seguirá em *Ulisses* e chega ao ápice em *Finnegans Wake*. E pode isso nos auxiliar na clínica? Perguntaria um psicanalista desavisado. *Sim*, podemos responder. Afinal, o que Joyce ensina em seu modo singular de escrever é que o som e a escrita podem andar juntos, enlaçados ao modo Moebiano. Como um avesso e um direito que não são o mesmo mas estão em continuidade. Ouvir um paciente é pôr para funcionar os ouvidos para o que está sendo dito e para o que se diz no entre, por traz do dito. Um dizer que seja singular, que seja desse sujeito.

Na medida em que um sujeito se põe a falar em análise ele faz funcionar RSI, faz com que esses elos sejam suturados e emendados, fazendo assim com que algo se movimente d’a-língua do sujeito. A voz não se sobrepõe à escrita nem a escrita à voz. Funcionam moebianamente, uma e outra guardando suas especificidades.

Para terminar trago um trecho do último texto de Joyce traduzido por Caetano Galindo. Nele vemos como o som se sobressai à forma e nos ensina a ouvir o que se esquece por trás do que se ouve. Importante ressaltar que *Finn’s Hotel* é considerado como nota preparatória para a construção de *Fineggans Wake*. Galindo nos diz que “Se no princípio o verbo fez-se carne, no fim (segundo Joyce) Wake descarnou-se e atingiu planos pós-verbais que só podemos alcançar abrindo mão da compreensão tradicional do texto.” (Galindo, 2014, p. 12) Tomo essa observação sobre como foi traduzir o texto de Joyce como uma indicação de como ouvir na clínica o dizer do analisando. Ouvir abrindo mão da compreensão

tradicional, ouvir o texto sob o texto. Finalizo assim com a oração escrita no fim do conto 4 de *Finn's Hotel* com um pedido: leia, leia em voz alta, escute o que está esquecido por traz desse dito:

Paná tanucé
Ficassunome
Nossivorreino
Jossavontade
Saterrocé.
Pundia nudaiô
Danossufen
Sicumadamo quinustofendido
Nundexai cós batatão
Vainosmal. Omém (Joyce, 2014, p. 74).

Referências

- Eidelsztein, Alfredo. *La topología en la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires: Letra Viva, 2006.
- Freud, Sigmund. Carta de 6 de dezembro de 1896. In: Masson, Jeffrey Moussaieff (Ed.). *A correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- _____. [1923]. *EL Yo y el Ello*. Tradução de Luis Lopez-Ballesteros. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras Completas, t. 3).
- _____. [1900]. *La Interpretacion de los sueños*. Tradução de Luis Lopez-Ballesteros. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras Completas, t. 1).
- Galindo, Caetano W. Nota do tradutor. In: Joyce, James. *Finn's Hotel*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- Granon-Lafont, Jeanne. *A Topologia de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- Joyce, James. Seus encantos dela. In: _____. *Finn's Hotel*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- _____. *Ulisses*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

_____ [1957]. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____ [1953]. Função e Campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____ [1975]. O Aturdido. In: _____. *Outros Escritos*: Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____ [1971-1972]. *O saber do psicanalista*. Publicação não comercial exclusiva para os membros do centro de estudos freudianos do Recife. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, s/d.

_____ [1955-1956]. *O Seminário: livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____ [1972-1973]. *O Seminário: livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____ [1953]. O simbólico, o imaginário e o real. In: _____. *Nomes do Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____ [1975]. ... ou pior. In: _____. *Outros Escritos*: Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____ [1964-1965]. *Problemas Cruciais para a psicanálise*: publicação não comercial exclusiva para os membros do centro de estudos freudianos do Recife. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2006.

Lavignac, Albert ; Laurence, Lionel de la. *Encyclopedie de la musique et dictionnaire du conservatoire*. Paris: Delagrave, 1920.

Pinheiro, Bernardina da Silveira. In: Joyce, James. *Ulisses*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

Saussure, Ferdinand [2002]. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.

Starobinski, Jean [1971]. *As Palavras sob as palavras*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

Estrutura/sistema: eis uma questão para os estudos linguísticos do ponto de vista da história da Linguística

Amanda E. Scherer¹

À procura de um começo:

Desejo colocar aqui alguns pontos – importantes do meu ponto de vista – para intermediar um começo. Começo esse que determinaria uma razão para a escritura deste texto. Digo, determinaria, pois sabemos que os começos nunca são começos de verdade, mas um ponto de vista sobre um objeto e/ou sobre um tema. É dele, desse ponto de vista, que imaginariamente dou determinação ao começo para escrever sobre as coisas que gosto e sobre os objetos que me interessam. Vejamos quais são as razões desse possível começo e, ao mesmo tempo, as questões para a escritura desse artigo na impossibilidade de um encerramento:

Primeiro ponto:

Sempre fui (e ainda sou) indicada pelo dedo, por alguns colegas, como sendo uma estruturalista. O efeito metafórico de “indicada pelo dedo” produz em si uma pulsão muito desafiadora, não por eu ser ou não ser estruturalista, mas pelo fato de trazer *uma veia aberta na América Latina*² em uma analogia muito simplória e redutora e, em nosso caso, por ela estar sempre afoita ao

¹ Professora Titular de Linguística da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) no Departamento de Letras Clássicas e Linguística (DLCL). Coordenadora Geral do Laboratório Corpus – Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem.

² Estou me referindo ao título de obra de Eduardo Galeano.

americanismo ambulante no tocante à produção da ciência no contexto brasileiro. E essa analogia é sempre a mesma: gosto e falo francês (já fui professora de francês, o que é mais grave ainda) e sendo Ferdinand de Saussure um francês e um estruturalista, sou estruturalista como ele. Pouco importa que ele, Saussure, na verdade, seja um suíço e que não tenha se ocupado do estruturalismo, mas da língua como sistema. Uma analogia desse tipo é sempre pequena e acomoda-se em um certo preconceito, nada linguístico, mas discursivo de natureza simbólica, em uma espécie, como se fosse possível, de afinidade semântica. Temos aí um gesto interpretativo sobre o que é nomear e designar um pesquisador a partir de um imaginário colonialista sobre a produção do conhecimento; como se falar francês e interessar-se por um teórico suíço pudesse, na sua constituição discursiva, solidificar um amálgama coberto por um escárnio territorial e de interesse de pesquisa. Sim, a nomeação e a designação trazem em si um preconceito de pesquisa blindado pela constituição territorial, como se a língua e o território pudessem definir nossa identidade de pesquisadora para todo o sempre. Mas afinal sou ou não sou estruturalista? O meu interesse de pesquisa está alicerçado em uma base estruturalista? Sou obrigatoriamente saussuriana pelo simples fato de falar francês e ter, de fato, lido Saussure? São questões que, no início de meu caminho, enquanto pesquisadora, eu me fazia a cada momento que tal indicação-identificação me era imposta.

Ao longo do meu percurso, fui aprendendo o jogo (ilusório) de um poder (im)posto pela comunidade científica, daquela que faço parte, enquanto área do CNPq, a de Letras e Linguística. Aos poucos fui entendendo também, que esse jogo, sob o efeito metafórico desta nomeação e da designação decorrente dela, vem tentar construir e sustentar uma fronteira, nada sólida, entre os campos disciplinares que envolvem nossa área. Fui aos poucos aprendendo igualmente que, nomear e designar alguém, em nosso caso como estruturalista, sustenta um jogo sem cessar da divisão social do trabalho de leitura, colocando cada um de nós em um nó

identificatório que instala, dessa forma, fronteiras e produz, imaginariamente, um cenário de divisão social acadêmica para constituir aquilo que Auroux (2007) vai designar como comunidade científica (em francês: *communautés de connaissance*). Aquilo que, segundo autor citado, tem uma função social geral de validação e de legitimação e, por sua vez, é normativa e reconhecida pelos seus pares (Auroux, 2007, p. 151).

Segundo ponto:

Propor algumas considerações sobre Saussure e sua obra já nos coloca em uma divisão elementar, rudimento da divisão e da divulgação da produção do conhecimento sobre a língua. De um lado, os parceiros e de outro, os adversários. Tal divisão está fortemente marcada ideológica e historicamente.

No dizer de Françoise Gadet (1987), temos os parceiros: a) os estruturalistas, aqueles que vão beber no *Curso de Linguística Geral* (CLG doravante) para procurar analisar a língua a partir de um sistema; b) aqueles que, bebendo no CLG, vão encontrar a fonte ilusória para a defesa das Ciências Humanas, ainda em descréditos no meio científico da época; c) também os linguistas estruturalistas, ou não, que encontram no CLG reflexões decisivas sobre a natureza e o funcionamento da língua; d) aqueles que colocam Saussure e o CLG como a fundação da Linguística moderna mesmo que os dois – o personagem e a obra – sejam considerados ultrapassados; e) aqueles que, apesar da descoberta dos manuscritos em edições interessantes dos mesmos, com pelo menos duas versões conhecidas e citadas (francesa e suíça), continuam lendo, estudando, reafirmando a sua importância e a sua validade nos dias atuais. E para esse último parceiro, temos um exemplo fecundo e profícuo, o caso de Michel Arrivé. Na sua obra *A la recherche de Ferdinand de Saussure* (2007), ele nos transporta, quase que de imediato, pelo título, para o efeito metafórico da procura sem cessar do objeto do desejo, através de um mito da literatura francesa *A la recherche du temps perdu* de Proust. Essa procura sem

cessar em Saussure, segundo Arrivé (2007), se dá pela compreensão de um objeto como memória de um saber sobre a língua abrigado em um certo domínio do simbólico e sempre inatingível. Michel Arrivé, inclusive, nessa obra, confessa que lê Saussure há mais de 50 anos e desde quando ele era ainda estudante no liceu e, mais precisamente, quando seu professor de Filosofia – especialista em Platão e Kant – falou em uma aula que havia um livro que iria renovar a abordagem filosófica da linguagem: o *Cours de Linguistique Générale*. Para um dos grandes mestres dos e nos estudos saussurianos, como Michel Arrivé, uma reflexão sobre Saussure não será nunca acabada, fechada, concluída (Arrivé, 2007) e segundo esse autor, estamos à procura do tempo perdido na compreensão da e na língua, objeto último de desejo de todo linguista saussuriano.

E também temos os adversários de Saussure, eles também são muitos (Gadet, 1987). A começar por Chomsky e sua leitura do CLG. Segundo Gadet (1987), ele tem o grande mérito de voltar ao curso em um país que viria tardiamente a presença de Saussure, pois ele foi completamente ignorado nos Estados Unidos. Depois, os outros adversários, são todos aqueles que acreditam que os conceitos de Saussure tiveram por efeito bloquear, até mesmo estereotipar o desenvolvimento da Linguística moderna. E ainda, temos aqueles que opõem o Saussure do CLG e aquele de uma via poética sustentando aquele dos Anagramas como o texto realmente saussuriano. Também temos aqueles que afirmam que o CLG não tem mais validade alguma e que o único investimento a partir dos anos 50-60 são os seus manuscritos. E mais aqueles que consideram um desvario estudar e editar seus manuscritos, afirmando que são páginas soltas e sem nenhum sentido e, sobretudo, por não ser uma obra “pronta e acabada”. E, por último, aqueles adversários que consideram Saussure uma velharia e totalmente ultrapassado, inclusive, colocando o CLG como algo da ordem da invenção.

Terceiro ponto:

Querer escrever tendo por objeto uma questão saussuriana é também aprender a tomar uma posição enquanto analista de discurso procurando entender, a partir dos pressupostos teóricos e analíticos da História das Ideias Linguística, as condições de produção contemporâneas da dita adversidade e/ou da dita positividade em relação à nomeação e à designação de alguém como estruturalista, como em meu caso específico. Para tanto, vou colocar aqui dois movimentos que considero definidores dessa dita adversidade positivista.

O primeiro movimento, já enunciado no primeiro ponto:

A negação do autor pela sua identidade nacional e linguística.

Como afirmava anteriormente, durante muito tempo, fui sempre “acusada” de ser estruturalista e, portanto, saussuriana, pela analogia simplória, como eu dizia, de: professora de francês = Saussure = estruturalismo = Amanda = estruturalista. É preciso informar também que, quando fiz o concurso para professora de Língua Francesa na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em 1981, eu havia retornado da França há pouco tempo e havia vivenciado uma experiência um tanto estranha, diria eu, de uma maneira muito caipira, em relação ao meu mundinho acadêmico de então. Hoje, passados quase 40 anos, me dou conta que vi, vivi, assisti e participei de uma história que movimentaria o imaginário sobre o que seria uma universidade francesa, após maio 68. Fui aluna regular da *Licence en Linguistique* na Université Paris VIII – Vincennes, onde o estruturalismo estava em pleno gozo de existência e em sua efervescência. A primeira universidade aberta e experimental, construída em *contenners* pré-fabricados para tal fim e onde os estudantes tinham plena liberdade de organizar seu currículo acadêmico ao seu bel prazer e mudá-lo a qualquer momento. As aulas eram ministradas sob forma de seminários grandiosos, abertos à toda comunidade universitária. Além de assistir a seminários ministrados por professores que hoje são considerados como as estrelas maiores do estruturalismo parisiense

(e cito apenas alguns), como Roland Barthes (que concluía o seu *Fragments d'un discours amoureux*), ou ainda como Nicolas Ruwet (um linguista cujo o tema de seu seminário era linguagem, música e poesia e que depois daria origem ao seu famoso livro editado pela Seuil em 1972) e de assistir a algumas conferências proferidas por Zellig Harris (o grande mestre de Chomsky), por exemplo, sobre o método estrutural; cruzava também com Michel Foucault que passeava entre os estudantes no pátio da Universidade de Vincennes fumando como um inveterado (marca de uma grande revolução nos costumes da época). Mas quando comecei a trabalhar como professora de Língua Francesa na UFSM, o estruturalismo parisiense já estava em sua fase de rarefação de ideias e de métodos. E meus colegas de credo americanista, quase todos sem exceção à época, bebiam em Chomsky e viam nele, antes de qualquer coisa, a saída “definitiva” da cultura francesa no desenvolvimento do disciplinar da Linguística no contexto brasileiro.

Já o segundo movimento dessa adversidade positivista se dá por:

Uma história quase sempre contada por um único gesto de interpretação.

Por me colocar em uma perspectiva do materialismo histórico, tanto do ponto de vista do analista de discurso, como no campo da História das Ideias Linguísticas, hoje eu consigo entender – politicamente – a história da história da Linguística no contexto brasileiro. É claro, não só por um viés e porque não dizer quase sempre único e irreduzível de que tudo nessa história possa estar ligado a uma cultura francesa, naquilo que poderia ser a gênese dos estudos linguísticos no mundo ocidental contemporâneo, mas porque essa história contada está alicerçada em uma redução do ponto de vista interpretativo, ou seja, se fizermos uma retrospectiva de como ela é apresentada desde os anos 60, por exemplo, em nossas instituições acadêmicas brasileiras em publicações do referido período, ela se dará quase sempre a partir de uma certa compreensão dessa história. De um lado, teremos

Saussure – sim como pai – o eterno pai – do mundo cristão – em uma ideologia religiosa cristã que não podemos negar, em um gesto de interpretação da história, mas, por outro lado, depois desse pai, o que vem, em um salto brusco, é o estruturalismo e aquele francês e sobretudo aquele do fracasso na visão empírica de uma certa cultura de divulgação e circulação da produção do conhecimento. Se tomarmos a história do disciplinar da Linguística por essa vertente, (e é quase sempre esta que se sobressai): teremos, em primeiro lugar, o começo da Linguística com Saussure, portanto, vamos dizer assim, uma cultura francesa na possível história do conhecimento e depois dele, o estruturalismo e tão somente o francês – parisiense. Entre eles parece que nada houve e também, após o estruturalismo parisiense, nada mais teria acontecido no contexto europeu dos estudos linguísticos. Se perguntarmos a uma geração de licenciados em Letras após a obrigatoriedade da disciplina Linguística (no início dos anos 60) até, mais ou menos, meados dos anos 90, teremos como resultado final, na sua grande maioria, tão somente estes dois movimentos na história disciplinar dos estudos da linguagem contados no Brasil. Apoiados em Orlandi (1999, p. 65), poderíamos afirmar que há, assim “furos”, “buracos” na memória dessa história que foram silenciados, pois toda uma região de sentidos foi silenciada e de certa forma interdita, não há um esquecimento produzido *por* eles, mas *sobre* eles, impedindo que hoje certos sentidos, nessa história, possam fazer também sentido. Coloco como exemplo o caso de André Martinet e toda a sua teoria sobre o funcionalismo, tão atual nos dias de hoje mesmo com outras matizes.

Portanto, para rompermos com esse apagamento histórico ideológico, é preciso, antes de qualquer princípio, entendermos esses dois movimentos e suas razões de existência ideológica no discurso de divulgação e circulação, quase sempre pela manualização e disciplinarização de uma teoria (Puech, 1998) para então podermos, de fato, entender e construir uma possível história desse disciplinar. Em meu entender, eles são decorrentes da associação primária que

sempre se construiu: a Linguística Francesa se faz com Saussure e dele advém o estruturalismo, mas sempre um estruturalismo controverso, datado e “morto” no discurso da circulação da história da produção do conhecimento linguístico. Não vamos desenvolver aqui, a contento, tais movimentos, mas vamos colocar dois aspectos que são importantes, a nosso ver, para entendê-los. Resumidamente vamos apresentá-los em dois eixos: o primeiro, a ideologia do consumismo em nossa formação profissional sempre alicerçada na dualidade da novidade e do velho, em uma cultura capitalista de valor econômico e o segundo, a ideologia da reprodução pela reprodução. Uma formação profissional tendo por base a reprodução pela reprodução: aprendemos assim, reproduzimos assim. Dessa forma, esses dois eixos ajudam a projetar uma ilusória unidade e uma imaginária totalidade e na impossibilidade de apreendê-las em um real inatingível, reduzimos tudo em apenas dois eixos nessa história contada. Penso que as palavras de Michel Pêcheux (1990) explicitam melhor o que queremos colocar daquilo que estamos levantando como problema na formação inicial nas licenciaturas em Letras, nesta imensidão brasileira, ou seja, o que procuramos é:

O projeto de um saber que unificaria esta multiplicidade heteróclita das coisas-a-saber em uma estrutura representável homogênea, a ideia de uma possível ciência da estrutura desse real, capaz de explicitá-lo fora de toda falsa-aparência e de lhe assegurar o controle sem risco de interpretação (logo uma auto-leitura científica, sem falha, do real) responde, com toda evidência, a uma urgência tão viva, tão universalmente “humana”, ele amarra tão bem, em torno do mesmo jogo dominação-resistência, os interesses dos sucessivos mestres desse mundo e os de todos os condenados da terra... que o fantasma desse saber, eficaz, administrável e transmissível, não podia deixar de tender historicamente a se materializar por todos os meios. (Pêcheux, 1990, p. 35).

Quarto ponto:

Como sabemos, no Saussure do CLG e no Saussure dos manuscritos publicados, praticamente, não vamos encontrar o conceito de estrutura, pois ele traz o conceito de sistema para

explicitar sua importância para a compreensão dos fenômenos linguísticos. Vejamos alguns fragmentos que consideramos primordiais para sustentarmos nosso ponto de vista:

- a) “A língua é um sistema que conhece apenas sua própria ordem” (CLG, p. 31);
- b) “A língua é um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em uma solidariedade sincrônica” (CLG, p. 102);
- c) “A língua é forma e não substância” (CLG, p. 141);
- d) “A Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (CLG, p. 271);
- e) “A diferença supõe semelhança – (mas como diz Saussure) – o que importa na língua são as diferenças” (CLG, p. 139).

É de conhecimento dos historiadores da ciência linguística que, à época, Saussure tentava se colocar frente à Linguística histórica que considerava que a linguagem tinha fundamentos biológicos e inseria a mesma entre as ciências naturais, por isso, para ele era primordial sustentar a tese de que a “a língua é uma instituição social” (CLG, p. 24) ao estabelecer o princípio da arbitrariedade do signo. Na verdade o que ele faz é dar conta, ou melhor, sustentar que os signos são produtos dos seres humanos e portanto não são naturais, mas sociais. A ordem da língua, portanto, não é um reflexo da ordem do mundo, mas uma construção social. A língua “é um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem” (CLG, p. 22), por isso a necessidade de colocarmos a ciência que se ocuparia da língua, a Linguística, nas ciências ditas sociais. “A língua é parte social da linguagem” (CLG, p. 22) pois ela “existe na coletividade sob forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro mais ou menos como um dicionário, cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos” (CLG, p. 27). Portanto, impossível pensar o lugar do conceito de estrutura nesses casos, mas e sobretudo a importância e a ênfase ao conceito de sistema da e na língua.

Quinto ponto:

Urge repensarmos também sobre o estruturalismo: o que se sabe sobre ele fora as ideias mais estereotipadas como por exemplo: estrutura, forma, substância. Sistema, diacronia e sincronia. Significação, significado, significante. Entre outros conceitos. Seria uma ciência, seria um ramo da Linguística dita francesa, qual seria a sua *doxa*, seria um movimento cultural? O que sabemos antes de qualquer pressuposto é que foram lutas institucionais, memoráveis querelas alimentadas por fracassantes declarações públicas, de uma resistência apaixonada e também, por sua vez, com muito sucesso mediático. Nada faltou para fazer do estruturalismo um verdadeiro romance de folhetim. Podemos encontrar a maioria desses episódios, por exemplo, nos dois volumes da obra de François Dosse – *História do Estruturalismo* – editado na França pela La Découverte, Paris, em 1991 e no Brasil, em 1993, primeira edição pela Editora Ensaio.

Mas de qual estruturalismo trata Dosse em seu livro? O estruturalismo francês – parisiense – aquele envolto pelos grandes mitos que hoje perduram na história recente das Ciências Humanas e Sociais, mitos esses que tentaram a toda prova, a partir da Linguística, dita saussuriana e como ciência da língua, fazer ver e fazer ouvir o lugar do científico – em grande parte pela noção de estrutura – nas disciplinas de interpretação. Foi, também, uma dose máxima da releitura dos grandes mestres do momento: Freud, Marx e Saussure. Poderíamos afirmar: uma luta de classe da e na ciência pelo lugar e pela divisão social do trabalho de leitura. Portanto, obras tensas e árduas que valeram às ciências humanas e sociais um sucesso editorial e até suscitaram, no grande público, uma certa cegueira intelectual (Milner, 2002). Na leitura de Milner, o estruturalismo é um périplo estrutural porque cada um, à sua maneira e segundo seus próprios caminhos, “descobre” o seu método e o conteúdo científico de suas investigações. Se François Dosse e Jean-Claude Milner apresentam o estruturalismo francês – parisiense –, ele se resumiria unicamente naquele francês contado

pelos autores? Existiriam outros e estariam também presos à língua e ao território da mesma forma que a nomeação e a designação a mim sempre indicada e identificada?

Na verdade, se formos procurar compreender sobre o que é o estruturalismo, poderíamos escrever várias teses e vários tratados históricos sobre ele e, assim mesmo, acreditamos que não conseguiríamos encerrar sua totalidade. Seria preciso tratar de um lado, de um estruturalismo linguístico, de outro, de um estruturalismo na sua relação com a Filosofia e de outro ainda, de um estruturalismo na sua relação com a Antropologia. Segundo Puech (2001), precisaríamos tratar, portanto, *dos estruturalismos* e nunca no singular. Já os estruturalismos linguísticos, segundo autor, estariam nas escolas que se desenvolveram a partir dos anos 20 essencialmente em Praga, Copenhague e também nos Estados Unidos. Em Paris e Genebra (as duas cidades onde Saussure ministrou suas aulas) vão ajudar a criar personalidades originais, mas relativamente isoladas. Segundo Puech (2001), poderíamos colocar essas diferentes versões dos estruturalismos linguísticos de forma bem esquemática a começar por: a) o funcionamento de toda língua obedece a regras que o sujeito falante adulto coloca em jogo sem obrigatoriamente conhecer o sistema; b) as escolas estruturalistas interpretam, modulam, explicitam e discutem um tema fundamental de Saussure que a língua é uma *forma* e nunca uma *substância*; c) a língua é um fato social, ela constitui então como uma *infraestrutura* da cultura. Esses princípios nos fornecem tão somente um quadro geral no qual várias correntes científicas se desenvolveram, polemizaram e/ou se ignoraram (Puech, 2001). A partir daí o autor vai designar cada uma delas trazendo a relação do território e seus movimentos intelectuais dando um norte para as diversas contribuições para os estudos linguísticos tais como: Praga e o significante; o estruturalismo americano; o estruturalismo algebrizado como a Glossemática; e por último, Genebra, Paris e a herança propriamente dita de Saussure. Quanto à cronologia desses acontecimentos, Puech (2001) vai nos ensinar que ela é

muito complexa e que não existiria uma periodização pontual que poderia ser uniforme e perfeita, mas que seria interessante, talvez, trazer o termo estrutura e seus derivados (estruturalismo, estrutural etc.) para entendermos tais relações temporais, embora, ainda assim, não conseguiríamos abarcar a problemática na sua totalidade. Portanto, nomear e designar alguém como estruturalista não é algo tão simples e demandaria um conhecimento que, no mundo da circulação e da divulgação da produção do conhecimento, pela pressão do já-dito e do já posto, traz na sua origem uma certa ingenuidade histórica e teórica.

Sexto ponto:

Para Milner (2002), a obra matriz do estruturalismo linguístico é o CLG de Ferdinand de Saussure com os seus conceitos tão repetidos e glosados no ambiente acadêmico, tais como sincronia e diacronia, signo, sistema, significado e significante. Mas, como sabemos, quando estamos no campo da História das Ideias, os conceitos são vítimas de seus sucessos. E estes se impuseram no nosso cotidiano de estudos sobre a língua e a linguagem e que, por vez, acabaram movimentando uma possível origem e, por consequência, seus sentidos. Milner (2002) tentando afastar o contrassenso, as brigas, os desentendimentos e as confusões sociais e acadêmicas, vai nos mostrar como uma obra que não foi escrita, no sentido estrito, nem uma página, pode fundar um movimento tão forte que mudou muita coisa nos anos 60 na França e nas Ciências Humanas em geral, mas não só na Europa como também nos Estados Unidos. Explorando as indicações dadas no CLG ou ainda desenrolando com rigor a maioria das implicações das metáforas utilizadas na obra, triviais em aparência, Milner (2002) consegue chegar e concluir que: o signo não representa nada e que ele é tão somente um ponto de contato entre os fluxos, segundo o autor, e que ele, o signo, não tem propriedade senão pelas relações de diferença. O autor conclui que essas relações estão sob uma ontologia de tipo novo em que desmembrando identidade e semelhança, ela toma por objeto um ser

único, mas ao mesmo tempo múltiplo, atravessado e constituído, parte por parte, de diferenças. Podemos compreender assim a repercussão que o CLG pôde ter sobre todos os campos do disciplinar da cultura, da Psicanálise e mesmo da Filosofia. Mas, como ele mesmo sublinha: “Soyons clair: le structuralisme n’ avait pas tort de se croire issu du *Cours*, mais il n’est pas le *Cours*” (Milner, 2002, p. 18). Assim, o estruturalismo é entendido pelo autor como um programa de pesquisa e que consiste em estender a todas as espécies de objeto, a abordagem que Saussure havia proposto para pensar sobre a língua e a linguagem.

E por último, para encerrar:

Toda a reflexão sobre a história da ciência, qualquer que seja ela, supõe uma competência e, sobretudo, precisamos entender que cada ciência tem com sua própria história, relações essas singulares, dando-se por mérito e, muitas vezes, nos dispensando de preliminares. Um fato é certo, como sabemos, uma ciência que tenta esquecer seus fundadores, estará perdida, sem norte e sem sul. No entanto, devemos outrossim, entender que a fundação de uma história está alicerçada sempre sob um ponto de vista interpretativo e, portanto, seus fundadores dependerão do recorte que tal interpretação trará em seu cerne político e científico. Por isso a exigência de pensarmos em um quadro de reflexão que ultrapasse os problemas da constituição e do devir das teorias da linguagem, segundo Puech e Chiss (1997). Que história então construir para constituirmos o marco divisor de águas na fronteira ideológica do saber sobre a língua? Segundo Puech e Chiss, na obra citada anteriormente, precisamos entender o que está em jogo quando explicitamos as linhas ou os eixos diretores, o objeto de pesquisa, o contexto onde essa história nasceu e os pontos de apoio de que ela se serve para podermos entender em qual epistemologia ou filosofia da ciência, essa história se constrói.

Pensar a história da Linguística, portanto, se constitui em uma relação contraditória entre a unidade e a diversidade, contradição

inscrita em seu próprio objeto, pois sabemos que há língua e há línguas, melhor dizendo, uma relação entre o formalismo do sistema saussuriano e sua diversidade no seu real constitutivo. Dessa forma, a discursividade dessa história é definida, recortada, interpretada, por esse fato, por essa inscrição e aí, por sua intervenção na interpretação sobre a língua e sobre as línguas, ela produz uma direção, um movimento de sentido, nesse contar a história do conhecimento linguístico. Com Eni Orlandi aprendemos desde sempre que a Linguística será sempre afetada por essa contradição e, por consequência, ela estará instada a se inscrever em uma história, história essa construída por alianças; dessa maneira, a partir das alianças construídas, os diferentes campos do conhecimento tomam a sua forma na atualidade do pesquisador, mas é importante ressaltar o processo dessa construção será sempre fragmentário em uma dispersão de textos e de sujeitos. Para Pêcheux, inclusive:

a história da Linguística apresenta uma particularidade em relação a história das outras ciências (por exemplo, a física) que é a de que a gente não encontra nela, aparentemente, invalidação definitiva de teorias. Assistimos, com efeito, à produção de conceitos científicos mas, e isto é significativo, aquilo contra o que se constituíram esses conceitos continua a existir e a produzir efeitos na pesquisa: é assim para o corte saussuriano, é assim para as críticas construtivas que Chomsky endereçou às gramáticas estruturalistas. Não podemos pois levar em conta só a história da Linguística, temos de levar igualmente em conta o que chamamos filosofia espontânea dos linguistas, que explica que se perpetuem certas contradições, mesmo se de forma transformada (Pêcheux, 1998, p.06).

O que queremos trazer neste último ponto, para contribuir aos problemas aqui colocados, é que é preciso que se lute por uma militância discursiva na compreensão do ponto de vista da história das ciências, como no caso do dito estruturalismo saussuriano. Se Saussure é ou não estruturalista, tudo vai depender do ponto de vista epistemológico tomado pelo historiador. Devemos, igualmente, estar atentos às reelaborações quando da passagem de um saber científico para um saber acadêmico, do acadêmico para o

saber pedagógico e desse para o saber escolar. Quais transformações, reelaborações, reinserções acontecem nessas passagens tão íngremes e, ao mesmo tempo, ditas com uma certa facilidade? Produzir conhecimento e reinterpretá-lo não é da mesma ordem discursiva e ideológica e, muito menos, histórica, pois o sujeito da ciência e o sujeito que conta essa história não estão no mesmo parâmetro de textualidade nem temporal e nem espacial. Para mim, seria uma espécie de um buquê invertido onde a ordem do real não seria a mesma e nem estaria no mesmo jogo político. Precisamos levar, igualmente, em conta que a história é sempre a partir de um ponto de vista, x, y ou z e nunca será algo totalizante. Precisamos aprender, por outro lado, a desconstruir, não para estacionar na desconstrução, mas para aprendermos a reconstruir a história a partir do nosso ponto de vista epistemológico enquanto investigadores que somos da e sobre a língua. É o que tenho procurado fazer, como militante, no meu dia a dia, na universidade, com o meu trabalho diário na graduação e na pós-graduação tentando mostrar que nomear é categorizar, nomear é inserir e se inserir em um grupo, nomear é fazer existir, nomear é instituir social e discursivamente, nomear é tentar dominar, a todo preço, os sentidos para mais tarde poder designar alguém ou seu fazer acadêmico, para construir um certo teor de verdade e, portanto, tentando produzir um real impossível. Afinal o que é uma língua para um linguista e um analista do discurso, senão a procura incessante, como na obra de Proust *A la recherche du temps perdu*, de um objeto do desejo na invenção das ciências que tocam à linguagem e seus estudos acadêmicos e científicos. Ao mesmo tempo que tal interesse possa passar perto do estruturalismo, ele também toma suas distâncias temporais e espaciais. E responder à questão se sou estruturalista ou não traz no seu bojo minha inscrição teórica e metodológica, antes de qualquer dado e fato, para poder constituir um acontecimento discursivo e histórico no meu cotidiano da pesquisa sobre a língua e a linguagem.

Referências

- Arrivé, Michel. *A la recherche de Ferdinand de Saussure*. Paris: PUF, 2007. (Coll. Formes Sémiotiques).
- Auroux, Sylvain. *La question de l'origine des langues suivi de L'historicité des sciences*. Paris: PUF, 2007. (Coll. Quadrige Essais Debats).
- Dosse, François. *História do Estruturalismo*. São Paulo: Ensaio, 1993. 2 v.
- Gadet, Françoise. *Saussure une science de la langue*. Paris: PUF, 1987. (Coll. Philosophies).
- Milner, Jean-Claude. *Le périple structural: figures et paradigme*. Paris: Seuil, 2002. (Coll. La couleur des idées).
- Pêcheux, Michel e Gadet, Françoise. Há uma via para a linguística fora do logicismo e do sociologismo? Tradução Eni Orlandi, Escritos 03: Labeurb, UNICAMP, 1998.
- Pêcheux, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.
- Puech, Christian. Manuélisation et disciplinarisation des savoirs de la langue. *Les carnets du CEDISCOR*, Paris, Presses de la Sorbonne, n. 5, 1998.
- _____. *Structuralisme*. In: *Encyclopédie Universalis*. 2. ed. Paris: Albin Michel Editeur, 2001.
- Puech, Christian; Chiss, Jean-Louis. *Fondations de la linguistique*. 2. ed. Louvain-la-Neuve: Duculot, 1997. (Coll. Champs Linguistiques).
- Orlandi, Eni. Maio de 1968: os silêncios da memória. In: Achard, Pierre. *Papel da Memória*. Campinas: Pontes, 1999.
- Saussure, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, [1979?].

Saussure e suas meditações silenciosas (não-)publicadas: a complexidade do corpus saussuriano¹

Maria Iraci Sousa Costa²

Se for buscada a última palavra de uma teoria e a verdade de um pensamento, é melhor renunciar a Saussure. (Normand, 2009, p. 169).

Situando a problemática:

Já se passaram quase cem anos da publicação do *Cours de Linguistique Générale* (1916) e ainda estamos a debater sobre o alcance das reflexões saussurianas. Essa obra póstuma, que alçou a Linguística na era da ciência, não tinha a pretensão de vir a tornar-se uma publicação por aquele a quem se atribui sua autoria. A permanência da discussão em torno do CLG pode ser atribuída a vários fatores, como, por exemplo, a complexidade do seu processo de edição, ao lugar que essa obra ocupou na história da Linguística, bem como às diferentes (re)leituras realizadas em diferentes momentos.

Como sabemos, Ferdinand de Saussure não publicou a obra conhecida como *Cours de Linguistique Générale*. O título atribuído a essa obra é homônimo ao curso ministrado por Saussure a um diminuto público, ao longo de três anos na Universidade de Genebra entre 1907 e 1911. De fato, a obra editada e organizada a partir de notas referentes ao curso por Charles Bally e Albert

¹ Agradeço à professora Amanda Eloina Scherer, minha eterna orientadora, pela leitura atenta e orientação precisa de sempre.

² Pós-doutoranda (Bolsista DOCFIX-FAPERGS/CAPES) pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob supervisão da Professora Dr. Amanda Eloina Scherer.

Sechehaye publicada em 1916 “suscitou interesse e críticas sem que ninguém visse nele um barril de pólvora suscetível de ser ameaça à tradição universitária” (Normand, 2009, p. 16).

Apesar das controvérsias em relação à forma como o *Cours* foi concebido e mesmo após as inúmeras publicações das fontes manuscritas do CLG e edições críticas como a de Robert Godel (1957) e a de Rudolf Engler (1968), por exemplo, “eis que, com a explosão dos anos 1960, ele se encontrava sob a mesma bandeira de Marx e Freud, frequentemente acompanhados de Nietzsche, Lautréamont e Mallarmé, contra o velho mundo e seus valores rançosos” (Normand, 2009, p. 16). Em meio ao movimento estruturalista que tomou força na Europa a partir década de 1950, principalmente, foi constituído um corte epistemológico a partir da publicação do CLG e Saussure foi aclamado o precursor da ciência linguística. Nesse movimento, Saussure foi aclamado o “pai” do estruturalismo, ainda que a noção de estrutura seja quase ausente em sua obra e não tenha sido tomada como sinônimo de “sistema”. Além disso, é importante considerar que o título de estruturalista foi atribuído à Saussure *a posteriori*, de modo que não poderíamos afirmar que o mestre genebrino intitulava a si próprio como estruturalista sob pena de cair no anacronismo.

Em meio a esse movimento que passou a considerar a Linguística um modelo de cientificidade para as ciências humanas, tomando como referência o CLG, muitos autores consideram que o mérito da contribuição saussuriana é atribuído principalmente por definir o objeto da linguística e estabelecer um método próprio, mostrando ao linguista o que ele fazia sem saber. O corte epistemológico promovido por Saussure ao definir o objeto da Linguística, separando *langue et parole*, a parte social e a parte individual na linguagem, constitui uma das mais importantes dicotomias saussurianas. Ao eleger a *langue* como objeto da Linguística, dada as suas preocupações epistemológicas, a leitura frequentemente realizada é a de que Saussure, ao deixar de fora as questões relativas à *parole*, estaria afastando também as questões relativas ao sujeito e ao sentido na

linguagem. Cabe ressaltar que as críticas em relação às “exclusões” de Saussure são acentuadas quando o movimento estruturalista entra em crise e o otimismo cientificista que acreditava encontrar na Linguística o modelo para a cientificidade das ciências humanas passa a ser questionado (Pavel, 1990). Passado esse momento de efervescência e tomada uma certa distância temporal, “considerando no desenvolvimento das ciências da linguagem, para a maior parte dos linguistas de hoje, o momento saussuriano é datado e, por isso mesmo, ultrapassado, qualquer que tenha sido sua consequência histórica” (Normand, 2009, p. 18).

Mesmo após a crise do movimento estruturalista, no seio do qual Saussure foi aclamado o precursor ainda que não tenha tratado da noção de estrutura, o CLG continua na ordem do dia. Depois de toda essa expectativa em torno da Linguística ter-se mostrado apenas uma “miragem linguística” (Pavel, 1990), a problemática em torno do CLG continua a ser debatida, especialmente à luz dos manuscritos saussurianos encontrados na década de 1990. Hoje já não se espera mais encontrar na Linguística a chave para a cientificidade das ciências humanas a partir do CLG, hoje se discute, entre outras coisas, a leitura estruturalista realizada sobre o CLG, a importância dessa obra para a história da Linguística, a problemática sobre a forma como o CLG foi concebido, a sua relação com as notas manuscritas de Saussure e dos alunos, e também a edição das notas saussurianas.

Nesse artigo, a nossa proposta é desenvolver uma reflexão sobre um dos aspectos mais importantes do CLG, ao nosso ver, e que contribuiu para colocá-lo na ordem das discussões, a saber, a natureza do objeto em Linguística. Para desenvolver nossa reflexão, consideramos além do CLG, o manuscrito saussuriano “Nature de l’objet en linguistique”, o qual faz parte de “De la double essence du langage”, bem como as duas edições publicadas dos manuscritos encontrados em 1996, a edição francesa *Écrits de linguistique générale* (2002), editada e organizada por Simon Bouquet e Rudolf Engler, e a edição suíça *Science du Langage – De la*

double essence du langage (2011), editada por René Amacker. A seleção de tais obras se justifica pela complexidade do corpus saussuriano, o qual compreende notas manuscritas, edições das notas manuscritas, obras publicadas por Saussure e também as publicadas em seu nome, entre outros. Além disso,

consideramos ser inútil e injusto banir e rejeitar o que quer que seja (inclusive o CLG) e que é totalmente ilegítimo considerar que as fontes manuscritas estariam condenadas à incompreensão e que só serviriam, *in fine*, para reforçar a posição e poderio do CLG. Ao contrário, é preciso, de maneira vigilante, crítica, mas respeitosa da história, *tomar cada tipo de documento pelo que ele é*, recolocá-lo em seu contexto de origem e tentar, na medida do possível, *reconstruir o pensamento saussuriano*, em sua progressão e sua coerência de conjunto – ou seja: assumir a natureza forçosamente *interpretativa* de nosso trabalho de pesquisa e permitir ao conflito de “interpretações” que pode decorrer disso fazer viver seu potencial heurístico. (Bulea, 2013, p. 40).

A nossa proposta não é realizar um estudo comparativo para apontar as faltas, mas compreender a problemática saussuriana, considerando a heterogeneidade do corpus, sem exclusões nem hierarquias, pois entendemos que a obra de Saussure deve ser entendida como um todo, visando a uma melhor compreensão do empreendimento saussuriano. Primeiramente, apresentaremos uma leitura do CLG acerca do objeto da Linguística, bem como o esquema apresentado para ilustrar a natureza do signo linguístico, considerando a importância histórica dessa problemática para a constituição da Linguística enquanto ciência. Num segundo momento, consideraremos o manuscrito saussuriano “Nature de l’objet en linguistique” e a forma como esse manuscrito foi editado, considerando, é claro, a relação com o CLG.

As obras (não) publicadas de(?) Ferdinand de Saussure

Trata-se de um texto bem estranho, que suscita o embaraço de todos aqueles que se preocupam com a exatidão e a autenticidade de um pensamento. (Normand, 2009, p. 20).

Como sabemos, o *Cours de Linguistique Général*, obra sobre a qual se edificou, diretamente ou não, toda a linguística moderna (Benveniste, 1989), é uma obra póstuma organizada por Albert Sechehaye e Charles Bally, com a colaboração de Albert Riedlinger, a partir de três cursos ministrados por Ferdinand de Saussure na Universidade de Genebra, na Suíça, ao longo de três anos (1906-1907; 1908-1909; 1910-1911). Bouquet (2005) ressalta que, na verdade, “Saussure n'a d'ailleurs pas professé un cours de linguistique générale, mais trois séries de leçons sous cet intitulé, données à l'université de Genève en 1907, 1908-1909 et 1910-1911, devant un auditoire très réduit d'étudiants”³.

Após a morte de Saussure em 1913, Albert Sechehaye e Charles Bally tomaram a iniciativa de organizar uma publicação com os ensinamentos de Saussure. Entretanto, o que o mestre genebrino havia deixado sobre os cursos eram apenas algumas notas manuscritas esparsas, que, segundo Bally e Sechehaye, eram insuficientes para a publicação de um livro. Além disso, os idealizadores do projeto não haviam assistido integralmente aos cursos ministrados pelo mestre, e todo o material de que eles dispunham para a organização eram notas manuscritas de outros alunos que haviam assistido ao curso e que, na sua maior parte, não eram linguistas. Nesse sentido, os editores afirmam que: “pour chaque cours, et pour chaque détail du cours, il fallait, en comparant toutes les versions, arriver jusqu'à la pensée dont nous n'avions que des échos, parfois discordants”⁴ (Bally; Sechehaye, [Préface de la première édition du CLG] 1995, p. 8). Considerando essas e outras dificuldades, o objetivo dos editores era: “tenter une reconstitution, une synthèse, sur la base du troisième cours, en

³ “Saussure não ministrou um curso de linguística geral, mas três séries de aulas sob este título, dadas na Universidade de Genebra em 1907, 1908-1909 e 1910-1911, em um auditório muito reduzido de estudantes” [tradução sob nossa responsabilidade].

⁴ “para cada curso, e para cada pormenor do curso, comparando todas as versões, chegar até o pensamento do qual tínhamos apenas ecos, por vezes discordantes” [tradução sob nossa responsabilidade].

utilisant tous les matériaux dont nous disposions, y compris les notes personnelles de F. de Saussure. Il s'agissait donc d'une récréation"⁵ (Bally; Sechehaye, 1995, p. 9). A primeira edição do *Cours de Linguistique Générale* foi publicada pelas editoras francesas Payot e Rivages em 1916.

Posteriormente, o CLG sofreu duras críticas desencadeadas após Robert Godel publicar, a partir de 1941, em números sucessivos dos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, outras fontes do CLG que não foram consultadas pelos editores, além de anotações inéditas de Saussure que começaram a ser divulgadas nos *Cahiers* a partir de 1954. Em 1957, Robert Godel publica o livro *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale*, que confrontava o CLG com as anotações dos alunos, mostrando que as fontes consultadas pelos editores e a forma de reconstrução dos cursos ministrados não se correspondiam entre si e o CLG não correspondia a nenhuma delas. Bouquet e Engler (2002) questionam o rótulo "fontes" atribuído por Godel ao corpus recenseado se uma grande parte desses documentos não serviu de fonte para a elaboração do texto editado por Bally e Sechehaye.

Na década de 1990, mais precisamente em 1996, oito décadas após a publicação do CLG, foram encontrados notas preparatórias inéditas referente ao curso ministrado por Saussure na "orangerie" da residência da família em Genebra, entre outros documentos, e também um livro ainda não concluído, "De la double essence du langage"⁶. Esses manuscritos foram editados e organizados por

⁵ "tentar uma reconstituição, uma síntese, com base no terceiro curso, utilizando todos os materiais de que dispúnhamos, inclusive as notas pessoais de F. de Saussure. Tratava-se, pois, de uma recriação" [tradução sob nossa responsabilidade].

⁶ Na verdade, trata-se de um texto que "continua a ser, como dizer isso?, um rascunho, desde que se retire do termo rascunho toda e qualquer conotação pejorativa" (Arrivé, 2010, p. 45). Esses documentos foram encontrados também em 1996 e agrupados por Bouquet e Engler "sob o título de 'Da essência dupla linguagem', eles provêm, em sua grande maioria de um grande envelope que contém maços de folhas da mesma natureza e do mesmo formato, sendo que

Simon Bouquet e Rudolf Engler e publicados sob o título *Écrits de Linguistique Générale* em 2002 pela editora francesa Gallimard. Os manuscritos originais editados na referente edição encontram-se na Bibliothèque de Genève sob o cote “Arch. de Saussure 372”.

Segundo os editores, estima-se que “De la double essence du langage” seja anterior ao *Cours* ministrado em Genebra, pois há referências, em correspondências trocadas, de notas redigidas para um projeto de livro que Saussure estava a escrever por volta de 1891 e 1894. Além disso, em 1911, em uma conversa particular de Saussure com L. Gautier, um dos alunos de seu último curso, o mestre genebrino havia feito menção a um projeto de livro que estava escrevendo cujas anotações encontravam-se perdidas em pilhas. Nesse sentido, os editores de *Écrits* consideram que

entre ce projet (1891, 1894) et l’aveu de l’existence des ‘notes perdues dans des monceaux’ (1911), Saussure semble bel et bien avoir rédigé, à côté des textes fragmentaires connus jusqu’à ce jour, les esquisses consistantes d’un livre sur la linguistique générale. C’est ce qui apparaît aujourd’hui, à la lecture de l’ensemble des manuscrits découverts en 1996 dans l’orangerie de l’hôtel genevois de la famille de Saussure, déposés à la Bibliothèque publique et universitaire de Genève et publiés dans le présent volume⁷. (Bouquet; Engler, 2002, p. 12).

Assim como o CLG, a obra *Écrits de linguistique générale* não foi publicada por Saussure. Trata-se de uma edição de notas inacabadas, repletas de rasuras, sobre reflexões inconclusas do mestre genebrino. Diferentemente do CLG, não se trata de uma reconstrução. Os editores apontam que “le texte établi respect au

várias delas trazem a menção: ‘Da dupla essência da linguagem’, ‘Dupla essência’ ou ‘Essência dupla (da linguagem)’” (Bouquet; Engler, 2012, p. 16).

⁷ “Entre este projeto (1891, 1894) e a admissão da existência de ‘notas perdidas em pilhas’ (1911), Saussure parece, muito bem, ter redigido, ao lado dos textos fragmentários conhecidos até então, os esboços consistentes de um livro sobre a linguística geral. É o que se evidencia, hoje, com a leitura do conjunto de manuscritos descobertos em 1996 na ‘orangerie’ da casa genebrina da família de Saussure, depositados na Biblioteca pública e universitária de Genebra e publicados no presente volume.” [tradução sob nossa responsabilidade].

plus près le texte du manuscrit, qui demeure celui d'un brouillon, non d'un livre achevé"⁸ (Bouquet; Engler, 2002, p. 14). Nesse sentido, os editores dos manuscritos não tiveram a pretensão de preencher as lacunas, de estabelecer relações entre uma nota e outra ou dar um efeito de fechamento e linearidade ao texto. Segundo os editores, para intervir o menos possível sobre as notas do mestre genebrino, foram adotados alguns princípios editoriais em relação às lacunas, às ambiguidades e aos riscados, por exemplo. Desse modo, os autores apontam que "les lacunes dans le manuscrit sont transcrites par des crochets vides. Les lectures incertaines sont incluses dans des crochets. [...] Les passages biffés dans le manuscrit ne sont pas reproduits"⁹ (Bouquet; Engler, 2002, p. 14).

Quanto a esse último aspecto, Silveira (2007) desenvolveu um estudo acerca das rasuras nos manuscritos saussurianos, mais especificamente, as rasuras nos manuscritos referentes à Primeira Conferência na Universidade de Genebra (1891), editado e publicado nos *Écrits*. Em relação à omissão das rasuras na edição dos manuscritos, a autora faz uma crítica à edição de Bouquet e Engler, afirmando que

ganhamos em compreensão com esse trabalho, mas, em comparação com a leitura dos manuscritos, resta a sensação de que houve uma edição por parte de Bouquet e Engler e não um estabelecimento do texto. No sentido mesmo em que o termo 'edição' se aproxima do trabalho feito por Bally e Sechehaye (Silveira, 2007, p. 13).

Sofia (2012, p. 6), por seu lado, aponta uma série de intervenções dos editores sobre os manuscritos que o levam a concluir que se trata de "une *édition*, nécessairement fondée, en tant

⁸ "o texto organizado respeita, ao máximo possível, o texto do manuscrito, que continua sendo o de um rascunho e não o de um livro acabado". [tradução sob nossa responsabilidade].

⁹ "as lacunas no manuscrito são transcritas por espaços vazios entre colchetes. As leituras incertas são incluídas entre colchetes. [...] As passagens barradas no manuscrito não foram reproduzidas" [tradução sob nossa responsabilidade].

que telle, non moins que celle effectuée il y a bientôt cent ans par Bally et Sechehaye, sur des critères éditoriaux précis”¹⁰. O autor realiza um estudo minucioso do trabalho de edição dos manuscritos saussurianos publicados pela editora francesa Gallimard. Dentre os vários aspectos apontados por Sofia (2012) em que há intervenções operadas pelos editores sobre o manuscrito, o autor destaca

L’omission des passages biffés, annoncée dès la préface, est opérée de manière irrégulière. Il existe par exemple des termes ou des phrases qui, ayant été biffés par Saussure, sont reproduits dans l’édition Gallimard (cf. « anéantissement », AdeS 372, p. 137 [ELG, 67c]). En certains points, les éditeurs aussi ont omis des passages qui n’avaient pas été biffés par Saussure, mais seulement *dépréciés*. Tel est le cas, par exemple, d’un fragment figurant en haut de la *page* 100, que Saussure, sans le biffer, qualifie dans la marge de « mauvais » : « ...il est exactement de même d’un mot, dont la première existence est d’être un « morceau d’étoffe » ~~ou~~ une figure vocale ; 2^o et la seconde [] » (AdeS 372, p. 100 [ELG, p. 54]).¹¹ (Sofia, 2012, p. 5-6).

Considerando o apontamento dos autores sobre o processo de edição dos manuscritos, é preciso ter em vista que se trata de um trabalho filológico e de exegese estabelecido a partir de critérios definidos pelo pesquisador. Nesse sentido, o trabalho de edição dos textos saussurianos não é alheio ao gesto interpretativo do

¹⁰ “uma edição, necessariamente fundada, enquanto tal, não menos que aquela efetuada há quase cem anos por Bally e Sechehaye, sob critérios editoriais precisos” [tradução sob nossa responsabilidade].

¹¹ “A omissão das passagens barradas, anunciada desde o prefácio, é operada de maneira irregular. Existe, por exemplo, termos ou frases que, tendo sido barradas por Saussure, são reproduzidas na edição Gallimard (cf. « anéantissement », AdeS 372, p. 137 [ELG, 67c]). Em alguns pontos, os editores também omitiram passagens que não tinham sido barradas por Saussure, mas somente *dépreciadas*. É o caso, por exemplo, de um fragmento figurando no alto da página 100, que Saussure, sem o barrar, qualifica na margem de “ruim”: “... é exatamente o mesmo de uma palavra, cuja primeira existência é de ser um ‘pedaço de pano’ ~~ou~~ uma figura vocal; 2^o e a segunda [...] (AdeS 372, p. 100 [ELG, p. 54]).

sujeito pesquisador. A apreensão dos manuscritos pelo processo de edição constitui-se sobre uma representação e não uma reprodução do manuscrito tal como ele é. Os manuscritos originais e a edição desses mesmos manuscritos constituem-se enquanto materialidades distintas que não se sobrepõem. Os manuscritos são, antes de tudo, um rascunho, e, enquanto tal, apresentam as marcas de um processo de elaboração da produção do conhecimento sobre a língua, como, por exemplo, as rasuras, os barrados e os acréscimos às margens do texto. Essas marcas não fazem parte do texto final, mas fazem parte de rascunhos que antecedem o texto final e que remetem às hesitações do autor sobre sua própria reflexão. A publicação da edição dos manuscritos não é propriamente uma “obra final”, uma vez que foi publicada sem que seu autor pudesse tê-la concluído.

Desse modo, uma outra edição desses manuscritos foi proposta pelo linguista suíço René Amacker e publicada sob o título *Sciences du langage – De la double essence du langage, Édition des Écrits de linguistique générale établie par René Amacker*, em 2011 pela editora suíça Librarie Droz. No prefácio dessa edição, Amacker relata como tomou conhecimento de tais manuscritos encontrados em 1996. Segundo o autor, Vincent Barras, Olivier Flournoy e Sonu Shamdasani foram as pessoas que receberam esses documentos da viúva de Raymond de Saussure, filho de Ferdinand de Saussure. Esses documentos estavam guardados em uma “orangerie” do hotel da família de Saussure em Genebra, onde a viúva de Raymond morava. Tais documentos foram encaminhados para o departamento de manuscritos da Bibliothèque publique et universitaire (BPU), hoje designada Bibliothèque de Genève, aos cuidados de Phillippe Monnier. Algum tempo depois, Amacker procurou Monnier para falar de sua preocupação em ver os manuscritos saussurianos classificados por um especialista e, então, recomendou à Monnier que procurasse Rudolf Engler para cuidar da catalogação e classificação de tais documentos. E assim foi feito. Segundo Amacker, Engler desejava publicar uma edição crítica em

duas colunas, uma com a imagem aproximativa da disposição do manuscrito, e outra com o texto no estado em que Saussure havia deixado. Por razões desconhecidas, a publicação da editora francesa Gallimard não é uma edição crítica. Em respeito ao desejo do amigo a quem dedica sua obra no prefácio, Amacker justifica a publicação de sua edição crítica, endereçada a um público especializado, como uma forma de homenagear seu colega e amigo prematuramente falecido.

Nesta edição, René Amacker faz uma crítica à edição proposta pela editora Gallimard e inclusive apresenta um quadro comparativo entre as duas edições para apontar as faltas e os equívocos da referida edição francesa. Em relação ao título *Écrits de linguistique générale*, Amacker, assim como Ludwig Jäger, aponta uma problemática vizinhança desse título com aquele do *Curso de Linguística Geral*, com as notas manuscritas pessoais de Saussure e a redação contínua dos cursos universitários. De fato, a designação “linguística geral”, como aponta os editores da edição francesa, constitui-se de

trois corpus de textes: 1^o des écrits de Ferdinand de Saussure ; 2^o des notes prises par ses étudiants lors de trois séries de cours professés à Genève entre 1907 et 1911 ; 3^o le livre rédigé après sa mort par Charles Bally e Albert Secheyay e publié en 1916 sous le titre Cours de Linguistique Générale, principalement sur la base de ces notes d'étudiants¹² (Bouquet; Engler, 2002, p. 7).

No caso específico da obra em questão, os editores justificam o título atribuído, *Écrits de Linguistique Générale*, como uma retomada do “nome administrativo dos cursos genebrinos”, pois

¹² “três corpus de textos: 1^o os escritos de Ferdinand de Saussure; 2^o as notas de seus alunos, por ocasião de três séries de cursos ministrados em Genebra, entre 1907 e 1911; 3^o o livro escrito, depois de sua morte, por Charles Bally e Albert Secheyay e publicado em 1916 com o título *Cours de linguistique générale* e baseado, principalmente, nessas notas de estudantes” [tradução sob nossa responsabilidade].

le livre de 1916 ayant attaché l'étiquette de linguistique générale à la pensée saussurienne, on l'a conservée dans le titre de la présente édition comme propre, non à référer aux multiples emplois de cette expression lors du précédent tournant de siècle, mais à désigner un ensemble de réflexions spécifique au sein de la production intellectuelle du linguiste de Genève¹³ (Bouquet; Engler, 2002, p. 8).

A crítica de Amacker a esse título é que essa publicação não contempla apenas as notas preparatórias para o CLG, mas também notas anteriores ao CLG, como por exemplo, notas de conferências, notas preparatórias para um livro, entre outros. Além disso, na época em que Saussure ministra o CLG, a designação “linguística geral” remete a objetos distintos, como bem sabem os editores dos *Écrits* e apontam essa problemática no prefácio da obra.

Uma segunda crítica que Amacker faz à edição francesa é que as notas encontradas em 1996 e publicadas sob o título “De la double essence du langage”, na verdade, não se trata de manuscritos de um livro sobre linguística geral, como é apontado no prefácio da obra *Écrits de linguistique générale*. Segundo Amacker, trata-se de uma parte importante das notas de Saussure as quais ele mesmo havia reunido em uma embalagem sobre a qual ele escreveu “Science du langage”, justificando, também, desse modo, o título da edição crítica proposta por Amacker.

A partir dessas diferentes edições, considerando também o CLG, obra que desencadeou todas essas discussões, dedicar-nos-emos a compreender como a reflexão sobre o objeto da linguística é constituída a partir do *Cours*, nas duas edições publicadas dos manuscritos encontrados em 1996, bem como o manuscrito saussuriano “Nature de l’objet en linguistique”.

¹³ “o livro de 1916 tendo sido etiquetado de linguística geral ao pensamento saussuriano, nós conservamos no título da presente edição [...] por ser apropriado, não por referência aos múltiplos empregos dessa expressão na virada do século, mas para designar um conjunto de reflexões específico no seio da produção intelectual do linguista de Genebra” [tradução sob nossa responsabilidade].

Além disso, é preciso ter em vista que o manuscrito que selecionamos para desenvolver nossa reflexão, intitulado “Nature de l’objet en linguistique”, está situado entre os manuscritos de “De la double essence du langage”, os quais não serviram de fonte para a elaboração do CLG. Desse modo, a nossa proposta é desenvolver uma reflexão sobre o objeto da linguística tal como foi proposta no CLG, bem como as críticas atribuídas a essa problemática, e, a seguir, considerar também o manuscrito “Nature de l’objet en linguistique” na sua relação com as edições publicadas de “De la double essence du langage”.

À procura do objeto perfeito: a linguística torna-se ciência

Bien loin que l’objet précède le point de vue, on dirait que c’est le point de vue qui crée l’objet. (SAUSSURE, 1995, p. 23).

O questionamento saussuriano, “qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto, da Linguística?”, coloca no centro das discussões algo que até então não era exatamente um problema para os linguistas. Segundo Normand (2009, p. 35), “na época em que Saussure leciona a *linguística geral*, a evidência para os linguistas é de que eles se ocupam com a *linguagem* e com as *línguas*; assim o afirmam, sem estabelecer uma relação clara entre esses dois termos [...]”. Além disso, segundo a autora, alguns linguistas sustentavam que tudo na linguagem é histórico, enquanto outros defendiam que tudo é social. Saussure, por seu lado, desafia a dificuldade desse questionamento ao “levar seus contemporâneos a se colocar a questão que, precisamente, eles evitavam: vocês sabem o que fazem e do que falam?” (Normand, 2009, p. 37). Naturalmente, a questão inicial proposta sobre o objeto da linguística não era fácil de ser respondida, pois o objeto da Linguística não se assemelha ao objeto de outras ciências. Desse modo, o linguista genebrino contextualiza a dificuldade de delimitar qual é o objeto da Linguística, considerando a definição do objeto de outras ciências:

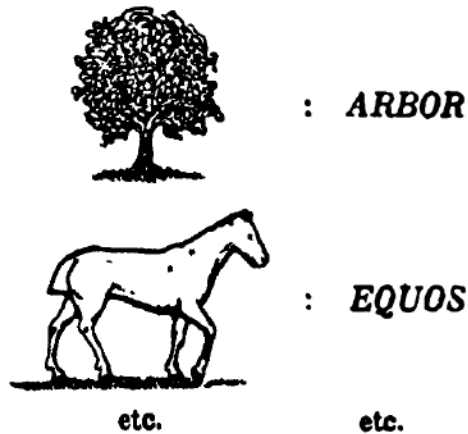
D'autres sciences opèrent sur des objets donnés d'avance et qu'on peut considérer ensuite à différents points de vue ; dans notre domaine, rien de semblable. Quelqu'un prononce le mot français nu : un observateur superficiel sera tenté d'y voir un objet linguistique concret ; mais un examen plus attentif y fera trouver successivement trois ou quatre choses parfaitement différentes, selon la manière dont on le considère: comme son, comme expression d'une idée, comme correspondant du latin nudum, etc. Bien loin que l'objet précède le point de vue, on dirait que c'est le point de vue qui crée l'objet, et d'ailleurs rien ne nous dit d'avance que l'une de ces manières de considérer le fait en question soit antérieure ou supérieure aux autres¹⁴. (Saussure, 1995, p. 23).

No exemplo proposto pelo mestre genebrino, a palavra “nu”, são ressaltadas as possibilidades de ver aí diferentes instâncias, como, por exemplo, um objeto linguístico concreto, um som, uma expressão de uma ideia, um correspondente do latim “*nudum*”. A partir dessa problemática sobre o objeto linguístico e as várias abordagens possíveis, o aforismo saussuriano “*é o ponto de vista que cria o objeto*” está no cerne daquilo que ficou conhecido como o corte epistemológico promovido pelo mestre genebrino na história da Linguística. Segundo Normand (2009, p. 38),

Saussure não inventa a questão do objeto nem a dos critérios de escolhas que lhe é associada; ela está ligada, nessa época, à reflexão positivista sobre as ciências e sabe-se que essa reflexão constitui em A. Comte a preparação de toda reflexão científica, quer se trate da sociologia – “ciência que tem por objeto próprio o estatuto de fenômenos sociais” –, quer se trate da biologia.

¹⁴ “Outras ciências trabalham com objetos dados previamente e que se podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista; em nosso campo, nada de semelhante. Alguém pronuncia a palavra francesa *nu*: um observador superficial será tentado a ver nela um objeto linguístico concreto; um exame mais atento, porém, nos levará a encontrar no caso, uma após outra, três ou quatro coisas diferentes, conforme a maneira pela qual consideramos a palavra: como som, como expressão de uma ideia, como correspondente do latim *nudum* etc. Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que o ponto de vista que cria o objeto; aliás, nada nos diz de antemão que uma dessas maneiras de considerar o fato em questão seja anterior ou superior às outras” [tradução sob nossa responsabilidade]

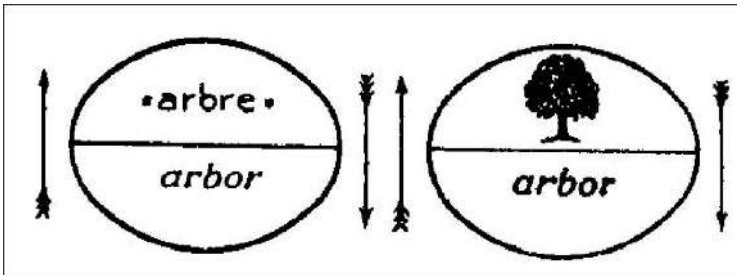
Uma vez definido o objeto da linguística, é preciso considerar de que natureza é esse objeto. Antes de tudo, Saussure esclarece que a língua não é uma nomenclatura, onde os nomes estariam associados às coisas. Para reforçar a simplicidade de uma concepção de língua enquanto nomenclatura, é introduzido o seguinte desenho:



Segundo a leitura de Saussure, essa concepção de língua mostra-se falha e limitada sobre vários aspectos, e não permite depreender se a palavra é de natureza mental ou psíquica, por exemplo. Esse esquema mostra apenas que a relação entre as palavras e as coisas é uma operação muito simples, o que, segundo Saussure, está bem longe da verdade. Desse modo, em oposição a essa concepção de língua enquanto nomenclatura, Saussure propõe uma concepção de língua imanente, definindo-a por si mesma, independente de todo objeto que lhe seja exterior. Nessa perspectiva, a língua é definida enquanto um sistema de signos. Esses signos, por sua vez, unem “non une chose et un nom, mais un concept et une image acoustique”¹⁵ (Saussure, 1995, p. 80). Para

¹⁵ “não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”

exemplificar a concepção de signo linguístico, é então proposto o seguinte esquema:



O principal argumento de Saussure para refutar uma concepção de língua enquanto nomenclatura é a comparação entre línguas, como sugere a primeira representação do signo linguístico –“arbre”/arbor. Não se trata de considerar a relação entre a língua e o mundo, mas a relação entre as línguas. A concepção de língua imanente proposta pressupõe que a arbitrariedade do signo não está associada ao objeto referente, mas constitui-se entre o significado e o significante, considerando a existência de línguas diferentes.

O fato de existir línguas e não apenas uma língua é posto em discussão por Saussure ao questionar o arbitrário do signo, pois esse questionamento reporta à relação entre as línguas e não entre as línguas e o mundo. Como ressalta Sériot (2000, p. 126-127), “il y a entre nous et les choses un intermédiaire, un médium : le langage, dont l'imperfection et la finitude se manifestent dans le fait même de la multiplicité des langues”¹⁶. A multiplicidade das línguas remete também à explicação bíblica para a origem das línguas narrada no mito de Babel, no qual a multiplicidade das línguas se constitui como um castigo divino para punir os homens

¹⁶ “há entre nós e as coisas um intermediário, um médium: a linguagem, logo a imperfeição e a finitude se manifestam no fato mesmo da multiplicidade de línguas” [Tradução de Amanda Eloina Scherer e Maria Iraci Sousa Costa, cf. Revista *Organon*, n. 59, 2015].

com o desentendimento. Teria havido um tempo em que “o mundo inteiro falava a mesma língua, com as mesmas palavras”. Entretanto, não sabemos que língua era essa, nem em que língua Deus criou o mundo, ao enunciar “Faça-se a luz”, nem em que língua Adão falava com Eva, por exemplo. Segundo a narração bíblica, Adão já foi concebido dotado de uma língua na qual designou pela primeira vez os objetos ainda não designados. O mito de Babel divide a história da(s) língua(s) em um antes e um depois, entre um antes onde existia apenas uma língua e todos se entendiam, e um depois marcado pela multiplicidade das línguas e pelo desentendimento. Nesse sentido, segundo Sériot (2000, p. 127), “la multiplicité des langues qui est la punition divine, donc la désunion, la séparation, alors que l'état pré-babélien est décrit par contraste comme l'éden de la communication au sein d'une langue unique, de la fusion et de la communication sans obstacle”¹⁷.

O questionamento de Saussure, evidentemente, não reporta à origem das línguas¹⁸, mas reporta ao “porquê” há línguas e procura

¹⁷ “a multiplicidade de línguas que é a punição divina, logo a desunião, a separação, enquanto o estado pré-babélico é descrito por contraste como o éden da comunicação no seio de uma língua única, da fusão e da comunicação sem obstáculo” [Tradução de Amanda Eloina Scherer e Maria Iraci Sousa Costa, cf. Revista *Organon*, n. 59, 2015].

¹⁸ A problemática sobre a origem das línguas no domínio da ciência é bastante delicada. Segundo Aurox (2008, p. 11), “em 1866, as pesquisas sobre a origem das línguas foram objeto de proibição pela *Société de Linguistique* de Paris”. Trata-se de uma *impossibilidade científica* cujas pesquisas são baseadas apenas em hipóteses e nenhuma descoberta ou dado concreto. Entretanto, mais contemporaneamente, a origem das línguas voltou a ser tema de pesquisa, o que, segundo Aurox (2008, p. 13), “mostra claramente que a posição da *Société linguistique* não foi tão unânime na comunidade”. Para Gadet e Pêcheux (2010, p. 21), “as finalidades últimas da linguística, longe de visar a uma solução teórica, parecem manter uma relação estreita com o desejo político de terminar de uma vez por todas com os obstáculos que entravam a ‘comunicação’ entre os homens. Do esperanto às línguas lógicas, os linguistas não param de procurar a nova língua universal capaz de reproduzir o milagre de uma Pentecostes científica: Babel reencontrada”. A complexidade do estudo da origem das línguas se deve, sobretudo, por ser uma problemática que, de uma maneira ou de outra,

desenvolver essa reflexão a partir da definição de língua e da compreensão do sistema que rege seu funcionamento. O autor ampara-se na arbitrariedade da relação entre significado e significante para compreender a constituição do sistema linguístico. Desse modo, com base em um paradigma positivista de ciência, o mito de Babel não é mencionado pelo mestre genebrino, mas ressoa em surdina, significando sob a forma do não-dito. Como bem destaca Gadet e Pêcheux (2010, p. 19),

se o objeto da linguística consiste no duplo fato de que existe língua e de que existem línguas, é necessário pensar no momento de sua divisão que, aliás, é a imagem de Babel: o mito apresenta a divisão das línguas coincidindo com o começo do Estado, do direito, das ciências e do prazer sexual... logo, com o começo de um impossível retorno ao paraíso perdido contemporâneo mesmo dessa perda.

Para Saussure, que não se interessa pela origem das línguas, o falante não é um Adão bíblico que existe antes da linguagem ou que poderia criá-la ou mudá-la voluntariamente. Para o autor, a língua é social e só existe no seio de uma comunidade falante. Uma vez definido o objeto da linguística, que é a língua, o sujeito não está incluído no corte epistemológico promovido por Saussure, de modo que o sujeito não é a origem da língua e pouco importa a origem da(s) língua(s).

Uma das críticas ao CLG é que esse esquema, especialmente o segundo balão que representa o signo linguístico, estaria em contradição em relação à concepção de língua enquanto nomenclatura que é criticada e assemelha-se ao primeiro desenho apresentado para questionar a simplicidade de uma concepção de língua enquanto nomenclatura. A segunda representação de signo apresenta o desenho de uma árvore, o que parece remeter ao objeto concreto “árvore”. Segundo Gadet (1996, p. 35-36),

envereda para questão religiosa e mitológica, distanciando-se, desse modo, de uma questão teórica e científica.

cette représentation est fort maladroite, car elle laisse entendre que d'une part (côté signifié) il existe une zone de réel délimitée à quoi va être attribué le signifiant *arbor*, et d'autre part (côté signifiant) qu'il existe un signifiant que l'on va attribuer au signifié. Ce serait revenir, à travers un détour, à la nomenclature¹⁹.

Sobre esse aspecto, é preciso deter-nos um pouco mais.

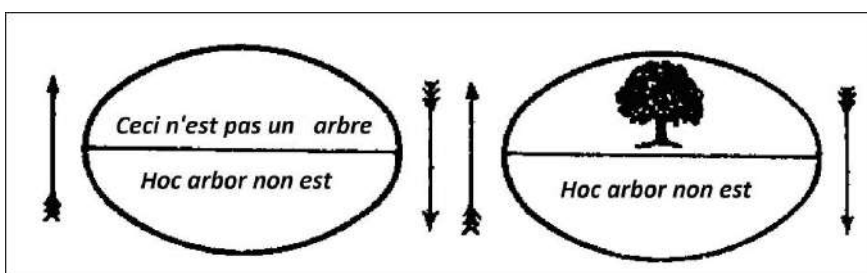
A imagem e a sua respectiva designação parece ser uma evidência de algo muito simplório, o qual poderia também remeter ao processo de aprendizagem da escrita pelas crianças. Entretanto, como Saint-Exupéry na sua célebre obra *Le Petit Prince* (O Pequeno Príncipe) já tentava nos avisar, mesmo a representação através do desenho pelas crianças pode estar sujeita ao ponto de vista. Na referida obra, quando o narrador conta sua experiência aos seis anos de idade ao mostrar o desenho de uma jiboia digerindo um elefante, os adultos não conseguiam ver uma jiboia e muito menos um elefante, e, para seu desapontamento, os adultos só conseguiam ver naquele desenho a representação de um chapéu.

O que poderia ser mais incômodo para uma criança questionar a evidência de uma representação, sobretudo quando o desenho é acompanhado de sua respectiva designação? Esse questionamento remete-nos à provocação de Magritte em sua obra *La trahison des images*, composta por um desenho de um cachimbo e pelo enunciado "ceci n'est pas une pipe" (Isto não é um cachimbo). Essa obra, que parece desacomodar algumas evidências, poderia ser entendida também como uma contestação de uma concepção de língua enquanto nomenclatura, ao colocar em questionamento a evidência daquilo que parece não poder ser outra coisa senão um cachimbo. Uma espécie de provocação a uma forma simplória de definir a língua, colocando etiquetas com nomes sobre os objetos. O

¹⁹ "esta representação é muito avessa, porque ela deixa entender que, de uma parte (o lado do significado) existe uma zona do real delimitada a que vai ser atribuído o signifiante *arbor*, e outra parte (o lado do signifiante) que existe um signifiante que vai se atribuir ao significado. O que seria retornar, através de um desvio, à nomenclatura" [tradução sob nossa responsabilidade].

artista parece voltar-se para o observador e dizer: “Está vendo esse desenho cujas formas parecem remeter a um cachimbo? Então, esse desenho não é um cachimbo!”. Entretanto, ao desacomodar essa evidência ao afirmar o que o desenho não é, o artista deixa para o observador refletir sobre o que então poderia ser aquele conjunto de formas que parece remeter a um cachimbo.

Considerando a crítica em relação ao esquema do signo linguístico proposto no CLG, que associa um desenho a um nome e remete à concepção de língua enquanto nomenclatura que é criticada, na tentativa de “corrigir” a dita representação, poderíamos dizer, assim como Magritte, que *ceci n’est pas un arbre*:



Entretanto, o enunciado que nega aquilo que não poderia ser outra coisa senão uma árvore coloca ainda mais questionamentos. A obra de Magritte parece ir além de uma recusa de uma concepção de língua enquanto nomenclatura. Na obra do artista surrealista, o enunciado parece negar a evidência da imagem daquilo que poderia facilmente ser reconhecido como um

cachimbo. Como aquilo poderia não ser um cachimbo se o conjunto de traços parece formar exatamente um cachimbo? Esse enunciado provocativo proposto por Magritte permite-nos avançar um pouco mais em relação à natureza do signo linguístico.

Para nós, o enunciado “ceci n’est pas une pipe” parece colocar em causa as várias instâncias em que o cachimbo pode se apresentar. Antes de tudo, o enunciado dissocia a imagem e o referente, primeira instância de como o cachimbo pode ser apresentado. O enunciado, na verdade, refere-se à imagem, e esta, é claro, não é o referente/objeto real cachimbo. Ao mesmo tempo, o enunciado chama a atenção para a imagem, segunda instância de como o cachimbo pode ser apresentado, e a sua relação com o referente, ressaltando que a imagem não poderia ser o cachimbo objeto referente. Uma outra forma como o cachimbo é apresentado na obra é pela própria palavra “cachimbo”, isto é, a palavra “cachimbo”, além de possuir um referente, uma imagem que o representa, possui igualmente uma existência na língua por meio do significante “cachimbo”, e também um significado que remete à ideia de “cachimbo”. Além disso, há ainda uma forma um pouco mais sutil de como o “cachimbo” pode ser referido na língua sem necessariamente ser pelo seu nome: o pronome demonstrativo “isto” constitui-se enquanto um recurso da língua que permite designar o referente, retomando-o sem mencionar o nome. “Isto”, diferentemente do signo linguístico “cachimbo”, não possui um referente, “isto” constitui-se como uma forma vazia que só tem existência na língua. Desse modo, em relação ao “cachimbo”, tem-se: o referente, a imagem, a palavra escrita, a imagem acústica [ka.ʃĩ.bo]²⁰, a ideia de cachimbo, a designação “isto” que remete a cachimbo. Trata-se de instâncias diferentes que apresentam o

²⁰ Ashby, S. et al. (2012). A Rule Based Pronunciation Generator and Regional Accent Databank for Portuguese. Proceedings of Interspeech 2012. Disponível em:

<<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/%3E?action=fonetica®ion=spx&act=details&id=5553>>.

cachimbo sob diferentes perspectivas, de forma que produz um desdobramento que permite apreender um dado objeto sob diferentes pontos de vista.

Retomando o exemplo do signo linguístico proposto no CLG, esse exemplo parece apenas dar conta de signos que possuem um referente material. Entretanto, como poderíamos, por exemplo, ilustrar o signo linguístico “isto” (ceci/hoc) do enunciado “isto não é um cachimbo” (ceci n’est pas une pipe/hoc arbor non est)? A forma linguística “isto” não possui um referente nem poderia ser representado por uma imagem, no entanto, “isto” possui uma existência real na língua. Curiosamente, sobre a natureza dos pronomes, Benveniste (2005, p. 277) aponta que

todas as línguas possuem pronomes e, em todas, eles se definem como referindo-se às mesmas categorias de expressão (pronomes pessoais, demonstrativos, etc.) A universalidade dessas formas e dessas noções faz pensar que o problema dos pronomes é ao mesmo tempo um problema de linguagem e um problema de línguas, ou melhor, que só um problema de línguas por ser, em primeiro lugar, um problema de linguagem.

A natureza dos pronomes parece referendar o princípio do arbitrário do signo, uma vez que se trata de formas linguísticas que são comuns a todas as línguas, mas, no entanto, não têm um referente material que possa representá-las tal como o exemplo da “árvore”. A singularidade dos pronomes é que, ainda que não tenham um referente material específico, podem estar associados a referentes diferentes a cada instância de enunciação.

O signo linguístico saussuriano não considera o referente, pois nem todos os signos possuem um referente material, tal como o exemplo da “árvore”. A língua constitui-se também de elementos que só têm existência na língua, como os pronomes, as preposições, os artigos, por exemplo, os quais não poderiam ser representados por uma concepção de língua enquanto nomenclatura. É a partir desse pressuposto que Saussure propõe uma concepção de língua imanente, a qual pode ser definida por si mesma sem relação com aquilo que lhe é exterior.

Desse modo, se partimos do pressuposto de que só o referente poderia receber a designação “árvore”, e que a sua representação pelo desenho não contempla a sua totalidade, estamos agindo tal como os cartógrafos do conto do escritor argentino Jorge Luis Borges, referido por Sériot (2000). No conto de Borges, *Do rigor da ciência*²¹, os cartógrafos buscam um mapa perfeito do império que o represente na sua totalidade. Na busca do mapa perfeito, os cartógrafos decidem criar um mapa em escala 1:1, onde 1 cm no mapa representa 1 cm do território. Nesse sentido, não se trata mais de uma representação nem de um mapa, trata-se de uma reduplicação do território. Segundo Sériot (2000, p. 126),

L'aporie que nous décrit Borges est l'inanité des efforts de représentation totale, l'impossibilité de rendre compte exhaustivement du réel : dire le Tout équivaut à ne rien dire. [...] Le texte de Borges est l'illustration lucide de ce que Lacan appelle le «pas-tout», l'impossible à (tout) dire, la double quête fantasmatique de l'exhaustivité et de ce qu'on appelle en linguistique la transparence référentielle²².

²¹ Naquele Império, a Arte da Cartografia logrou tal perfeição que o mapa de uma única Província ocupava toda uma Cidade, e o mapa do império, toda uma Província. Com o tempo, esses Mapas Desmedidos não satisfizeram e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império, que tinha o tamanho do Império e coincidia pontualmente com ele. Menos Adictas ao Estudo da Cartografia, as Gerações Seguintes entenderam que esse dilatado Mapa era Inútil e não sem Impiedade o entregaram às Inclemências do Sol e dos Invernos. Nos desertos do Oeste perduram despedaçadas Ruínas do Mapa, habitadas por Animais e por Mendigos; em todo o País não há outra relíquia das Disciplinas Cartográficas. Borges, Jorge Luis. *Do rigor da ciência*. In: _____. *História Universal da Infâmia*. Porto Alegre: Globo, 1975.

²² “a aporia que nos descreve Borges é a incapacidade dos esforços de representação total, a impossibilidade de dar conta exhaustivamente do real: dizer o Todo equivale a nada dizer. [...] O texto de Borges é a ilustração lúcida do que Lacan chama de “não-todo”, a impossibilidade de (tudo) dizer, a dupla questão fantasmática da exaustividade e o que chamamos em lingüística a transparência referencial”. [Tradução de Amanda Eloina Scherer e Maria Iraci Sousa Costa, cf. Revista *Organon*, n. 59, 2015].

A representação perfeita é então impossível sob pena de deixar de ser uma representação, visto que a representação e o conhecimento do que quer que seja estão investidos do impossível da totalidade. Retomando mais uma vez Sériot (2000, p. 126), “Les mots et les choses ne se recouvrent pas totalement, il y a une incomplétude de toute connaissance, qui est la condition même de la connaissance”²³.

É preciso considerar ainda que o esquema apresentado no CLG não tem o objetivo de propor uma representação de uma árvore, mas de exemplificar a relação que se estabelece entre o significante/imagem acústica e o significado/conceito. A obra de Magritte questiona a relação entre o referente e a sua representação, mas o esquema proposto por Saussure, ainda que sujeito ao equívoco, não associa um nome e um referente, mas um significante e a ideia que esse significante remete em uma dada língua. Como não poderia deixar de ser, a máxima saussuriana “o ponto de vista cria o objeto”, mais uma vez, permite-nos compreender de que ponto de vista tais autores abordam o seu objeto e que todo conhecimento repousa sob um ponto de vista, por isso é sempre incompleto.

O objeto em linguística nos escritos “De la double essence du langage” – *les notes de l’orangerie*

Que estranho destino esse das ideias, e como parecem às vezes viver pela sua própria vida, revelando ou desmentindo ou recriando a figura de seu criador. (Benveniste, 2005, p. 48).

Como sabemos, os escritos editados sob o título “De la double essence du langage” são anteriores aos cursos ministrados por Saussure em Genebra. Estima-se que essas notas tenham sido

²³ “as palavras e as coisas não se recobrem totalmente, há uma incompletude de todo conhecimento, que é a condição mesma do conhecimento” [Tradução de Amanda Eloina Scherer e Maria Iraci Sousa Costa, cf. Revista *Organon*, n. 59, 2015].

escritas na década de 1890. As principais fontes citadas como referência da existência de um livro que Saussure estaria escrevendo remontam a correspondências trocadas e a conversas particulares. Entretanto, tais notas só foram encontradas na década de 1990, ou seja, quase cem anos separam a escritura das referidas notas e sua descoberta.

Desse modo, o que propomos é uma reflexão a partir do estudo comparativo entre as duas edições de “De la double essence du langage” e o manuscrito saussuriano “Nature de l’objet en linguistique”, o qual faz parte dos manuscritos editados e publicados em “De la double essence du langage”. A partir da nossa análise, objetivamos compreender a complexidade da reflexão sobre o objeto da linguística, questionamento esse de extrema importância na obra saussuriana e que contribuiu para alçar a linguística como modelo para as ciências humanas no apogeu do movimento estruturalista. Considerando o aforismo saussuriano de que “o ponto de vista cria o objeto”, diríamos que as diferentes edições publicadas dos escritos também apontam pontos de vista diferentes no que toca ao processo de edição das notas.

O manuscrito intitulado “Nature de l’objet en linguistique” foi escrito em quatro páginas de um pequeno caderno do qual foram retiradas. As folhas foram numeradas de 7 a 10. Essa numeração foi estabelecida por Rudolf Engler que foi quem se ocupou da organização de tais manuscritos. Sobre a numeração das páginas, Sofia (2012) faz uma crítica a essa organização, pois há pelo menos quatro versões da transcrição feita por Rudolf Engler, das quais Sofia (2012) aponta que, dessas quatro, três exibem uma característica surpreendente, a saber,

l’ordre original des pages, et donc l’ordre même du texte, a été altéré. Et je dis bien l’ordre des pages et du texte, car, dans bien des occasions, le recto et le verso (deux pages) d’un même feuillet ont été séparés, et

parfois même – quoique moins souvent – l’ordre du texte a été modifié à l’intérieur d’une même page²⁴ (Sofia, 2012, p. 4).

Nesse estudo não nos deteremos na numeração das páginas atribuída por Engler, mas consideraremos as duas edições propostas de “De la double essence du langage”, mais especificamente a nota “Nature de l’objet en linguistique”, considerando a sua relação com o manuscrito saussuriano editado.

A seguir apresentamos um quadro comparativo entre as edições publicadas e o manuscrito editado. Trata-se de quatro páginas de manuscrito (7, 8, 9, 10) onde destacamos com uma linha as partes que foram editadas. Como se trata de um manuscrito pleno de passagens barradas, algumas passagens não foram editadas pela edição francesa. Vejamos, então, o manuscrito e as respectivas edições, francesa e suíça:

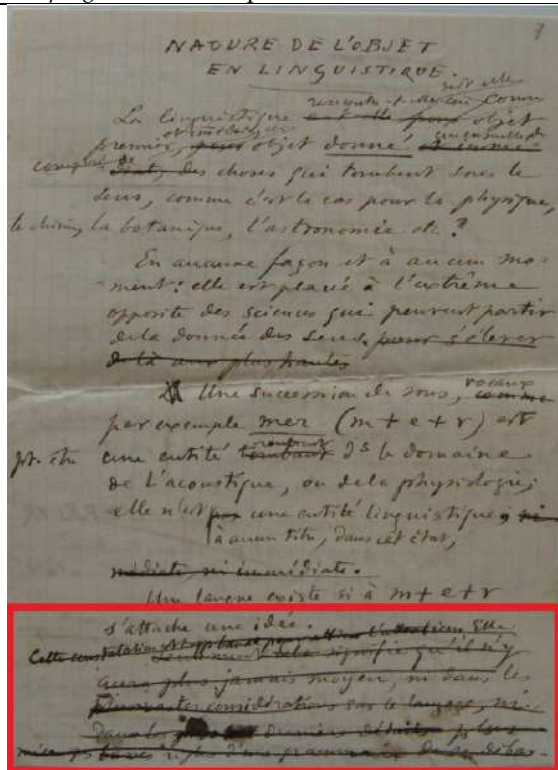
²⁴ “a ordem original das páginas, e por isso a ordem mesma do texto, foi alterada. E eu disse bem, a ordem das páginas e do texto, pois, em algumas ocasiões, a frente e o verso (duas páginas) de uma mesma folha foram separadas, e às vezes mesmo – embora menos frequente – a ordem do texto foi modificada no interior de uma mesma página” [tradução sob nossa responsabilidade].

<p>immédiat, un objet <i>donné</i>, un ensemble de choses qui tombent sous le sens, comme c'est le cas pour la physique, la chimie, la botanique, l'astronomie, etc. ?</p> <p>En aucune façon et à aucun moment : elle est placée à l'extrême opposée des sciences qui peuvent partir de la donnée des sens.</p> <p>Une succession de sons vocaux, par exemple <i>mer (m+e+r)</i>, est peut-être une unité rentrant dans le domaine de l'acoustique, ou de la physiologie ; elle n'est à aucun titre, dans cet état, une entité linguistique.</p> <p>Une langue existe si à <i>m+e+r</i> s'attache une idée.</p> <p>(p. 19-20)</p>	<p>immédiat, comme objet <i>donné</i>, un ensemble de choses qui tombent sous le sens, comme c'est le cas pour la physique, la chimie, la botanique, l'astronomie, etc. ?</p> <p>En aucune façon et à aucun moment : elle est placée à l'extrême opposée des sciences qui peuvent partir de la données des sens.</p> <p>Une succession de sons vocaux, par exemple <i>mer (m+e+r)</i> est peut-être une unité rentrant dans le domaine de l'acoustique, ou de la physiologie ; elle n'est à aucun titre, dans cet état, une entité linguistique.</p> <p>Une langue existe si à <i>m+e+r</i> s'attache une idée.</p> <p>(p. 83-84)</p>
---	--

Quadro comparativo 1 – Manuscrito saussuriano (p. 7), *Écrits e Science du langage*

**SCIENCE DU LANGAGE
DE LA DOUBLE ESSENCE DU LANGAGE**

Édition des *Écrits de linguistique générale* établie par René Amacker



Cette constatation est trop banale pour attirer l'attention. Elle signifie qu'il n'y aura plus jamais moyen, ni dans les plus vastes considérations sur le langage, ni dans les plus mécaniques règles d'une grammaire, de se débarrasser de la

(p. 84)

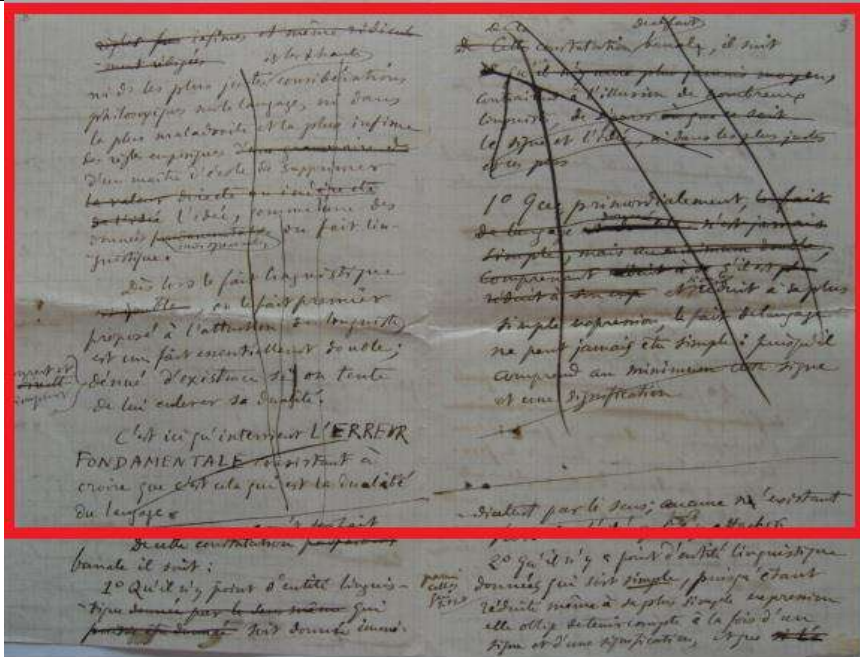
AdeS 372, p. 7

Quadro comparativo 2 – Manuscrito saussuriano (p. 7) e *Science du langage*

SCIENCE DU LANGAGE

DE LA DOUBLE ESSENCE DU LANGAGE

Édition des *Écrits de linguistique générale* établie par René Amacker



AdeS 372, p. 8 e p. 9

[2.8] ni dans les plus justes et les plus hautes considérations philosophiques sur le langage, ni dans la plus maladroite et la plus infime des règles empiriques d'un maître d'école, de supprimer l'idée, comme l'une des données indispensables du fait linguistique.

Dès lors le fait linguistique, ou le fait premier proposé à l'attention du linguistique, est un fait essentiellement double ; purement et simplement dénué d'existence si on tente de lui enlever sa dualité.

C'est ici qu'intervient l'ERREUR FONDAMENTALE consistant à croire que c'est cela qui est la dualité du langage.

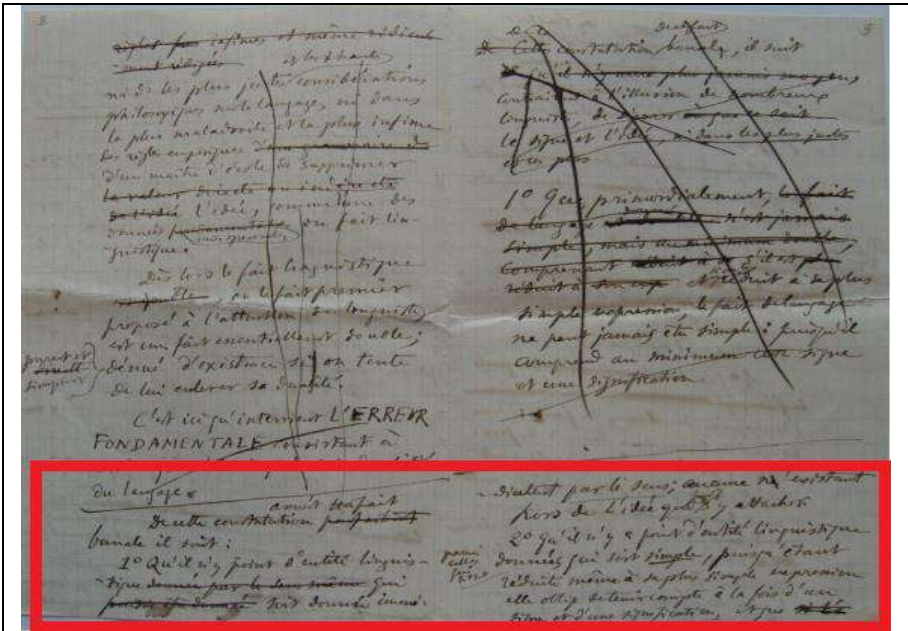
[2.9] De la constatation de ce fait banal, il suit :

1^o qu'il n'y aura plus moyen, contrairement à l'illusion de nombreux linguistes, de séparer le signe et l'idée, ni dans les plus justes et les plus [

1^o que, primordialement, et si on le réduit à sa plus simple expression, le fait de langage ne peut jamais être simple : puisqu'il comprend au minimum un signe et une signification [

(p. 84-85)

Quadro comparativo 3 – Manuscrito saussuriano (p. 8 e p. 9) e *Science du langage*



AdeS 372, p. 8 e p. 9

<p>ÉCRITS DE LINGUISTIQUE GÉNÉRALE Texte établi et édité par Simon Bouquet et Rudolf Engler</p>	<p>SCIENCE DU LANGAGE DE LA DOUBLE ESSENCE DU LANGAGE Édition des Écrits de linguistique générale établie par René Amacker</p>
<p>De cette constatation assurément tout à fait banale il suit :</p> <p>1° qu'il n'y a point d'entité linguistique qui puisse être donnée, qui soit donnée immédiatement par le sens; aucune n'existant hors de l'idée qui peut s'y attacher;</p> <p>2° qu'il n'y a point d'entité linguistique parmi celles qui nous sont donnée qui soit simple, puisque étant réduite même à sa plus simple expression elle oblige de tenir compte à la fois d'un signe et d'une signification, et que (p. 20)</p>	<p>[2.8 en bas] De cette constatation assurément tout à fait banale il suit :</p> <p>1° Qu'il n'y a point d'entité linguistique qui soit donnée immé-[2.9 en bas]-diatement par les sens; aucune n'existant hors de l'idée qui peut s'y attacher.</p> <p>2° qu'il n'y a point d'entité linguistique parmi celles qui nous sont donnée qui soit simple, puisque étant réduite même à sa plus simple expression elle oblige de tenir compte à la fois d'un signe et d'une signification, et que (p. 85-86)</p>

Quadro comparativo 4 – Manuscrito saussuriano (p. 8 e p. 9), *Écrits e Science du langage*

10

lui contester ^{cette} ~~de~~ dualité revient ^{ou l'oublier}
directement à ~~lui~~ ôter son existence ^{linguistique}, en la rejetant par
exemple d'le domaine des faits
physiques.

3^o que la dualité de ~~chaque fait de~~
langage est qui forme l'unité de
chaque 3^o que si l'unité de chaque
fait de langage résulte déjà d'un
fait complexe, elle résulte de plus d'une
union d'un genre hautement
particulier: en ce qu'il n'y a rien de
commun, dans l'essence, entre un
signe et ce qu'il signifie.

4^o que la classification des faits
de langage ~~est~~ un domaine
l'entreprise de classer les faits d'une
langue se trouve donc devant ce pro-
blème: de classer des accouplements
d'objets hétérogènes (signes-idées), nulle-
ment enclavés des objets, comme
on est sans parti à le supposer, de classer
des objets simples et homogènes (signes
ou idées). Il y a deux grammaires, dont
l'une est partie des idées, et l'autre
du signe; elles sont fautes, toutes deux.
ou erreurs

Marginal notes:
D'un fait complexe
l'union
complète
complète
L'union
des faits
de langage
est un
domaine
l'entreprise
de classer
les faits
d'une
langue
se trouve
donc
devant
ce pro-
blème:

AdeS 372, p. 10

ÉCRITS DE LINGUISTIQUE GÉNÉRALE

Texte établi et édité par Simon Bouquet et Rudolf Engler

SCIENCE DU LANGAGE DE LA DOUBLE ESSENCE DU LANGAGE

Édition des Écrits de linguistique générale établie par René Amacker

lui contester cette dualité ou l'oublier revient directement à lui ôter son existence linguistique, en la rejetant par exemple dans le domaine des faits physiques ;

3^o que si l'unité de chaque fait de langage résulte déjà d'un fait complexe consistant dans l'union des faits, elle résulte de plus d'une union d'un genre hautement particulier : en ce qu'il n'y a rien de

[2.10] lui contester cette dualité ou l'oublier revient directement à lui ôter son existence linguistique, en la rejetant par exemple dans le domaine des faits physiques ;

3^o que si l'unité de chaque fait de langage résulte déjà d'un fait complexe consistant dans l'union des deux faits, elle résulte de plus d'une union d'un genre hautement particulier : en ce qu'il n'y a rien de

<p><i>commun, dans l'essence, entre un signe et ce qu'il signifie ;</i></p> <p><i>4^e que l'entreprise de classer les faits d'une langue se trouve donc devant ce problème : de classer des accouplements d'objets hétérogènes (signes-idées), nullement, comme on est porté à le supposer, de classer des objets simples et homogènes, ce qui serait le cas si on avait à classer des signes ou des idées. Il y a deux grammaires, dont l'une est partie de l'idée, et l'autre du signe ; elles sont fausses ou incomplètes toutes deux.</i></p> <p><i>(p. 20)</i></p>	<p><i>commun, dans l'essence, entre un signe et ce qu'il signifie ;</i></p> <p><i>4^e que l'entreprise de classer les faits d'une langue se trouve donc devant ce problème : de classer des accouplements d'objets hétérogènes (signes-idées), nullement, comme on est porté à le supposer, de classer des objets simples et homogènes, ce qui serait le cas si on avait à classer des signes ou <des> idées. Il y a deux grammaires, dont l'une est partie de l'idée, et l'autre du signe ; elles sont fausses ou incomplètes toutes deux.</i></p> <p><i>(p. 86)</i></p>
---	---

Quadro comparativo 5 – Manuscrito saussuriano (p. 10), *Écrits e Science du langage*

A partir desses quadros comparativos, não nos propomos a fazer uma análise minuciosa do manuscrito, propomos apenas apontar algumas reflexões iniciais acerca do gesto interpretativo do sujeito ao editar o manuscrito. Para isso, consideraremos dois tipos de passagens barradas e a forma como são editadas. Desse modo, os dois tipos de passagens barradas que estamos considerando são: 1) aquelas em que o autor, ao voltar-se sobre sua própria escritura, barra e propõe uma substituição; 2) e também aquelas em que as passagens são barradas produzindo um efeito de apagamento.

Em relação às passagens barradas do primeiro tipo, e que são editadas por ambas as publicações, em termos saussurianos, poderíamos considerar que há um desdobramento da palavra de forma que a linearidade das relações sintagmáticas, as quais se estabelecem no eixo da combinação, bifurca-se, fazendo ressoar as relações associativas que se estabelecem no eixo da seleção. Na edição francesa, as passagens barradas são suprimidas e não há nenhuma referência às dificuldades que elas impõem ao trabalho de edição. Já na edição suíça, cada intervenção manuscrita que

escapa à linearidade do texto é descrita em nota de rodapé, as quais não transcrevemos aqui.

Esse tipo de passagem barrada manifesta-se já nas primeiras linhas do manuscrito. Em meio a tantas retificações por parte do autor, destacamos apenas uma divergência mais significativa entre as edições do manuscrito. Na primeira frase que introduz o texto manuscrito, as edições divergem no seguinte aspecto:

<i>Écrits</i>	La linguistique rencontre-t-elle devant elle, comme objet premier et immédiat,	un objet <i>donné</i> ,	un ensemble de choses qui tombent sous le sens
<i>Science du langage</i>	La linguistique rencontre-t-elle devant elle, comme objet premier et immédiat,	comme objet <i>donné</i> ,	un ensemble de choses qui tombent sous le sens

Essa diferença, que muda a sintaxe da frase, atribui a “objet donné” funções distintas. Nos “*Écrits*”, “objet donné” é o objeto direto do verbo “rencontre”, ao passo que em “*Science du langage*”, o objeto do verbo “rencontre” passa a ser “un ensemble de choses”. Essas divergências se justificam pelas dificuldades que as passagens barradas e os acréscimos à borda do texto impõem e que demandam do editor um gesto interpretativo.

Em relação à página 8 do manuscrito, há uma única divergência entre as edições. Trata-se do acréscimo da oração relativa “qui puisse être donnée” na linearidade do texto na edição francesa, expressão que é barrada no manuscrito. Isso parece-nos curioso, já que os editores optaram por não incluir as partes barradas. Em relação a essa passagem barrada não há nenhuma proposta de substituição, ela é apenas barrada, produzindo um efeito de pagamento.

Já em relação às rasuras do segundo tipo, aquelas que produzem um efeito de apagamento, a linearidade do significante, que faz com que os sintagmas organizem-se na frase em uma mesma direção, não permite que as palavras sejam desditas. Não é possível fazê-las voltar, mudando a sua direção, nem puxá-las de

volta. Nesse manuscrito há uma grande parte que foi barrada pelo próprio autor. Essas passagens barradas são parafraseadas ao longo do texto, de modo que o autor parece voltar-se sobre sua própria escrita, reelaborando-a.

Em relação à temática abordada nesse manuscrito, a natureza do objeto em Linguística, trata-se de um tema que permeou as reflexões de Saussure antes mesmo de ministrar o CLG. Nesse sentido, cabe ressaltar o efeito de eco que essa temática produz em relação ao CLG, especialmente ao Capítulo III, intitulado "Objet de la Linguistique". Sabemos que esse manuscrito não serviu de fonte para os editores do CLG, mas propomos um quadro comparativo para ilustrar os efeitos metafóricos de uma formulação a outra, pois ambas as obras são atribuídas ao mesmo autor, que não as publicou.

<p>La linguistique rencontre-t-elle devant elle, comme objet premier et immédiat, un objet <i>donné</i>, un ensemble de choses qui tombent sous le sens, comme c'est le cas pour la physique, la chimie, la botanique, l'astronomie, etc. ?</p> <p>En aucune façon et à aucun moment : elle est placée à l'extrême opposée des sciences qui peuvent partir de la donnée des sens.</p> <p>(<i>Écrits de Linguistique Générale</i>, p. 19-20)</p>	<p>Quel est l'objet, à la fois intégral et concret de la Linguistique? La question est particulièrement difficile ; nous verrons plus tard pourquoi ; bornons-nous ici à faire saisir cette difficulté.</p> <p>D'autres sciences opèrent sur des objets donnés d'avance et qu'on peut considérer ensuite à différents points de vue ; dans notre domaine, rien de semblable.</p> <p>(<i>Cours de Linguistique Générale</i>, p. 23)</p>
---	--

La linguistique rencontre-t-elle devant elle, comme objet premier et immédiat, un objet donné, un ensemble de choses qui tombent sous le sens.

[comme c'est le cas pour la physique, la chimie, la botanique, l'astronomie, etc. ?]

En aucune façon et à aucun moment : elle est placée à l'extrême opposée des sciences qui peuvent partir de la donnée des sens.

Quel est l'objet, à la fois intégral et concret de la Linguistique?

[D'autres sciences] opèrent sur des objets donnés d'avance et qu'on peut considérer ensuite à différents points de vue ; dans notre domaine, rien de semblable.

O questionamento sobre o objeto da linguística que introduz o manuscrito e a relação com a cientificidade mantém-se também no CLG. Nos *Écrits*, o questionamento já aponta de antemão a comparação entre o objeto da linguística e o objeto de outras ciências, enquanto no CLG a comparação com outras ciências é mencionada na resposta à pergunta posta. Em ambos os casos, a Linguística é colocada ao lado de outras ciências que, enquanto tal, possuem um objeto bem definido. A Linguística, por seu lado, assim como as outras ciências, também possui um objeto. Entretanto, a natureza do objeto da Linguística não se constitui tal como o objeto das outras ciências. Desse modo, o que ressaltamos na comparação entre esses dois fragmentos é a importância de definir um objeto como condição de cientificidade.

A proposta de estabelecer uma relação entre o CLG e o manuscrito de “De la double essence du langage”, que não serviu de fonte para a edição do CLG, justifica-se na medida em que entendemos que a heterogeneidade do corpus saussuriano pode contribuir para a compreensão do legado do mestre genebrino. O questionamento, “qual é o objeto da linguística?”, que contribuiu para colocar a Linguística entre as ciências, já fazia parte das reflexões saussurianas e antecede o CLG, mas seu efeito foi sentido apenas posteriormente e permanece ainda hoje produzindo seus efeitos de sentido.

Uma conclusão ainda inconclusa

Saussure, não é tão simples assim! (Gadet; Pêcheux, 2010, p. 58).

Caro leitor, neste artigo buscamos compreender a complexidade do empreendimento saussuriano sobre a importância da definição de um objeto para a linguística, ainda que nossos apontamentos sejam apenas embrionários. Desse modo, procuramos compreender a importância da leitura realizada sobre o CLG no seio do movimento estruturalista e que contribuiu para alçar a linguística como ciência, tomando como referência o corte epistemológico promovido a partir da definição de um objeto. No que toca aos manuscritos, nesse estudo apresentamos apenas algumas reflexões iniciais que podem ajudar-nos a compreender a constituição do gesto interpretativo do sujeito ao editar um manuscrito. Partimos do pressuposto de que os manuscritos constituem-se enquanto uma reflexão inconclusa que é tornada pública por meio de um processo de edição. Entretanto, a edição de tais manuscritos está pautada sobre critérios que produzem um efeito de objetividade ao gesto do sujeito editor. O legado saussuriano está fadado a essa incompletude dos manuscritos que nunca se tornaram um texto final, bem como à forma como temos acesso às reflexões saussurianas, as quais são mediadas por um processo de edição, seja o CLG ou os *Écrits*.

Ainda que o CLG seja apontado pela sua não fidelidade ao pensamento saussuriano sob vários aspectos, no que toca ao objeto da linguística essa é uma preocupação que toma as reflexões do mestre genebrino. Saussure opta por desafiar a dificuldade de responder essa questão que os seus contemporâneos procuravam evitar. Ao definir qual é o objeto da linguística e de que natureza é esse objeto, Saussure promove um corte epistemológico, ainda que esse corte venha a constituir-se apenas posteriormente. No momento em que Saussure questiona-se sobre o objeto da Linguística, seus contemporâneos parecem tê-lo deixado sozinho com seus problemas... como diria Benveniste (2005). Ao encontrar

uma resposta para tal questionamento, definindo a língua como objeto da linguística e a natureza desse objeto, desde então, Saussure nunca mais esteve sozinho com seus problemas. Passado meio século de publicação do CLG, em 1963, Benveniste (2005), o mais saussuriano dos linguistas (Normand, 2007), considerava que

abarcando com o olhar esse meio século decorrido, podemos dizer que Saussure cumpriu bem o seu destino. Além da sua vida terrena, as suas ideias brilham mais longe do que ele teria podido imaginar, e esse destino póstumo se tornou como uma segunda vida, que se confunde para sempre com a nossa (Benveniste, 2005, p. 49)

Agora, passado mais meio século desde essa afirmação de Benveniste e mais de cem anos dos escritos de Saussure, as palavras de Benveniste, assim como o legado saussuriano, continuam atuais e a Linguística já não consegue mais desprender-se de Saussure.

Referências

Auroux, Sylvain. *A questão da cientificidade das línguas, seguido de A historicidade das ciências*. Tradução de Mariângela Peccioli Gali Joanilho. Campinas: RG, 2008.

Bally, Charles; Sechehaye, Albert. Préface de la première édition. In : Saussure, Ferdinand de. *Cours de Linguistique Générale*: édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot & Rivages, 1995.

Benveniste, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Tradução de Maria de Glória e Maria Luisa Néri. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

_____. *Problemas de Linguística Geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães [et.al.]. Campinas: Pontes, 1989.

Bouquet, Simon. *Après un siècle, les manuscrits de Saussure reviennent bouleverser la linguistique*. *Texto!*, 2005. Disponível em:

<http://www.revue-texto.net/Saussure/Sur_Saussure/Bouquet_Apres.html>.

Bouquet, Simon; Engler, Rudolf. Préface. *Écrits de linguistique générale*: organisés et edités par Simon Bouquet et Rudolf Engler. Paris: Gallimard, 2002.

_____. Prefácio dos editores. Saussure, Ferdinand de. *Escritos de Linguística Geral*: organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix, 2012.

Bulea, Ecaterina. O signo em Ferdinand de Saussure: um campo chave para a chave dos campos. Tradução de Marcos Bagno. *Traduzires*, v. 2, n. 1, p. 31-53, 2013.

Gadet, Françoise. *Saussure: une science de la langue*. Paris: Presses Universitaire de France, 1996.

Gadet, Françoise; Pêcheux, Michel. *A língua inatingível*: o discurso na história da linguística. Tradução de Bethania Mariani e Maria Elizabeth C. de Mello. Campinas: Pontes, 2010.

Normand, Claudine. *Saussure*. Tradução de Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

_____. Saussure-Benveniste. *Letras*, n. 33, 2007. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/letras/issue/view/653/showToc>>.

Pavel, Thomas. *A miragem linguística*: ensaio sobre a modernização intelectual. Tradução de Eni Orlandi, Pedro de Souza e Selene S. Guimarães. Campinas: Pontes, 1990.

Saussure, Ferdinand de. *Curso de linguística Geral*: organizado e editado por Charles Bally e Albert Sechehaye. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. *Cours de Linguistique Générale*: édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot & Rivages, 1995.

_____. *Escritos de Linguística Geral*: organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix, 2012.

_____. *Écrits de linguistique générale*: organisés et edités par Simon Bouquet et Rudolf Engler. Paris: Gallimard, 2002.

_____. *Sciences du langage – De la double essence du langage*: édition des Écrits de linguistique générale établie par René Amacker. Genève: Librairie Droz, 2011.

Sériot, Patrick. Limites, bornes et normes: la délicate constitution de l'objet de connaissance en sciences humaines. *Colloque GeoPonts*, 2000, p. 125-139.

_____. Limites, bordas e normas: a delicada constituição do objeto de conhecimento em ciências humanas. Tradução de Amanda Eloina Scherer e Maria Iraci Sousa Costa. *Organon*, n. 59, p.55-70, 2015.

Silveira, Eliane. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

SOFIA, Estanislao. Quelques problèmes philologiques posés par l'oeuvre de Saussure. *Langages*, n. 185, 2012. Disponível em: <<http://orbi.ulg.ac.be/handle/2268/140844>>.

Da dupla essência da linguagem e a renovação do saussurismo¹

François Rastier²

Saussure faleceu há cem anos, em 1913, deixando um conjunto genial de notas, apontamentos de alunos e alguns artigos. Três anos depois, foi lançado um livro de sua autoria a partir de notas de alunos organizadas por dois colegas do linguista. A publicação lhe rendeu renome mundial, ultrapassando as fronteiras da linguística, indo da psicanálise aos estudos literários e antropológicos.

No século XX, fundou-se a semiótica: Peirce, Hjelmslev, Greimas etc. estão nas suas bases. Aquilo que Saussure imaginou e chamou de *semiologia*³ tornou-se uma figura alusiva, já que Saussure apenas evocou a disciplina, sem jamais descrevê-la ou articulá-la.

Saussure também é lembrado como aquele que fundou a linguística. No entanto, se é verdade que une a linguística histórica e comparativa a fim de consolidar seus fundamentos, é verdade também que não procura fundá-la tal qual vinha se desenvolvendo

¹ In: Rastier, François. De l'essence double du langage et le renouveau du saussurisme. *Arena Romanistica*, Número especial por ocasião do centenário da morte de Ferdinand de Saussure (1857–1913), Editor especial: F. Rastier, n.12, 2013.

² Diretor de pesquisa, CNRS, Paris.

³ Saussure assim nomeou a ciência que estuda a vida dos signos nas sociedades. No entanto, o termo semiótica (*semiotics*) estava em uso no mundo anglófono de Locke até Peirce, sendo usado para designar a parte da lógica que trata dos signos. A partir da criação da Associação internacional de semiótica [*Association internationale de sémiotique*], em 1969, o termo *semiótica* generalizou-se.

há um século. O conhecimento progressivo dos seus escritos póstumos permite atualmente formular novas hipóteses sobre seu projeto e as razões do seu inacabamento.

Há algum tempo, um colega linguista publicou uma antologia de artigos com o título *Em busca de Ferdinand de Saussure* [*À la recherche de Ferdinand de Saussure*] e concluiu, um tanto insolente, que a pesquisa de Saussure tornara-se inútil. Ainda no tom proustiano, e mais otimista, o título *Saussure reencontrado* [*Saussure retrouvé*] poderia convir ao presente artigo: não apenas textos importantes de Saussure foram descobertos há cerca de vinte anos, como o ato de reencontrar o pensamento de Saussure interessa ao presente, reorienta o futuro da linguística e, de maneira mais geral, da semiótica.

1. Saussure é conhecido não apenas como um dos fundadores da linguística moderna, mas do próprio estruturalismo, da semiologia e da metodologia comparativa nas ciências humanas e sociais. Seu nome chegou à psicanálise pelas mãos tanto de Jacques Lacan quanto de seus opositores mais notórios, como André Green. Ainda assim, seus escritos continuam pouco estudados, seus projetos intelectual e científico continuam ignorados, não somente pelas condições complexas de publicação póstuma (feitas às vezes de segunda ou até terceira mão), mas também por vários preconceitos e julgamentos sumários dos quais me afasto na expectativa de assim recuperar a beleza do conjunto.

Esse estudo não pretende contribuir para uma iconização de Saussure, mas sim sublinhar a necessidade de pesquisas filológicas, hermenêuticas e reflexões linguísticas para restituir o projeto saussureano: é fundamental para o futuro da linguística ser capaz de caracterizar e compreender uma obra reconhecida como fundadora.

Há cerca de 50 anos a publicação parcial de manuscritos autógrafos permitiu aprofundar a compreensão do seu pensamento. Notoriamente em 1996, a descoberta de um

manuscrito publicado em 2002 com o título *Da dupla essência da linguagem* [*De l'essence double du langage*] suscitou um aumento internacional dos estudos saussureanos. É claro que aqui nos interessam a edição e a interpretação de Saussure, mas igualmente nos interessa a linguística e a semiótica de tradição saussureanas.

2. Se começamos a ouvir falar recentemente em um “retorno a Saussure”⁴, a situação era bem diferente daquela de mais ou menos cinquenta anos atrás, quando Greimas publicava *A atualidade do saussurismo* [*L'actualité du saussurisme*], no contexto da comemoração *Saussure après un demi-siècle* (Genebra, 1963). De fato, o corpus saussuriano aumentou com a inclusão de manuscritos e cadernos de alunos que permitem novas leituras, filologicamente estabelecidas⁵. Infelizmente, esses documentos foram considerados materiais preparatórios do *Curso de linguística geral* [*Cours de linguistique générale*], como se fossem a síntese intransponível do pensamento de Saussure. Assim, o acesso ao pensamento saussureano foi ao mesmo tempo permitido e impedido pelo *Curso*, que tem todas as características de uma vulgata: indispensável, amplamente citado, sem valor científico. Ele não apenas gera impasses sobre os desenvolvimentos epistemológicos pelos quais começa o segundo curso na Universidade de Genebra, como também, e principalmente, minimiza a contribuição de Saussure

⁴ Sobre isso, Bouquet cita os artigos de Jean-Claude Milner “Retour à Saussure” (1994), Jean-Claude Chevalier “De nouveau Saussure” (1997) e Christian Stetter “Am Ende Des Chomsky-Paradigmas : zurück zu Saussure?” (2001). Podemos acrescentar ainda, de 1985, *Retour à Saussure*, de Claude Zilberberg.

⁵ Esses escritos não estavam editados em 1956, quando Greimas escreveu *L'actualité du saussurisme* (reeditado em *La mode en 1930*, Paris, PUF, 2000). Benveniste, na sua conferência de abertura da comemoração *Saussure après un demi-siècle*, já mencionava a obra de Godel, *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale* (1957), mas dizia em relação ao estudo do corpus saussuriano que “não é nosso objetivo” (1966, p. 32). Foi preciso esperar as considerações de Simon Bouquet (1997) e de Arild Utaker (2002) para podermos considerar toda a extensão da teoria saussuriana, sem depender da imagem convencional e quase religiosa legada pela tradição acadêmica.

quanto à linguística da *parole*. Em suma, excetuados os raros estudos publicados por Saussure, os manuscritos são os únicos escritos autênticos a partir dos quais podemos trabalhar, sendo os cadernos de alunos e o *Curso* apenas documentos anexos e complementares⁶.

Poderemos talvez aprofundar a história do pensamento saussuriano e do saussurismo quando a linguística tiver recuperado sua história e lido seus próprios textos. À iconização indolente se opõe a exigência de uma (re)leitura, notadamente pela crítica das fontes que estão ainda longe de terem sido editadas, mesmo que depois de dez anos o conhecimento tenha progredido com a descoberta do manuscrito do livro de linguística geral intitulado *Da dupla essência da linguagem*. É verdade que são necessários esforços para compreender um pensamento que exerce uma crítica definitiva em relação aos *topoi* milenares da filosofia da linguagem ocidental: a referência, o substancialismo que lhe é correlativo, a definição ontológica das partes do discurso, o problema da verdade, o mentalismo, o dualismo que opõe pensamento e expressão, o fantasma etiológico, o mecanismo etc.

Para além da curiosidade que atira o tema romanesco do manuscrito reencontrado, a publicação das cem páginas de notas descobertas em 1996 na estufa [Orangerie] da propriedade particular dos Saussure em Genebra explica somente em parte o sucesso dos *Escritos de linguística geral* [*Écrits de linguistique générales*]⁷.

Paradoxos de um corpus extenso e de uma leitura tardia, os textos publicados em 2002, principalmente os inéditos da Orangerie, pertencem ao *nosso século*: somos nós que devemos lê-los, interpretá-los, avaliar sua importância, tanto em relação à data

⁶ Cf. Engler: “Uma vez surgidas as ‘fontes’, era evidente e imperioso trabalhar com os textos ‘autênticos’” (in Bouquet, ed. 2003, p. 18).

⁷ Paris, Gallimard, 2002, ed. Simon Bouquet e Rudolf Engler (doravante ELG). Esses *Escritos*, já traduzidos para quatorze línguas, serão seguidos de uma nova edição das *Leçons* estabelecidas a partir dos cadernos de alunos.

de redação (os anos 1890, imagina-se) quanto em relação ao corpus saussuriano, a história do saussurismo e o futuro da linguística.

3. Sem nos demorarmos nos debates paradoxais que opõem os ortodoxos, presos ao *Curso de linguística geral*, e os “neo-saussurianos”, privilegiamos aqui a leitura de *Da dupla essência da linguagem*, a fim de contribuir para a releitura que está sendo feita do conjunto do corpus saussuriano.

Da dupla essência da linguagem lança um triplo desafio: *filológico*, tendo a linguística se afastado consideravelmente da filologia; *hermenêutico*, permanecendo dominante a problemática lógico-gramatical; *epistemológica*, quando as teorias dominantes permanecem largamente tributárias do positivismo lógico, sobretudo pelo dualismo cognitivo pensamento/linguagem e a tripartição sintaxe/semântica/pragmática, mesmo que Saussure não assuma um discurso totalmente epistemológico, mas gnosiológico e metodológico.

Até o presente, o *Curso*, obra de terceira mão, serviu como porta de entrada para o corpus saussuriano, tanto que alguns apresentam Saussure como um autor contraditório e até inapreensível: com efeito, *Da dupla essência da linguagem*, escrito autêntico, chega a contradizer pontos cruciais do *Curso*, escrito apócrifo. O lugar da *Dupla essência da linguagem* necessita ser portanto precisado no corpus saussuriano, pois sua descoberta modifica a economia do *Curso*. Enquanto esse corpus era dominado por duas obras aparentemente antitéticas, tanto pelas propostas quanto pela autenticidade, *Memória sobre o sistema primitivo das vogais nas línguas indo-europeias* [*Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*] e *Curso de linguística geral*, *Da dupla essência da linguagem* traz um status intermediário: obra de linguística geral, faz um balanço teórico de *Memória*, explicitando uma concepção inovadora das línguas e sua descrição; de outro lado, formula nitidamente os princípios que transpassam o *Curso*, apesar das simplificações trazidas pelas notas de ouvintes ou

manipulações de editores. Esse escrito parece, por assim dizer, o elo perdido que permite ligar a *Memória* e o *Curso*: de um lado, permite uma compreensão unificada das notas e fragmentos de linguística geral publicados em 1974 por Engler, ou descobertas conjuntas ao *Da dupla essência da linguagem*, mas não integradas ao dossiê editorial; de outro lado, esconde novidades radicais, principalmente sobre as dualidades: primeiro a dualidade sincronia/diacronia, mas também a dualidade *langue/parole* e a dualidade significante/significado que serão exploradas nas grandes pesquisas inéditas da década 1900-1910 sobre as lendas germânicas e os anagramas.

Sabemos que a porta de entrada em um corpus traz uma importância crucial para sua interpretação: construindo uma nova porta de entrada no corpus saussuriano, *Da dupla essência da linguagem* abre também novas perspectivas de interpretação que justificam o desenvolvimento atual da linguística saussuriana.

Um útil princípio da hermenêutica sugere que mergulhemos um texto no seu corpus de escrita e leitura inicial, de modo a definir seus intertextos de elaboração e de leitura. Essa é uma condição necessária para reconstituir seu projeto sem ter que se prender ao horizonte de expectativa formado sobre uma tradição (*Da dupla essência da linguagem* não correspondia a nenhum horizonte de expectativa), mas, nesse caso, para descobrir o horizonte não esperado que foi aquele de Saussure⁸.

Desde Derrida, e também levando em conta os autores da Análise do Discurso, os teóricos do pós-modernismo repetiram sempre que era preciso ultrapassar Saussure, que apressadamente relacionavam a uma linguística da *langue*. Se não sabiam, ou preferiam ignorar, que Saussure era um precursor de suas próprias

⁸ A noção de Gadamer de horizonte de expectativa é no mínimo conservadora, levando a prevalecer sobre a obra a tradição interpretativa, aceita de maneira não crítica: assim o *CLG* configurou o horizonte de expectativa da obra de Saussure, restringindo abusivamente sua interpretação.

vias teóricas, é nítido atualmente que o Saussure autêntico de *Da dupla essência da linguagem* ultrapassa o Saussure escolar do *Curso*.

Da dupla essência da linguagem permite um outro ponto de entrada no corpus de escritos de Saussure. É possível supor que esse manuscrito sistemático, de teor epistemológico e com intenções fundadoras, não represente menos o pensamento do seu autor do que as notas de alunos compiladas postumamente por colegas. Trata-se do livro de linguística geral evocado por Saussure em 1891, na sua aula inaugural em Genebra. Surge após um período de dúvidas, quando Saussure quase chega a abandonar a linguística. E traça o programa de uma linguística geral cujos pontos centrais apareciam apenas parcialmente no *Curso*. Durante as duas décadas seguintes, até sua morte em 1913, sua reflexão se desenvolverá e evoluirá a partir dessa síntese programática.

Não se trata de transformar esse manuscrito em um dogma ou de ver nele o único ponto de acesso ao corpus saussuriano. Mas a hipótese de seu caráter determinante se confirma à medida que relemos e reavaliamos a obra de Saussure.

4. *Quando reler é começar.* – Sempre se leu Saussure a partir do *Curso*, com a notória exceção de Benveniste, que, como especialista em línguas indo-europeias, começou a lê-lo a partir de *Memória*. Até hoje sua recepção está baseada em um século de leituras do *Curso* – mesmo que a maior parte dos *Escritos* já houvesse sido publicada há mais de quarenta anos no segundo tomo da edição Engler do CLG.

A leitura dos *Escritos* continua, no entanto, delicada.

(i) Esses textos são o testemunho de um tempo de inovação em que a linguística tinha um projeto unificador: ainda não havia se dividido em subdisciplinas acadêmicas rivais, da linguística cognitiva à análise do discurso (ela mesma discurso acompanhante dos discursos sociais), que hoje, após décadas de silêncios ou de contestações, não saberiam aceitar o questionamento póstumo, mas radical, de suas bases fundadoras. Um exemplo: para Saussure, a

questão da origem da linguagem, que é hoje objeto de tantas especulações, não tem qualquer pertinência epistemológica.

A linguística cognitiva simplesmente ignora Saussure e a maior parte da linguística saussuriana; em compensação, a corrente enunciativa-pragmática da linguística e a corrente pós-estruturalista da filosofia e dos estudos culturais surgiram baseadas em uma crítica do *Curso* e sua recepção. Era necessário ultrapassar Saussure, isto é, o *CLG*, a vulgata de uma vulgata: abandonando pontos de vista radicais sobre a teoria linguística, a objetivação da linguagem ou seu caráter de instituição única em seu gênero, fez uma leitura parcial do *CLG*, dando destaque para problemas de menor importância, ou mesmo inúteis. Por exemplo: várias polêmicas surgiram sobre a questão da arbitrariedade do signo, que aparece e reaparece em Benveniste, Arrivé, Normand, Gadet, Urien. Ora, os *Escritos* mencionam essa questão uma única vez, e apenas em relação ao emparelhamento da expressão e do conteúdo: “na associação que constitui o signo não há nada de imediato, a não ser dois valores que só existem um em relação ao outro (arbitrariedade do signo)” (*ELG*, p. 33). Trata-se aí de uma “arbitrariedade relativa” que não diz respeito às relações entre o signo e outra coisa, mas à dualidade expressão/contéudo. Essa questão parece para Saussure, portanto, um ponto simplesmente didático, só reaparecendo em uma nota preparatória para o terceiro curso.

É certo que Saussure era pouco compreensível para seus contemporâneos, o que provavelmente o dissuadiu de publicar suas pesquisas. Durante um século, a maior parte da sua obra não foi conhecida – o que tem mudado atualmente, e, se um grande trabalho de edição ainda precisa ser feito, a releitura do corpus à luz das descobertas mais recentes já modifica profundamente a compreensão de Saussure.

(ii) Os redatores do *Curso*, Bally e Sechehaye, são certamente os pais fundadores de um saussurismo acadêmico que apagou de imediato a radicalidade do pensamento saussuriano para propor

um compêndio e uma leitura que não confundem nem as tradições disciplinares nem os hábitos de pensamento. O *Curso* é sempre objeto de celebrações, que crescerão em 2016 (centenário da sua publicação). Os textos difíceis de serem integrados à vulgata ficam relegados a uma margem “saussurológica”: foi o caso, há meio século, dos textos reunidos por Engler no segundo tomo da sua edição crítica do *Curso*, mas também dos *Anagramas* [*Anagrammes*] e das *Lendas germânicas* [*Légendes germaniques*], que suscitaram mais interesse fora do que dentro da própria linguística. É também o caso atualmente de *Da dupla essência da linguagem*. A partir de um corpus bastante restrito, o saussurismo acadêmico sedimentou comentários que criam obstáculos a uma apreciação crítica dos novos manuscritos, tanto que alguns autores preferem considerá-los como documentos anexos, minimizando de imediato a contribuição do “Novo Saussure” e criando um esboço confuso e fragmentário do antigo.

Prefere-se opor Saussure a ele mesmo, evitando diferenciar as dualidades que animam seu projeto científico. No entanto, é muito cômodo opor duas fontes que definitivamente não são da mesma ordem e não têm a mesma história, muito embora duas compreensões do conjunto do corpus divirjam hoje. Desde as simplificações de Jakobson, foram distinguidas as oposições binárias e das dualidades das dicotomias. Viu-se em Saussure o pai fundador de um estruturalismo acrônico e esquematizado que era preciso ultrapassar. Por suas contradições, o *Curso* autorizava esse gesto; *Da dupla essência da linguagem*, por sua teoria das dualidades, impedia-o. Esse manuscrito pode permitir assim o recuo necessário para compreender a obra no seu conjunto. Um desafio foi colocado diante de nós: essencialmente privada das suas dimensões histórica e comparativa, a linguística se satisfaz tanto com modelos parciais quanto com teorias excessivamente potentes, universais e por isso mesmo dogmáticas.

5. *As dualidades*. – A teoria das dualidades continua sendo talvez o centro mal compreendido do pensamento de Saussure. (i) Ela rompe com o princípio de identidade, fundador da ontologia aristotélica e da lógica apodítica que daí deriva. (ii) Recusa o dualismo tradicional entre a matéria e o espírito, o sensível e o inteligível, a linguagem e o pensamento, o som e o sentido. (iii) Introduce, no próprio coração da teoria do conhecimento, o conceito de *ponto de vista*, pois cada um dos termos de uma dualidade corresponde a um ponto de vista, e nenhum objeto é apreensível sem que lhe apliquemos ao menos duas apreensões complementares postas em dualidade.

O principal manuscrito da Orangerie, que se intitula *Da dupla essência da linguagem*, trata do conjunto das dualidades. Notas para o segundo curso indicam: “A linguagem é redutível a cinco ou seis dualidades” (ELG, p. 298), e assim as enumeram: (i) entre *significante* e *significado* (“os dois lados psicológicos do signo”); (ii) entre *individual* e *coletivo* (“indivíduo e massa”); (iii) entre *langue* e *parole* (“O terceiro par de coisas é constituído pela *langue* e pela *parole* (o signo [...] se entrega a uma manutenção dupla)”); (iv) entre *vontade individual* e *passividade social* (cf. ELG, p. 299). Para chegar ao número de seis, é preciso acrescentar ainda *sincronia* e *diacronia*, e talvez *paradigmático* e *sintagmático*⁹. Essas dualidades recobrem uma função eminente para uma fundação epistemológica que não tem nada de axiomático nem de dedutivo: “Não falemos

⁹ Cada uma dessas dualidades precisaria evidentemente de um exame crítico. Por exemplo: é claro que a dualidade *indivíduo/massa* deriva da sociologia (na época de Saussure, enfrentavam-se a sociologia de massa de Durkheim e a sociologia do indivíduo de Tarde) e não pertence propriamente à linguística, mesmo que encontre um análogo específico na dualidade *langue/parole*. As variações e indecisões de Saussure sobre as dualidades mereceriam ser estudadas mais profundamente do que fez Benveniste, que propõe uma lista não limitativa de oito dualidades, das quais pelo menos três parecem criadas por ele mesmo (cf., *op. cit.*, 1966, p. 40). O que nos importa aqui é estabelecer a ligação entre as dualidades e o método saussuriano de fundamento epistemológico.

nem de princípios, nem de axiomas, nem de teses. São apenas, e no puro sentido etimológico, aforismas, delimitações” (ELG, p. 123).

Ora, na nossa tradição, duas problemáticas dividem a história das ideias linguísticas. Elas parecem inconciliáveis: a primeira, dominante, de tradição lógica e gramatical, é baseada na ontologia e aposta no signo; a segunda, menos unificada, de tradição retórica ou hermenêutica, é baseada sobre uma praxeologia e aposta no texto¹⁰. Essas duas problemáticas dividem as dualidades saussurianas: em resumo, os polos privilegiados pela tradição lógico-gramatical são a *langue*, o significante, a sincronia, a massa, a necessidade, enquanto que a tradição retórica/hermenêutica privilegia, por sua vez, a *parole*, o significado, a diacronia, o indivíduo, a vontade.

Pela teoria das dualidades, Saussure contradiz em primeiro lugar o binarismo jakobsoniano que foi um dos pecados capitais do estruturalismo dos anos 1960. De fato, as dualidades não opõem um termo a outro, mas um termo ao par que forma com o outro. Cada um forma uma dualidade com o todo que o contém. As dualidades determinam oposições participativas entre a parte e o todo (como se vê, por exemplo, entre zona intensa e zona extensa na *Teoria dos casos* de Hjelmslev): elas traduzem a dominância metodológica de um ponto de vista sobre o outro. É uma concretização, na própria semiose, do princípio hermenêutico de que o global determina o local; em outros termos, que o signo determina cada uma das suas faces. Assim, o termo A se opõe a A/B, e o termo B a A/B (nessa notação, a barra oblíqua indica uma dualidade). Além disso, uma dualidade A/B existe apenas diferencialmente em relação às dualidades vizinhas (em paradigma ou em sintagma), ou [A vs A/B] vs [C/D], [X/Y] (nessa notação, *vs* indica uma oposição participativa e os colchetes delimitam lugares

¹⁰ Podemos nos reportar a Rastier, 2001a. Saussure parece ter reconhecido essa dualidade dos pontos de vista: “Não há na linguística diferentes pontos de vista a serem aplicados livremente, mas dois pontos de vista forçados, resultando do próprio objeto (sincrônico e diacrônico)” (ELG, p. 263).

de globalidade). Como os termos não têm qualquer existência própria independente das diferenças que as delimitam, não são elementos e não se prestam ao princípio de composicionalidade que permitiria derivar o sentido de uma expressão do sentido de suas sub-expressões. Isso exclui que as frases sejam junções de palavras e os textos junções de frases, e leva-nos a reexaminar a dualidade *langue/parole*.

6. *A dualidade langue/parole*. – Ainda que o *Curso* faça de Saussure, injustamente, um linguista da *langue*, Saussure é também, e talvez até mais, um teórico da *parole*, e a *Nota sobre o discurso* [*Note sur le discours*] é a prova mais evidente disso (cf. *ELG*, p. 277). Ainda assim, continuamos vendo Saussure como um linguista da *langue*. Por exemplo: Greimas lhe atribuía a tese de que a *parole* pressupõe a *langue*, o que Hjelmslev retomaria, afirmando que o processo pressupõe o sistema. Esse tipo de equívoco continua sendo o pretexto da recusa de Saussure pela linguística da enunciação¹¹ e sobretudo pela escola francesa da Análise do discurso.

Ora, a *parole* é, para Saussure, o elemento determinante na dualidade *langue/parole*. Afirmando isso, sugeriu a determinação da problemática retórica/hermenêutica sobre a problemática logico-gramatical, que parece na verdade sua versão simplificada, ou mesmo empobrecida. Se Saussure não estabeleceu que essa dominância relativa permite escapar da antinomia entre problemáticas, projetou, no entanto, uma reconstituição, no coração da semiologia, das disciplinas da linguagem e setores da linguística: “Semiologia = morfologia, gramática, sintaxe, sinonímia, retórica, estilística, lexicologia, etc., sendo o todo inseparável” (*ELG*, p. 45). Na medida em que a problemática retórica/hermenêutica permanece primordial, essa reconstituição sugere uma nova concepção da linguística a partir dos estudos textuais – os trabalhos de Saussure sobre a poesia latina e as lendas

¹¹ Com a notável exceção de Culioli.

germânicas acompanharam inclusive a elaboração da sua linguística geral.

Tradicionalmente, a relação entre uma gramática e as produções linguísticas que ela rege é concebida como uma relação entre a *potência* e o *ato*, na tradição aristotélica; ou ainda entre *energeia* e *ergon*, segundo Humboldt; ou ainda entre *competência* e *performance*, segundo Chomsky, que retoma Humboldt nesse aspecto. Ora, talvez por não formulado bem a questão, nenhuma teoria linguística conseguiu resolver o problema da sua articulação.

Se concordamos que a potência não preexiste ao ato¹², a *langue* não preexiste à *parole*: ela é aprendida em seu seio, e a competência dos sujeitos evolui ao longo de suas práticas efetivas. O “elo perdido” entre a língua e a *parole* é constituído pelo espaço das normas, como bem notou Coseriu. No entanto, mesmo na tradição saussuriana, as duas linguísticas, a da *langue* e a da *parole*, permaneceram separadas porque uma linguística das normas não foi ainda construída¹³.

Atualmente, a linguística de corpus pode oferecer os meios teóricos e técnicos para estudarmos o espaço das normas e transformar em dualidade a falsa antinomia entre *langue* e *parole*. Para isso, é preciso realizar um estudo comparativo, tanto dos discursos quanto dos campos genéricos e dos gêneros, e mesmo dos estilos – está aí um resultado da problemática da linguística comparada¹⁴. Se tomamos a medida das diversidades efetivas dos

¹² Cf. Rastier, *Saussure au futur*, Paris, Les Belles Lettres, 2015, cap. 5.

¹³ Pensa-se, talvez injustamente, que não pode haver uma ciência das normas: ela seria uma deontologia que escaparia por seu caráter relativo e condicionado ao imaginário lógico-gramatical das regras, e mesmo ao imaginário cientificista das leis. Assim, a relação entre língua e *parole* permanece geralmente concebida tanto como uma passagem do virtual ao atual quanto como a passagem de regras a liberdade: nos dois casos, é difícil conciliar as virtualidades imperativas da *langue* com as liberdades atuais da *parole*. De fato, passar da *langue*, concebida abstratamente, para a *parole*, não é apenas declinar graus de sistematicidade decrescentes, mas também status epistemológicos diversos.

¹⁴ Cf. Rastier, *La mesure et le grain – Sémantique de corpus*, Paris, Champion, 2011, cap. 3.

discursos, campos genéricos¹⁵ e gêneros, o núcleo invariante que podemos chamar de *langue* se reduz drasticamente ao inventário dos morfemas, a obrigações como a estrutura da sílaba, a estrutura do sintagma, etc.; por exemplo, os lexemas não fazem parte disso, pois já são fenômenos de “discurso”¹⁶. Nenhum texto é escrito apenas “em uma língua”: é escrito em um gênero e em um discurso, levando em conta evidentemente as regras de uma língua. Entre o espaço normativo das regras e a desordem aparente dos usos, entre o universal da língua e a singularidade dos empregos, o espaço das normas se estende da generalidade da doxa à particularidade do paradoxo. A dualidade *langue/parole* não é evidentemente uma contradição: as regras da língua são talvez normas inveteradas e as performances da *parole* não estão evidentemente isentas de normatividade, já que instauram e manifestam as regras da língua e diversas normas socioletais.

Em suma, a linguística toma o espaço das normas diretamente como objeto de descrição: no lugar de decretá-las, como fazia anteriormente considerando inaceitáveis enunciados, mesmo quando atestados, ela deve descrevê-las, e, para isso, explorar os corpora¹⁷. Com os métodos da linguística de corpus, dispomos

¹⁵ Os campos genéricos são grupamentos de gêneros, como a poesia ou o teatro.

¹⁶ É porque o léxico, ao menos o das palavras, não pertence à língua. De fato, como a sintagmática deriva da *parole*, as palavras são também formações textuais (diferentemente dos morfemas).

¹⁷ Ela não precisa se pronunciar sobre a questão da inaceitabilidade: são as teorias normativas que a criam e a tornam inaceitáveis. É pelo estudo dos textos que podemos restituir as normas linguísticas em vigor. A *langue* é somente aquilo que torna os elementos do corpus comparáveis: é preciso, para estabelecer suas regularidades, verificar hipóteses de isonomia (em uma sincronia) e de homogeneidade (apesar das variações de lugar e de registro). O estudos dos corpora mostra que o léxico, a morfossintaxe, a maneira como se colocam os problemas semânticos da ambiguidade e do implícito, tudo isso varia com os gêneros, os campos genéricos e os discursos. Podemos chegar até aos estilos enquanto fenômenos linguísticos e não somente literários (cf. Rastier, *Arts et sciences du texte*, Paris, PUF, 2001, cap. 6). Aliás, Saussure afirmava no seu relatório sobre a criação de uma cadeira de estilística: “é linguística isso que nos

agora de novos meios para testar as hipóteses sobre a relação entre normas e regras, como a relação entre os dois planos da linguagem (planos do significante e do significado)¹⁸.

7. *A dualidade significante/significado*. – A oposição entre os dois planos da linguagem deve muito à oposição entre o sensível e o inteligível. Embora há milênios se opusesse o pensamento à linguagem, a significação ao signo etc., Saussure põe fim ao dualismo entre o sensível e o inteligível com sua teoria da unidade linguística. Essa novidade radical não foi compreendida, e o dualismo permaneceu a regra nas concepções logicistas e cognitivistas da linguagem. No entanto, a teoria saussuriana da “forma-sentido” reconhece uma dualidade não-antinômica entre esses níveis: “É vão também querer considerar a ideia fora do signo e o signo fora da ideia” (*ELG*, p. 44)¹⁹. O caráter indissociável das duas faces do signo e dos dois planos da linguagem foi pensado como frente e verso, segundo os termos do *Curso*, ou como uma pressuposição recíproca (segundo os termos de Hjelmslev). Com efeito, as correlações de diferenças implicam vários signos diferentes em sintagmática: sem ser previamente codificados em língua, elas se estabelecem na ação enunciativa e interpretativa. Os percursos entre os planos da linguagem são reconhecidos por Saussure enquanto forma elementar, como testemunha a figura que justapõe dois signos A e B ligando a ideia *a* ao som *b* e a ideia *b* ao som *a* (*ELG*, p. 290), indicando assim que o contexto de uma unidade de expressão pode ser uma unidade do conteúdo, e reciprocamente. Retraçamos as consequências dessa ruptura

é oferecido com o nome de estilística. Sim, senhores, tão-somente linguística. Mas a linguística, ousou dizer, é vasta” (*ELG*, p. 273).

¹⁸ Cf. Rastier, *op. cit.*, 2011.

¹⁹ Se no modelo canônico do signo apresentado pelo *Curso* a indissociabilidade das duas faces do signo é afirmada, a linha que separa o significante do significado permanece apócrifa e trai graficamente a proposta de Saussure, como podemos ver nos *ELG* (p. 103), onde esse modelo é explicitamente recusado e a linha é substituída por um pontilhado.

ontológica sobre a própria concepção do signo linguístico (cf. Rastier, 2015, cap. 3).

Em resumo, mesmo contrastando tradições epistemológicas, as dualidades aparecem como transcendentais diferenciais, quadros gerais para a formulação das categorias descritivas. Elas constituem sistema, e, mais que uma hierarquia, constituem uma heterarquia²⁰. Como conhecem oposições graduais, elas escapam à apodítica que garante a ancoragem ontológica da tradição logico-gramatical.

Estabelecendo essas dualidades, Saussure ultrapassava a preconcepção do real originada da ontologia aristotélica e inspiradora do objetivismo (notadamente positivista), para substituí-lo por uma “de-ontologia” conforme ao status das ciências da cultura. No mesmo gesto de definir seu modo próprio de objetivação, Saussure indicava o tipo de verdade a que essas ciências podem pretender: “A linguística procede por indução e intuição, e deve assim proceder para chegar a resultados fecundos” (ELG, p. 132). Partindo de uma crítica implícita da linguística reconstrutiva de fundo indo-europeu, ele esboça assim uma epistemologia da conjuntura e um método baseado em indícios.

8. Hoje, a linguística de corpus pode oferecer os meios teóricos e técnicos para estudar o espaço das normas e transformar em dualidade a falsa antinomia entre *língua* e *parole*. Nenhum texto é

²⁰ “Há cinco ou seis verdades fundamentais que estão tão ligadas entre si que podemos partir de uma ou de outra que chegaremos logicamente a todas as outras e a toda a ínfima ramificação das mesmas consequências partindo de qualquer dentre elas” (ELG, p. 17). Esse pensamento heterárquico está talvez ligada à recusa da tradição ontológica que dominou o pensamento ocidental. O Ser, o Deus dos filósofos, tomou o lugar do panteão das rapsódias, mas permanece um *arché*: ao poder divino se substituiu o Princípio incondicionado. Correlativamente e por contraste, encontramos nas tradições de pensamento não ontológicas círculos conceituais não hierárquicos; por exemplo, no budismo, o círculo do nascimento e da morte diz *pratityasamutpada* (duodecuplicado elo da geração subordinada): se a tradição coloca *avidya* (ignorância) no topo da lista desses conceitos, é unicamente por razões didáticas, teria precisado o Buda.

escrito apenas em “uma língua”: é escrito em um gênero e em um discurso, levando em conta evidentemente as regras de uma língua. Entre o espaço normativo das regras e a desordem aparente dos usos, entre o universal da língua e a singularidade dos empregos, se estende o espaço das normas. A poética literária e mitográfica pode assim dar à luz uma *poética generalizada* estendida à caracterização linguística contrastiva dos discursos, gêneros e estilos.

A linguística saussuriana continua revolucionária porque é uma linguística do texto, não uma linguística do signo: não que ela tenha procurado construir uma “gramática do texto”, mas porque a própria definição das unidades gramaticais remete à dimensão do texto onde essas unidades, de outra maneira vazias e indefiníveis, assumem seu valor. É sobretudo porque Saussure não foi compreendido e continua difícil de ser compreendido: na falta de uma linguística unificando os signos e os textos – e notadamente na falta de ter reconhecido a unidade da semântica lexical e da semântica textual –, a maior parte dos linguistas não puderam apreender o papel dos estudos textuais de Saussure na edificação da sua linguística geral.

Elementos biográficos poderiam esclarecer o projeto de Saussure: conforme as indicações convergentes dos seus amigos H. Möller e A. Cuny, diante das incompreensões suscitadas por sua *Memória*, Saussure teria tentado no começo dos anos 1880 abandonar a linguística para se dedicar ao estudo da epopeia germânica (cf. 1972, p. 329). Mas isso não aconteceu: é a uma recusa da restrição neogramática que Saussure deve ter unificado teoria do signo e teoria do texto em uma mesma disciplina. Essa escolha é acompanhada por uma insistência sobre a singularidade cultural das línguas. Em uma carta a Meillet, em 1894, Saussure escreveu: “É, em última análise, somente o lado pitoresco de uma língua, aquele que faz com que ela se diferencie de todas as outras, pertencendo a certo povo e tendo certas origens; é esse lado quase

etnográfico que conserva algum interesse para mim” (Benveniste, ed., p. 95)

Se Saussure marca uma justa desconfiança em relação às especulações sobre a origem da linguagem, ele sugere indicações sobre a origem do nosso conhecimento da linguagem. O saber linguístico não seria distantemente originado dos aedos, primeiros profissionais da linguagem, que demonstraram um excelente conhecimento ao refletir sobre sua prática? A língua hierática dos Vedas, a língua de arte dos poemas homéricos supõem conhecimentos profundos: de algum modo, as artes da linguagem traçaram o caminho do seu estudo. Assim, para Saussure, o primeiro hino do *Rig-Veda* é “prova de uma análise muito antiga gramático-poética” (Starobinski, ed., 1971, p. 37). De onde deriva esta brilhante hipótese: “Não me surpreenderia que a ciência gramatical da Índia, do ponto de vista fônico e morfológico, não fosse uma sequência de tradições indo-européias sobre os procedimentos que devem ser seguidos em poesia para confeccionar um *carmen*, levando em conta *formas* do nome divino” (Starobinski, ed., 1971, p. 38; ver também Utaker, 2002, p. 153).

É claro que a linguística não é uma nota de rodapé da literatura – como a filologia definida ironicamente por Saussure –, mas deve continuar sendo um ramo da filologia: não uma teoria da faculdade de linguagem, mas uma disciplina que estuda esses objetos culturais múltiplos que são os textos orais e escritos. É sobre eles que podem ser postos os problemas fundamentais da articulação entre *langue* e *parole* como um problema de equilíbrio entre linguística interna e linguística externa.

Tradução: Thiago Mattos.

**Tripla articulação da língua e articulação
hermenêutica da linguagem¹
Quando *Sobre a essência dupla da linguagem*
reinterpreta os textos saussurianos**

Simon Bouquet²

1. Introdução

A revolução do *Curso de linguística geral* advém da formulação de um programa epistemológico inovador, sobre a base do qual Ferdinand de Saussure foi reconhecido como o pai da linguística moderna: a fonologia da primeira metade do século XX e, em seguida, um estruturalismo linguístico estendido ao domínio do sentido são, entre outros, os frutos desse programa. Mas Saussure não é o autor do *Curso*, e esse livro, qual tenha sido sua importância, desnaturou o projeto autêntico do linguista genebrino sobre pontos essenciais, como testemunha o duplo *corpus* saussuriano dos escritos autógrafos e dos cadernos dos alunos (*corpus* designado daqui em diante pelo vocábulo *textos originais*). Daí decorre que esse projeto autêntico mal identificado não tenha sido implementado em sua totalidade. Conseqüentemente, a reivindicação pós-estruturalista de uma mudança de paradigma em ciência da linguagem – “Desde o desenvolvimento da gramática gerativa, a problemática do signo desempenha apenas um papel marginal nas teorias linguísticas *stricto sensu*”, escrevem

¹ Tenho o prazer de agradecer François Rastier por suas críticas oportunas – tanto quanto de reconhecer minha dívida para com sua reflexão pioneira de conjugar perspectiva hermenêutica e linguística diferencial.

² Université Paris Ouest Nanterre.

Ducrot e Schaeffer em seu *Nouveau dictionnaire des sciences du langage*³ – parece um pouco problemática⁴.

Na conjuntura das ideias linguísticas do final do século XX, o apagamento progressivo do paradigma saussuriano tem sido carregado de consequências: pode-se argumentar que esse apagamento concorreu para privar a linguística de uma epistemologia própria. Na verdade, se, observando seus critérios de cientificidade, a epistemologia de Saussure toma a forma de uma epistemologia comum – dito de outra forma: de uma epistemologia que pode responder à qualificação de “galileana”⁵ –, ela não deixa de definir os objetos perfeitamente específicos de um domínio de ciência unificado, do qual ela garante a heurística, e da evolução da qual fornece uma chave de leitura. Ora, nesse sentido, a epistemologia saussuriana não foi substituída por nenhuma outra: a voga do plural acadêmico *ciências da linguagem* parece bastante, neste caso, o encobrimento [*cache-misère*] de uma ausência de epistemologia. De fato, a justificativa de cientificidade em linguística foi transmutada, de maneira suficientemente regressiva, em uma série de enfeudações reducionistas – enfeudações às lógicas, às ontologias, e, sobretudo, às psicologias ou (neuro)ciências ditas *cognitivas* – às custas das quais a coerência, em termos de objeto e método, de uma *linguística nela mesma* se perde, e a relação própria da ciência da linguagem com as ciências conexas se enfraquece. Esses reducionismos impedem, particularmente, a linguística de construir um diálogo fecundo com as ciências sociais e as ciências da cultura.

Por uma cruel ironia do destino, enquanto a epistemologia saussuriana perdia seu estatuto de paradigma comum em

³ Inédito em português. [N.T.]

⁴ Cf. o autor, “*La grammaire générative décrit-elle la dimension syntaxique d’une sémiotique saussurienne ? Avatars du ‘signe linguistique’, de Saussure à Chomsky*”, no prelo.

⁵ Cf. meu *Introduction à la lecture de Saussure*, Paris, Payot, 1997. [Introdução à leitura de Saussure, São Paulo: Cultrix, 2000. As referências a esse livro serão baseadas nessa edição.]

linguística, os textos saussurianos autênticos adquiriam *status* de objeto de publicação – esforço desperdiçado até hoje, uma vez que nem esses textos nem seus comentadores exerceram, na segunda metade do século XX, a menor influência sobre a evolução da ciência da linguagem; e se lançamos a hipótese de que eles contêm o germe de uma renovação epistemológica, é necessário admitir que este permaneceu virtual.

Entretanto, nesse início do século XXI, um acontecimento transforma radicalmente a situação do *corpus* saussuriano. Enquanto os textos originais, os manuscritos de Saussure, ofereciam até o presente apenas migalhas de reflexão discrepantes, um texto autógrafo que se acreditava definitivamente perdido – os rascunhos de um “livro sobre a linguística geral” – surgiu de armários empoeirados onde permaneceu fechado por quase cem anos. À luz desse escrito (*Sobre a essência dupla da linguagem*, publicado nos *Escritos de linguística Geral* em 2002⁶), o conjunto do *corpus* de textos originais pode ser relido e reinterpretado. E essa reinterpretação permite definir mais precisamente o que não é exagero de entender hoje, parece-me, como uma segunda revolução saussuriana em linguística geral.

Dessa releitura, não proporemos aqui um guia, nem mesmo uma visão geral. Limitar-nos-emos a ilustrar, a propósito de uma questão que não é sem importância para a epistemologia programática saussuriana na medida em que esta última se funda sobre uma teoria do signo: a questão das unidades semióticas e de sua tipologia. Essa questão, deixada vastamente sem solução nos textos originais, é esclarecida de maneira tão inesperada quanto determinante, como veremos, pelo manuscrito *Sobre a essência dupla da linguagem*. E esse esclarecimento, mostrá-lo-emos, permite reinterpretar o conjunto do *corpus* saussuriano, tanto no nível de sua epistemologia de uma linguística da língua quanto no nível de seu projeto de articular uma linguística da língua e uma linguística da fala.

⁶ *Escritos de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004. As referências a esse livro serão baseadas nessa edição. [N.T.]

2. A questão não resolvida de uma tipologia semiótica

2.1. As unidades semióticas nos textos originais, exceto em *Sobre a dupla essência da linguagem*

Ao longo dos vinte anos sobre os quais se estende, a reflexão de linguística geral sobre a qual testemunham os textos originais defende uma tese enunciada desde os anos de 1890 sob esta forma lapidar:

O fato mais importante da língua é que ela comporta divisões, unidades delimitáveis^{7,8}.

Essa tese, Saussure a reafirmará até as últimas semanas de seu terceiro curso genebrino de linguística geral – por exemplo, em maio de 1911, por ocasião de uma conversa particular com seu aluno Léopold Gautier:

O que é essencial é o problema das unidades⁹.

Sobre o caráter central da noção de “unidade linguística” para a concepção do objeto epistemológico saussuriano, testemunham numerosas formulações nas lições e nos escritos – como esta a seguir, precisa e radical:

⁷ CLG/E 1.242.1753 – As remissões aos textos originais são dadas segundo as edições e o aparato crítico definidos na minha *Introdução...*, *op. cit.* (p. 11-16).

⁸ Breve resumo do sistema de remissões utilizado por S. Bouquet:

CLG/E: *Cours de Linguistique Générale*, edição crítica de Rudolf Engler. Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1989, t. I. As referências a essa obra seguem o seguinte sistema de notação: 1.147.1084.5, em que 1 representa o tomo da edição de Engler, 147, o número da página da citação, 1084, o número de index, e 5, o número da coluna.

Rie: cadernos de Riedlinger.

MsHar: *Manuscritos de Harvard*.

ELG: *Escritos de linguística geral*. [N.T.]

⁹ Sem referência no original. [N.T.]

[...] essas unidades existem e é seu jogo que faz a língua: nós sentimos que elas constituem todo o sistema¹⁰.

Ou ainda esta outra:

O problema das unidades não é fundamentalmente diferente do estudo dos fenômenos¹¹.

Isso posto, o objeto dito *unidade linguística* é, não obstante, entendido como uma realidade oculta; de um lado, porque ele não é diretamente acessível à consciência dos sujeitos falantes:

A língua nos surpreende ao não apresentar unidades concretas perceptíveis à primeira vista¹².

de outro lado, porque, correlativamente, não é adequadamente descrito como tal:

Não podemos dizer que [a linguística] tenha se dado conta disso, pois ela discute apenas sobre as unidades mal definidas¹³.

Também o desvelamento dessa realidade oculta se confundirá praticamente com o advento necessário de uma nova cientificidade em linguística, de que Saussure percebe enunciar o programa:

¹⁰ CLG/E 1.242.1753 (sublinhado no manuscrito).

¹¹ CLG/E 1.412.2735, curso de 1908-1909 – Ver ainda: “Ler *Sémantique* de Bréal, [...] trata-se sempre do que se passa entre os termos da linguagem, [...] seria preciso antes saber o que eles são, o que tomamos como sendo, antes de falar dos fenômenos entre os termos existentes.”; “Em todo domínio, antes que se possa tratar de um fenômeno, é preciso saber em que objetos, ou entre que objetos, se produz esse fenômeno. Como a língua é o palco de fenômenos magníficos, parece suficiente estudá-los, e pouco temos perguntado quais eram os termos, ou mesmo a natureza dos termos que dão lugar ao fenômeno.”; “[...] falamos de fenômenos que se passam entre os termos como se esses termos não tivessem que ser definidos, como qualquer objeto visível, sendo que eles mesmo são apenas o que seria preciso antes definir. É uma ficção.” (passagens citadas in *Introdução...*, *op. cit.*, p. 240)

¹² CLG/E 1.242.1753, curso de 1908-1909.

¹³ CLG/E 1.234.1703, curso de 1908-1909.

A linguística terá por tarefa delimitar quais são realmente essas unidades. [...] Não somente essa determinação de unidades é a tarefa mais premente, mas é quase que toda sua tarefa¹⁴.

Que essas unidades sejam *semióticas* – ou seja, que sua existência, posta no fundamento do projeto dessa nova cientificidade, seja concebida como indissociável do postulado segundo o qual a essência da língua é de ser um sistema de signos – é isso que afirmam sem ambiguidade as lições genebrinas que lembram que as ditas unidades não podem ser apreendidas senão como a união indissociável de um significante e de um significado:

Apenas a significação permite delimitar as unidades¹⁵.

Para estabelecer as unidades linguísticas, é necessário verificar se o conceito está de acordo com a divisão¹⁶.

Ora, se elas são claramente definidas como entidades denominadas *signos* – que possuem como tais uma dimensão irreduzível –, as unidades linguísticas rebatizadas aqui de unidades semióticas não eram, nos textos originais publicados antes de *Sobre a essência dupla*, o objeto de qualquer tipologia geral explícita. Seria porque uma tipologia dessa ordem estaria fadada a retomar de forma bastante natural as divisões tradicionais das gramáticas? A hipótese não se sustenta, pois Saussure, em nome da linguística da qual defende o programa, contesta precisamente essas divisões tradicionais. Em resumo, apesar de os exemplos de unidades serem dados em abundância nas notas dos estudantes e nos escritos do linguista, devemos – ou mais exatamente: deveríamos, até a aparição do manuscrito *Sobre a essência dupla da linguagem* – nos limitar a esta constatação: esses textos deixam sem resposta a questão geral de uma tipologia das unidades semióticas.

¹⁴ CLG/E 1.234.1703, curso de 1908-1909.

¹⁵ CLG/E 1.248.1802, curso de 1908-1909.

¹⁶ CLG/E 1.235.1711, curso de 1910-1911.

Antes de examinar como *Sobre a essência dupla* vem, sobre esse ponto, alterar a situação do *corpus* saussuriano e renovar sua interpretação de conjunto, não é inútil relembrar certas características da noção de “valor” – pedra angular da concepção saussuriana do signo linguístico – podendo ser relacionada à noção de “unidade”.

2.2 Valor e unidades semióticas

Três caracterizações vinculadas à noção de “valor” permitirão melhor informar o exame da questão tipológica relativa às unidades semióticas.

2.2.1. As unidades linguísticas caracterizadas como valores

Início do Curso II: Um sistema semiológico qualquer é composto de uma quantidade de unidades (unidades mais ou menos complexas) de diferentes ordens, e a verdadeira natureza dessas unidades – o que impedirá de as confundir com outra coisa – é de serem valores. *Esse sistema de unidades, que é sistema de signos, é um sistema de valores.*

Tudo o que se pode definir do valor se aplicará também de uma maneira geral a essas unidades que são signos. (1.25.1842. *Rie*)

O que funda a noção de “valor” no programa epistemológico saussuriano é que este define o signo linguístico como “um objeto de natureza concreta embora puramente espiritual”^{17,18}. Esse postulado permite imaginar um ponto de vista – dito *sincrônico* – que considera a presença simultânea, no espírito do locutor de uma língua, de todos os signos dessa língua. Esse ponto de vista

¹⁷ CLG/E 1.44.263, curso de 1910-1911.

¹⁸ O termo aqui empregado - ‘*spirituelle*’ em francês - se opõe a “concreto”, “essencial”, sem referência a qualquer tipo de espiritualismo. A hesitação de Saussure (de seus editores) no uso da palavra “abstrato” face ao positivismo da época é discutida por Tulio de Mauro em sua edição crítica do *Curso de Linguística Geral* (Payot, 1967) – inédito em português. [N.T.]

autoriza por sua vez a teoria que confere à semiótica saussuriana sua originalidade própria: a teoria de um *valor puramente diferencial* do signo linguístico. Ora, na perspectiva dessa teoria, não há distinção, como o proclamam os cursos de 1908-1909 e de 1910-1911, entre valor e unidade:

O papel característico da linguagem em relação ao pensamento não é de ser um meio fônico material, mas de criar um meio intermediário de tal natureza que o compromisso entre o pensamento e o som resultem de uma maneira inevitável em unidades particulares¹⁹.

Não há distinção entre estes cinco termos: valor – identidade – unidade – realidade – elemento concreto (todo isso: linguístico)²⁰.

Essa teoria implica em outra da qual as unidades semióticas podem ser objeto, enquanto valores puramente diferenciais, de uma literalização algébrica – dito de outro modo: de uma escrita que presta contas, *stricto sensu*, a sua diferencialidade (denominada ainda *negatividade*, ou *opositividade*).

2.2.2. Caracterização semiótica das unidades (ou valores) do significante

Os critérios fundadores da teoria do valor (*objeto do espírito = ponto de vista sincrônico = diferencialidade = literalização algébrica*) são aplicados às unidades significantes, ou seja, especialmente às unidades mínimas ditas fonemas na terminologia contemporânea. Essas unidades devem de fato ser consideradas, segundo o curso de 1907, “em seus elementos de diferenciação”, os quais repousam sobre “fatores negativos”²¹ – dito de outra forma: psíquicos, sincrônicos e diferenciais –, é Saussure quem fala, a propósito

¹⁹ CLG/E 1.250.1814, curso de 1908-1909 – Cf. também, esse mesmo curso: “É a significação que cria a unidade, (a unidade) não existe anteriormente: não são as unidades que existem para receber uma significação.” (CLG/E 1.240.1737, curso de 1908-1909).

²⁰ CLG/E 1.248.1803, curso de 1910-1911.

²¹ CLG/E 1.110.787, curso de 1907.

deles, de “fonética semiológica”²². Quanto ao fato de essas unidades poderem e deverem ser o objeto de uma escrita literalizada, o mesmo curso de 1907 o afirma igualmente: cada uma dessas unidades “poderá ser catalogada de uma vez por todas por um número que representa um valor qualquer, desde que este valor não seja confundido com os valores dos outros números”²³.

Sendo assim, essas unidades não portadoras de sentido – denominadas de *segunda articulação* na terminologia corrente devido a André Martinet – podem ser consideradas sobressaídas de um tipo particular de signo? Para uma resposta explícita a essa questão, dever-se-á esperar pela aparição do manuscrito *Sobre a essência dupla da linguagem*.

2.2.3. Dualidade fundamental das unidades (ou valores) do significado

No plano do significado, a teoria saussuriana postula uma dualidade fundamental quanto ao conceito de “valor” – uma dualidade que, desde que se estabeleça a ausência de distinção entre unidade e valor, parece também dever fundar, por definição, uma tipologia das unidades. Essa dualidade do valor, muito mal refletida pelo *Curso de linguística geral*²⁴, é desenvolvida em junho e julho de 1911 nas últimas lições genebrinas. Nessas lições, o professor define realmente o valor linguístico como procedente de “duas esferas”, em que cada uma é “geradora de uma ordem de valor”²⁵:

1. a esfera da coordenação sintagmática (ou da) montagem *in praesentia*
2. a esfera da coordenação associativa (ou da) montagem *in absentia*²⁶

E ele especifica:

²² Ms. Har. CFS 26, 1969, p. 13.

²³ CLG/E 1.496.3179.

²⁴ Cf. minha *Introdução...*, *op. cit.* IV parte, cap. IV.

²⁵ CLG/E 1.257/276.1851/1981.

²⁶ CLG/E 1.279/292.1990/2060.

Qualquer que seja a ordem das relações onde ele funciona (e ele é convocado a funcionar nas duas), uma palavra é sempre, antes de tudo, parte de um sistema [...] tanto em uma das ordens de relação, quanto na outra ordem de relações. Isso vai ser um aspecto a se considerar em relação a isso que constitui o valor²⁷.

Além disso, Saussure defende que as unidades linguísticas, todas sendo “elementos concretos”, incluem “unidades abstratas da língua” (o que é um paradoxo terminológico de superfície²⁸) – as quais se relacionam com o fenômeno do valor *in praesentia* e são ilustradas por exemplos de sintagmação.

Relativamente às unidades chamadas tradicionalmente de primeira articulação, a “ordem de valor”, que é a relação semiótica *in praesentia*, circunscreve, em sentido estrito, um tipo particular de signo? Novamente, não encontramos resposta explícita a essa questão nos textos originais. Entretanto, mais uma vez, a resposta é dada por *Sobre a essência dupla*.

3. Interpretação do *corpus* saussuriano por *Sobre a essência dupla*: a tripla articulação da língua

3.1. Uma tipologia de “toda espécie de signo existente na linguagem”

Na perspectiva das caracterizações da noção de “valor” que estamos retomando, uma passagem do manuscrito *Sobre a essência dupla da linguagem* (10a *Da essência, etc. [Perspectiva instantânea e*

²⁷ CLG/E 1.251.1816 – A unidade dada aqui como exemplo – a “palavra”, conceito de estatuto teórico incerto – o é por simplificação pedagógica: na verdade, é um princípio geral que é estabelecido.

²⁸ Cf. minha *Introdução...*, *op. cit.*, p. 246-250 – Em relação ao problema das “entidades abstratas da língua”, ele dirá: “É um domínio dos mais difíceis de explorar. Aqui, veremos apenas os raios e não a caridade total” (CLG/E 1.309.2165-2166). Não parece abusivo manter o programa da gramática gerativa a fim de contribuir de maneira significativa com o esclarecimento desse domínio específico.

fonética. Estado) enuncia sem ambiguidade uma tipologia das unidades semióticas ausente de outros textos originais.

O contexto dessa passagem é a reafirmação da tese fundadora da noção de “valor”, segundo a qual a “perspectiva instantânea” – em outros termos: o ponto de vista sincrônico – permite estabelecer a natureza diferencial do fato semiótico. Após ter exemplificado essa tese pela oposição morfológica *lupus/lupum* e pela oposição sintática *tu es/es-tu*, Saussure escreve:

Toda espécie de signo existente na linguagem (1º o signo VOCAL de toda ordem, signo completo tal como uma palavra, ou um pronome, signo complementar como um sufixo ou uma raiz, signo destituído de qualquer significação completa ou complementar, como um determinado “som” da língua; ou signo não vocal, como “o fato de pôr tal signo antes de tal outro”) tem um valor *puramente*, por conseguinte, não positivo mas, ao contrário, essencialmente, eternamente NEGATIVO²⁹.

A enumeração que figura aqui entre parênteses desenha à evidência, respondendo às propriedades da noção de “valor” que mencionamos, uma tipologia funcional de signos da língua – por *tipologia funcional*, entenderemos: uma classificação ligada à função estabelecida por esses signos no âmbito de sua composicionalidade³⁰.

Assim traçada em algumas linhas em *Sobre a essência dupla*, essa tipologia é suficiente para reinterpretar o conjunto de textos saussurianos. É o que mostraremos ao formular, em uma terminologia e uma conceitualidade contemporâneas, alguns princípios ou definições concordantes com essa reinterpretação.

²⁹ *Escritos de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004, doravante *ELG*. Sobre a essência dupla da linguagem, p. 46-7 (grifos e maiúsculas de Saussure). [N.T.]

³⁰ A essa perspectiva de uma *tipologia funcional* se opõe, por exemplo, a de uma *tipologia natural* fundada sobre a natureza do laço (por exemplo, em termos peircianos: icônico, indexical ou simbólico) unindo o significante e o significado de um signo. A tipologia natural peirciana se detém, por exemplo, sobre a relação semiótica dos fatos de iconicidade na linguagem, mas também dos fatos de indexicalidade como a anáfora e a dêixis.

3.2. Tipologia funcional das unidades mínimas

A língua compreende três tipos funcionais de signos, os quais correspondem a três tipos de unidades mínimas:

1º O fonema, unidade mínima do signo fonêmico

Da unidade mínima desse primeiro tipo semiótico – designado por Saussure como o de um “signo vocal destituído de qualquer significação completa ou complementar, como um determinado ‘som’ da língua” – a seguinte caracterização distintiva pode ser dada em termos contemporâneos:

O critério tipológico distintivo do fonema é que seu significado é a simples designação, nela e por ela mesma, do valor diferencial de seu próprio significante³¹.

2º O morfema, unidade mínima do signo morfêmico

A unidade mínima desse segundo tipo semiótico – “signo completo tal como uma palavra, ou um pronome, signo complementar como um sufixo ou uma raiz”, segundo *Sobre a essência dupla*³² – se deixa caracterizar assim em termos contemporâneos:

O critério distintivo do morfema é que seu significado é um valor relevante de um sistema distinto daquele de seu significante – como ocorre no sistema diferencial dos morfemas de uma língua.

³¹ O critério distintivo exclusivo definido aqui pode ser denominado *autonomia fonêmica*. É o critério do funcionamento ordinário desse tipo de signo. O signo fonêmico pode, em um funcionamento não ordinário (caso do semantismo icônico), não obedecer à exclusividade desse critério.

³² Cf. também: “Não há morfologia fora do sentido. (...) Há ainda menos, a nossos olhos, uma semântica fora da forma” (*ELG, Antigos Item*, p. 97, grifos de Saussure) e “Definição: A morfologia é a ciência que trata das unidades de som correspondentes a uma parte da ideia e do agrupamento dessas unidades. (...) O verdadeiro nome da morfologia seria: a teoria dos signos e não das formas” (*ELG, Morfologia*, p. 157).

3º *A posição sintática não decomponível, unidade mínima do signo sintático*

A unidade mínima desse terceiro tipo de signo – “valor *in praesentia*” ou “signo não vocal, como ‘o fato de pôr tal signo antes de tal outro’” segundo os termos de Saussure – poderá ser caracterizada dessa forma na terminologia linguística de hoje:

*O critério tipológico distintivo da posição sintática não decomponível é que seu significado é um “sentido” ligado a um significante de natureza geométrica*³³ – em outros termos: *uma posição, situada em um espaço linear relativamente a outras posições, e à qual se encontram associadas as propriedades categoriais e hierárquicas*³⁴.

Ora, postular assim, sobre uma base composicional, a triplicidade tipológica das unidades semióticas da língua é, ao mesmo tempo, evidenciar o mecanismo da composicionalidade implicada por essa tipologia.

³³ O significado sintático pode ser observado, quanto a sua natureza, como sendo unido por um laço de semelhança com seu significante: é a posição de logicistas como Boole e Pierce que caracterizam o signo sintático como icônico. – A noção de “posição”, em sintaxe, liga indissociavelmente geometria e natureza categorial.

³⁴ A reflexão epistemológica proposta por J.-C. Milner em sua *Introduction à une science du langage* (Paris, Seuil, 1985) identifica a natureza desse signo posicional, da qual a sintaxe de Chomsky permitiu melhor compreender seu funcionamento. – Se o pensamento epistemológico autêntico de Saussure não houvesse sido eclipsado pela sombra monumental do *Curso de linguística geral*, esse importante avanço, apesar de especializado, que é a teoria sintática chomskyana, poderia ser pensada em um programa mais vasto – saussuriano – da ciência da linguagem, articulando linguística da língua e linguística da fala. (Saussure havia, além disso, previsto o advento de uma tal sintaxe – literalizada, formalizada e refutável – e ele a designa expressamente, como vimos, como um subdomínio de uma semiótica da língua.) Os erros e os contrassensos do *Curso* permitiram, pelo contrário, dar crédito à ideia ilusória de uma descontinuidade epistemológica entre Saussure e Chomsky.

3.3. Composicionalidade semiótica e tripla articulação da língua

O mecanismo da composicionalidade semiótica da língua, determinada pela linearidade dos significantes (dito ainda por Saussure uniespacialidade), conjuga dois modos de composição:

1ª Composição interna a cada um dos três tipos semióticos

As unidades minimais de cada tipo semiótico (fonemas, morfemas, posições sintáticas mínimas) se compõem nos plexos de mesmo tipo semiótico (plexos fonêmicos, plexos morfêmicos, plexos sintáticos).

Esses plexos, que resultam da composição interna a cada um dos três tipos, satisfazem os critérios distintivos dos tipos já mencionados: no nível fonético, a unidade “fonema” se compõe nos plexos (sucessivamente silábicos e polissilábicos) dos quais o significado comporta [*demeure*] a designação de um valor fonológico complexo; no nível morfêmico, a unidade “morfema” se compõe nos plexos morfemáticos, os quais comportam [*demeurent*] os valores (complexos) de um sistema diferencial *in absentia*; no nível sintático, o conceito chomskyano de “fusão” descreve adequadamente uma semelhante composição complexa quanto aos valores posicionais – a recursividade sintática sendo ela mesma um avatar dessa composição. Ademais, a composicionalidade pode ser qualificada nesses três níveis, por neologismo, de *homomorfa*: consequência da linearidade dos significantes, ela se sobressai, em uma análise similar, em constituintes imediatos representável por uma arborescência.

2ª Composição dos três tipos semióticos entre eles

A composição máxima das unidades semióticas nos plexos de mesmo tipo semiótico tem por objetivo constituir a unidade mínima de um tipo semiótico distinto.

A finalidade da composição interna a um tipo semiótico pode ser vista como a formação da unidade mínima de um outro tipo semiótico. Em outros termos: um plexo, produzido por composição interna a um tipo funcional semiótico, poderá ser considerado como máximo quando sua resultante coincidir com a unidade mínima de um signo de tipo funcional distinto. Assim, a composição fonêmica (composição não gerativa, ou seja, fixa em um estado de língua e que não pode ser objeto de qualquer recursividade) tem por finalidade constituir a unidade mínima de um signo morfêmico. Por sua vez, a composição morfêmica (igualmente não gerativa, ou seja, fixa, e não recursiva³⁵) tem por finalidade constituir a unidade mínima de um signo sintático. Por fim, a composição sintática (gerativa e recursiva) retorna necessariamente, pelo jogo de seu princípio funcional dito *fusion* na terminologia chomskyana, à constituição de uma unidade máxima³⁶. A cada um desses três níveis de composição, há razão, além disso, de considerar um efeito de retroação exercido sobre as unidades por seus *télos* de um plexo máximo – o último sendo identificável, nós vimos, como a unidade mínima de um tipo semiótico distinto. O triplo encaixamento de plexos, fundado sobre características distintivas claramente decididas, é próprio para racionalizar as divisões gramaticais. Ele permite postular uma *tripla articulação da língua* – mais satisfatória que a “dupla articulação da linguagem” comumente evocada e surgida, nesse caso, como uma definição geral do fenômeno que pode ser nomeado *língua*:

³⁵ Convém distinguir radicalmente, quanto à composicionalidade semiótica, de um lado a “sintagmação gerativa” (ou seja: geradora de seqüências linguísticas) da sintaxe e, de outro lado, a “sintagmação fixa” pertencente ao léxico de uma língua (que esta última permanece, em sua lexicalização, sensível ou não aos locutores, e a qualquer que seja a regularidade observada a seu propósito).

³⁶ A unidade “frase sintática” representada por S (ou S’ na teoria denominada X-barra) pode ser observada como o limite último do fato semiótico consistente que pode ser teorizado sob o nome de *sintaxe* (e como objeto único da teoria gerativa).

Toda sequência de linguagem interpretada pode ser exaustivamente analisada, do ponto de vista de uma semiótica da língua, como a composição sucessiva – ou tripla articulação – de fonemas, de morfemas e de posições sintáticas.

A presente teoria da composicionalidade semiótica e da tripla articulação da língua testemunha *in fine* a potência descritiva do conceito saussuriano de “signo”. Esse conceito, que unifica e distingue simultaneamente os objetos da linguística, confere sua radicalidade ao conceito de “língua” – a língua podendo ser concebida não apenas como um sistema de signos, mas podendo ser *exclusivamente, exaustivamente, concebida como tal*: os signos, diz Saussure, “constituem todo o sistema”, “é seu jogo que faz a língua”. É sobre esse fundamento objetivo que – os signos da língua sendo, por outro lado, caracterizados como diferenciais e literalizados segundo essa característica – o programa epistemológico saussuriano pode-se mostrar tal qual aquele de uma ciência galileana³⁷.

4. Extensão da interpretação do *corpus* saussuriano: a articulação hermenêutica da linguagem³⁸

4.1. A essência dupla da linguística

Se a especificidade de uma linguística da língua é evidenciada pela interpretação do *corpus* saussuriano relativamente à questão das unidades semióticas, subsiste uma outra questão, mais essencial ainda, de uma releitura contemporânea de Saussure: o esclarecimento da complementaridade de uma linguística da língua e de uma

³⁷ É também bastante preocupante que seja precisamente uma linguística *semiótica* a desqualificar a doxa refletida no *Nouveau Dictionnaire des Sciences du langage* citado na introdução.

³⁸ Para uma análise mais detalhada desse programa epistemológico, cf. o autor, “Principes d’une linguistique de l’interprétation. Une épistémologie néosaussurienne”, in *L’apport des manuscrits de Ferdinand de Saussure*, Langages, n° 185, 2012.

linguística da fala³⁹. De fato, longe de confirmar o projeto apócrifo, clamado pelo *Curso*, de uma “ciência da língua nela e por ela mesma”, as lições e os escritos traçam o programa, diametralmente oposto, de uma linguística definida de início como dual:

[A linguística] comporta duas partes: uma que está mais perto da *língua*, depósito passivo, outra que está mais perto da *fala*, força ativa e verdadeira origem dos fenômenos que logo se avista, pouco a pouco, na outra metade da linguagem⁴⁰.

Por isso, o programa de uma linguística dual não é especificado pelos textos originais – à exceção do manuscrito *Sobra a essência dupla da linguagem* –, senão sob a forma de uma indicação metodológica enunciada repetidamente nas lições genebrinas:

A língua representando uma unidade satisfatória para o espírito, podemos dar a essa unidade o lugar preeminente no conjunto dos fatos de linguagem, compreender as outras coisas como subordinadas. A língua será o centro, o resto dependerá dela. E assim teremos introduzido uma ordem interior às coisas que concernem à linguagem⁴¹.
É escolhendo a língua como centro e ponto de partida que temos o melhor caminho para alcançarmos os outros elementos da linguagem⁴².

³⁹ Dentre os raros linguistas que reconhecem essa questão e sua importância, poderemos ler: Jean-Paul Bronckart, “L’œuvre saussurienne et les sciences de l’homme”, in: J.-P. Bronckart, E. Bulea & C. Bota (eds.), *Le projet de Ferdinand de Saussure*, Genebra, Librairie Droz, 2010 e François Rastier, “Saussure au futur : écrits retrouvés et nouvelles réceptions. Introduction à une relecture de Saussure”, *Texto !* (Revista eletrônica do Instituto Ferdinand de Saussure), 2006.

⁴⁰ *ELG*, Parecer sobre a criação de uma cadeira de estilística, p. 231 (grifo de Saussure). O texto, datando de 1912, é extrato do último escrito de Saussure sobre a linguística geral.

⁴¹ CLG/E 1.31-32.156-166, curso de 1910-1911. Cf. também: “Não é excessivo ver na língua a parte essencial, primordial da linguagem? Os outros fenômenos tomam quase para si um lugar subordinado e chegam a se classificar de uma maneira ditada por considerações não linguísticas.” (CLG/E 1.52-56.1325-343, curso de 1910-1911).

⁴² CLG/E 1.52.321, curso de 1910-1911.

Como compreender o papel da “plataforma” atribuída à linguística da língua? E como interpretar este aparente paradoxo: ainda que a fala seja para Saussure “a verdadeira origem dos fenômenos”, é a língua que é vista como o “ponto de partida” metodológico para analisar os já mencionados fenômenos?

Tais questões podem agora ser respondidas com base em *Sobre a essência dupla* – e tudo particularmente à luz desta equação:

Semiologia = morfologia, gramática, sintaxe, sinonímia, retórica, estilística, lexicologia, etc., sendo o todo inseparável⁴³.

De fato, a tese exprimida de forma lapidar compreende dois princípios epistemológicos quanto ao programa de uma linguística dual, os quais podem ser explicitados:

1º princípio de inseparabilidade

A *linguística da língua* (ligada a objetos designados tradicionalmente como aqueles da morfologia, da gramática, da sintaxe, da sinonímia, da lexicologia, etc.) e a *linguística da fala* (da qual os objetos são os da retórica, da estilística, etc.) *deverão ser consideradas como inseparáveis uma da outra*. Em outros termos, a linguística dual projetada por Saussure não se limitará a distinguir na língua e na fala duas ordens de fenômenos: a visada descritiva dessa linguística consistirá em *integrar reciprocamente essas duas ordens*. Assim, os critérios de cientificidade dessa linguística dual – tanto o critério da literalização de seus objetos, como os critérios que governam a formalização e a refutabilidade de suas leis – deverão ser adequados a essa visada descritiva.

2º princípio de semioticidade

É *considerando simultaneamente e de maneira semelhante os objetos da língua e os objetos da fala como semióticos que uma linguística dual satisfaz o requisito de inseparabilidade*. Na verdade, o que implica a equação

⁴³ ELG, *Sobre a essência dupla da linguagem*, p. 44 (grifo de Saussure).

“Semiologia = [...]”⁴⁴ colocada pela *Essência dupla* é que a caracterização como semiótica dos objetos analisados pela linguística dual não se limitará à ordem da língua – ordem na qual essa caracterização é firmemente estabelecida pelo princípio da tripla articulação – mas se estenderá à ordem da fala (“Semiologia = [...] retórica, estilística, etc. [...]”). Por conseguinte, o objeto assim caracterizado pela linguística da fala poderá ressaltar uma literalização diferencial – e, sobre essa base, a epistemologia de uma linguística dual poderá ligar inseparavelmente a análise da língua e a análise da fala na escrita de leis formais que articulam a literalização diferencial dos objetos específicos de cada uma de suas duas ordens.

Os dois princípios epistemológicos que examinaremos levantam, sem resolver, uma dupla questão: (a) quais serão os tipos de signos ligados à ordem da fala? e (b) segundo qual critério esses signos da fala se deixarão articular aos signos da língua?

Ora, a essa dupla questão, o material para uma resposta consistente é fornecido, como veremos, por um princípio cardinal da tradição hermenêutica: o princípio da *determinação do local pelo global*.

4.2. Signo global e articulação hermenêutica da linguagem

Colocar em correspondência, de um lado, os princípios de inseparabilidade e de semioticidade postulados pela *Essência dupla* e, de outro, o princípio hermenêutico da determinação do local pelo global⁴⁵ é um gesto que tem o efeito de autorizar uma extensão

⁴⁴ Saussure designa a ciência dos signos dita aqui *semiótica* pelo vocábulo *semiologia*, ao qual ele prefere por vezes o de *signologia*.

⁴⁵ A tradição hermenêutica designa aqui a de Schleiermacher. Opera-se, em seu lugar, uma redução metodológica tendo em vista o que é denominado desde Dilthey de *círculo hermenêutico*: tanto ligando a noção de “global” a uma sequência de linguagem analisada, quanto não levando em conta a determinação do global pelo local: nessa perspectiva, os domínios saussurianos da língua, de um lado, e da fala, de outro, correspondem bastante precisamente

significativa da interpretação do *corpus* saussuriano. De fato, o gesto autoriza propor a existência de um objeto semiótico, podendo ser nomeado *signo global*, que será definido (a) como um signo de extensão superior àquela da tripla articulação da língua e (b) como um signo que não obedece à lógica composicional da já mencionada tríplice articulação, nisso, precisamente, que emerge da lógica da determinação do local para o global. Em outros termos, o signo global responderá, enquanto tal, da totalidade de uma sequência de linguagem analisada (qualquer que seja a dimensão e qualquer que seja a natureza dessa sequência) e desempenhará um papel de *interpretante* face às unidades e aos plexos semióticos da língua. Uma tal definição retorna para postular, como específica de uma linguística da fala, uma *articulação hermenêutica da linguagem*, complementar ao princípio composicional da tripla articulação da língua:

Toda sequência de linguagem interpretada pode ser analisada como a determinação de valores de seus signos de língua ou signos locais (fonemas, morfemas, posições sintáticas) por um (ou mais) valor(es) do signo de fala ou signo global ao qual essa sequência pode ser assimilada.

Esse princípio teórico, que podemos chamar de *princípio de hermenêuticidade*, estando posto, um princípio metodológico se deixa reduzir sobre seu fundamento, pondo em risco a cientificidade ambicionada por Saussure – ou seja: enunciando critérios de literalização, de formalização e de refutabilidade próprios a sustentar adequadamente as leis de uma linguística dual:

O sentido de uma sequência qualquer de linguagem (SL) poderá ser descrito pelas leis ao se correlacionar um traço diferencial do significado global⁴⁶ dessa sequência com um (ou mais) traço(s) diferencial(is) do

a esse que Schleiermacher nomeia, de um lado, *interpretação gramatical*, e de outro, *interpretação técnica* (ou *interpretação psicológica*).

⁴⁶ Os traços de significado global poderão eventualmente ser ligados a campos conceituais familiares a diversas abordagens de análise textual ou discursiva, mas sofrendo de um certo déficit epistemológico: *discurso, tipo, modo, gênero, campo genérico, subgênero, registro, domínio, nível, isotopia, tema, etc.* – Esses traços de significado global poderão por definição se aplicar a um nível único dessa

significado de um (ou mais) de seus signos de língua locais. A literalização diferencial será assegurada pela comparação da sequência analisada (SL) com uma sequência homônima (SL') da qual o significado global tanto quanto os significados locais serão descritos pelos gramáticos ad hoc nos quais esse significado global e esses significados locais se oporão àqueles da sequência (SL)⁴⁷. A refutabilidade de leis de correlação, por sua vez, será garantida por um “julgamento de semanticidade” que atesta a simples diferença de sentido entre a sequência (SL) e a sequência (SL')⁴⁸.

composição, correspondendo à totalidade de uma sequência de linguagem analisada, que será considerada.

⁴⁷ O papel desempenhado pela homonímia está no fato de que a lei de correlação que estabelece, no plano do significado global e do significado local, uma correlação de duas variáveis requer a base de uma constante: é, no plano do significante, o segmento fonológico – fundamento da homonímia – que preenche essa função.

⁴⁸ Duas análises simples ilustrarão a escrita de tais leis.

1. Sejam o romance *Em busca do tempo perdido* de Marcel Proust (sequência [SL1]) e uma sequência homonímia criada pela análise (sequência [SL2]), de que a diferença é marcada pelo subtítulo *Autobiografia*; observaremos assim o significado global desses dois textos: [TrSéGL(SL1): +romance] / [TrSéGL(SL2): -romance];

- seja o significado local do morfema *je* [eu] e de suas declinações (SéLO_s), em todas as suas ocorrências fora dos diálogos, de que notaremos assim o valor diferencial: [TrSéLO_s(SL1): -autor] / [TrSéLO_s(SL2): +autor];

- deduzimos daí a lei de interpretação seguinte: [TrSéGL(SL1): +romance] → [TrSéLO_s(SL1): -autor] / [TrSéGL(SL2): - romance] → [TrSéLO_s(SL2): +autor].

2. - Seja um *corpus* composto de duas sequências homônimas “Je suis jolie aujourd’hui!” [Eu estou bonita hoje!]; a sequência [SL1] é um comentário endereçado a seu marido por Madame Dupont, que se olha no espelho; a sequência [SL2] é um endereço, pronunciado por ela mesma, com voz infantilizante, a sua pequena filha de dois anos que apareceu toda bem vestida; perceberemos assim o significado global dessas duas sequências: [TrSéGL(SL1): -postura infantilizante (ou: -hipocorística) / [TrSéGL(SL2): +postura infantilizante (ou: +hipocorística)] (observação para SL2: uma prosódia hipocorística presente em um significante global, chamado justamente de *suprasegmental*);

- seja o significado local do morfema *je* [eu] (SéLO_s) do qual notaremos assim o valor diferencial: [TrSéLO_s(SL1): +locutor] / [TrSéLO_s(SL2): -locutor];

Postular uma tal epistemologia, que se revela nos textos originais tanto quanto nos desenvolvimentos permitidos por eles, volta a sustentar que uma linguística unificada, estritamente semiótica e estritamente diferencial, que enuncia as leis algebrizadas e que tem como objeto o acontecimento psíquico da interpretação, permitirá uma descrição mais fina do objeto empírico “sentido”. Para este fim, o programa estabelece *de facto* um outro princípio – metodológico, ele também, pois não fazemos aqui filosofia da linguagem –: a *inescrutabilidade do sentido*. De fato, diferencial de lado a lado, essa linguística tem por princípio nunca analisar o sentido nele mesmo, mas exclusivamente as diferenças de sentido. Ela é, nesse sentido, fiel aos desenvolvimentos obstinados de Saussure sobre a diferença e a negatividade, que descobrimos no fio das páginas do manuscrito *Sobre a essência dupla da linguagem*.

Tradução: Bruno Molina Turra

- deduzimos disso a lei de interpretação seguinte: [TrSéGL(SL1): -postura infantilizante] → [TrSéLO_s(SL1): +locutor] / [TrSéGL(SL2): +postura infantilizante] → [TrSéLO_s(SL2): -locutor].

Pelas ilustrações desenvolvidas, cf. o ator: principalmente “Linguistique, interprétation et poésie”, in: *Yves Bonnefoy, Poésie et savoirs*, Paris, Hermann, 2007; e “Esquisse d’une sémantique de la Déclaration universelle des droits de l’homme”, *Texto !* (Revista eletrônica do Instituto Ferdinand de Saussure), vol. XVI, n° 3, 2011.

Leitura atenta
Saussure e comentadores

Interlocuções a partir de Saussure

Alexandre Zanella¹

Luiza Castello Branco²

Thaís de Araújo da Costa³

Vanise Medeiros⁴

A língua é um traje
coberto de remendos
feitos de seu próprio tecido.
(Saussure, *Curso de linguística geral*).

É ainda Saussure que nos possibilita dar forma a inquietações (des)conhecidas e nos incita a buscar caminhos que, perseguindo uma noção fundamental e incontornável – a de *langue*, as

¹ Doutorando em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF/CAPES). Pesquisador no Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS-UFF). Cadastrado nos grupos de pesquisa “Confluências da Ficção, História e Memória na Literatura” e “Discursividade, língua e sociedade”.

² Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professora do Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro. Atualmente faz pós-doutorado sob a supervisão da professora Bethania Mariani, na Universidade Federal Fluminense (UFF/CAPES-PNPD). É pesquisadora no Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS-UFF).

³ Doutoranda na Universidade Federal Fluminense (UFF). Coursou como bolsista (CAPES-PDSE), estágio doutoral (doutorado sanduíche) na Université Sorbonne Nouvelle (Paris 3), sob a supervisão do Prof. Dr. Jean-Marie Fournier. É pesquisadora no Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS-UFF).

⁴ Professora adjunta da Universidade Federal Fluminense, com pós-doutorado pela Sorbonne Nouvelle Paris III bolsista 2 do CNPq e Jovem Cientista do Nosso Estado (2012-2015). É uma das coordenadoras do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS) da UFF, com parcerias com os laboratórios Corpus (UFSM) e EL@DIS (USP-Ribeirão Preto). Membro do grupo de pesquisa interinstitucional Grupo de Teoria do Discurso (GTDIS).

materializem. São quatro as nossas inquietações por ora. A primeira ganha corpo discutindo um *discurso sobre* que a formata. A segunda se mostra em um conceito: o de analogia. A terceira comparece sob a forma de contradição com a distinção entre fonética e fonologia. E a quarta diz respeito à exclusão de um campo disciplinar: o da estilística. É de forma fragmentada que essas inquietações, frutos de um grupo de estudos em torno de Saussure⁵, se textualizam. Fragmentada porque tecida nas (des)dobras dos dizeres saussurianos.

Fragmento 1: Inquietações em torno de um *discurso sobre*

Ainda algo a dizer sobre Saussure, porque somos também linguistas, porque há algo aí nesse gesto de saber sobre a língua que permanece inquietante, angustiante, que ainda se faz mistério, no que faz fronteira entre o desejo e a palavra.

Em sua articulação com a psicanálise, a Análise de Discurso busca pensar o impossível que há na língua que é tocado no lugar onde não se pode trabalhar a *lalangue* – tendo como horizonte a questão: do que se trata esse impossível na/da língua?

Nesse primeiro momento nosso de reflexão, é importante dar visibilidade, para o que se vai tratar nos fragmentos, ao modo como esse impossível se imiscui no processo de Saussure formular sobre o que lhe inquieta: língua(gem). Nesse percurso, ele escreve a Antoine Meillet⁶ dizendo que, a cada dia, estava mais consciente da “imensidão do trabalho necessário para mostrar ao linguista o que ele faz” (*Escritos*⁷, p. 15). A esse objeto de estudo que o toma de modo incansável, infinito, lacunar e inconcluso ele chama de

⁵ Grupo formado sob a supervisão de Vanise Medeiros com membros da equipe do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS/UFF).

⁶ À guisa de lembrança, Meillet foi discípulo de Saussure. Há um texto de Benveniste sobre as correspondências entre Saussure e Meillet nos *Cahiers Ferdinand Saussure*, n. 21, 1964.

⁷ Como estaremos trabalhando com os *Escritos de Linguística Geral* de Saussure e com o *Curso de Linguística Geral*, optamos por referir entre parênteses não o ano das obras, mas seu nome e sigla: *Escritos*, em um caso, *CLG*, em outro.

“substância deslizante da língua” (*Escritos*, p. 241). Nesse artigo, não vamos responder à pergunta, mas, certamente, vamos construir caminhos para continuar pensando a questão do impossível na/da língua, nos reaproximando dos dizeres de Saussure e dos dizeres sobre ele. Precisamos esclarecer que não falamos do domínio da Psicanálise, porque não somos aí especialistas, mas antes leitores, e que, sim, falamos como analistas de discurso, enquanto sujeitos teóricos filiados ao modo como Pêcheux e Orlandi formulam a teoria, e inscritos no campo da História das Ideias Linguísticas, filiados ao modo como Aouroux e Orlandi compõem um campo de investigação.

Antes é preciso dizer que, tendo em foco o *Curso de Linguística Geral*, as textualidades trazidas aqui para análise e discussão – dizeres de Saussure e sobre Saussure – são lidas pensando três diferentes questões: o dizer de Saussure, o dizer sobre Saussure, o dizer a partir de Saussure.

Elegemos como pontos de observação, então, o discurso sobre a dupla essência da linguagem, que desliza do duplo para a dicotomia, a questão dos sentidos de analogia que deslizam para abertura do simbólico, a questão da historicidade dos sentidos de fonologia e fonética em que se produz a contradição, e a questão do não-lugar da estilística como disciplina do campo científico da linguística. Debruçar-nos-emos sobre significantes caros a Saussure para compreender os efeitos de sentido que se produzem a partir de: suas condições de produção e suas circunstâncias de circulação (Orlandi, 2001), ou seja, o modo como a formulação da teoria vai sendo tecida no *Curso* e o modo como seus leitores a escutam; e o modo como esses dizeres ganham direção construindo veredas de sentidos que acabam por filiar-se a redes de memória, redes históricas de significação e a processos de relação de forças na sociedade. Isto não se fez, importa lembrar, sem que nós, leitores, fôssemos aos *Escritos de Linguística Geral*.

Conforme Mariani e Medeiros (2010, p. 9), “o sujeito, ao tomar a palavra, está no simbólico e imerso na política de divisão de

sentidos: sujeito e processos de produção de sentidos são inseparáveis, e isso não é visível para o sujeito em sua sujeição ao histórico e ao ideológico”.

Para pensar sobre o discurso sobre a *dupla* essência da linguagem, Arrivé (2010) expõe sobre a não naturalidade e a complexidade com que Saussure se depara ao pensar sobre língua – como “substância escorregadia” – e sobre a árdua tarefa de compreender a ordem da língua, que ele qualifica como “tarefa absurda” diante da qual “é preciso que o linguista entenda que está” (*Escritos*, p. 22); nessa busca, Saussure considera essa ordem como desdobramentos que ele chama de “a essência dupla da linguagem” que, para ele, é formada, não por dois, mas por elementos complexos e não-complexos, na verdade, esses elementos são misturas, e que, em sua aventura teórica, se dividiriam em “figura vocal, forma e significação” (*Escritos*, p. 24).

Chamamos a atenção para o modo como esses significantes circulam hoje ainda marcados por um *discurso sobre*⁸. Aqui nos referimos aos discursos sobre a teoria saussuriana que inscrevem/descrevem como *dicotomias*⁹ sua noção de duplo, suas dualidades, presentes em suas formulações teóricas publicadas nos *Escritos* (“Sobre a essência dupla da linguagem”). É preciso lembrarmos como determinado *discurso sobre* se torna hegemônico; nesse discurso, outros dizeres o atravessam e o sustentam, organizando sentidos em certa direção, reconfigurando ou silenciando outros sentidos. Em relação à questão do duplo, dizer das dualidades como “dicotomias” produz o efeito de “didaticamente produtivo”, diferentemente do que hoje sabemos formulado nos *Escritos*. Neste texto, Saussure, ao escolher entrar pela “dupla essência”, aponta para a dificuldade da noção de

⁸ “O discurso-sobre é uma das formas cruciais da institucionalização dos sentidos” (Orlandi, 1990, p. 37).

⁹ Do gr. *dichotomia* – *Lóg.*: divisão lógica de um conceito em dois outros conceitos: em geral contrários, que lhe esgotam a extensão; *Bot.*: divisão em duas porções idênticas (Ferreira, 2001).

dualidade ao se dispor encontrar um ponto de partida central, um modo de entrar nesse *pântano*¹⁰ que é a língua – em nenhum momento, é possível ler uma *dualidade* simples/ imediatista/ didática /confortável/ fácil/ dicotômica.

Ao materializar o significante “dicotomia”, não se aponta de que não é simplesmente de dois elementos que se trata, não se dá visibilidade à forma angustiada e turbulenta, inconclusa e instável, com que Saussure tentou lidar com essa *substância* que é a língua. Para ele, só podemos “compreender o que é a língua com a ajuda de quatro ou cinco princípios incessantemente entrecruzados de uma maneira que parece feita de propósito para enganar os mais hábeis e os mais atentos ao próprio pensamento” (*Escritos*, p. 87).

Na formulação da teoria, sabemos hoje, Saussure dava a ver o desconforto em relação à dificuldade em denominar, em buscar terminologia que bem dissesse o seu formular, conforme nos traz Arrivé (2010, p. 59), que em vários pontos, Saussure “descreve com uma lucidez desolada os deslocamentos incessantes que os termos, todos os termos – a começar pelo termo *termo* – arriscam-se a sofrer a partir do momento em que tentamos fixá-los à designação de uma das faces do objeto linguístico”.

Fiquemos com o que Normand (2009, p. 170) nos diz em relação a como tanto as afirmações saussurianas quanto suas questões continuam, ou pelo esquecimento ou pelo afastamento deliberado delas. E conclui:

não que suas dúvidas tenham encontrado respostas; elas são simplesmente ignoradas. A instabilidade desse objeto “sem análogo” que Saussure espreitava sob o nome de “língua” não oferece base tranquilizadora para a descrição nem para a explicação; o *bricolage* permanente da língua, esse “vestido feito de emendas”, presta-se mal à formalização e a natureza de suas propriedades confunde em demasia o pensamento. (Normand, 2009, p. 170).

¹⁰ “Estamos em um terreno em que cada parágrafo deve permanecer como uma peça sólida enterrada no pântano, com a faculdade de reencontrar sua rota tanto para a frente quanto para trás” (*Escritos*, p. 87).

Nesse momento, passamos ao segundo fragmento, para observarmos o processo de produção dos efeitos de sentido sobre o conceito de analogia.

Fragmento 2: *Inquietações em torno de um conceito*

A efervescência da discussão sobre o *Curso* ainda ocupa hoje, e mais uma vez, um lugar muito importante entre os linguistas (mas, marque-se, não apenas entre eles), sobretudo porque voltar a Saussure neste momento implica não mais apenas estudar as impostas/supostas dicotomias saussurianas. Um momento em que não é mais possível lê-lo ignorando a importância dos seus *Escritos*¹¹ e dos *Anagramas*¹². O que, então, se coloca como questão para nós no momento em que uma obra fundadora atribuída a Saussure torna-se secular? Antes, as leituras do *Curso* pediam precisão, descrição, explicação. E agora, após a descoberta de seus manuscritos, como (re)ler o *Curso*? Essas são algumas das perguntas que nos assombram e que nos impulsionam em nossa reflexão.

Neste segundo fragmento de leitura, debruçamo-nos sobre a noção de analogia proposta no *Curso*. Aí, a noção é retomada dos neogramáticos e trabalhada com fins de compreender como se dá o processo de mudança e criação na língua. Aqui, nossa investigação advém da leitura de Pêcheux, Haroche e Henry (“A Semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso”¹³) sobre tal conceito em Saussure. As perguntas que nos guiam são: (i) como a Análise de Discurso lê a noção de analogia em Saussure?, e (ii) de que forma ela é relevante hoje à luz dessa teoria?

¹¹ Lançado em 2002, em francês, e em 2004, em português, os *Escritos* apresentam os manuscritos encontrados em 1996 na residência de Ferdinand de Saussure em Genebra. Suas anotações permitem-nos confrontar o que é apresentado no *Curso de Linguística Geral*.

¹² Lançado por Starobinski (1974).

¹³ Publicado inicialmente no jornal *L'Humanité* e, depois, na revista *Langages*, n. 24, em 1971 (cf. Maldidier, 2003). Há tradução para o português intitulada “A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso”.

De imediato, precisamos recuperar a reflexão saussuriana sobre analogia. Do *Curso*, destacamos duas passagens relevantes que indicam que a criação na/da língua se dá a partir do que a própria língua oferece, seguindo regras nesse processo.

[...] a analogia exerce uma ação sobre a língua. [...] reflete, de momento para momento, as mudanças sobrevindas da economia da língua e as consagra por novas combinações [...]. (CLG, p. 199);

A analogia supõe um modelo e uma imitação regular. *Uma forma analógica é uma forma feita à imagem de outra ou de outras, segundo uma regra determinada.* (CLG, p. 187, grifo do autor).

Ainda no *Curso*, lemos que as palavras “se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas” (CLG, p. 143). Aí, a sede da linguagem está no cérebro e as relações associativas que fazemos na e com a linguagem formam um “tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo” (CLG, p. 143). Diz também o *Curso* que todo fenômeno analógico consiste em criação, e não em mudança, na língua:

Enquanto a mudança fonética nada introduz de nôvo sem antes anular o que a precedeu (*honōrem* substitui *honōsem*), a forma analógica não acarreta necessariamente o desaparecimento daquela a que vem duplicar. *Honor* e *honōs* coexistiram durante certo tempo e era possível usar uma pela outra. Entretanto, como repugna à língua manter dois significantes para uma só idéia, as mais das vezes a forma primitiva, menos regular, cai em desuso e desaparece. É êsse resultado que faz crer numa transformação: uma vez terminada a ação analógica, o estado antigo (*honōs* : *honōrem*) e o nôvo (*honor* : *honōrem*) estão, em aparência, na mesma oposição que a que resulta da evolução dos sons. Todavia, no momento em que nasce *honor*, nada mudou, pois não se substitui nada; o desaparecimento de *honōs* não é mais uma mudança, de vez que se trata de um fenômeno independente do primeiro. (CLG, p. 190).

Vê-se, a partir destes escritos, que a relação entre mudança e criação, embora tênue, resguarda diferenças no caso de transformação, passagem de uma forma à outra. Ressalta-se, então,

a regularidade das formas, mas não somente... a analogia *tem seus caprichos!* Nas palavras do *Curso*:

A analogia se exerce em favor da regularidade e tende a unificar os processos de formação e de flexão. Mas ela tem seus caprichos: ao lado de *Kranz : Kränze* etc., tem-se *Tag : Tage*, *Salz : Salze* etc., que resistiram, por uma razão ou outra, à analogia. Por conseguinte, não se pode dizer de antemão até onde irá a imitação de um modelo, nem quais são os tipos destinados a provocá-la. Dessarte, não são sempre as formas mais numerosas que desencadeiam a analogia. (CLG, p. 188).

Nos casos apontados acima, fala-se da formação de plural em língua alemã. Por um lado, algumas palavras seguem uma regra, tal como *Gast : Gäste*, isto é, a alteração se dá no valor sonoro: passa-se de /a/, no singular, para /ɛ/, no plural (e marca-se com trema); por outro lado, outras resistem, como o *Curso* mostra na palavra *Tag : Tage*, que não segue a regra, ou seja, mantém o mesmo valor sonoro vocálico: /a/ : /a/. Vemos, assim, que há imitação e também não imitação dentro das possibilidades da língua, pois há formas que são alteradas, seguindo uma regra nessa alteração, enquanto outras não se afetam por ela. O *Curso* esclarece ainda que, quanto a essas ocorrências, não se trata de quantidade delas, isto é, uma formação por analogia não é desencadeada pelo número de analogias outras concorrentes. Permanece o capricho... Será que nele podemos ler o impossível da língua? Será que nesse capricho podemos entrever um Saussure dos *Escritos*, que nos diz: “parece que uma fatalidade quer que, na língua, toda nova verdade oblitere a outra porque as verdades iniciais não são simples.” (*Escritos*, p. 87). Estamos, ele não nos deixa esquecer, diante de uma substância escorregadia. E, afinal, seguindo o curso, não existe razão para que a regularidade seja esclarecida; trata-se, no todo, de uma generalização de um modo de formação que ocorre por analogia.

Mas, eis a reviravolta: “As inovações da analogia são mais aparentes que reais. A língua é um traje coberto de remendos feitos de seu próprio tecido.” (CLG, p. 200). É com Pêcheux, Haroche e

Henry (2007), no artigo anteriormente indicado, que seguimos¹⁴. Neste artigo, afirmam que o autor genebrino, embora “tome emprestado de seus predecessores” um “certo número de ideias” para falar de analogia, promove uma ruptura com eles ao defender, como se encontra no *Curso*, que a analogia “é integralmente gramatical e sincrônica” (Pêcheux; Haroche; Henry, 2007, p. 16). Ser sincrônica nos permite compreender um certo rompimento com os neogramáticos comprometidos com a noção de mudança diacrônica. Mas não nos enganemos com tal simplicidade. Postular a analogia como sincrônica tem outras implicações: uma delas reside em sustentar um sistema relacional, ou seja, sustentar a noção de valor como basilar e fundamental para a analogia. E no valor reside, como sabemos, a significação; portanto, esta não é imanente, como nos indicam Pêcheux, Haroche e Henry na leitura que fazem do *Curso*:

A atitude fundamental de Saussure a esse respeito consiste na idéia de que, do ponto de vista lingüístico, o valor domina a significação: “Em todos esses casos, pois, surpreendemos, em lugar de *idéias* dadas de antemão, *valores* que emanam do sistema. Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são” ([*CLG*,] p. 136). (Pêcheux; Haroche; Henry, 2007, p. 17, grifo dos autores).

¹⁴ Importa informar que há um artigo de Baronas e Sargentini, “O Curso de Linguística Geral: apontamentos de uma leitura da Análise do Discurso”, publicado em 2007. Este artigo tem como foco o esforço de Saussure em relacionar a analogia à língua; esforço falho, segundo os autores, à medida que o autor genebrino faz intervir a fala, o que permitiria uma entrada do sujeito e, assim, uma não-restrição da analogia ao campo da língua (em oposição ao da fala). A conclusão dos autores é que há leituras que desconsideram que Saussure do *Curso* insista com veemência no caráter sistêmico da analogia; Pêcheux, por outro lado, dá a ver um Saussure que se debruça sobre o conceito de valor para pensar a analogia.

Para os autores, a analogia caminha no sentido contrário à ruptura que se manifesta no *Curso*: na obra, a analogia está apenas na ordem da língua. Que deslocamento Pêcheux, Haroche e Henry promovem, então, na releitura do *Curso*? Aqui se encontra o resgate das ideias saussurianas pela Análise de Discurso: não cair na confusão de uma leitura – já sedimentada – que resulta numa oposição sistema/criatividade, ou seja, um par ideológico “em que cada um dos dois termos em oposição pressupõe o outro: a criatividade supõe com efeito a existência de um sistema que lhe permite fazer irromper, e todo sistema nada mais é do que o efeito resultante de uma criatividade anterior” (Pêcheux; Haroche; Henry, 2007, p. 20). A criatividade deixa então de ser lida como oposição ao sistema, como redobrando outra oposição também sedimentada. Agora entre língua e fala. A criatividade, vale repetir, deixa de ser entendida como da esfera da fala em oposição à língua, ao sistema. E com isso pode ser lida como constitutiva da língua sem resultar no individualismo da criação.

De novo, nos deparamos com o escorregadio da língua, com o deslizante nesse sistema. Nosso caminho não se esgota aqui, mas se fragmenta e se emenda em outro... o da leitura de uma contradição.

Fragmento 3: *Inquietações em torno de uma contradição*

Neste fragmento, como anunciado, a inquietação que nos move, fazendo-nos lançar à leitura de Saussure, é a contradição constitutiva do movimento de designação/distinção entre o que é tomado no *Curso* por estudos fonéticos e fonológicos. Entendemos que as designações pressupõem a construção discursiva de referentes e que, conforme Zoppi-Fontana (2003, p. 250), se dão “em relação às outras designações com as quais se encontram em relação de reformulação parafrástica ou de contradição no arquivo”. Tomar a contradição como objeto de análise é concebê-la como princípio de historicidade de todo e qualquer discurso. Os discursos são constitutivamente contraditórios porque, conforme Mittmann (2010, p. 85), são constituídos “pela multiplicidade de

fragmentos, de partículas disformes de discursos e, também, de saberes dispersos”, os quais estão filiados a diferentes posições-sujeito. Estas, por sua vez, estão inscritas numa dada formação discursiva, as quais, como podemos depreender a partir de Orlandi (2007a; 2007b) e de Indursky (2006; 2008), são duplamente heterogêneas. Heterogêneas porque comportam em seu interior diferentes posições-sujeito. Heterogêneas porque, de fronteiras porosas, permitem, sob determinação do interdiscurso, a aproximação de posições-sujeito filiadas a outras formações discursivas, de modo que se estabelecem entre estas e aquelas relações de conflito, de confronto, de aliança, de sobreposição etc.

Essa articulação, isto é, a costura no dizer entre as diferentes posições-sujeito, é organizada, como nos lembra Mittmann (2010, p. 86), por uma função-autor, que, embora seja interna ao discurso, “leva ao efeito externo de uma função de autor, uma função enunciativa do sujeito em relação ao discurso e perante o social”. Nesse sentido, pensar a função-autor¹⁵ que organiza o *Curso* seria pensar mais uma vez em heterogeneidade constitutiva. Além da dispersão de posições e de formações discursivas que o constitui e o atravessa, a sua formulação (Orlandi, 2001) coloca em questão ainda diferentes gestos de interpretação que resultam num gesto de autoria (uma função-autor) atribuído a Saussure, ao mesmo tempo em que este é dele um efeito (uma função de autor).

Assim sendo, entendemos, com Zoppi-Fontana (2003), que a análise dos movimentos de (re)formulação nos permitirá refletir sobre as diferentes posições-sujeito em jogo nesse *jogo de ir e vir* do dizer, bem como sobre o(s) efeito(s) da contradição estabelecido(s) entre elas. Tomando o *Curso* como um discurso, propomo-nos, em nosso gesto de leitura, a depreender como, através dos movimentos

¹⁵ Trata-se de uma função exercida pelo sujeito discursivo que se caracteriza pela “produção de um gesto de interpretação” (Orlandi, 2007b, p. 97), no qual o autor é colocado como o responsável pelo sentido do que diz, do que formula, significando-se e produzindo sentido de acordo com as determinações históricas a que está assujeitado.

de (re)formulação, a contradição histórica constitutiva, no que diz respeito ao processo de designação/distinção entre os chamados estudos fonéticos e fonológicos, se faz significar na sua materialidade linguística.

Como nos explica Câmara Jr. ([1975] 2010), até meados do século XIX, a fonética, situada no âmbito das ciências naturais, consistia num estudo biológico da linguagem e era significada como uma “disciplina auxiliar da linguística”, a qual se entendia que convinha aos linguistas estudar e dominar por lhes proporcionar uma compreensão mais profunda do mecanismo da fala. Na segunda metade do século XIX, a partir dos estudos do alemão Eduard Sievers (1876), notadamente aqueles de base comparativa relacionados ao indo-europeu, “fonética” passa a designar também uma disciplina que, situada no âmbito das ciências humanas, é significada como uma ramificação dos estudos linguísticos. Tem-se, então, nesse momento, uma convivência tensa entre duas disciplinas distintas, filiadas a distintas posições-sujeito. Os sentidos não são os mesmos, assim como também não são os fazeres associados a essas disciplinas, mas, por elas terem designações homônimas, muitas vezes se “con-fundem” (Orlandi, 2008).

Ainda de acordo com Câmara Jr. ([1975] 2010), é ao Saussure do *Curso* que é atribuída, na história da produção dos conhecimentos linguísticos, uma certa distinção entre esses estudos. Como o autor nos relata, Saussure, retomando o conceito de fonema enquanto sons vocais, proposto pelo linguista polonês Jan Baudouin de Courtenay (1845-1929), e inserindo-o na teoria geral e essencial dos sinais linguísticos, propõe contornos e nomes distintos para os estudos de base linguística e os de base biológica, como podemos ler abaixo:

A fisiologia dos sons [...] é frequentemente chamada de “Fonética” [...]. Esse termo nos parece impróprio; substituímo-lo por *Fonologia*. Pois *Fonética* designou a princípio, e deve continuar a designar, o estudo das evoluções dos sons; não se deveriam confundir no mesmo título dois estudos absolutamente distintos. A *Fonética* é uma ciência histórica; analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo. A *Fonologia*

se coloca fora do tempo, já que o mecanismo de articulação permanece sempre igual a si mesmo.

Longe de se confundir, êsses dois estudos nem sequer podem ser postos em oposição. O primeiro é uma das partes essenciais da ciência da língua; a Fonologia, cumpre repetir, não passa de disciplina auxiliar e só se refere à fala. (CLG, p. 42-43).

No *Curso*, mais especificamente no capítulo intitulado “Fonologia”, esta é significada como a “fisiologia dos sons” e, por isso, considerando que o mecanismo de articulação da fala não muda, é percebida como uma ciência a-histórica, “fora do tempo”, que se constitui enquanto “disciplina auxiliar” da ciência linguística. Já a fonética é significada como “uma ciência histórica”, que “analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo”, o que a caracteriza como “uma das partes essenciais da ciência da língua”.

Para melhor compreendermos essa distinção, é preciso refletirmos sobre outras duas dualidades saussurianas que estão diretamente intrincadas a ela: língua/escrita e língua/fala. Com vistas a legitimar a eleição da língua como objeto da Linguística, existe um movimento de distinção desta em relação à escrita e à fala que é retomado em diversos momentos ao longo do *Curso*. No que tange ao primeiro par, língua e escrita são significadas como “dois sistemas distintos de signos” (CLG, p. 34), entre os quais se estabelece um efeito de representação – aquela é tomada como “um depósito de imagens acústicas”, e esta como “a forma tangível dessas imagens” (CLG, p. 23), cuja “única razão de ser [...] é representar o primeiro” (CLG, p. 34). Assim é que, no *Curso*, a confusão entre esses dois sistemas se configuraria como uma “cilada” em que haveriam caído os primeiros linguistas: “desapegar-se da letra era, para eles, perder o pé; para nós, constitui o primeiro passo rumo à verdade” (CLG, p. 42). E o caminho para essa verdade (nós diríamos, imaginária) estaria no “estudo dos sons através dos próprios sons” (CLG, p. 42). Como lemos no *Curso*, a Linguística só se “libertou da palavra escrita” com a adoção de uma ciência auxiliar (CLG, p. 42). E tal ciência é,

no *Curso*, a fonologia. Ou seja, é pela necessidade de distinção entre o signo linguístico e o signo escrito que se justifica no *Curso* o lugar dos chamados estudos fonológicos.

No que diz respeito ao segundo par, língua e fala são tomadas como diferentes domínios da linguagem. Diz o *Curso* que, ao separá-las, “separa-se ao mesmo tempo: 1º. o que é social do que é individual; 2º. o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental” (CLG, p. 22)¹⁶. Em outro momento, retomando o efeito de representação da escrita em relação à língua e utilizando-se de uma analogia ao ato de fotografar, no *Curso*, justifica-se o porquê de ser a língua o objeto eleito e não a fala – “seria impossível fotografar em todos os seus pormenores os atos de fala” (CLG, p. 23). A fala não é, pois, considerada tangível como a língua é através da escrita; a sua representação é significada como da ordem do impossível. Ela não é representável, traduzível. Dessa maneira, a escrita comparece nesta sequência, não em oposição à língua, como vimos anteriormente, mas como argumento para legitimar o lugar desta como objeto da Linguística, a partir do estabelecimento de um efeito de tradução – a língua, como vimos, é tomada como um “depósito de imagens acústicas”, e a imagem acústica, por sua vez, “pode traduzir-se numa *imagem visual constante*” (CLG, p. 23), isto é, escrita. Assim, da mesma forma como o estudo da fala permitiu, num primeiro momento, distinguir a língua da escrita, agora esta é retomada para que se produza não só um efeito de distinção entre língua e fala, mas, como pontuamos, de legitimação da primeira como objeto de estudo.

No que concerne à distinção entre língua e fala, no capítulo intitulado “Linguística da língua e Linguística da fala”, uma outra

¹⁶ Cabe destacar aqui o efeito de sentido produzido pelo comparecimento da palavra *social* algumas vezes no *Curso*. Nele, *social* não diz respeito à relação entre língua e sociedade, conforme já vinha sendo pensada à época por outros linguistas (Meillet e Vendryes, por exemplo), mas ao fato de supor-se que a língua, enquanto sistema, encontra-se “depositada” nos cérebros de *uma comunidade de indivíduos* – diferentemente da fala que seria da ordem *do indivíduo* –, cabendo ao linguista depreender e analisar o funcionamento desse sistema.

analogia entre a língua e a produção de sons necessários à fala, entendida como fonação, e o alfabeto Morse e os aparelhos que servem para transcrevê-lo é formulada, produzindo um efeito de exterioridade dos órgãos vocais (aparelho fonador) em relação à língua – “os órgãos vocais são tão exteriores à língua como os aparelhos elétricos para transcrever o alfabeto Morse são estranhos a esse alfabeto” (CLG, p. 26). A partir dessa analogia, a fonação é significada como “a execução das imagens acústicas” e, enquanto tal, entende-se que ela “nada afeta o sistema em si” (CLG, p. 26).

Em seguida, são excluídos dos estudos da língua dois tipos de estudos que teriam como objeto a fala: o que se debruça sobre a produção dos sons, a fonação, e o que trata das chamadas “transformações fonéticas”, entendidas como “as alterações dos sons que se produzem na fala” (CLG, p. 26). Sobre essas transformações, num primeiro momento, afirma-se que produzem “influência tão profunda nos destinos da própria língua” (CLG, p. 26) e depois questiona-se: “Teremos, de fato, o direito de pretender que esta [a língua] exista independentemente de tais fenômenos?” (CLG, p. 26). Ao que se responde que sim, justificando-se que elas “não atingem mais que a substância material das palavras” (CLG, p. 26). Observemos aqui um primeiro conflito entre posições. O que antes era tomado, de uma posição, como uma “influência profunda” desloca-se para outra posição de modo que passa a ser significado como algo que não pertence nem à ordem da língua, nem à da fonética: “se atacam a língua enquanto sistema de signos, fazem-no apenas indiretamente pela mudança de interpretação que daí resulta: ora esse fenômeno nada tem de fonético” (CLG, p. 26). Nesse posicionamento, embora se entenda que “o estudo dos sons” possa ser interessante à investigação das “causas de tais mudanças”, este não é considerado como “coisa essencial”.

No quadro abaixo, buscamos filiar os dizeres analisados até aqui às duas posições depreendidas em nossa análise, as quais, por um princípio de organização, passaremos a chamar de posição-sujeito 1 (PS1) e posição-sujeito 2 (PS2). Cabe explicar que, em nosso

gesto de leitura, partimos dos dizeres que recortamos do capítulo intitulado “Fonologia”, na qual, como vimos, há um movimento de designação/distinção do que se toma por fonética e fonologia, e, em seguida, percorremos o *Curso* em busca de pontos em que observássemos (re)formulações parafrásticas/ deslocamentos desses sentidos. Assim foi que, no capítulo intitulado “Linguística da língua e Linguística da fala”, embora não compareçam os termos fonética e fonologia, encontramos, a partir do que se toma por *transformações fonéticas* e *fonação*, sentidos de aproximação e de distanciamento em relação aos que havíamos visto anteriormente.

PS1		PS2
CAPÍTULO: FONOLOGIA		
FONÉTICA	FONOLOGIA	
<p>“estudo das evoluções dos <u>sons</u>” “ciência histórica” “analisa acontecimentos, <u>transformações</u> e se move no tempo” “uma das partes essenciais da ciência da <u>língua</u>”</p>	<p>“fisiologia dos <u>sons</u>” “se coloca fora do tempo” “o mecanismo de articulação permanece sempre igual a si mesmo” “não passa de disciplina auxiliar e só se refere à <u>fala</u>”</p>	
CAPÍTULO: LINGUÍSTICA DA LÍNGUA E LINGUÍSTICA DA FALA		
TRANSFORMAÇÕES FONÉTICAS	FONAÇÃO	TRANSFORMAÇÕES FONÉTICAS
<p>“alterações que se produzem na <u>fala</u>” “exercem <u>influência</u> tão profunda nos destinos da própria <u>língua</u>”</p>	<p>“produção dos sons necessários à <u>fala</u>” “execução das imagens acústicas” “os órgãos são tão <u>exteriores à língua</u> como...”</p>	<p>“alterações que se produzem na <u>fala</u>” “não atingem mais que a substância material das palavras” “<u>atacam a língua [...]</u> <u>indiretamente</u>” “esse fenômeno <u>nada tem de fonético</u>” “não é coisa essencial”</p>

Como podemos depreender a partir do quadro acima, na PS1, os sentidos filiados a transformações fonéticas e fonação, no capítulo “Linguística da língua e Linguística da fala”, inscrevem-se, respectivamente, no mesmo eixo parafrástico de fonética e fonologia, no capítulo intitulado “Fonologia”, havendo entre estes e aqueles uma relação metonímica. As transformações fonéticas são tomadas como o objeto de estudo da fonética, assim como a fonação é tomada como o objeto de estudo da fonologia. No entanto, há, nos capítulos analisados, um deslize entre *sons da língua* e *sons da fala* que possibilita o comparecimento da PS2. No capítulo “Linguística da língua e Linguística da fala”, as alterações promovidas pelas transformações fonéticas são significadas como da ordem da fala, aproximando-se, assim, também do que se tem por fonação. É, pois, a partir dessa aproximação, que sentidos outros, filiados à PS2, fazem-se significar na materialidade linguística do *Curso*, estabelecendo entre essas duas posições um efeito de contradição – se na PS1 o estudo das transformações fonéticas é tomado como uma parte essencial da ciência da língua, na PS2 essas transformações, tomadas como da ordem da fala, são significadas como algo exterior à língua, sendo inclusive questionado o seu estatuto enquanto um fenômeno fonético.

Como arremate dessa distinção entre o que é da língua e o que não é da língua, no *Curso* propõe-se uma nova dualidade que divide o estudo da linguagem em um estudo psíquico e essencial, que teria por objeto a língua, e um estudo psicofísico e secundário, que teria por objeto a fala. Estes estudos são nomeados, respectivamente, como “Linguística propriamente dita” e “Linguística da fala” (CLG, p. 28). a ilusão de divisão entre eles é significada como uma “bifurcação” que impede que o linguista se dedique aos dois tipos de estudo ao mesmo tempo – “Cumprir escolher entre dois caminhos impossíveis de trilhar ao mesmo tempo; devem ser seguidos separadamente” (CLG, p. 28).

O efeito de contradição que sinalizamos entre a PS1 e a PS2, então, diz respeito aos contornos delineados no movimento de

distinção entre fonética e fonologia e na relação estabelecida entre estas e a chamada ciência da língua. Tal contradição é reforçada, ainda, pela própria estruturação do livro. Como dissemos, há no *Curso* um capítulo intitulado “Fonologia”, no qual encontramos a produção do efeito de distinção entre fonética e fonologia, língua e fala e fala e escrita. Esse capítulo é seguido de um apêndice intitulado “Princípios de Fonologia”, no qual encontramos a definição de fonema e um estudo sobre fisiologia e acústica do som. Não há, no entanto, um capítulo destinado à Fonética. Ora, se esta, como vimos, da PS1, é significada como “uma das partes essenciais da ciência da língua” e aquela como “disciplina auxiliar”, não deveria ter a primeira um capítulo dedicado a ela no *Curso* e não a segunda?

Iniciamos este fragmento dizendo que as designações pressupõem a construção discursiva de referentes e que elas se dão sempre em relação a outras. A análise nos demonstrou que as designações em questão, bem como os referentes associados a elas, filiam-se a diferentes posições-sujeito. Essas posições, por sua vez, relacionam-se no dizer atribuído a Saussure de forma contraditória. Tal contradição, como vimos em Câmara Jr. ([1975] 2010), faz parte da historicidade destes campos de estudo e, portanto, antecede a formulação do *Curso*, porque este enquanto discurso é também um produto histórico determinado pelo interdiscurso e constituído, como destacam Colombat, Fournier e Puech (2010), não por proposições propriamente originais e novas, mas por questões que estavam em debate quando do seu momento de formulação.

A distinção entre os estudos fonéticos e fonológicos não é, portanto, uma questão somente do *Curso*, mas uma questão do século XIX que, ainda presente no início no século XX, nele se faz significar. A forma de comparecimento dessa significação é a contradição entre posições, e esta tem como efeito uma tensão no processo designatório, segundo a qual, dependendo do lugar de onde se fala, da posição em que o sujeito de inscreve, os estudos fonéticos/fonológicos ora são significados como próprios às

ciências naturais, constituindo-se como uma ferramenta auxiliar ao fazer do linguista, ora como próprios à então chamada ciência Linguística.

Fragmento 4: Inquietações em torno de um campo disciplinar

Como compreender um “pensamento em atividade”? Um pensamento, continua Câmara Jr., que “era emitido e se reformulava no exato momento em que era emitido” (Câmara Jr., [1962] 2010, p. 128). Neste fragmento, perseguimos uma leitura específica que Câmara Jr. faz de Saussure: aquela em que discute o lugar do campo disciplinar da estilística a partir de uma das dualidades saussurianas, *langue/parole*. Estamos considerando três textos de Câmara Jr: *Contribuições à estilística portuguesa* ([1952] 1978), “Considerações sobre o estilo” ([1961] 2004) e “A visão saussureana da linguagem” ([1962] 2010)¹⁷. Nossa leitura tem como ponto de partida e chegada a língua.

Em seu artigo sobre a visão saussuriana, Câmara Jr. nos fala de algumas das ideias que se inauguram com o livro *Curso de Linguística Geral*¹⁸. Deste artigo, nos interessa a crítica que faz à rigidez “da dicotomia língua e discurso”¹⁹, porque lhe toca em um

¹⁷ Os textos de Câmara Jr. são dos anos 50 e 60, anteriores, portanto, às descobertas dos manuscritos de Saussure (*Anagramas e Escritos*). O livro *Contribuições à estilística portuguesa* decorre da sua tese de livre docência em 1952, foi publicado pela Organização Simões em 1953, e reeditado pela Ao Livro Técnico em 1978. O artigo “A visão saussureana da linguagem” encontra-se no livro *História da Linguística* ([1975] 2010), que é composto pelos textos escritos originariamente em inglês para os cursos ministrados em 1962 na Universidade de Washington. A sua tradução e publicação foi feita após a morte do nosso linguista. Tal como o *Curso*, trata-se de uma obra póstuma de um mestre e feita de suas aulas. O artigo “Considerações sobre o estilo” foi publicado pela *Revista Vozes* em 1961 e republicado pela editora Lucerna.

¹⁸ O livro de Saussure na referência bibliográfica de Câmara Jr. é o de 1922; portanto, anterior às notas de Túlio de Mauro (Arrivé, 2010, p. 12).

¹⁹ Os termos aspeados são retirados dos textos de Câmara Jr. sobre Saussure. Julgamos que trazer as expressões que neles se encontram nos ajuda a compreender esse seu momento de leitura de Saussure.

ponto caro: o estilo e, por conseguinte, a estilística²⁰. Câmara Jr. assinala que, na “doutrina saussureana”, há “afirmações confusas” e uma delas reside na divisão entre estes dois pontos: língua e discurso²¹. O primeiro sustenta a “linguística da língua”; o segundo se aproximaria do estilo e possibilitaria uma “linguística do discurso”²². Conforme Câmara Jr.:

Afirmando que o discurso permite ao falante exprimir seu “pensamento pessoal”, Saussure coloca o discurso muito perto do estilo e chega mesmo a atribuir a possibilidade de uma linguística do discurso ao lado de uma linguística da língua. (Câmara Jr., [1975] 2010, p. 131, aspas do autor).

O estilo, para Câmara Jr. ([1961] 2004)²³, repousa parcialmente na individualidade e a separação *langue/parole* coloca um problema para sua sustentação como campo teórico de investigação. Em seus textos sobre estilística, nosso linguista aponta um “embaraço”, um “confronto” entre um “plano coletivo” e um “plano individual” advindo da definição de *langue* como fato social. Tal confusão jogaria o estilo no segundo plano, o que resultaria na marginalidade dos estudos estilísticos. Câmara Jr., a despeito de considerar o estilo “em princípio individual”, se recusa a localizá-lo no segundo plano, porque o compreende como portando funções outras da *langue*. Em outras palavras, Câmara Jr. irá dizer que “entre a língua, na sua significação saussureana, e o estilo há certas antinomias profundas, independentemente da circunstância de

²⁰ Para cujo campo nosso linguista expõe no livro em questão um método de trabalho (Câmara Jr., [1952] 1978).

²¹ Câmara Jr. propõe que a tradução de *parole* seja *discurso* (que ele indica como *fala* inicialmente). Citamos: “Opôs-lhe concomitantemente a fala – ou, segundo sugeri há tempos e tem sido usado entre nós, o discurso (fr. *la parole*), como um campo complexo e confuso à margem da linguística” ([1952] 1978, p. 9).

²² No Fragmento 3, essas duas linguísticas foram expostas. No artigo de 1961, Câmara Jr. vai defender a estilística em uma linguística da *langue* por suas funções serem complementares à da *langue*.

²³ No artigo “Considerações sobre o estilo”, algumas das posições de Câmara Jr. expostas no livro *Contribuições à estilística* são revistas, como é o caso da definição de estilo.

uma ser uma regra coletiva e o outro em princípio individual” (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 9) e que há no estilo um aspecto coletivo (Câmara Jr., [1961] 2004). Nosso linguista vai convocar alguns pensadores, como Antoine Meillet, para sustentar um percurso de volta do coletivo ao individual:

A língua preexiste aos indivíduos – é certo –, como insiste Meillet [...]. Entretanto, a personalidade de cada um de nós trabalha nessa matéria para integrá-la em si, de sorte que a sistematização, em princípio, resulta individual. (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 9).

O que irá resolver o impasse posto com a dualidade saussuriana é, então, a compreensão das funções da linguagem. Câmara Jr. resgata de Bühler²⁴ três funções primordiais decorrentes da “manifestação anímica” (ou “psíquica”), da “atuação social” (ou “apelo”), da “representação mental” (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 10) e irá afirmar que Saussure reduz a linguagem a uma dessas funções (a saber, a terceira: “representativa”) para compor a *langue*:

A língua, no seu conceito saussureano, se deduz apenas da função representativa, pois compreende a estrutura, o esquema, o padrão ou a pauta que rege, em termos linguísticos, a nossa representação do mundo exterior e interior. [...] Foi essa redução, empiricamente feita, que deu a oportunidade a constituir-se o estudo gramatical, e para ela apelou a doutrina de Saussure, a fim de fixar um objetivo nítido e uno para a linguística. (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 10-11).

Se são funções distintas, não são, contudo, indissociáveis. Ao contrário, tanto “a língua absorve, destarte, uma carga afetiva que se infiltra em seus elementos e o transfigura” (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 14), – ele comenta ao se debruçar sobre os sentidos do adjetivo belo –, como “dela transborda o ato linguístico, que é a enunciação [...] porque nele se revela o entusiasmo de quem assim

²⁴ Jakobson depois irá reformular o quadro das funções da linguagem de Bühler (Pinto, 1988).

fala” (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 14). Posto de outra forma²⁵, irá explicar que “o alcance representativo do termo se desdobra num alcance expressivo” (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 14) e propor não uma “dicotomia” mas um “contraste” entre intelectualivo (função representativa) e emocional (as demais), e estes dois como complementares. É interessante observar que, ao refletir sobre a questão do estilo, ele põe em cena o “uso linguístico”, o que vai indicar como “enunciação”. Por fim, se as funções outras visam a considerar a individualidade, esta não é, contudo, sem o social que a ancora.

Uma observação importante: Câmara Jr., ao desenvolver suas reflexões sobre o campo da estilística, se apoia em Charles Bally e escreve:

Saussure, quando conceituou a “língua” em puras bases representativas, “mutilou”, por assim dizer, a linguagem e obteve um conceito abstrato fora da concreticidade do intercâmbio linguístico. Foi o que percebeu o seu discípulo Charles Bally, que se dedicou não a repetir o mestre mas a completá-lo, focalizando o estilo em todo fato de língua, e assim estabelecendo a disciplina da estilística. (Câmara Jr., [1961] 2004, p. 175, aspas do autor).

Segue ainda Câmara Jr. ([1952] 1978, p. 15), “entramos na concepção de Bally, e com ele ampliamos o âmbito da linguística num neossaussurianismo cheio de sugestões fecundas”. No entanto, para Câmara Jr., tal sustentação, em Bally, é parcial, já que, diferentemente deste, nosso linguista irá considerar a literatura como seara para estudar o estilo. Enfim, estamos diante de uma reflexão engenhosa com vistas a demonstrar que a estilística complementa (Câmara Jr., [1952] 1978) e mesmo se insere (Câmara Jr., [1961] 2004) na *Linguística da Língua*. Iremos destacar,

²⁵ É interessante observar a leitura que Câmara Jr. faz neste momento de Saussure: aí se entrevê o impasse da dualidade *langue/parole* que, conforme nosso linguista, resulta em deixar o terreno da *parole* confuso para uma exploração científica (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 12).

brevemente, para continuarmos nosso percurso, um dos pontos de suas análises estilísticas, a que diz respeito à estilística fônica.

Câmara Jr. irá indicar que, “Ao lado da fonologia, que se circunscreve à língua ou estrutura linguística (*langue*)” de Saussure, o Círculo Linguístico de Praga também previu a “estilística dos sons vocais” (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 29). Além da função representativa do fonema, para constituição e distinção das palavras, há traços estilísticos “latentes na enunciação das palavras” (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 29). Um dos exemplos que traz, na Língua Portuguesa, é a altura, dentro da palavra em uma frase, para “traduzir de maneira firme mais variados estados dalma²⁶” (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 30). Indo adiante, em sua argumentação, Câmara Jr. irá colocar em causa a arbitrariedade saussuriana do *Curso* ao postular a possibilidade de uma motivação sonora. Seu foco se dá na configuração fonética no interior da palavra; por exemplo, ao considerar o verbo rolar, observa que “em *rolar* as duas consoantes líquidas do radical correspondem na sua articulação à ideia de um movimento desimpedido e contínuo, o arredondamento labial do /o/ se casa bem com a forma dos objetos que rolam” (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 41). E vai dizer:

[...] na poesia lírica as palavras a rigor nunca valem apenas pelo seu significado representativo; em todas, ou quase todas, emerge o elemento sensorial acústico, e não raro a comunicação acústica repousa praticamente nele. Nem sempre – é verdade – há uma motivação sonora propriamente dita; mas sempre há um conteúdo estético determinado pelos sons constitutivos do vocábulo. (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 41).

Há, pois, algo mais na língua que a poesia (ou mesmo a linguagem hodierna) pode nos indicar e à estilística caberia capturar: “Em cada um de nós, o estilo, em dados momentos, faz violência à língua e não poucas vezes a dobra no seu interesse”

²⁶ Escrito tal como se encontra no texto.

(Câmara Jr., [1952] 1978, p. 21). Daí a indissolubilidade do par *langue/parole*.

Em outras palavras, compreender o esforço teórico de Câmara Jr. em incorporar os estudos estilísticos ao estudo da *langue* é acompanhar a luta por uma linguística que considere a língua dos poetas como material de reflexão, tal como fez Saussure em suas pesquisas com os anagramas e lendas, ou tal como fez Saussure não publicando o *Curso* e escrevendo seus textos inconclusos e vacilantes. E na língua dos poetas os dois também se reencontram. Ambos, ousamos dizer e aproximar, perseguem o “próprio da língua”.

Ainda uma palavra, como disse Benveniste ([1963] 1988), “a concepção saussuriana de língua trazia consequências que não se perceberam logo”. Ler Câmara Jr. lendo Saussure nos permite acompanhar algumas dessas consequências; nos possibilita observar o corte saussuriano em se fazendo no Brasil; nos deixa ver o incômodo que tal redução impôs aos estudos linguísticos. Mas nos faz também deparar com uma dimensão que ultrapassa a da *langue*, tal como vigorou sobremaneira nos estudos estruturalistas pós-Saussure, uma dimensão perseguida, perscrutada por aqueles que assumem que “nada da poesia é estranho à língua” (Milner apud Pêcheux, 1998, p. 25).

Fragmento final

Pensamos, conforme Normand (2009, p. 113), que o *Curso* é uma das textualidades a partir de Saussure que testemunha “ao mesmo tempo, a novidade de um pensamento e as dificuldades de elaborá-lo, bem como de fazê-lo ser entendido”.

Ler o *Curso* hoje nos convoca a reconhecer uma posição-sujeito homem de ciência que se propõe a compreender o estatuto e o papel da Linguística Geral, pois, segundo Auroux (2008, p. 156), “o homem de ciência trabalha com ficções racionais que tornam o seu discurso possível”. Essa posição atravessada por outra, a posição-

sujeito logófilo²⁷ que se deixa fascinar por tudo o que torna insolúvel um problema (*Escritos*, editor). Nessa fronteira sempre movediça, às vezes tornada invisível, não é sem a transmissão (sempre não-toda) de Saussure que o *Curso* prossegue produzindo leituras, e não é tampouco com seus manuscritos que ele deixa de prosseguir produzindo leituras.

Referências:

Arrivé, M [2007]. *Em busca de Ferdinand Saussure*. São Paulo: Parábola, 2010.

Auroux, S. *A questão da origem das línguas seguido de A historicidade das ciências*. Campinas: Editora RG, 2008.

Bédouret-Labarraburu, S. (dir.). *En quoi Saussure peut-il nous aider à penser la littérature?*. Pau: Presses de l'Université de Pau et de Pays de l'Adour, 2012. (Collection Linguiste e Litterature).

Benveniste, É. [1963]. Saussure após meio século. In: _____. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 1988.

Câmara Jr., M. [1962]. A visão saussureana da linguagem. In: _____. *História da Linguística*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. [1961]. Considerações sobre o estilo. In: _____. *Dispensos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. [1952]. *Contribuições à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico S.A., 1978.

_____. [1975]. *História da linguística*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010b.

²⁷ "Qu'est-ce que la *logophilie*? Bien que la linguistique y trouve des emplois, ce n'est pas simplement un savoir sur la langue; bien que la psychanalyse puisse en éclairer certains mystères, ce n'est pas simplement une perversion (et la psychiatrie ne satisfait plus quand elle parle sans nuance de 'folie'); bien que la poétique et l'analyse du récit trouvent à s'y exercer, il ne s'agit pas non plus et simplement de "littérature". Et pourtant, le logophile est bien, à la fois, un homme de savoir, de fantasme et d'écriture." (Piersens, 1975).

- Colombat, B.; Fournier, J. M.; Puech, C. *Histoire des idées sur le langage et les langues*. Paris: Klincksieck, 2010.
- Ferreira, A. B. de H. *Novo Aurélio: o dicionário da Língua portuguesa – século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- Indursky, F. Identificação e contra-identificação: diferentes modalidades de subjetivação no discurso do/sobre o MST. In: Mariani, B. (Org.). *A escrita e os escritos: reflexões em análise de discurso e psicanálise*. São Carlos: Clara Luz, 2006.
- _____. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise de discurso. In: Mittmann, S., Grigoletto, E.; Cazarin, E. (Org.). *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.
- Maldidier, D. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.
- Mariani, B.; Medeiros, V. Que sentidos de língua nacional para uma nação marcada pelo enunciado “cinquenta anos em cinco”? In: _____. (Org.). *Ideias linguísticas: formação e circulação no período JK*. Rio de Janeiro/Campinas: Faperj/RG, 2010. p. 9-17.
- Mittmann, S. Heterogeneidade constitutiva, contradição histórica e sintaxe. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 6, n. 1, p. 85-101, jan./jun. 2010.
- Nunes, J. H. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso (Painel). Porto Alegre: Ed. da UFRGS, Anais do I SEAD, 2003.
- Normand, C. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- Orlandi, E. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007a.
- _____. *Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.
- _____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos de trabalho simbólico*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2007b.
- _____. *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2008.

- Pêcheux, M. Sobre a (des-)construção das teorias linguísticas. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, n. 2, p. 7-32, 1998.
- Pêcheux, M.; Haroche, C.; Henry, P. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: Baronas, R. L. *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João, 2007, p. 13-32.
- Piersens, M. *La tour de Babil*. La fiction du signe. Paris: Les Editions de Minuit, 1975.
- Pinto, E. P. *História da Língua Portuguesa VI: século XX*. São Paulo: Ática, 1988.
- Saussure, F. de [1916]. *Curso de linguística geral*: organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. São Paulo: Cultrix, 1975.
- _____. [2002]. *Escritos de linguística geral*: organizado e editado por Simon Bouquet e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix, 2004.
- Starobinski, J. *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- Zoppi-Fontana, M. G. Identidades (in)formais: contradições, processos de designação e subjetivação na diferença. *Organon*, Porto Alegre, UFRGS, v. 17, n. 35, p. 245-282, 2003.

Saussure: um [] estruturalista

Ana Paula El-Jaick¹

“Penser l'origine, n'est-ce pas, d'abord, mettre à l'épreuve l'origine? Désir d'un commencement”. Compartilho do “desejo de começar” de Edmond Jabès – o que, como seus versos dizem, coloca à prova, antes de tudo, a própria origem. “Por onde começar [?]” um texto a respeito daquele a quem, comumente, se responsabiliza a paternidade da ciência da linguagem, a linguística, Ferdinand de Saussure? Michel Arrivé e Françoise Gadet já se colocaram a mesma pergunta no início de suas obras acerca do pensamento saussuriano – respectivamente em *Em busca de Ferdinand de Saussure* e *Saussure: une science de la langue*. Repito a pergunta com a mesma gravidade – e, quem sabe, com mais desespero. Essa espécie de “provação” para aqueles que querem se fazer de *comentadores* de Saussure não é aleatória: o próprio Saussure deixa testemunho de sua dificuldade para começar uma obra sobre seu objeto de estudo: a linguagem humana. Os leitores familiarizados com o pensamento saussuriano conforme estabelecido pelo *Curso de linguística geral* podem reconhecer o desafio: como falar de *língua* sem antes falar de *sincronia*?; como falar em *sincronia* sem antes falar de *relações sintagmáticas*?; como

¹ Professora Adjunta e membro do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Faz parte do grupo de pesquisa “Língua: uma questão discursiva”, coordenado por Vanise Medeiros (UFF) e Alexandre Ferrari (Unioeste/PR). É pós-doutora pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com estágio doutoral na École Normale Supérieure (ENS/Paris).

falar de *relações sintagmáticas* sem antes falar de *sistema*? Saussure chega mesmo a explicitar um título para tal interrogação:

Unde exoriar? – é a pergunta pouco pretensiosa, e até mesmo tremendamente positiva e modesta que podemos fazer antes de tentar abordar, por algum ponto, a substância escorregadia da língua. Se aquilo que quero dizer dela é verdadeiro, não há um único ponto que seja o ponto de partida evidente (Saussure apud Arrivé, 2010, p. 43-44).

O próprio Saussure não sabia por onde começar – e, talvez por um excessivo perfeccionismo, talvez por uma humilde insegurança por ter se metido a examinar essa “substância escorregadia da língua”, acabou por não começar. Afinal, se a ele é dado o título de “pai” da linguística, o DNA é atestado em corpo textual alheio. Como bem colocou o já citado Arrivé (2010, p.7), Saussure é um autor que “não publicou o que escreveu e não escreveu o que realmente foi publicado sob seu nome”. Realmente, Saussure publicou apenas duas obras em vida (uma tese de gramática comparada sobre “O sistema primitivo das vogais nas línguas indo-europeias”, e o estudo “O emprego do genitivo absoluto em sânscrito”). Contudo, a obra que deu a ele o reconhecimento de genitor da linguística como ciência, o *Curso de linguística geral*², apesar de ser *assinada* por Saussure, foi escrita depois de sua morte por Charles Bally e Albert Sechehaye a partir de anotações de alunos que frequentaram o curso do linguista suíço em Genebra – sendo que, conforme nos ensina Loïc Depecker, os dois editores, eles mesmos, não haviam assistido às aulas:

Apenas um terceiro redator, Albert Riedlinger, que contribui para dar forma a uma síntese daquilo que se tornará o *Curso*, havia assistido aos cursos ministrados durante o semestre de inverno de 1907 e aos do ano de 1908-1909. Mas não à terceira seção desse importante curso (1910-1911), a partir da qual será em grande parte elaborado o famoso *Curso de linguística geral*. (Depecker, 2012, p. 11-12).

² Doravante CLG.

O “famoso” *Curso* acabou por guardar a perspectiva de linguagem saussuriana, que ficou conhecida como *estruturalismo* (apesar de Saussure nunca ter usado tal termo, mas ter falado de um *sistema* de signos linguísticos). O estruturalismo, como se sabe, veio a influenciar outras áreas do conhecimento, fazendo com que, por num período, a linguística fosse uma espécie de ciência-farol de outros campos do saber (como para a antropologia de Lévi-Strauss e a psicanálise de Jacques Lacan). Arrivé (2010, p. 8) cita uma série de nomes que foram influenciados por Saussure: “Seu pensamento [de Saussure] serve de ponto de partida ou de interlocução para Trubetzkoy, Jakobson, Hjelmslev, Martinet, Benveniste, Guillaume, Barthes e Greimas, Merleau-Ponty, Lévi-Strauss e Lacan. E outros”.

Tendo ganhado notoriedade entre seus pares por uma obra que não foi confeccionada de próprio punho, é evidente a dificuldade de recuperar o pensamento de Saussure (ou melhor, é difícil recuperar as ideias de qualquer autor, mas, no caso dele, o impossível se torna ainda mais improvável). O *Curso* acabou fadado a um destino que parece ser natural a obras desse porte, obras que *fundam* uma ciência: ele ganhou uma espécie de “interpretação-padrão” (mesmo por aqueles que jamais o leram). Contudo, como num conto de Borges, em 1996 descobre-se, na estufa do hotel da família de Saussure em Genebra, um conjunto de manuscritos do linguista genebrino. Em 2002, Simon Bouquet e Rudolf Engler fazem a intermediação da editoração desse calhamaço de anotações de Saussure, que até então se encontrava restrito à consulta na Biblioteca pública e universitária de Genebra, o que fez renascer o debate em torno do autor (Depecker, 2012, p. 21).

Uma primeira (e, provavelmente, *óbvia*) observação que agora pode ser feita é quanto à grande quantidade de modificações operadas nas anotações dos alunos pelos redatores do CLG. Um exemplo está na mudança da “substância fônica” saussuriana para a “substância acústica” dos redatores. Além disso, vários exemplos

foram acrescentados pelos editores, o que pode ser depreendido pelo fato de que estes não (re)aparecem nem nos manuscritos, nem nas anotações dos alunos. Mesmo conceitos-chave (como *leis sociais*) parecem ter sido inseridos para dar mais clareza ao texto de Saussure (Depecker, 2012, p. 13).

Ao mesmo tempo, é claro, a descoberta dos manuscritos não deve despertar a ilusão de que, com eles, chegaremos ao *verdadeiro* Saussure. Concordo com Arrivé (2010, p. 23) para quem “não se poderia, portanto, descartar a versão padrão [o CLG] e tentar substituí-la a todo momento pelo ensino ‘autêntico’ de Saussure – supondo-se que seja possível restabelecer plenamente e exatamente essa autenticidade”. De fato, o que temos agora com os manuscritos é uma nova oportunidade de formular uma outra “interpretação-padrão” do que é o pensamento saussuriano. Nos vemos de novo engajados a inventar um Saussure que corresponda ao nosso desejo – de apreensão de ideias que não se deixam reduzir, selvagens que devem permanecer.

A irredutibilidade de uma interpretação de Saussure decorre do fato de seu pensamento ser *errático* – em mais de um sentido. Num certo sentido, sua maneira de pensar se mostra errática pelos seus múltiplos interesses: anagramas, lendas germânicas, línguas, origem das línguas, linguagens – o que torna compreensível o fato de ele não ter concluído nenhum dos livros que imaginou. São muitos os esboços para ensaios, muitas as possibilidades abertas para pesquisas, muitos os campos de saber que lhe interessaram, de modo que só nos resta constatar novamente com Arrivé (2010, p. 25): “Vemos que Saussure não é homem de um único livro, nem de uma única preocupação”.

Num outro sentido, as reflexões de Saussure se mostram erráticas porque *paradoxais* – *contraditórias*. Há, sim, contradições no pensamento saussuriano – o que Arrivé (2010, p. 106) delega ao caráter profundamente dialético do raciocínio de Saussure.

Para além do fato de os manuscritos deixarem revelar ainda mais esse pensamento que vagueia, essa reflexão errante, antes de

começar qualquer análise acerca desses textos recém-descobertos, quero ressaltar sua grande beleza que encontro em seu sopro confessional: Saussure escreve com uma mão hesitante, transbordando dúvidas, indecisões. Evidências disso são suas autocorreções, suas interrupções, suas rasuras, suas lacunas (que os editores dos manuscritos indicaram por meio de colchetes vazios, como no título deste meu escrito). É nesse movimento (errático, errante) que testemunhamos, agora, o *fundador* da linguística construir sua *ciência* linguística. Nos manuscritos, então, vemos o mestre genebrino tateando através da complexidade do objeto que elegeu para investigar; vemos o linguista expondo (à sua revelia, visto que esse não era um material para ser publicado) suas dúvidas a seus *discípulos*. Vemos, então, um investigador que se engana, se desvia, e que, por vezes, anota depois de uma longa consideração: “Mas não era isso que eu queria dizer inicialmente. Eu me desviei” (Saussure apud Arrivé, 2010, p. 15).

Uma forma de apaziguar esses *Escritos* que se mostram inquietos é, conforme teorizaram os prefaciadores dos manuscritos Bouquet e Engler, organizar o pensamento de Saussure como percorrendo três campos de saber: uma epistemologia para essa nova ciência que é a linguística; uma reflexão prospectiva sobre a disciplina *linguística* a ser ministrada em cursos de graduação; e (o ponto a que mais darei destaque neste meu escrito) uma especulação analítica sobre a linguagem que o próprio Saussure chamou, por vezes, de *filosófica* (Bouquet; Engler, 2002, p. 12).

Com tantas possibilidades para se vagar (para se errar), é preciso, de saída, reconhecer que um ensaio sobre os manuscritos de Saussure poderia ter vários caminhos – e bifurcações a partir dos trilhos. Uma primeira possibilidade de ensaio já está nesse trabalho saussuriano sempre por concluir; nessa impossibilidade de (ou frustração de não?) chegar ao fim de algo. Lá está, nos manuscritos, o projeto de livro *Da dupla essência da linguagem*, inconcluso, além de outros planos para outros livros, além de esboços traçados sobre os mais diversos assuntos: “acentuação

lituana”, “versificação francesa”... Considerações para uma publicação que nunca se cumpre, desistências de colocar um ponto final em obras que só existem como projeções em cartas trocadas com amigos. Esses livros por terminar, não dados a ver em vida de Saussure, chegam a nós pelos seus manuscritos: conhecemos então (sua grande erudição explicitada em) seu estudo de lendas germânicas, sua pesquisa de língua chinesa e de anagramas. Os *Escritos* confirmam a desconfiança que a leitura do *Curso* suscitava: o pensamento de Saussure é inconcluso – o que aumenta sua potência.

Outro caminho que um ensaio que se pretende discutir os manuscritos de Saussure poderia tomar seria falar de sua *poeticidade*. A própria repetição do texto saussuriano – que não se repete do mesmo modo – já seria matéria para uma investigação linguística. Além disso, há o fato de que sua linguagem *estética* fala, também, de objetos estéticos, literários. Ou seja: há uma relação interna entre o que é dito e o *como* é dito. Essa *poeticidade* (ou *literariedade*) da linguagem saussuriana, que repete sem repetir, que estetiza seu objeto estético, também é uma escrita *relacional* para falar de sua perspectiva *relacional* de linguagem – uma vez que ela, como sabemos, tem como concepção central a ideia de *valor*, que recai sobre uma ideia *relacional* na linguagem. A escrita poética saussuriana é, assim, de uma literariedade relacional: os *Escritos* só fazem sentido se estiverem em conexão com outros escritos (daí a dificuldade de se começar este e outros textos sobre Saussure...).

Apesar de sedutores, não seguirei por esses trilhos. Entretanto, caminharei por uma direção (penso) não menos promissora: se preveni os leitores sobre a dificuldade de se reconstruir o pensamento saussuriano, confesso agora me *aproveitar* de tal recalitrância para, com a novidade dos manuscritos, destacar passagens dos *Escritos* em que vemos um Saussure surpreendente em relação à interpretação-padrão que nos acostumamos por aceitar do *Curso*. Pretendo fazer uma leitura (profícua), para uma história de ideias linguísticas, de um Saussure, digamos assim, [“pós”]

estruturalista. Quero com isso dizer que é possível ver, nos *Escritos*, um autor que já percebia criticamente questões sobre a linguagem humana que foram postas tempos depois de sua ideia de língua como sistema de signos. Dessa forma, privilegiarei uma leitura de um Saussure, por exemplo, que não negligenciou completamente a *forma-sujeito* – e acabou, a reboque, por entrever o *político* da língua. Sublinharei uma leitura de um Saussure que esboçou uma linguística inessencial – por que não dizer: uma linguística do *acontecimento*, conforme se desenvolveria *depois* dele (entendendo “acontecimento”, de forma bastante resumida, como uma concepção de linguagem que considera impossível se fixar a língua de forma apriorística, posto que ela *acontece* no ato de fala).

Nesse sentido, vou aproximar Saussure de dois autores (ditos *pós-modernos*), J. Derrida e L. Wittgenstein, para mostrar um Saussure que parece ter reconhecido uma linguística *inessencial* – ou, nos termos de autores ditos *pós-estruturalistas*, uma linguística do *acontecimento*, enfim, uma ideia afeita de linguagem como *uso*. Como o leitor verá, este meu escrito se deixa ser errático posto que segue o de Saussure – juntos, nós erramos, vagamos. Acompanhando os passos de Saussure, me arrisco a fazer aproximações questionáveis – brinco com fogo. Trata-se de um ensaio. Então, ensaio o começo:

Para começar, a concepção mesma de *língua* de Saussure não é da ordem do evidente. Aliás, se há um fio condutor no pensamento errático de Saussure este seria a busca (aparentemente muito simples) de circunscrever qual o objeto da ciência da linguagem – ou, em outras palavras, definir o conceito língua (Depecker, 2012, p. 29, 35). Contudo, essa resposta não se mostra nem um pouco evidente, uma vez que a língua não nos é dada diretamente:

Lembremos, com efeito, que o objeto da linguística não existe para começar, não é determinado em si mesmo. Daí, falar de um objeto, nomear um objeto, nada mais é do que recorrer a um ponto de vista A determinado. (Saussure, 2002, p. 26).

Saussure mostra o embaraço do linguista: somos *cientistas* de uma *ciência* cujo *objeto* não nos é dado de antemão. Diferentemente de um botânico, de um químico, de um físico que lida com algo evidente a ser observado, nosso objeto, em certo sentido, *não existe*. O objeto da linguística é da ordem do não evidente; então, é preciso que o criador crie sua criatura – e uma taxonomia para descrever sua criação. O linguista oferece uma *invenção*: uma entidade abstrata e relativa que vende como algo concreto e absoluto (Saussure, 2002, p. 27). O linguista nos dá um ponto de vista – seu ponto de vista – e o torna um fato. Assim, o fato é que *não* há fato linguístico; o que há é uma eleição de um ponto para observação – e, então, cria-se um *objeto*. Daí a conclusão saussuriana de que é preciso, pois, determinar um ponto de vista. Se não oferecermos um ponto de vista qualquer, então as entidades linguísticas somem, os fatos de linguagem desaparecem em sua efemeridade. Dessa forma, o linguista inaugura a ciência da linguagem a partir de um ponto de vista – que ele sabe ser completamente arbitrário, pois “não há ‘um ponto de vista mais indicado que outro’” (Saussure apud Depecker, 2012, p. 69).

Já entrevemos lampejos de uma formulação para uma linguística *inessencial*, uma linguística do *acontecimento*. Isso também acontece quando Saussure parece corrigir alguma tentativa de se pensar a questão do sentido como podendo haver algum sentido apriorístico e material. Em vez disso, o que Saussure afirma haver é um sentido sem lastro essencial. A ideia central de sua perspectiva de linguagem, a noção de *valor*, mostra como um elemento só diz seu valor diante de outros elementos de mesma ordem.

É nesse espírito que ele parece repetir sua tese de que os valores que compõem um sistema de língua não consistem nos próprios signos linguísticos, nem nas significações que esses signos poderiam ter de per si – nem nas formas-sentido. Os valores estão, logo, na *diferença* das *relações* entre os signos, na *différence* das significações estabelecidas pelas relações entre os signos, “mais a

atribuição anterior de certas significações a certos signos ou reciprocamente. Há, então, antes de tudo, *valores* morfológicos: que não são *ideias* e também não são *formas*” (Saussure, 2002, p. 31). Isso quer dizer que, num certo sentido, os valores não existem – pois sequer eles são a forma, já que eles só existem na relação com outras formas. O que há é *negação*: a diferença das “figuras vocais” (que, no CLG, são definidas como “imagens acústicas”) somadas à *différence* dos sentidos valorados no sistema linguístico:

Todo o estudo de uma língua como sistema, ou seja, de uma morfologia, se resume, como se preferir, no estudo do emprego das formas ou no da representação das ideias. O errado é pensar que há, em algum lugar, formas (que existem por si mesmas, fora de seu emprego) ou, em algum lugar, ideias (que existem por si mesmas, fora de sua representação). (Saussure, 2002, p. 32).

Podemos dizer, então, que, para Saussure, *a língua é diferença*: a língua é um “oceano de diferenças” – a *essência* da linguagem é *negativa, diferencial*³.

Propositadamente lancei mão do termo francês *différence* para estabelecer uma relação no mínimo instigante com outro francês – que, a rigor, viria a *desconstruir* Saussure: o *filósofo da desconstrução* Jacques Derrida. O filósofo francês faz um jogo de palavras *différance/différence*. Derrida joga esse jogo com o intuito de mostrar como essa *diferença* só acontece e pode ser percebida na escrita, uma vez que, na fala, ela desaparece (a pronúncia da expressão francesa é a mesma nos dois casos). Ele propõe, dessa forma, um novo conceito de escrita a que ele chama de *grama* ou *différance*: “A *différance* é o jogo sistemático das diferenças, dos rastros de diferenças, do *espaçamento*, pelo qual os elementos se remetem uns aos outros” (Derrida, 2001, p. 33). A *différance* é o jogo das diferenças que faz com que um elemento sempre remeta a

³ Já conhecíamos essa noção do CLG, pois lá já havíamos sido apresentados à sua noção de *valor*: um som só tem valor se posto em *oposição* a outros sons. Temos, então, um *princípio saussuriano*: o princípio das oposições, em que um som ganha valor *negativamente, relativamente* num estado de língua (Saussure, 2002, p. 27).

outro e, assim, nada mais haja que diferenças e rastros de rastros [trace]⁴. De acordo com o próprio Derrida: “A *différance* não é nem uma palavra, nem um conceito” (Derrida apud Stone, 2000, p. 88) – e, entendo, é um herdeiro daquilo que Saussure rabiscou em seus manuscritos. Então, ousou dizer aqui: a diferença saussuriana se aproxima da errância derridiana, posto que as formas-sentido, os valores são erráticos, flutuantes:

1º Um signo só existe em virtude de sua significação; 2º uma significação só existe em virtude de seu signo; 3º signos e significações só existem em virtude da *diferença dos signos*. (Saussure, 2002, p. 37).

O que há, de acordo com Saussure, é diferença de formas e diferenças de significações – ou seja, “coisas já negativas em si mesmas” (Saussure, 2002, p. 42). Os *termos* com os quais o linguista tem de lidar em seu trabalho “são literalmente destituídos de qualquer definição, [e] nem sabemos se existem ou em que sentido existem” (Saussure, 2002, p. 35). O linguista, então, é um cientista construindo seu objeto *inexistente*. Saussure sabe que está prestes a construir uma teoria sobre algo que é imaterial: a língua.

Se essa já seria uma indicação *pós-moderna* em Saussure, na seção intitulada pelos organizadores de “[*Forma – Figura vocal*]”, ele faz uma igualação bastante interessante para mim que, conforme alertei o leitor, vou me aproveitar de algumas ocorrências dos manuscritos para mostrar um Saussure *pós-estruturalista*. Trata-se da passagem em que Saussure escreve: “A primeira expressão da realidade seria dizer que *a língua (ou seja, o sujeito falante)*” (Saussure, 2002, p. 39, grifo nosso). O leitor pode se revoltar em sua poltrona a achar que estou superinterpretando Saussure – só posso dar de ombros e dizer que não seria a única a fazê-lo.

⁴ Além de atentar para a questão da escrita (já que, conforme foi dito, a pronúncia de *différence* e *différance* soa igual), a *différance* derridiana também traça a *errância* da forma-sentido. Não vou me prolongar sobre o assunto aqui; só quero apontar para o fato de que Derrida também joga com o termo *différer* no sentido de *adiar* (Derrida, 1991, p. 282).

Arrivé (2010, p. 51) diz ser um erro a ser evitado afirmar que Saussure excluiu de toda a linguística o “sujeito falante” do estudo da língua – posto que o mestre genebrino admite a existência de duas linguísticas (segundo o comentador, sem estabelecer qualquer hierarquia entre elas): uma linguística da língua e uma linguística da fala. Encontramos essas linguísticas já no *Curso*; no entanto, a interpretação-padrão enfatizou uma (a linguística da língua), como se a outra (a da fala) sequer existisse. E se há uma linguística da fala tanto quanto há a da língua, então o sujeito falante faz parte da análise linguística. Como eu disse, meu objetivo é justamente atentar para traços que dão à luz um *pós-Saussure* – que, por exemplo, não abandona o sujeito na formulação de uma teoria linguística.

É assim que, em outro momento, com o intuito de escapar a uma abordagem naturalista que entende as línguas como organismos vivos, Saussure afirma que as línguas não nascem nem morrem, na medida em que *elas não vivem independentemente dos homens*. Mais interessante: ao criticar escolas que sustentam ser a linguística uma ciência natural, Saussure (mesmo se indiretamente) tem de reconhecer a existência do Homem na língua e, também, o *político* da língua:

Não existem línguas mães, não existem línguas filhas, mas uma língua que, uma vez dada, rolará e se desenrolará indefinidamente no tempo, sem nenhum termo prefixado a sua existência, sem que nem mesmo haja a possibilidade interior de acabar se não houver acidente, nem violência, se não houver uma força maior, superior e exterior que venha aboli-la (Saussure apud Depecker, 2012, p. 37).

Uma língua não morre – ou melhor: “Uma língua não pode morrer naturalmente de uma morte tranquila” (Saussure apud Depecker, 2012, p. 38). Uma língua só morre, então, de forma violenta. Se não for devido a uma força exterior a ela própria (leia-se: por causa de alguma violência cometida contra os sujeitos falantes daquela língua), uma língua não se extinguirá, pois *não* há uma informação predeterminada sobre a extinção de uma língua

que esteja inscrita nela mesma. Como a língua não tem vida própria, viver e morrer não são prerrogativas suas. Só há que se falar em vida e morte de uma língua se houver alguma força externa – que leve à dizimação daqueles que a falavam.

Sim, admito que seria exagero entrever um Saussure engajado, formulando uma teoria linguística que leve em conta o poder ideológico inerente às línguas. Ao mesmo tempo, creio ser digno de nota o fato de o linguista não ter ignorado de todo a questão política das línguas ao observar que os fatos da linguagem só perecem se houver extermínio dos sujeitos que as falam. E mais: em outros momentos, afirma que a linguística só pode ser uma “ciência histórica” (Saussure, 2002, p. 130)⁵.

O fator tempo é levado em consideração por Saussure, já que não podemos nos fixar em algum ponto permanente da História – não há um momento de equilíbrio em que alguma língua permanecesse imóvel. A língua (sempre) escapa⁶.

Como já disse repetidamente, meu objetivo aqui é atentar para esse Saussure *pós-estruturalista* que já previa a necessidade de se ater ao *emprego* (vou deliberadamente chamar de *uso*) das formas – para só então ser possível o estudo de uma língua. Realmente, Saussure afirma não haver formas que pairam “fora do seu emprego” – eu diria: *fora do seu uso*. Pensar que haveria *formas materiais* é quase como pensar na realidade da quadratura do círculo.

Como ele já esboçava em seus manuscritos, se ater à figura vocal fora de seu emprego é um estudo que não cabe à linguística,

⁵ Todavia, este parecer ser um daqueles pontos paradoxais, contraditórios em Saussure. De fato, como observa L. Depecker: “Após ter afirmado o caráter histórico das línguas e proclamado a linguística ‘ciência histórica’, Saussure acaba até mesmo falando da ‘anti-historicidade’ da linguagem” (Depecker, 2012, p. 65-66).

⁶ Não obstante, lembrando novamente o movimento oscilante de Saussure, não podemos nos esquecer de que ele desenvolve sua ideia de “estado de língua” nas *Notas sobre a acentuação lituana*. Cf. Depecker (2012, p. 49).

mas matéria para a acústica e a fisiologia. Pensar na forma fora de seu emprego é vazio, inútil, inânime.

Saussure já falava do uso linguístico como fator de impossibilidade de se inventariar, por exemplo, uma palavra: “Para mim, é impossível ver que a palavra, em meio a todos os usos que dela se faz, seja algo dado” (Saussure, 2002, p. 27). A palavra (arrisco dizer que, em alguns casos, deveríamos substituir *palavra* por *linguagem*, ainda mais que, nesta passagem, as duas acepções se conciliam) não é uma entidade que se conheça, uma vez que há potencialmente infinitos usos possíveis dela.

Pensar a língua em seu uso aproxima Saussure das perspectivas da linguagem ordinária, que buscam discutir os problemas centrais da tradição filosófica através da análise da linguagem comum. Entre tais perspectivas encontra-se a do assim chamado segundo Wittgenstein. Essa aproximação se torna ainda mais palpável quando pegamos a afirmação de Saussure de que a forma fora de seu emprego é vazia e a juntamos ao aforismo wittgensteiniano segundo o qual a linguagem fora de uso é “quando a linguagem *entra em férias*” (Wittgenstein, *Investigações Filosóficas*, § 38)⁷.

A interpretação que uma leitura dos manuscritos pode, então, produzir é a de que a ideia de *valor* na perspectiva saussuriana de linguagem teria de ser entendida, antes de pertencente a um sistema de signos linguísticos, no seu *emprego* – o que levaria à concordância com a concepção wittgensteiniana de linguagem no sentido de que pensar o valor apenas operando no sistema da língua é pensar na linguagem *em férias*: abstrata, metafísica, não ordinária. Essa leitura é corroborada pelo estudo de Depecker, *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*, onde este defende exaustivamente que Saussure, em seus *Escritos*, enfatiza que o valor deve ser entendido, antes de tudo, como tendo um caráter *social*⁸.

⁷ Doravante vou me referir à obra *Investigações Filosóficas* como IF.

⁸ Contudo, é preciso lembrar aquilo que já sublinhei (e a que ainda voltarei mais adiante neste texto): as reflexões de Saussure, substancialmente dialéticas, por

Eis a linguística *pós-estruturalista*: a linguagem, mesmo sob a concepção saussuriana, deve ser entendida como *presença, acontecimento* – no sentido de que a língua existe na efemeridade da pronúncia, quando abrimos a boca para falar (uma vez, duas vezes, quinhentas vezes...). A estrutura de uma língua só se consubstancia na *presença de um som* (Saussure, 2002, p. 27). A língua não é um ente concreto – a língua *é* (Saussure, 2002, p. 35), na medida em que a língua só existe no *tempo*: a cadeia sonora só se desenvolve (e *aparece*) no tempo. E, como escreveu Saussure, “cai no nada depois desse tempo” (Saussure, 2002, p. 33).

Se há um princípio em linguística é que a língua muda *com o tempo*. Este princípio tem pelo menos duas implicações. Uma primeira implicação é que não podemos dizer que a língua *existe* num certo espaço; afinal, onde existe a cadeia sonora “Saussure” logo depois de pronunciá-la? Ela só existe na sua realização, no seu acontecimento discursivo.

A segunda implicação do princípio de que a língua muda com o tempo é que, então, a língua está sujeita a “mudanças de valor” que podem revolucionar todo o sistema linguístico (Depecker, 2012, p. 68). Ou seja: o princípio da mudança também pode ser explicado pela ideia de *valor*. Afinal, o valor permite que se passe da forma ao sentido – e suas mudanças no tempo. Não há uma essência para além da aparência da língua – as expressões linguísticas valem no emprego/uso que fazemos delas.

vezes trilharam caminhos erráticos, oscilantes. Assim, se Saussure reconhece que, ao se fazer abstrações sobre a língua, ao se tirar a língua de seu uso e propor um conhecimento atemporal, “pancrônico” (como ele chama em seus manuscritos), temos por resultado algo “que não é linguístico” (Saussure apud Depecker, 2012, p. 55), ao mesmo tempo ele entende ser necessário fazer generalizações para se construir uma ciência da linguagem, para se chegar a alguns princípios da linguagem humana e, então, se conseguir mapear os mecanismos que comparecem em qualquer língua considerada, de modo que seja possível representar um sistema linguístico (Depecker, 2012, p. 30ss). Dando voltas e voltas, ainda podemos ver Saussure admitir a arbitrariedade da generalização: “A generalização supõe um ponto de vista que serve de critério” (Saussure apud Depecker, 2012, p. 71).

Mais uma vez é possível aproximar Saussure e Wittgenstein – e ainda chamar a atenção para um ponto em comum aos dois pensadores: ambos são afeitos ao uso de metáforas para darem a ver seu pensamento sobre a linguagem. De fato, seria possível escrever um estudo à parte apenas colocando em diálogo as metáforas construídas por Saussure e aquelas edificadas por Wittgenstein. Os dois muitas vezes lançam mão de analogias cotidianas para mostrarem seus argumentos, como neste caso em que o primeiro menciona um pedaço de pano jogado no fundo de um navio, enquanto o segundo constrói um freio:

Uma figura vocal se torna uma forma a partir do instante crucial em que é introduzida no jogo de signos que se chama língua, da mesma maneira que um *pedaço de pano*, jogado no fundo do navio, se torna um *signal* no instante em que é içado [...] entre outros signos içados no mesmo momento e que contribuem para uma significação. (Saussure, 2002, p. 38).

Agora vemos Wittgenstein dialogando com seu *interlocutor socrático* das *Investigações*:

“Ligando a barra com a alavanca, faço funcionar o freio.” – Sim, dado todo o mecanismo restante. Apenas com este, é alavanca de freio; e, separado do seu apoio, nunca é alavanca, mas pode ser qualquer coisa ou nada. (Wittgenstein, IF, § 6).

Admitir que o objeto estudado pelo linguista só pode ser definido em seu uso é também admitir que a delimitação das unidades linguísticas têm fronteiras, limites plásticos, móveis. A questão da delimitação, de fato, recorre nos manuscritos saussurianos. Saussure pretende delimitar unidades linguísticas – mas, para tal, é preciso que essa unidade seja significativa: a unidade linguística, diz Saussure, só pode ser determinada por sua significação. Não obstante, a significação só se dá pela diferença: “É a diferença que torna significativo, e é a significação que cria também as diferenças” (Saussure apud Depecker, 2012, p. 74).

Ainda, para que a unidade linguística seja significativa, é preciso verificar seu *valor*: “É o próprio valor que fará a delimitação; a unidade não é delimitada fundamentalmente” (Saussure apud Depecker, 2012, p. 74).

Mais uma vez, a se entender que o valor é, antes de tudo, social, torna-se possível aproximarmos essa falta de fundamento da unidade linguística, sua *inessência* saussuriana, à afirmativa wittgensteiniana de que “a *essência* está expressa na gramática” (Wittgenstein, IF, § 371). Wittgenstein faz um uso provocativo de “essência” aqui para mostrar, justamente, que *não* há essência para além do *uso*; não há uma substância mais profunda na linguagem. Para aquele interlocutor socrático que busca essa essência dentro da superfície, o filósofo afirma que tal essência está expressa na gramática de uso das expressões linguísticas.

Em mais um *diálogo de metáforas*, temos um Saussure que compara a língua a um “vestido feito de remendos” (Saussure apud Depecker, 2012, p. 48), ou “roupa coberta de remendos feitos de seu próprio pano” (Saussure apud Arrivé, 2010, p. 90), e um Wittgenstein que aproxima “nossa linguagem” a uma “velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas; e isto tudo cercado por uma quantidade de novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes” (Wittgenstein, IF, § 18). Na analogia armada por Saussure, podemos ler que o valor do signo linguístico – ou, pode-se dizer, sua *essência* – não está no pedaço de pano. Não há no pano algum fundamento último, mas é todo o *sistema* em seu entorno que lhe dá fundamento – valor. Analogamente, a metáfora wittgensteiniana nos explica que o freio só se constitui como tal pelo que o rodeia. A alavanca não é, em sua essência, fundamentalmente, uma alavanca de freio – ela pode ser qualquer coisa; ela pode ser coisa alguma.

A língua não tem fundamento, não tem substância, não tem matéria – tampouco as “entidades” linguísticas têm algum fundamento absoluto. As entidades linguísticas são tão somente

“LUGARES de diferença” – um “ponto crucial” em que percebemos a diferença: a diferença sem fundamento sólido só ganha uma frágil fixidez devido a todo o sistema em que *acontece*. As entidades que reconhecemos como elementos da linguagem, simplesmente, não existem: “Observa-se que não há, portanto, nenhum ponto de partida nem qualquer ponto de referência fixo na língua.” (Saussure, 2002, p.40). A linguagem não é essencial; nada nela é da ordem do necessário. Antes, estamos no campo da antimatéria; estamos no campo das possibilidades – como Saussure reconhece: a língua é um objeto por demais complexo.

Neste *lugar*, creio ainda caber outro reconhecimento entre Saussure e Wittgenstein – mais exatamente entre a concepção saussuriana de língua e a noção de *proposições fulcrais* do ideário wittgensteiniano. As proposições fulcrais, no pensamento wittgensteiniano, são nossa garantia de não afirmarmos um ceticismo, ou um relativismo. Afinal, se estamos dizendo que não há fundo, não há essência, não há coisa alguma, o leitor pode ser levado a interpretar a perspectiva de linguagem wittgensteiniana como mais um ceticismo, ou relativismo. Contudo, o que Wittgenstein afirma é que há pontos fundamentais, mas estes *não* são essenciais. Trata-se daquilo que Luiz Henrique L. dos Santos (1996) chamou de *perspectivismo sem relativismo*: temos proposições fulcrais que não são essenciais, mas todo o sistema da qual fazem parte garante sua imobilidade:

Não aprendo explicitamente as proposições que são ponto assente para mim. *Descubro-as* subsequentemente como o eixo em torno do qual roda um corpo. Este eixo não está fixo no sentido de haver alguma coisa a segurá-lo, mas o movimento em torno dele determina a sua imobilidade. (Wittgenstein, *Da certeza*, § 152).

Com essa ideia de uma linguagem que é necessária e contingente ao mesmo tempo, Wittgenstein opera uma mudança radical na maneira de pensar o fundacionalismo que exigia raízes sólidas tanto para se empregar conceitos quanto para se afirmar verdades. Inversamente do que parecia incontestável, Wittgenstein

diz que a *casa* é que sustenta o fundamento: “Aquilo que permanece firme não o é assim por ser intrinsecamente óbvio ou convincente; antes aquilo que o rodeia é que lhe dá consistência” (Wittgenstein, *Da certeza* § 144; cf. § 152). Se são certezas fundamentais para nós, é porque tudo o que gravita em torno do fundamento as solidificou. Trata-se de uma espécie de *fundacionalismo sem fundamento*. Olhamos o funcionamento das línguas e observamos que, em vez de fixidez, temos *flexibilidade*. Não se pode falar, então, em uma forma essencial da língua – assim como é uma tarefa equivocada querer coisificar o signo, a significação etc.: “Declaramos que expressões como *A* forma, *A* ideia; *A* forma e *A* ideia; *O* signo e *A* significação são, para nós, sinais de uma concepção diretamente falsa da língua” (Saussure, 2002, p. 42).

Todavia, aqui é preciso lembrar a consideração feita no início deste texto quando afirmei serem as reflexões de Saussure erráticas (também) porque *paradoxais, contraditórias*. De fato, a hesitação de Saussure (ou sua atitude dialética) chega a formulações inconciliáveis. Assim, se estou aqui destacando as passagens que ele tende a um *pós-estruturalismo*, a um *pragmatismo* até mesmo *radical*, nem sempre suas afirmações ratificam esse posicionamento. Dessa maneira, se destaco passagens em que Saussure afirma ser impossível haver alguma coisa como ideias predeterminadas em nossa mente “antes de serem valores linguísticos” (Saussure apud Arrivé, 2010, p. 61)⁹, em outros momentos os elementos linguísticos são da ordem da mente – significado e significante são entidades presentes em nossa consciência: “Há um primeiro domínio, interior, psíquico, onde existe o signo assim como a significação, um indissolivelmente ligado ao outro” (Saussure, 2002, p.24; atente-se para o fato de que Saussure parece chamar, em seus

⁹ No *Curso* há pelo menos uma passagem em que Saussure afirma que “a língua não comporta nem ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas apenas diferenças conceituais e diferenças fônicas decorrentes desse sistema” (Saussure apud Arrivé, 2010, p. 85, grifo nosso).

manuscritos, de *signo* aquilo que, posteriormente, seus alunos anotarão como *significante*).

É sabido que essa espécie de *mentalismo* remonta, em nossa tradição ocidental, ao triângulo semiótico aristotélico, assim posto em *Da Interpretação*:

Há os sons pronunciados que são símbolos das afecções na alma, e as coisas que se escrevem que são os símbolos dos sons pronunciados. E, para comparar, nem a escrita é a mesma para todos, nem os sons pronunciados são os mesmos, embora sejam as afecções da alma – das quais esses são os sinais primeiros – idênticas para todos, e também são precisamente idênticos os objetos de que essas afecções são as imagens (Aristóteles, 2013, 16a1).

Aristóteles começava, então, a nos inculcar a ideia (repetida, *num dado momento*, por Saussure) de que damos o mesmo significado para as coisas do mundo porque nossa *afecção da alma* – nossa *mente*, para um entendimento contemporâneo – é a mesma para todos os povos. Seguindo passo a passo a citação acima, temos que tanto a escrita como a fala são símbolos que não são iguais para todos os povos. Porém, tanto a escrita quanto a fala simbolizam fenômenos que são, sim, idênticos: são idênticos os objetos, as coisas no mundo de que fazemos imagens em nossa afecção da alma. O mundo, então, é igual para todos – e a imagem que espelhamos em nossa alma/mente é, também, idêntica para todos. Nesse triângulo, Aristóteles nos salvou da incomunicabilidade: se “os sons pronunciados” não são os mesmos para todos os povos, por outro lado, o mundo é sempre o mesmo – e nós, humanos, temos uma mesma alma/mente.

No pensamento oscilante de Saussure, que ora tende para uma espécie de *estruturalismo essencialista*, ora para uma *linguística inessencial*, quando o linguista parece se filiar ao essencialismo creio ser possível ver sua filiação nesse mentalismo aristotélico. Trata-se de quando Saussure defende a ideia de que já teríamos, de antemão, representações mentais de significantes e de significados.

O sistema linguístico não existiria abstratamente, mas na *consciência* do sujeito falante.

Contudo, é hora de propor um movimento um tanto vertiginoso ao meu leitor: se parti da possibilidade de ver um Saussure pós-estruturalista e acabei de reconhecer momentos irreconciliáveis a essa leitura, proponho neste momento ver um *pragmatismo* nesse último *essencialismo*. Isso porque ao mesmo tempo em que esse “sistema da língua” existe na consciência do sujeito falante, não se pode desconsiderar que a língua, também, só existe na *sociedade* – ou seja, é necessário que haja uma consciência, um pensamento de um sujeito falante e, igualmente, o *fator social* de uma massa falante que se serve da mesma língua. Afinal, a vida do signo linguístico é “no seio da vida social” (cf. Arrivé, 2010, p. 49).

É claro que este meu escrito não pode ter uma conclusão clara, acima de tudo porque ainda me pergunto: e aquelas passagens que um Saussure titubeante riscou do seu próprio caderno de anotações – e que, portanto, os editores destes *Escritos de Linguística Geral* não reproduziram (cf. Bouquet; Engler, 2002, p.17)? Pergunto pelos espaços vazios entre colchetes, marcando as lacunas irrecuperáveis do manuscrito. Como preencher esses vazios, esses espaços em branco? Como preencher as rupturas na escrita desses manuscritos? Como continuar, Saussure, como continuar, aqui também, as frases interrompidas no meio? Paro, escrevo, apago, escrevo, imprimo, risco, paro, escrevo: fim.

Referências:

Aristóteles. *Da Interpretação*. Tradução de José Veríssimo Teixeira da Mata. São Paulo: Unesp, 2013.

Arrivé, M. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2010.

- Bouquet, S.; Engler, R. Prefácio. In: Saussure, F. de. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2002.
- Depecker, L. *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2012.
- Derrida, J. *Posições*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- _____. *Margens da filosofia*. Tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas: Papyrus, 1991.
- Santos, Luiz Henrique Lopes dos. "A harmonia essencial". Novaes, Aauto (Org.) *A crise da razão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- Saussure, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo, Editora Cultrix, s/d [1916].
- _____. *Escritos de Linguística Geral*: organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002.
- Stone, M. Wittgenstein on deconstruction. In: chary, A.; read, R. (Org.). *The new Wittgenstein*. London: Routledge, 2000.
- Wittgenstein, L. *Investigações Filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo, Abril Cultural, 1975. (Coleção Os Pensadores).
- _____. *Da certeza*. Lisboa: Edições 70, 1998.

Natureza e destino dos manuscritos de Ferdinand de Saussure

Eliane Silveira¹

Le tragique ne résulte pas seulement des traits de mesures d'un être, mais encore, à tout moment, de la disproportion qui existe entre un homme et son destin.
(Stefan Zweig)

Ferdinand de Saussure é um bom exemplar do *homo scriptor*. O segundo termo em latim vem em nosso auxílio para apontar uma atividade que marcou a vida desse homem. Com a expressão *homo scriptor* fazemos um paralelo com a expressão *homo erectus* ou *homo sapiens*, mas não com o termo *scriptor* que o leitor de Barthes lembrará de suas discussões sobre autoria, tema que não colocamos em pauta nesse momento embora a produção de Saussure nos ofereça farto material para tanto. *Scriptor* aqui, é a marca particular de Saussure na categoria maior *homo*.

É incontestável que, para Ferdinand de Saussure, a escrita ocupou um lugar privilegiado, fundamental mesmo, na sua existência. Do que escreveu, chegou a publicar trabalhos que se tornaram importantes², mas, como se sabe, publicou muito menos do que escreveu e escreveu muito e sobre muita coisa: sobre o

¹ Professora associada na Universidade Federal de Uberlândia(UFU), onde atua na Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.Coordenadora do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure (CNPq) e é vice-líder da GT dos Estudos Sassurianos (ANPOLL).

² As publicações de Saussure enquanto vivo foram especialmente o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, sua tese *De l'emploi du génitif absolu en sanskrit*, e numerosos artigos reunidos no *Recueil des publications scientifiques* organizado por Charles Bally e Leopold Galtier, em 1921 (cf. Fehr, 1996).

funcionamento específico das línguas (sânscrito, latim, grego, lituânio e hindi), o funcionamento geral da língua, sobre as lendas, os poemas e a política. Contudo, os trabalhos de reflexão não resumem a sua produção escrita, ele ainda escreveu poemas, histórias em quadrinhos, muitas cartas assim como anotava muito antes de dar as suas aulas, do que se conclui, sem grande esforço, que a sua produção escrita era numerosa e diversificada.

Além disso, os seus escritos foram guardados por ele, pelas pessoas da família, pelos amigos ou pelos seus alunos que, por sua vez, também anotavam as suas aulas. Alguma coisa dessa vasta produção – escrita pelo próprio Saussure ou pelos seus alunos, a partir das suas aulas – por vezes foi encaminhada para um público mais geral, é o caso de algumas publicações de Saussure em vida, da célebre edição baseada nos cursos que ele deu no início do século XX ou ainda das edições ou trabalhos baseados em alguns de seus manuscritos. Também estão disponíveis para o público – embora de forma mais restrita – os manuscritos de Saussure que estavam em poder da sua família, alunos ou amigos e que atualmente estão à disposição em duas bibliotecas universitárias, uma na Europa e outra na América.

De toda essa produção, trataremos de uma característica marcante dos manuscritos de Saussure: a falta de unidade. Esse traço é incontornável a quem se dirige a sua produção e podemos surpreendê-lo tanto na natureza da escrita de Saussure quanto nos destinos de seus escritos dispostos em arquivos nas bibliotecas de Genebra e Harvard.

1. Natureza dos manuscritos saussurianos

Peut-être est-ce quand la mort – ou quelque chose qui le ressemble – est en jeu que les mots jouent de la façon la plus vivante ? Ou est-ce, à l'inverse, quand les mots jouent jusqu'à se désarticuler que le lecteur ou auditeur plonge dans un abîme mortel à quelque degré ? (Leiris, 1985, p. 126).

A leitura de um manuscrito constitui em si um desafio particular para o pesquisador, especialmente àquele atento aos detalhes. As particularidades da grafia, as singulares abreviações e a sintaxe truncada de quem escreve no curso mesmo do que lhe ocorre, tendo como guia as associações momentâneas sem a obrigação de formatá-las em vista de um leitor definido, já que o manuscrito em questão não é a versão final e poderá mesmo jamais tornar-se público, deixam o leitor atônito. A grande maioria dos manuscritos de Saussure tem essa forma levando, por vezes, à frustrações os que desejam ali surpreender um conteúdo inteligível facilmente e comunicável academicamente. Os manuscritos são exigentes com seus leitores, não se entregam facilmente, alguns jamais.

O mergulho nos manuscritos de Saussure revela, aos poucos, uma sinuosidade particular que a rasura denuncia de forma exemplar ao surpreender o leitor, ela que acolhe simultaneamente o passado, o presente e o futuro. Um traço risca a palavra em curso e então uma palavra torna-se passado e outra determina o futuro do que será dito, essa interrupção e as suas conseqüências colocam o leitor de um manuscrito em uma posição particular. Apresentaremos algumas características dos manuscritos de Saussure que concorrem para que o leitor se encontre, em algum grau, diante de um certo abismo, lembrado por Leiris, em nossa epígrafe.

Entre as 30.000 folhas³, aproximadamente, de manuscritos saussurianos, pudemos conhecer algumas delas um pouco mais que outras nesses quinze anos que separam o nosso primeiro contato com esses manuscritos e o que podemos dizer deles agora. Alguns desses manuscritos surpreendem pelo tema, mas os que nos interessam aqui são aqueles que trazem o conteúdo esperado do linguista genebrino que é conhecido como o fundador da linguística moderna e, no entanto, surpreendem porque dos meandros desses manuscritos irrompem rasuras que abrem

³ Ver Sofia (2012).

fissuras na linearidade palpável da leitura, mas também na expectativa do leitor. Já notamos isso em trabalhos anteriores⁴ e nos deteremos, nesse momento, na primeira página de conjunto de manuscritos saussurianos que estão no fundo *Archives de Saussure* sob o nome de *De l'essence double du langage*⁵ e catalogados sob a cifra AS 372 na Biblioteca Pública de Genebra⁶. Esses manuscritos chamam a atenção, são imensamente atraentes pelo seu conteúdo, mas, especialmente, pela força de uma escrita que margeia os contornos do intocável na língua. Uma escrita que persegue a natureza ainda obscura da língua, desconhecida de todos e buscada por Saussure de uma maneira contundente nesses escritos.

No entanto, se o conteúdo desses manuscritos é surpreendente, a forma deles não é menos inquietante, ao lê-los parece haver uma sequência no conteúdo, mas ao manuseá-los percebemos que são papéis de formatos diferentes, as cores da caneta (ou espessura dos traços) não se mantêm, as folhas são numeradas, mas, evidentemente, não pelo seu autor. Além disso tudo, os incisos, as frases inacabadas e as rasuras colocam o leitor em um caminho acidentado e com destino incerto. Vamos nos deter apenas nas rasuras dessa primeira folha.

Abaixo da palavra *préface*, que está à esquerda e ao alto da folha, vemos, logo na primeira linha, a palavra *impossible* margeada por dois incisos, um deles rasurados. As rasuras e os incisos se mantêm em toda essa folha. Vejamos como isso se apresenta:

⁴ Ver especialmente Silveira (2007, 2009, 2011 e 2012).

⁵ Doravante poderemos utilizar a sigla EDL para nos referirmos a esse conjunto de manuscritos.

⁶ Agradecemos à Biblioteca Pública de Genebra, doravante BGE, por autorizar a publicação de fragmentos desse manuscrito.

Préface

~~praticamente~~ ^{en fait}
- Il paraît impossible de donner
une prééminence à telle ou telle vérité
fondamentale de la linguistique, de manière
à en faire le point de départ ^{central} ~~unique~~;
mais il y a cinq ou six vérités
fondantes qui sont tellement liées entre elles, qu'on
peut partir indifféremment de l'une
ou de l'autre, et qu'on arrivera logi-
quement à toutes les autres

Préface

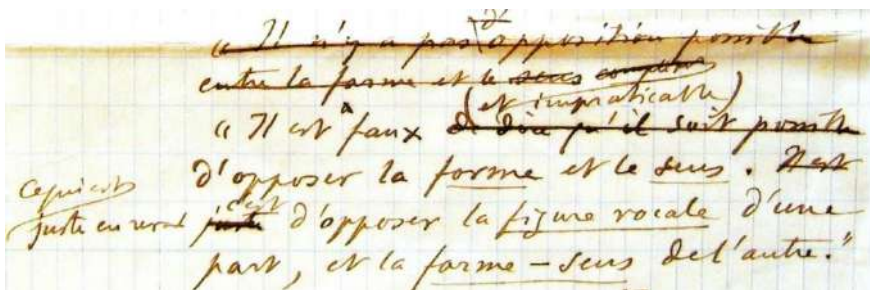
- Il paraît ^{pratiquement} impossible ^{en fait} de donner une prééminence à telle ou telle vérité ~~fondamen~~ de la linguistique, de manière à en faire le point de départ ~~unique~~ ^{central}; mais il y a cinq ou six vérités fondantes qui sont tellement liées entre elles, qu'on peut partir indifféremment de l'une ou de l'autre, et qu'on arrivera logiquement à toutes les autres (Saussure, EDL, f.1 in AS-BGE).

Saussure se propõe a falar, nesse primeiro parágrafo, de uma verdade própria à linguística. Para tanto, ele começa utilizando na sua formulação o termo 'impossível', mas tenta abrandá-lo incluindo – acima e a sua direita – o termo 'praticamente' que pode significar 'quase' ou 'aproximadamente'. A formulação 'praticamente impossível' ou 'quase impossível', embora exista e até seja comum na língua portuguesa ou francesa, não deixa de ser bizarra já que o sentido da palavra impossível introduz uma radicalidade que um advérbio modalizador, com a função de qualificá-la, destruiria. Diríamos que o impossível não pode ser modalizado. Saussure percebe que 'praticamente' não funciona e o rasura, mas, ao lado de 'impossível', ele insere 'de fato' – acima e a sua esquerda. Assim, a modalização se faz elegantemente e o

impossível da linguística – uma verdade primeira – se apresenta de forma mais palatável. Entretanto, ele volta a radicalizar quando, na terceira linha do fragmento acima, qualifica essa verdade de ‘fundamental’, mas a rasura e, novamente, o vemos introduzindo uma modalização nas suas afirmações, que a princípio são categóricas e radicais.

Logo a seguir rasura incide sobre o termo ‘único’ que caracteriza o ‘ponto de partida’/‘a verdade’ e substitui por ‘central’, novamente a radicalidade da verdade cede à rasura. Além disso, insere o sinal de pontuação ‘dois pontos’ que introduz uma pausa e prenuncia um enunciado que detalhará, ou explicará o que se disse até então. Saussure, finalmente, constrói um enunciado em que o que parecia modalização aparece com outra formulação. A verdade, em linguística, para Saussure nesse momento, realmente pode ser central, mas não é única. Ele abandonará os modalizadores e pluralizará essa ‘verdade’ que será qualificada, em um inciso, de ‘fundamental’. Assim, finalmente, para Saussure, o que antes poderia ser a verdade fundamental e única agora trata-se antes de cinco ou seis verdades ‘fundamentais’ na linguística que estão totalmente interligadas.

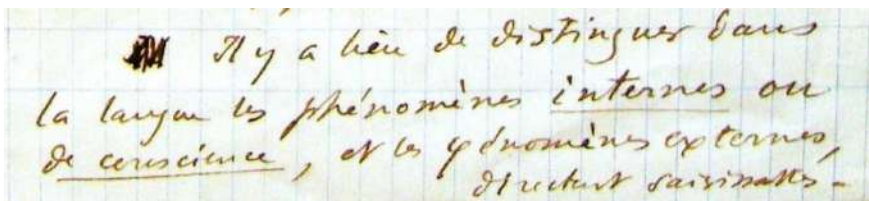
Adiante Saussure abordará, de forma inicial nesse texto, uma questão que é capital na sua teorização, tal qual a conhecemos no CLG: a oposição entre forma e substância que, nesse ponto do manuscrito, é tematizada em relação à oposição entre a forma e o sentido:



Il n'y a pas d'opposition possible entre la forme et le sens
 "Il est faux (et complet impraticable) de dire qu'il soit possible d'opposer la
 forme et le sens. Il est ^{Ce qui est} juste en revnch ^{juste} c'est d'oppose la
figure vocale d'une part, et la forme-sens de l'autre." (op. cit.).

Eis um trecho cujas barras sob ou sobre as palavras determinam como se lê, além disso o fragmento entre aspas é inquietante e mais ainda a repetição da palavra 'oposição', que rasurada no início do excerto, retorna mais duas vezes logo a seguir. Ela inicia-se com uma negação: "Não há oposição possível entre a forma e o sentido", Saussure é categórico, mas algo incomoda e ele não mantém a afirmação que rasura e reescreve entre rasuras e incisos: "É falso e completamente impraticável afirmar que seja possível opor forma e sentido." e ainda, nessa escrita claudicante, complementa: "O justo é opor a figura vocal de uma parte e a forma-sentido de outra." Vejam que a questão fica mais complexa, o que está em questão não é a oposição, mas o que se opõe. Importante notar nessa escrita um movimento delicado na busca de uma conceituação dos elementos e, ao mesmo tempo, de cernir o mecanismo que preside a relação entre eles.

Sabemos que Saussure irá ainda muito longe quando a questão é definir figura vocal⁷, ou sentido, talvez ele pudesse se aprofundar nessas questões em seguida já que as suas últimas palavras nessa folha vêm para afirmar que será necessário distinguir na língua os fenômenos internos e os externos, nomeando o primeiro de consciência e o segundo de 'diretamente apreensíveis', veja:



⁷ Ver Silveira (2013).

“Il y a lieu de distinguer dans la langue les phénomènes internes ou de conscience, et les phénomènes externes, directement saisissables” (op. cit.).

A introdução dessas questões poderiam se entrelaçar com a discussão sobre a figura vocal, contudo, o fluxo do tema parece interrompido já que a página seguinte não segue o mesmo tom dessa página que ele nomeia de prefácio. Aliás, ao longo de suas palavras nessas primeiras folhas, se percebe que as características de apresentação ou introdução próprias a um prefácio perdem força deixando emergir uma desassossegada elaboração teórica que se mostra em curso, sem um ponto final.

A natureza dos manuscritos de Ferdinand de Saussure é bastante bem representada pela primeira página desse manuscrito, que de todas as formas nos interroga e expõe as fraturas de uma escrita que resiste à formatação acadêmica que a linguística atual demanda e, no entanto, nos mantém atentos ao acidentado caminho de destino incerto ou mesmo sem destino.

2. Destino dos manuscritos saussurianos

O ‘duplo’ converteu-se em um objeto de terror, tal como após o colapso da religião, os deuses se transformaram em demônio. (Heine apud Freud, [1919] 1974).

No caso do manuscrito *Essência Dupla da Linguagem*, especificamente, que só foi descoberto um século depois de ser escrito e que conta com aproximadamente 374 páginas em formatos e tamanhos diferentes, não paginados ou ordenados e que estavam em uma caixa com mais outras centenas de folhas, muitas escritas por Saussure, mas também com outros papéis alheios ao autor ou ao tema, pode-se supor a dificuldade em disso se fazer uma unidade ou arquivo com um título e depreender disso outras informações como o período em que ele produziu esse manuscrito, por exemplo. Essa informação ainda é controversa, visto que muitas páginas desse manuscrito estão no verso de um convite de casamento datado de

outubro de 1891 se supõe, portanto, que ele foi escrito a partir daí e comumente é apresentado como um manuscrito desse ano, contudo, ele pode não ter escrito todas essas páginas apenas em um trimestre e nem mesmo é seguro que tenha começado nesse mesmo ano.

Ou seja, se percorrermos as linhas do manuscrito EDL precisamos suportar os tropeços dessa escrita que oscila entre o excesso e a ausência, que por vezes deixam o leitor à deriva, entretanto não são apenas os aspectos da escrita desse manuscrito que resistem a fazer unidade. Este arquivo foi constituído pelo catalogador da Biblioteca Pública de Genebra – o reconhecido pesquisador da fortuna teórica de Saussure, Rudolf Engler – e abriga as quase quatro centenas de folhas manuscritas por Saussure, cujo título, dado pelo catalogador, é *Essência Dupla da Linguagem*, ensejando alguma unidade, qualquer que fosse. Contudo, ele é um caso paradigmático do destino dos manuscritos de Saussure e sua desestratificação. Na sala Sernebier, responsável por abrigar os manuscritos na BGE há o arquivo AS 372, referência técnica dada a esse arquivo, e o AS 372bis. É surpreendente que um arquivo de manuscrito tenha um duplo; que motivo levaria a isso? Trata-se, aparentemente, dos mesmos escritos que ordenados de maneiras diversas e paginados diferentemente, acabam por se constituir em outro conjunto de manuscrito, o que justifica o arquivo bis. Vê-se que o trabalho com esses manuscritos, ao chegarem à BGE, não foi fácil e quem se ocupou deles não chegou a uma boa solução que lhe deixasse satisfeito e preferiu apontar mais de uma solução o que, nesse caso, implica em um problema.

O exame realizado por Sofia das transcrições desse conjunto de manuscrito dá uma boa ideia da sua situação:

On a connaissance d'au moins quatre versions de la transcription faite par Engler de 'De l'essence double du langage': celui qui ouvre les *Écrits de Linguistique Générale*, signée S.Bouquet et R.Engler (Saussure 2002b); quelle, partielle, publiée em 2004 dans la revue *Texto!* (cf.Saussure, 2004); une troisième, envoyée par Engler à Claudine Normand en 1999 (inéдите); et une quatrième, reçue, la même année, par Tullio De Mauro (inéдите). (Sofia, 2012, p. 38).

O interessante é que as transcrições distintas são realizadas todas por Engler que foi o responsável por triar e classificar esses documentos quando chegaram à BGE em 1996. Conclui-se que Engler teve muito trabalho para organizar esses documentos; Sofia não conheceu essa última versão, mas examinou as outras três. Vejam o seu espanto diante das três versões de transcrição desse documento por Engler:

Les trois restantes, différentes entre elles en quelques détails, exhibent toutes les trois une caractéristique surprenante: l'ordre original des pages et donc l'ordre même du texte, a été alterée. Et je dis bien l'ordre des pages et du texte car dans biens des occasions, le recto et le verso (deux pages) d'un même feuillet ont été séparés, et parfois même – quoique moins souvent – l'ordre du texte a été modifié à l'interieur d'une même page. (op. cit. p.38).

A observação desse manuscrito e seu duplo realmente desorientam o leitor, diante dessas possibilidades combinatórias colocadas por Engler, nos arriscamos a rever a ordem dessas folhas e verificamos que, sim, é possível outras combinações para além daquelas propostas por Engler, a caixa de Pandora estava aberta!

O aspecto macroestrutural desse manuscrito, cujas numerosas folhas compõem uma unidade bastante discutível, apresenta esse traço marcante no destino dos manuscritos de Saussure, a desestratificação. Após apontarmos algumas características de um manuscrito em particular traremos algumas informações a respeito dos manuscritos em geral de Saussure e que corroboram o que pretendemos destacar nesta reflexão: a falta de unidade como traço presente na natureza e nos destinos dos manuscritos de Ferdinand de Saussure que estão reunidos em dois grandes conjuntos, o fundo da Biblioteca Pública, em Genebra, e o fundo da Biblioteca universitária de Harvard, nos Estados Unidos. Iremos nos deter, por um momento, nos arquivos da BGE quanto ao conjunto de Harvard os remeto aos trabalhos de D'Ottavi (2014) e Parret (1994) que se dedicaram a realizar um levantamento do material lá existente.

Na Biblioteca de Genebra temos a princípio dois grandes grupos de manuscritos saussurianos dispostos em i) *Papiers Ferdinand de*

Saussure, que reúne milhares de páginas escritas por ele e ii) *Archives de Saussure*, que reúne documentos, cartas escritas e recebidas e que também acumula outras milhares de páginas de manuscritos autógrafos. Além disso, há nessa biblioteca o conjunto de manuscritos dos estudantes que estiveram nos cursos de Ferdinand de Saussure, que é nomeado de *Cours universitaire* e contém, aproximadamente, 5 mil páginas com notas dos seus alunos tomadas em diferentes cursos ministrados por Ferdinand de Saussure.

Apesar do grande interesse das instituições e esforço das pessoas que trabalharam diretamente com esses manuscritos quando eles chegaram às suas mãos, ainda em estado bruto, ou seja, muitos e muitos papéis escritos por Saussure e após a sua morte reunidos, por membros da sua família, em algumas caixas e depois entregues à BGE, sabemos que isso não foi feito de uma única vez, nem por uma única pessoa. A história desses manuscritos está longe de ser linear. Apesar de tudo, cada conjunto de manuscritos recebido era saudado pela comunidade acadêmica como a descoberta de um tesouro. A cada vez, ao chegar à biblioteca, ele era catalogado e arquivado sob rubricas numéricas e títulos que procuravam descrever-lhe o conteúdo. Tais procedimentos – com o objetivo de organizar os documentos e disponibilizá-los para a pesquisa – não conseguiu lograr o objetivo de constituir extratos bem delimitados da reflexão saussuriana.

Mas, isso não é tudo, ainda. Em outubro de 2009, por ocasião do Seminário Internacional '*Pour une édition numérique des textes de F. de Saussure*', na Universidade da Calábria, Gambarara, filólogo e profundo conhecedor da fortuna manuscrita de Ferdinand de Saussure, vai além:

Mais le patrimoine des manuscrits saussurien ne termine pas ici. La BGE contient encore beaucoup de matériels de Ferdinand de Saussure ou pertinents à lui [...]. A Genève sont aussi à prendre en consideration les Archives du Département de l'Instruction Publique, mais aussi les archives de l'Université et ceux de la ville de Genève. (op. cit.)

Esse material - todo catalogado - arquivado institucionalmente e à disposição dos pesquisadores contribui para o que chamamos aqui de desestratificação própria aos manuscritos saussurianos.

Além disso, Gambarara nos diz que Paris ainda tem muito a revelar sobre os manuscritos saussurianos e que as cartas do genebrino ultrapassam as fronteiras de Paris e Genebra. O estudioso dos manuscritos estima em mil ou 2 mil páginas de manuscritos (especialmente cartas e notas de curso) que ainda são desconhecidas e estão atualmente em arquivos públicos ou privados. A falta de unidade, nesse caso, parece ser promovida pela dispersão dos documentos, mas é também duvidoso que a reunião desses documentos possa constituir um conjunto que resista à desestratificação. A falta de unidade como característica dos manuscritos saussurianos não é apenas relativa ao local onde estão os manuscritos, um mesmo documento reunido em um mesmo lugar pode apresentar essa característica. Em qualquer dos casos pode-se imaginar que os acasos vividos por Saussure, em um primeiro momento, e depois pelas próprias folhas manuscritas por ele são, em grande parte, responsáveis por essa desestratificação.

O pouco conhecimento que temos dos manuscritos do fundo de Harvard não desmente o que aqui trazemos a respeito dos manuscritos de Genebra, pois também lá a desestratificação é uma marca no que concerne ao grande conjunto que lá está, a cada documento ou a forma de escrever. Se no caso de um único documento, o manuscrito nomeado 'Essence double du langage', reunido em um mesmo lugar, não encontra consenso a respeito da sua unidade, o que dizer do caso específico da questão filológica despertada pelas conferências sobre o sânscrito na Índia?

A dispersão desses documentos foi indicada recentemente por D'Ottavi e trata-se de um caso muito emblemático dessa desestratificação dos manuscritos saussurianos. Saussure, segundo o pesquisador italiano, teria proferido cinco conferências sobre esse tema nas datas de 5, 12 e 19 dezembro de 1897 e 7 e 11 janeiro de 1898.

A questão que o pesquisador coloca é a respeito do lugar onde os manuscritos que deram origem a essas conferências se encontram⁸.

A maioria das folhas está na Biblioteca de Genebra, nos envelopes um e dois do arquivo ADS 373. Chegadas sem numeração e sem datas, mas com características de textos distintos, embora sobre o mesmo tema, algumas folhas não estavam completamente escritas. Todas elas foram numeradas de 1 a 79 para facilitar a consulta dos pesquisadores.

Contudo, D'Ottavi levanta a hipótese de esse conjunto de manuscritos não se findar aí. Há alguns indícios de que outras folhas manuscritas sobre esse mesmo tema e com as mesmas características, portanto, potencialmente, pertencentes ao conjunto que está em Genebra, encontrem-se no fundo de Harvard.

Também inquieta os pesquisadores o fato de que o conteúdo de algumas folhas está escrito em uma letra diferente da de Saussure. Neste sentido, onde está o começo, onde está o fim? Quem escreveu: Saussure ou sua esposa? É o caso de um repatriamento de um manuscrito? Seria possível chamá-lo de um manuscrito saussuriano? Teria ele as mesmas características dos demais manuscritos saussurianos? Certamente que não, mas apenas do ponto de vista da construção de uma reflexão indicada pelas rasuras; outras perspectivas certamente o classificarão, adequadamente, como um manuscrito saussuriano.

O que chamamos aqui de desestratificação dos manuscritos de Ferdinand de Saussure não é uma marca apenas dos seus manuscritos, o primeiro grande sinal dessa falta de unidade talvez seja o efeito que a sua fala teve sobre os demais, chamadas por Bally e Sechehaye de 'difratadas'. A força dessa fala que afetou diferentemente seus ouvintes deu origem à mais de uma publicação, em que a mais conhecida e responsável pelo

⁸ A questão foi colocadas por Giuseppe D'Ottavi, na jornada de estudos 'Philologie et critique génétique. Enjeux théoriques de l'édition des manuscrits de Saussure', organizada pela Universidade de Liège, em primeiro de abril de 2011 e retomada brevemente, em uma nota, em D'Ottavi (2009:193).

estabelecimento do pensamento de Saussure pelo mundo é o *Curso de Linguística Geral*, com mais de uma dezena de traduções⁹ que circulam entre os leitores de diversas línguas e marcam decisivamente as discussões sobre a natureza da linguagem da língua e da fala, diferença estabelecida por Saussure, há quase um século. As edições críticas dedicaram-se a comparar essas escutas com a redação do CLG¹⁰ e os manuscritos saussurianos conhecidos no momento; além disso, outras publicações se seguiram a partir da escuta dos seus alunos¹¹.

Entretanto, seus manuscritos também não cessam de nos interrogar e de nos dividir, pois não há consenso sobre a forma de muitos documentos: onde começam, onde terminam ou mesmo qual a sequência das folhas no interior do conjunto; há controvérsias sobre o conteúdo de cada manuscrito: gramática comparada, linguística, semiologia; há ainda uma disputa sobre quais manuscritos são fundamentais e quais são secundários na produção teórica do genebrino; e além de tudo há grandes divergências sobre a forma de abordá-los: transcrevendo ou não e se transcrevê-los qual a forma mais adequada.

Mesmo a pertinência das publicações dos seus manuscritos é discutida e em caso de publicação qual seria a melhor forma? publicações parciais ou integrais; *on-line* ou em suporte de papel; por qual editora; e, finalmente, qual pesquisador seria responsável por essa organização; além disso, não é desprezível o fato de que uma publicação de grande porte exigiria muitos gastos e ainda

⁹ Traduzido para as línguas japonesa (1928), alemã (1931), russa (1933), espanhola (1945), polonesa (1961), italiana (1967), húngara (1967), sueca (1970), portuguesa (1971), vietnamita (1973), coreana (1973), albanesa (1977), turca (1976-1978), chinesa (1980), e duas controversas traduções para o inglês (1959 e 1983). Ainda foi traduzido para as línguas romena e eslovena, entre outras, já que a lista aqui apresentada não se pretende exaustiva, mas indica um dos efeitos da fala de Saussure com a publicação do Curso de Linguística Geral, em 1916.

¹⁰ Ver Saussure 1969, 1972 e 1974.

¹¹ Ver Saussure 1993, 1996 e 1997.

seria necessário definir quem a financiaria¹². A vasta produção de Saussure oferece-se generosamente a essa disputa, mas caprichosamente é generosa com todos, impedindo que qualquer um a vença levando-o sempre mais longe.

O difícil tem sido admitir esse caráter fragmentário, estilhaçado da produção saussuriana e que resiste a fazer um conjunto homogêneo, linear, cuja visibilidade seja total. Contudo, engessamento destruiria o seu modo mesmo de funcionamento. Por mais bela que fosse a imagem fixada não diria respeito aos seus elementos e à capacidade de movimento própria à produção saussuriana.

Há uma desproporção entre o quanto Saussure escreveu e o quanto ele publicou, entre o que ele achou interessante ir a público e o que o público tem achado interessante nos seus escritos. Entretanto, há algo na natureza e no destino dos manuscritos de Ferdinand de Saussure que parecem entrelaçar-se nesse ponto em que a falta e o excesso deixam as suas marcas. Na sua escrita encontramos a falta escancarada em uma frase incompleta ou o excesso materializado nas rasuras e nos incisos que produzem uma desarticulação momentânea e induzem a leituras sinuosas para que se encontre, ou não, em outro lugar, a articulação antes perdida. Nos arquivos dispostos nas bibliotecas ou nos escritos que ainda estão por ser encontrados temos a multiplicidade difratada em dispersão e duplicidade; de um lado a descontinuidade entre uma sequência de manuscritos em arquivos diferentes e de outro a duplicidade de arquivos com os mesmos manuscritos em outra ordem. A falta de unidade, característica forte dos manuscritos saussurianos, mais do que um problema, ou um desafio aos seus estudiosos, é parte do movimento de Saussure como *homo scriptor*, cujos efeitos sobre os seus leitores têm sido desigualmente produtivos. A partir desse conjunto de escritos, que há mais de um

¹² Importante considerar que a edição crítica de Engler, apesar de sua reconhecida importância, amarga vendas insignificantes para o mercado editorial, obrigando a editora a imprimir para a venda apenas sob encomenda.

século oferece resistência à estratificação, catalogação, homogeneidade e unanimidade é que o trabalho tem se feito.

Referências

D'Ottavi, G. Nine easy pieces les manuscrits de Ferdinand de Saussure à Harvard. In: Chepiga, V.; Sofia, E. (Org.). *Archives et manuscrits de linguistes*. Louvain-la-Neuve: Academia, 2014.

_____. Ferdinand de Saussure et l'Inde: contacts et consonances théoriques. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genève, n. 62, p. 191-202, 2009.

Fehr, J. Saussure: cours, publications, manuscrits, lettres et documents : les contours de l'œuvre posthume et ses rapports avec l'œuvre publiée. *Histoire Épistémologie langage*, n. 18, v. 2, p. 179-199, 1996.

Freud, S. [1919]. *O Estranho*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Obras Completas de Freud, v. XVII).

Gambarara, D. Pour une édition numérique des textes de F. de Saussure. 2009. Disponível em : <http://www.cerclefds.unical.it/seminaire/articoli.php?subaction=showfull&id=1253113422&ucat=8&archive=&start_from=&>. Acesso em 6 abr. 2011.

Leiris, M. *Langage tangage ou Ce que les mots me disent*. Paris: Gallimard, 1985.

Marchese, M. P. Une source retrouvée. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genève, n. 56, p. 333-339, 2004.

Normand, C. Entrevista. *Letras & Letras, Uberlândia*, v. 25, n. 1, p. 13-38, 2009. Disponível em: <<http://www.letraseletras.ileel.ufu.br/viewissue.php?id=16>>. Acesso em 3 jun. 2010.

Parret, H. Les manuscrits saussuriens de Harvard. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genève, p. 179-234, 1994.

Saussure, F. de. *Cours de linguistique générale: édition critique par Rudolf Engler*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1968-1969. t. 1.

_____. *Cours de linguistique générale*: édition critique par Rudolf Engler. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1990. t. 2: appendice – Notes de F. de Saussure sur la linguistique générale.

_____. *Cours de Linguistique Générale*: édition critique par Tullio de Mauro. Paris : Payot, 1972.

_____. *De l'essence double du langage*. In: Archives de Ferdinand de Saussure, 372: 'Les Manuscrits'. Bibliothèque de Genève, 1891.

_____. *Deuxième Cours de linguistique générale (1908-1909)*: d'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois: texto estabelecido por E. Komatsu. Oxford, New York, Tokyo : Pergamon, 1997.

_____. *Premier Cours de linguistique générale (1907)*: d'après les cahier d'Albert Riedlinger. Oxford, New York, Tokyo : Pergamon, 1996.

_____. *Premier et troisième Cours de linguistique générale* : d'après les cahier d'Albert Riedlinger. Université de Gakushuin, Recherches Université Gakushuin, 1993.

Silveira, E. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística*. Campinas: Mercado de Letras/FAPESP, 2007.

_____. A teoria do valor no Curso de Linguística Geral. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 25, n. 1, p. 39-54, 2009. Disponível em: <<http://www.letraseletras.ileel.ufu.br/viewissue.php?id=16> >. Acesso em 03 mar. 2012.

_____. La productivité des ratures dans le travail de Ferdinand de Saussure. In: Blumenthal, P. et al. (Ed.). *Collection des Congrès Mondiaux de Linguistique Française*. Lyon, p. 789-802, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1051/shsconf/20120100314>>. Acesso em 30 jun. 2014.

_____. O estatuto da rasura nos manuscritos saussurianos. In: _____ (Org.). *As bordas da linguagem*. Uberlândia: EDUFU, 2011.

_____. O lugar do conceito de fala na produção de Saussure. In: Fiorin, J. L; Flores, V. E.; Barbisan, L. B. *Saussure: a invenção da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.

Sofia, E. Problèmes philologiques posés par l'œuvre de Saussure. *Langages*, n. 185, p. 35-50, 2012.

Imagens em Curso

Helena Martins¹

Elisângela Nogueira Teixeira²

Não há palavras próprias, tampouco metáforas [...]. Há apenas palavras inexatas para designar alguma coisa exatamente. (Deleuze; Guattari, 1977, p. 13).

Uma nebulosa. Um espelho d'água. Uma álgebra. Um tesouro. Um jogo de xadrez. As fibras de uma planta. Um casamento poligâmico. Um trem expresso. Uma folha de papel. Hidrogênio e oxigênio. Uma carta forçada. Uma tapeçaria. Uma rua destruída. Uma sinfonia. Uma nota de cinco francos. Um traje roubado. Colunas arquitetônicas. Um dicionário e uma gramática.

A lista – reunião improvável que talvez faça lembrar a famosa enciclopédia chinesa de Borges – inclui algumas das inspiradas (e por vezes desconcertantes) imagens com que passam a conviver aqueles que se dispõem a avançar pelas páginas do *Curso* de Saussure. Que lugar ocupam as imagens na economia volátil desse texto que nos chega duvidoso mas decididamente vocacionado a inaugurar? O que a publicação dos *Escritos de Linguística Geral* promete catalisar na esfera dessa particular interrogação? Este trabalho reage a essas questões.³

¹ Professora associada do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e pesquisadora do CNPq, com bolsa de produtividade (Nível 2).

² Professora adjunta do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará. É coordenadora do Laboratório de Psicolinguística e Ciências Cognitivas da Universidade Federal do Ceará desde 2013.

³ As autoras – um dia orientadora e orientanda, hoje colegas – julgaram oportuno retomar aqui com olhos novos uma pesquisa instigante que, há mais de uma

Começemos por uma nota de pé de página, a primeira aposta ao corpo do texto principal do *Curso*, em um momento da Introdução no qual Saussure (sob a pena dos seus escribas) acaba de reconhecer os progressos dos neogramáticos com relação à Gramática Comparada, creditando-lhes o que lhe pareceu ser um grande avanço, a saber, a derrocada da visão da língua como “um organismo vivo que se desenvolve por si” (CLG, p. 12)⁴:

A nova escola, cingindo-se mais à realidade, fez guerra à terminologia dos comparatistas e notadamente às metáforas ilógicas de que se servia. Desde então, não mais se ousa dizer: “a língua faz isto ou aquilo” nem falar da “vida da língua” etc., pois a língua não é mais uma entidade e não existe senão nos que a falam. (CLG, p. 12 [nota 1]).

Feito o elogio, Saussure se vê, no entanto, compelido a ressaltar – e é isso o que nos interessa mais de perto aqui – que

[e]xistem certas imagens das quais não se pode prescindir. Exigir que se usem apenas termos correspondentes à realidade da linguagem é pretender que essas realidades não têm nada de obscuro para nós. Falta muito, porém, para isso; também não hesitaremos em empregar, quando se ofereça a ocasiões, algumas das expressões que foram reprovadas na época. (CLG, p. 12 [nota 1], grifo nosso).

No espaço discreto de uma nota, encontramos o que poderia ser lido talvez como uma espécie de salvo-conduto epistemológico: o tom cientificista, o aplauso àqueles capazes de “cingir-se mais à realidade” e dispensar “metáforas ilógicas”, convive com um reconhecimento da importância cabal das imagens (e até mesmo daquelas que “foram reprovadas”!), diante da tarefa de construir,

década, redundou na dissertação intitulada *Metáforas para linguagem no Curso de Saussure* (Teixeira, 2003). Uma primeira retomada dessa pesquisa, com ênfases bastante distintas daquelas que animam o texto que o leitor tem agora em mãos, já havia sido empreendida em Teixeira e Martins (2008).

⁴ No que se segue, utilizaremos as abreviações de praxe, CLG e ELG, para nos referirmos, respectivamente, ao *Curso de Linguística Geral* e aos *Escritos de Linguística Geral*.

num espaço *obsuro* – num lugar de perplexidade –, o ponto de vista que melhor poderá criar o objeto. Nas páginas subsequentes, as imagens virão de fato em profusão – e não meramente didáticas ou ilustrativas, mas, em alguma medida: imprescindíveis.

Nos *Escritos*, a atenção às virtudes, por assim dizer, pensantes das imagens é bastante mais explícita, alça-se literalmente acima do pé da página. Em uma seção sugestivamente intitulada “Sobre as dificuldades da terminologia linguística (Chega de figuras!)”, por exemplo, leremos um Saussure irônico e contundente afirmar de forma radical o caráter necessário do imagético, das figuras. Recusando-se a ceder aos imperativos de autodisciplina retórica com que então se buscava pôr o gesto figurativo sob vigilante e sistemática exclusão, ele exclama:

Chega de figuras! Assim, nada além de expressões que correspondam às realidades absolutas da linguagem? Um belo programa, []

Chega de figuras! É um belo programa que logo se pôs no papel. E o que é preciso para pôr em prática esse preceito? Pouca coisa, simplesmente empregar apenas expressões que correspondam às realidades absolutas da linguagem, classificadas de maneira infalível. (ELG, p. 200-201).

Buscando salientar a ingenuidade equivocada da divisa anti-figurativa, Saussure observa que “proscrever a figura é se dizer de posse de todas as verdades”, já que só assim se poderia determinar “onde começa e onde termina uma metáfora” (ELG, p. 201). Insiste, no entanto, que, na ausência de tais super-parâmetros, uma das conseqüências é que “não há, absolutamente, expressão simples para as coisas a serem diferenciadas primariamente em linguística” – e ainda acrescenta: “não pode haver” (ELG, p. 202).

Ao descrever assim da possibilidade de uma terminologia simples e direta, isenta de figuras, estaria Saussure aqui se aproximando dos tantos discursos que, pelo menos desde o advento de “Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral”, de Nietzsche, permitem compreender todas as verdades, inclusive as terminológicas, como não mais do que um “batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos”? (Nietzsche, [1873])

1983, p. 57). Não é novidade para ninguém que Saussure e Nietzsche têm em comum a assiduidade com que são nomeados na galeria dos pivôs da “revolução copernicana” que, pondo a linguagem no centro dos assuntos humanos, seria depois retomada, deformada e revigorada criticamente por Foucault, Derrida e Lacan, entre tantos outros. E no entanto: Saussure defensor de uma aliança entre verdade e metáfora? Não exatamente.

Primeiro porque, é claro, não há como (e muito menos por quê) esquecer a paixão objetivista de Saussure, varrer para debaixo do tapete as tão celebradas contradições que marcam o seu legado. Logo no início do *Curso* leremos, por exemplo, em advertência quanto à distinção entre *langage*, *langue* e *parole*: “[c]umpre notar que definimos as *coisas* e não os *termos*; as distinções estabelecidas nada têm a reear, portanto, de certos termos ambíguos, que não têm correspondência entre duas línguas” (CLG, p. 22, grifo nosso)⁵. Aqui estamos diante de um Saussure que parece sugerir, contra todo o seu próprio e declarado anti-nomenclaturismo, que, pelo menos no caso das entidades linguísticas, seria possível capturar a *coisa* independentemente do sistema linguístico de relações a que pertence. Aposta-se aqui, claro, na viabilidade de uma metalinguagem universal mínima, viabilidade esta que, no vaivém característico do *Curso*, será questionada em outras ocasiões (notavelmente, por exemplo, em CLG, p. 135).

Nos *Escritos*, é verdade, um outro Saussure ganha vulto. Como se tem repetido muitas vezes desde a publicação desse volume, o tom programático do *Curso* dá lugar ali a uma dicção muito mais hesitante: o cientista convive mais com o filósofo da linguagem,

⁵ “Assim, o alemão *Sprache* quer dizer ‘língua’ e ‘linguagem’; *Rede* corresponde aproximadamente a ‘palavra’, mas acrescentando-lhe o sentido especial de ‘discurso’. Em latim, *sermo* significa antes ‘linguagem’ e ‘fala’, enquanto *lingua* significa a língua, e assim por diante. Nenhum termo corresponde exatamente a urna das noções fixadas acima; eis porque toda definição a propósito de um termo é vá; é um mau método partir dos termos para definir as coisas.” (CLG, p. 22).

sendo um fato instrutivo que não tenha, antes de sua morte em 1913, chegado a julgar publicáveis os resultados dos anos e anos de trabalho de que dão testemunho esses manuscritos. Em que pese o tom menos assertivo, no entanto, acreditamos que também ali comparece – de forma talvez até mais gritante do que no espaço relativamente mais bem comportado do *Curso* – um pensamento quase tragicamente cindido entre, de um lado, uma grande sensibilidade à recalcitrância e à fugacidade do objeto e, de outro, um igualmente grande desejo de solidez científica. Se é verdade que Saussure afirma ali categoricamente que “não possuímos uma única espécie de distinções gramaticais que seja fundada em um princípio definido” e que “em parte alguma se sabe onde está o terreno firme de que partem as definições” (ELG, p. 49), por outro lado, não deixa de se comprometer também com o imperativo científico da definição estanque e suficiente por si:

não uma definição ocasional que sempre se pode dar de um termo relativo com relação a outros termos relativos, girando eternamente num círculo vicioso, mas a definição consequente que parte, num ponto qualquer, de uma base, não digo absoluta, mas escolhida expressamente como base irreduzível para nós, e central para todo o sistema. (ELG, p. 34).

Pode-se dizer assim que, por conta de sua ambivalência, tanto o *Curso* quanto os *Escritos* resistiriam a conformar-se com docilidade ao veredicto nietzschiano de que, das coisas de que julgamos saber algo, “não temos mais do que metáforas, que de nenhum modo correspondem às entidades de origem” (Nietzsche, [1873] 1983, p. 56). No entanto, para pensarmos o estatuto das imagens na escrita saussuriana, interessa bem mais aqui considerar uma *segunda* razão pela qual não chegam a se aplicar bem a Saussure os discursos sobre a onipresença da metáfora nos assuntos humanos. É nos *Escritos* que a iremos encontrar.

Em uma seção intitulada “Sentido próprio e sentido figurado”, Saussure nos diz: “[n]ão há diferença entre o sentido próprio e o sentido figurado das palavras (ou: as palavras não têm mais

sentido figurado do que sentido próprio), porque seu sentido é eminentemente negativo” (ELG, p. 67; v. tb. p. 69-74). Ao subtrair das expressões linguísticas, por princípio teórico, qualquer tipo de significação positiva (e sabemos que também essa tese conviverá com movimentos contraditórios), Saussure se vê naturalmente obrigado a dar as costas à oposição tradicional entre próprio e figurado, aquela que precisa supor sempre, para o sentido, um *indigenato* e uma *migração* –aferrar-se à ideia de que um sentido precisa primeiro *habitar* a letra para que dela possa depois se *desviar* figurativamente⁶.

A tese da negatividade do signo é conhecida; mas é oportuno indicar aqui, em citação um pouco mais longa, o modo como Saussure a articula ao gesto comparativo – este que, na tradição, é tipicamente associado aos empregos figurativos da linguagem:

[S]ó conhecemos um objeto através da ideia que dele fazemos, e através de comparações, legítimas ou falsas, que estabelecemos: de fato, eu não conheço nenhum objeto a cuja denominação não se acrescente uma ou muitas ideias *ditas* acessórias mas, no fundo, exatamente tão importantes quanto a ideia principal – seja o objeto em questão o *Sol*, a *Água*, o *Ar*, a *Árvore*, a *Mulher*, a *Luz*, etc. De maneira que, na realidade, todas essas denominações são igualmente negativas, significam apenas com relação às ideias inseridas em outros termos (igualmente negativos), não têm, em nenhum momento, a pretensão de se aplicar a um objeto definido em si e só abordam, na realidade, esse objeto, quando ele existe, *obliquamente*, através e em nome de tal ou tal ideia particular, do que vai resultar (exprimindo a coisa grosseiramente), porque que nós tomamos momentaneamente, aqui, esse fato exterior como base da palavra, 1º que será preciso, continuamente, modificar o termo para o mesmo objeto, chamar por exemplo a luz de “claridade”, “luar”, “iluminação”, etc., 2º que o nome de um mesmo objeto servirá para muitos outros: a *luz da história*, *as luzes de uma reunião de sábios*. Neste último caso, fica-se persuadido de que um novo sentido (dito *figurado*) se interpôs: essa convicção parte puramente da suposição tradicional de que a palavra

⁶ Segundo a definição de Aristóteles, semente de toda uma tradição: “a metáfora”, termo aqui tomado em sentido amplo, como hoje entendemos *figura*, “consiste no transportar para uma coisa o nome de outra” (*Poética*, cap. XXI).

possui uma significação absoluta que se aplica a um objeto determinado; é essa presunção que nós combatemos. (ELG, p. 69-70).

Por um lado, Saussure objeta à oposição tradicional entre o figurado e o próprio denunciando-a como uma hierarquia artificial e injustificada entre movimentos que são, *desde sempre*, comparativos: está aqui sob a alça de sua mira crítica a crença em uma *base* ou *ponto de partida* para a comparação. Seria, para ele, uma presunção a ser combatida qualquer noção de uma positividade absoluta, logicamente anterior à deriva comparativa. Poderíamos nos perguntar: estaria esse Saussure dos *Escritos* antecipando de alguma forma o Jakobson de “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”, quando este, transmutando o emprego tradicional do termo *figura*, assinala o figurativo como princípio linguístico geral, ao tomar suas modalidades metafórica e metonímica como pressões estruturais inerentes ao próprio movimento da linguagem? Talvez.

Para os propósitos deste texto interessa mais, por outro lado, sublinhar que, a essa desconstrução da hierarquia entre próprio e figurado pela afirmação da natureza sempre negativa do signo linguístico, Saussure acrescenta discretamente a enigmática ideia de que o conhecimento de um objeto, sendo sempre função de signos inerentemente comparativos, pode se dar por meio de comparações *legítimas ou falsas*. É de se perguntar: com que régua Saussure poderia separar a comparação legítima da falsa? E sobretudo: como essa distinção entre o falso e o legítimo poderia se aplicar em especial às comparações relativas ao conhecimento do objeto de seu desejo de ciência, a *língua*?

São perguntas que ecoam sem resposta que as pacíficas. No *Curso*, lemos, em passagem famosa, que a *linguagem* é “multiforme e heteróclita”, fenômeno sem unidade que “não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos” – ao passo que a *língua* seria, ao contrário, “um todo por si e um princípio de classificação” (CLG, p. 17). Pois bem, no que tange à língua, dimensão alegadamente cognoscível da linguagem, seria razoável aqui

indagar: para abordar esse “todo”, esse “princípio de classificação”, que (imprescindíveis) imagens seriam as imagens *corretas*, trariam as comparações *legítimas*?

Nos *Escritos*, na seção “Notas para um livro de linguística geral, 3”, Saussure faz (faz-se?) explicitamente a pergunta: “[e]xiste, entre as coisas conhecidas, alguma coisa que possa ser comparada com exatidão à língua?” (ELG, p. 174). Em sua “Primeira conferência na Universidade de Genebra”, ele havia afirmado categoricamente: “não existe objeto comparável à língua, que é um ser muito complexo” – e acrescenta: “é isso que faz com que todas as comparações e todas as imagens de que nos servimos habitualmente acabem, regularmente, por nos dar uma ideia falsa” (ELG, p. 133).

Essa convicção, que em boa medida cancela contraditoriamente a oposição entre comparações legítimas e falsas acima aludida, não impede Saussure de buscar incessantemente, em sua construção do objeto língua, *as melhores imagens*. Muitas delas, já se recordou, ganham ampla cidadania no *Curso*. E nos *Escritos* a crença em sua força pensante, para melhor ou para pior, se manifesta de modo igualmente explícito, em numerosas passagens. Eis algumas delas:

O sistema da língua pode ser comparado, com proveito e em vários sentidos, embora a comparação seja das mais grosseiras, a um sistema de sinais marítimos obtidos por meio de bandeiras de diversas cores. (ELG, p. 52).

Um rito, uma missa, não são comparáveis, de modo algum a uma frase, já que são apenas a repetição de uma *sequência de atos*. A frase é comparável à atividade do compositor de música (e não a seu intérprete). (ELG, p. 86).

Apossema = cadáver de sema. Provavelmente, pode-se permitir essa comparação, ou seja, ela não é perigosa. Mas há, no entanto, o perigo de que um cadáver continua coisa organizada em sua anatomia... (ELG, p. 96).

Ver em que medida a palavra *peça* (oposta a *fragmento*) pode servir ou não nas análises linguísticas e nas comparações com anatomia, mecânica, etc. Da mesma forma *membro*. (ELG, p. 100).

É por isso que a comparação química, correta sob certos aspectos, nada diz ao espírito. / Ver o que faz parte da comparação *tática*, disposição de uma fileira do exército. (ELG, p. 102).

Mesmo sem entrarmos em detalhes quanto aos pontos teóricos específicos que levam Saussure a especular sobre essas possíveis comparações imagéticas, os trechos citados deixam suficientemente clara a sua *atitude* quanto a elas, sua sensibilidade tanto ao que nelas há de perigoso quanto ao que podem ter de valoroso: sinal marítimo, rito, missa, cadáver, peça, membro, o mundo da química e o das táticas de guerra, em todos esses casos (e em muitos outros que poderíamos citar) constatamos o registro atento de oportunidades e riscos, um zeloso interesse por aptidões e inaptidões.

Em trabalhos anteriores, partindo da reflexão já clássica de Roy Harris (1997), sustentamos que o *Curso* materializa uma tensão entre duas perspectivas em grande parte irreconciliáveis de língua (e de linguagem), tomando-as ora como *sistema de representação*, ora como *forma de vida* no sentido wittgensteiniano (Teixeira; Martins, 2008). Afirmamos, além disso, que essa tensão se dá a ver de forma nítida nas muitas metáforas de que Saussure se vale ao longo do *Curso* (Teixeira, 2003).

Em face do que nos dizem os *Escritos* acerca do par próprio-figurado, preferimos agora usar, em lugar de *metáfora*, os termos *imagem* e *comparação*. Mas reiteramos, no geral, a tese antes defendida – tais imagens dão notícia de movimentos que oscilam entre a afirmação e a negação da viabilidade de abstrair o fenômeno lingüístico do fluxo da vida – entre a confiança e a perplexidade frente ao projeto de capturá-lo em um *sistema*, mesmo que parcial e provisório.

Sem qualquer intuito de apaziguar essa tensão, podemos agora revistá-la, atribuindo-lhe talvez outros matizes, capazes de nos levar um pouco além do diagnóstico de uma condição contraditória. Tentemos escutar em outro tom, que não apenas aquele da contradição, a convivência entre as afirmações de que *as*

imagens e comparações são imprescindíveis para o conhecimento de qualquer objeto, de que na língua não há senão comparações contingentes e sem qualquer lastro último e de que comparações podem ser legítimas ou falsas. Podemos nos perguntar em especial se a leitura dos *Escritos* não nos daria elementos para ler como algo produtivo – como algo produtivamente periclitante – o estado de suspensão favorecido pela vida incongruente das imagens, tanto ali quanto no *Curso*. Retomemos então agora algumas das imagens saussurianas, para pensá-las com esse norte.

Podemos começar por uma das mais óbvias e disseminadas, uma imagem que recorre tanto no *Curso* quanto nos *Escritos* e sobre a qual Saussure nos diz: “de todas as comparações que se poderiam imaginar, a mais demonstrativa é a que se estabeleceria entre o jogo da língua e uma partida de xadrez (CLG, p. 104)⁷. São conhecidas as capacidades que Saussure atribui no *Curso* a essa comparação: ela vem, por exemplo, a serviço da distinção entre o que é *externo* à língua (o jogo ter passado da Pérsia à Europa; a matéria de que são feitas as peças, etc.) e o que lhe é *interno* (“tudo quanto concerne ao sistema e às regras”, sistema este tomado como um todo autocontido; CLG, p. 31). Ela vem para marcar também a tese, aí implicada, do valor negativo e relacional dos elementos do sistema (fora do jogo, “seria absurdo perguntar o que seria uma dama, um pião, um bispo”; tampouco faria sentido “buscar o que cada elemento é por si mesmo” desconsiderando-se a língua, ELG, p. 63).

Ao comparar uma partida de xadrez com o jogo da língua, Saussure quer ainda salientar que esses dois processos se desenvolvem em função do tempo, no eixo das *sucessividades* (imprevisíveis) e no eixo das *simultaneidades* (passíveis de apreensão sistemática). Um estado do tabuleiro, sabemos, seria análogo a um *estado de língua* (CLG, p. 117-8). O deslocamento de uma peça nesse tabuleiro, sabemos também, representaria uma

⁷ No *Curso*, a imagem retorna em muitas outras passagens (v. CLG, p. 105-112, 144, 148, 176). Nos *Escritos*, será também bastante recorrente (v. ELG, p. 15, 69, 109, 185-6, 193-4, 200).

mudança que estabelece uma nova rede de relações: a imprevisibilidade a que se refere Saussure aqui diz respeito, antes de mais nada, às consequências desse deslocamento. Ressalvando que, diferentemente do jogador, “a língua não premedita nada”, não tem “*intenção* de executar o deslocamento e de exercer uma ação sobre o sistema”, Saussure sustenta que qualquer deslocamento (movimento de uma única peça) repercute em todo o sistema, sendo “impossível prever com exatidão os limites desse efeito”, inclusive para as peças que estavam “fora de cogitação” no momento do deslocamento (CLG, p. 104-105). Mas, lembremos o comentário dos manuscritos citado acima: até que ponto é apta a comparação com as *peças?*, pergunta-se hesitante o Saussure dos *Escritos*.

Seja como for, a imagem do jogo de xadrez vem, entre outras coisas, para sublinhar a natureza a um tempo coercitiva e cambiável das regularidades linguísticas, sua sujeição última ao imponderável e ao imprevisível. Por outro lado, ainda que nunca desatento à volatilidade do fenômeno linguístico, Saussure utiliza essa imagem também para marcar aí a parcela de estabilidade que garantiria ao cientista da linguagem o seu “objeto integral e concreto” (CLG, p. 15).

Em fricção com essa imagem estática das peças dispostas sobre um tabuleiro com que Saussure compara um *estado de língua*, encontraremos nos *Escritos*, justamente na seção de “Notas preparatórias para os Cursos de Linguística Geral”, uma bela imagem (que não será afinal incorporada ao *Curso*):

A língua, ou o sistema semiológico, qualquer que seja, não é um barco no estaleiro, mas um barco lançado em alto mar. [...] [É] inútil pensar que é possível prever o seu curso sob o pretexto de que se conhece as estruturas de que ele se compõe, sua construção interior, segundo um plano. [...] [U]m sistema de signos é feito para a coletividade, como o barco é feito para o mar. Ele é feito para se ouvir entre vários ou muitos e não para se ouvir sozinho. (ELG, p. 249).

A língua surge aqui não como tabuleiro com arranjo particular de peças, ou como *tesouro depositado* (CLG, p. 21), ou ainda como *dicionário e gramática* (CLG, p. 23) – todas imagens evocativas de alguma fixidez. Surge, isso sim, como algo sempre sujeito ao tumulto da coletividade, tumulto comparável ao alto mar, em toda a sua suprema e majestosa inconstância. Imagens envolvendo *água* no corpus saussuriano, não sendo muito frequentes, parecem servir para contrariar propensões à reificação do fenômeno linguístico. Um exemplo notável é aquele da pressão do ar sobre uma capa de água, com que Saussure busca dar a ver a língua como pensamento organizado na matéria fônica:

Imaginemos o ar em contato com uma capa de água: se muda a pressão atmosférica, a superfície da água se decompõe numa série de divisões, vale dizer, de vagas; são estas ondulações que darão uma idéia da união e, por assim dizer, do acoplamento do pensamento com a matéria fônica. (CLG, p. 130).

A imagem tem algo de insólito: como repartir *água* em unidades, segmentos? Os segmentos são aqui *vagas*, movem-se, desaparecem, reaparecem. Seria esta uma imagem tão legítima quanto a imaginação, por assim dizer, óssea ligada às *peças*? Mais legítima? Menos? Como comparar, por exemplo, a aptidão da imagem do *tesouro depositado* (“marcas que chegam a ser sensivelmente as mesmas em todos”; CLG, p. 21) com, digamos, a imagem do rio – “o rio da língua” que “mesmo no mais tranquilo dos períodos [...] nunca é idêntico [...] mesmo que seja entre duas cataratas” (ELG, p. 269)? Entre a água movente e o tesouro pousado no fundo hesita Saussure; hesitamos nós, os seus leitores.

Em outro momento, a língua será para ele como uma *álgebra* – o que indicaria, a princípio, um comprometimento com a noção superlativa de regras que contêm em si mesmas as suas possibilidades de aplicação – a língua é aqui aproximada a um cálculo abstrato. E, no entanto, trata-se de “uma álgebra que teria somente termos complexos” (CLG, p. 141). A imagem é, novamente, um tanto insólita – como pensar uma álgebra

desprovida de termos simples com que compor termos complexos? Como de fato pensar o complexo, o composto, sem o simples, a unidade? Subvertendo a imagem convencional da álgebra e comparando-a à língua, Saussure faz conviver, em tensão, as visões do *cálculo* e do *jogo*: aproximando a regularidade da língua à sistematicidade e previsibilidade características da matemática, subverte-a, por outro lado, de um só golpe, ao subtrair-lhe qualquer âncora ou lastro. Perturba assim a ideia implícita em sua própria comparação da língua como um dicionário (repertório que incluiria termos simples) e uma gramática (as regras com que, combinados, estes formariam os termos complexos).

O motivo da ausência de lastro retorna, de forma ambivalente, em muitas imagens destinadas a marcar o caráter único da língua face a outras instituições. A seção do *Curso* que trata do jogo entre mutabilidade e imutabilidade, por exemplo, traz logo de início a célebre imagem da *carta forçada* (CLG, p. 85). Essa noção da língua como um legado compulsório, como instância que, em larga medida, decide pelos herdeiros, será acompanhada, logo em seguida, por uma comparação com a instituição do casamento (CLG, p. 87), imagem esta que virá também nos *Escritos*. O casamento sob forma monogâmica, nos diz Saussure, “é provavelmente mais razoável do que sob forma poligâmica” – sustentando que seria este um ponto aberto à discussão filosófica, contrasta-o com a escolha de *cow* ou *vacca* “para designar a ideia de *vaca*”: neste caso mas não naquele, a instituição seria “baseada na própria *irrazão*”. (ELG, p. 184). É quase desnecessário observar que o fraseado “para designar a ideia de vaca” gera mais uma vez desconforto em face da veemente recusa saussuriana do nomenclaturismo. A ênfase aqui recai, claro, sobre a discussão em torno da arbitrariedade do signo – mas a comparação nos deixa com outros assuntos pendentes.

Caberia, naturalmente, perguntar, como tantos já o fizeram: se é verdade que “a língua é forma e não substância” (CLG, p. 141), e se, tanto para “parte material” (*cow*, *vacca*) quanto para a “parte

conceitual” (“a ideia de vaca”, se toleramos esse fraseado), o valor é constituído unicamente por relações e diferenças (CLG, p. 136), como então exatamente distinguir a instituição do casamento da palavra *casamento*? Por que não seria a instituição do casamento, em sua identidade puramente negativa e relacional, baseada em última instância na sua própria *irrazão*?

E, no entanto, se, por um lado, sobretudo aos ouvidos contemporâneos soarão como artificial e injustificada aqui a distinção, por outro, ela parece também dar testemunho de atenção ao caráter simultaneamente fundador e infundado da linguagem. Ao insistir numa distinção entre uma instituição que, como o casamento, “pode ser discutida filosoficamente” e a instituição da linguagem, Saussure aponta para algo que comparece em pensamentos bastante mais decididamente anti-fundacionalistas do que o seu próprio. Em um dos microdiálogos com que Wittgenstein tece as suas *Investigações filosóficas*, leremos, por exemplo:

“Você diz, então, que o acordo entre os homens decide o que é verdadeiro ou falso?” – Verdadeiro ou falso é o que os homens dizem, e os homens concordam na linguagem. Isso não é um acordo de opiniões, mas de forma de vida. (Wittgenstein, 1999, §241).

A resposta à pergunta feita pelo interlocutor virtual (entre aspas) é francamente contrária a uma certa cepa de relativismo: sugere que reconhecer que são em alguma medida criaturas da linguagem todas as nossas partições (ontológicas, éticas, psicológicas, estéticas, etc.) não é o mesmo que pô-las todas no plano das *opiniões* discutíveis – em última instância, os acordos da linguagem se travam e se transformam no fluxo irrefletido e coercitivo da vida coletiva. Saussure, em sintonia com Wittgenstein, insiste que “a língua não pode basear-se num contrato puro e simples” (CLG, p. 85), num contrato de meras opiniões. Abre assim a possibilidade de tomá-la em alguma medida como práxis que precede logicamente a distinção entre o verdadeiro e o falso, bem como todas as demais distinções –

preparando seu advento, a língua não cabe em nenhuma dessas partições: não se deixa comparar. E, contudo, como vemos, Saussure não cessa de compará-la, com uma imagem atrás da outra.

Fiquemos com uma última: aquela que traz a língua comparada a uma *sinfonia*, “cuja realidade independe da maneira por que é executada; os erros que podem cometer os músicos que a executam não comprometem em nada tal realidade” (CLG, p. 26). “Uma composição musical”, lemos também nos *Escritos*, “só existe quando é executada; mas considerar essa execução como sua existência é falso. Sua existência é a *identidade* das execuções” (ELG, p. 33). A analogia com a música traz em tensão novamente a negação e a afirmação da possibilidade de se abstrair a língua da práxis: de um lado, sugere-se que, assim como a composição musical existe apenas quando é executada, assim também a língua só existe nos atos de fala – mas postula-se ainda assim *uma* identidade comum a todas as execuções. Interessa aqui sublinhar menos a tensão, já amplamente indicada acima, do que o fato de que, talvez de forma tímida, se insinua aqui para a língua um componente, digamos, *artístico* – nisso contrastante com esfera sistemática e previsível da álgebra. Fala talvez em favor dessa conjectura aquela misteriosa passagem, citada acima, na qual *a própria frase* é comparada ao compositor (e não ao intérprete) da música (ELG, p. 86).

A frase compõe-se a si mesma como um compositor compõe música: é, como esta, um amálgama de necessidade e contingência (tinha que ser exatamente assim; poderia ser de outro jeito). Talvez pudéssemos pensar como de algum modo comparável à música o incongruente “concerto” de imagens com que Saussure busca se acercar do fugaz objeto que deseja criar. Em sua vida contraditória, essas imagens suspendem o gesto da determinação, permanecem sempre imagens *em curso*. Convivendo com o Saussure desejante de um “objeto integral e concreto”, um outro Saussure, talvez mais propenso a suprir por outros caminhos o seu desejo de exatidão,

mais orientado para a exatidão da música, que para a da álgebra. Ou, quem sabe um Saussure que, ainda insistindo na comparação com a álgebra, pudesse concordar com Guimarães Rosa, quando, na célebre entrevista a Günter Lorenz de 1956, ele fala de uma “álgebra mágica” – mágica “porque é mais indeterminada e portanto mais exata” (Rosa; Lorenz, [1965] 2009, p. lviii).

Referências

Aristóteles. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção *Os Pensadores*).

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

Harris, Roy. *Language, Saussure and Wittgenstein: How to play games with words*. London: Routledge, 1988.

Jakobson, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: _____. *Linguística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969. p. 34-62.

Nietzsche, F [1873]. Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. In: _____. *Obras incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção *Os Pensadores*).

Rosa, João G.; Lorenz, Günter W [1965]. Diálogo com Guimarães Rosa. In: Coutinho, Eduardo (Org.). *João Guimarães Rosa: Ficção Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009. (v. 1).

Saussure, Ferdinand de. *Cours de Linguistique Générale*. 2. ed. Paris: Payot, 1922.

_____. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

_____. *Escritos de Linguística Geral*: organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002.

Teixeira, Elisângela Nogueira. *Metáforas para linguagem no Curso de Saussure*. Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2003.

Teixeira, Elisângela Nogueira; Martins, Helena Franco. Curso de Linguística Geral: reação e adesão à perspectiva representacionista. *ReVEL*: edição especial, n. 2, p. 1-25, 2008.

Wittgenstein, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

A presença de Saussure na obra de Michel Pêcheux: reflexões sobre a noção de língua¹

Verli Petri²

Larissa Montagner Cervo³

Considerações Iniciais

Neste texto, pautados nas relações teóricas entre a Análise de Discurso, teorizada na França por Michel Pêcheux, e o *Curso de Linguística Geral* ([1916] 2000), de Ferdinand de Saussure, objetivamos homenagear o mestre genebrino recuperando importantes aspectos de sua contribuição ao processo de constituição da Análise de Discurso enquanto disciplina do campo das Ciências da Linguagem, em particular, no que tange ao conceito de língua.

A definição saussuriana de língua como “um todo por si” (Saussure, [1916] 2000, p. 17) e como aquilo que rearranja as pesquisas linguísticas em uma dada época, longe de se constituir como algo resolvido, é algo que, ainda hoje, “continua a se manifestar por efeitos paradoxais” (Gadet; Pêcheux, [1981] 2004, p. 55). O paradoxo está no próprio postulado da língua como objeto: sem jamais encerrar, Saussure abre uma gama de possibilidades de

¹ Uma primeira versão deste texto foi apresentada no *Congresso Internacional 100 Anos com Saussure*, na Universidade de São Paulo (USP), em setembro de 2013, com o título “Saussure na obra de Michel Pêcheux: méritos, retomadas, deslocamentos”.

² Professora adjunta do Departamento de Letras Vernáculas da UFSM, pesquisadora do Laboratório Corpus (PPGL/UFSM), tutora do PETLetras/UFSM.

³ Professora adjunta do Departamento de Letras Vernáculas da UFSM, pesquisadora do Laboratório Corpus (PPGL/UFSM).

pesquisas que, no curso de seus desenvolvimentos, não cessam de rediscutir e/ou de retomar o *Curso de Linguística Geral* como ponto de partida. Com a Análise de Discurso, não é diferente. A teoria saussuriana está na base da reflexão de Pêcheux sobre o conceito de língua, em particular naquilo que singulariza tal definição, que é a materialidade e o efeito metafórico.

Neste artigo, a reflexão que propomos trata precisamente da historicidade do conceito de língua pecheutiano, a partir de um gesto de leitura sobre a contribuição do conceito de língua saussuriano no/para o processo de constituição da Análise de Discurso (doravante AD). Para tanto, trabalharemos com o *Curso de Linguística Geral* (doravante CLG) em consonância a dois momentos fundamentais do trabalho de Pêcheux: um está representado pelo texto fundador “Análise Automática do Discurso (AAD-69)”, de Michel Pêcheux, presente na obra *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, organizada por Tony Hak e Françoise Gadet, publicada em 1990 no Brasil, pela Editora da Unicamp; e o outro está representado pelos textos 1) “A língua de Marte”, 2) “Dois Saussures” e 3) “A irrupção do equívoco no real”, capítulos integrantes da obra *A Língua Inatingível: O Discurso na História da Linguística*, escrita em 1981 por Pechêux em conjunto com Françoise Gadet e publicada no Brasil, em 2004, pela Editora Pontes.

Em consonância a Malidier ([1990] 2003, p. 21), que nos brinda com a história da vida e da obra do autor francês, acreditamos que “as páginas que Michel Pêcheux consagra a Saussure guardaram sua força; elas inauguraram uma problemática original que não vai parar de se aprofundar”. Assim, com o recorte proposto, buscamos não simplesmente reiterar o já-dito da contribuição saussuriana aos postulados teóricos da Análise de Discurso, mas, para além disso, compreender o modo como Pêcheux inscreve-se no conceito de língua saussuriano para, a partir dele, produzir deslocamentos e estabelecer relações outras. Apoiamo-nos na premissa de que, tal como acontece em todo

percurso de instauração e legitimação de uma disciplina, a Análise de Discurso se reorganiza em sua própria constituição em meio a um processo que comporta “um horizonte de retrospectão” (Auroux, 1992) e, ao mesmo tempo, uma tomada de posição singular. É, então, este processo, aqui representado pelos textos de referência para leitura e análise, o mote para a nossa reflexão a respeito das retomadas, dos deslocamentos e dos méritos que singularizam a contribuição do mestre genebrino no processo discursivo⁴ de constituição da Análise de Discurso.

“Saussure, não é tão simples assim!”⁵

A língua é “a base comum de processos discursivos diferenciados”, afirma Pêcheux ([1975] 2009, p. 81, grifo do autor). Alicerçada no diálogo que o autor francês estabelece entre o Materialismo Histórico, a Linguística e a Psicanálise, tal definição pressupõe um deslocamento substancial em relação à teoria saussuriana de sistema linguístico, uma vez que é proposta para dar conta de uma teoria do discurso, uma “teoria geral da produção dos efeitos de sentido” (Maldidier, [1990] 2003, p. 21), os quais só podem ser trabalhados na/pela ordem da língua, ou, em outras palavras, considerando-se a língua em funcionamento, e não apenas o seu sistema formal. Nessa perspectiva, materialidade e equívoco entram em jogo, para referendar a relação necessária da língua com o sujeito, a não transparência do sentido bem como a possibilidade de o sentido ser outro⁶, de ser modificado em processos de paráfrases, deslocamentos e substituições. Em se

⁴ Por processo discursivo entendemos o “sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias, etc., que funcionam entre elementos lingüísticos – ‘significantes’ – em uma formação discursiva dada” (Pêcheux, [1975] 2009, p. 148).

⁵ (Gadet; Pêcheux, [1981] 2004, p. 58).

⁶ “[...] as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (Pêcheux, [1975] 2009, p. 146-147, grifo do autor).

tratando da contribuição saussuriana para a constituição da AD, tal constructo teórico, certamente, tem como base Saussure e o CLG, entre outras obras e autores fundamentais, mas, de modo algum, assenta-se no par saussuriano língua/fala, tal como ele era lido pelos pós-estruturalistas. Conforme Malidier ([1990] 2003), Pêcheux considera ilusória a simetria que era observada nesta relação, tendo em vista a pressuposição de um resíduo conceitual que é o sujeito livre, tomado como o avesso indispensável ao sistema. O que inspira Pêcheux no CLG, de outro modo, é a teoria do valor para a constituição do efeito metafórico no discurso, questão da qual nos ocuparemos nesta primeira parte da reflexão.

O gesto de interpretação sobre as relações que propomos é constituído e significado na e pela historicidade do processo de constituição da AD. Na tentativa de recuperarmos fatos e dados marcantes de tal processo e sem a pretensão de marcamos um ponto de origem, perseguimos pistas de um possível caminho trilhado para a tessitura da relação estabelecida entre Pêcheux e Saussure, caminho esse construído a partir da sensibilidade do autor francês à questão epistemológica das ciências sociais. Em artigo sobre a contribuição de Pêcheux à constituição da Análise de Discurso, Helsloot e Hak (2000) assinalam a formação acadêmica de Pêcheux como inscrita, inicialmente, na tradição da epistemologia de Bachelard e, do mesmo modo, a aproximação do autor francês com teóricos que tomam a questão epistemológica como pano de fundo, tais como Althusser⁷ e Foucault. Dessas relações, deriva a compreensão de Pêcheux quanto à necessidade de definição de objeto e de instrumentos para a constituição das ciências sociais como, de fato, ciência, o que encontramos bem pontuado no texto *Observações para uma teoria geral das ideologias*, escrito por Pêcheux e assinado pelo pseudônimo Herbert ([1967] 1995).

Pautado na crítica dos métodos e visando inscrever-se na reflexão sobre as práticas e os instrumentos científicos, Pêcheux

⁷ A esse respeito, ver também Scherer; Dias; Petri (2014, [no prelo]).

propõe um dispositivo de análise de discurso que signifique, de fato, como um instrumento científico, algo que lhe dê bases para uma reflexão sobre o discurso científico, base de reflexão essa que vai resultar no projeto da AAD69 – Análise Automática do Discurso. Parece-nos, então, ser esse o momento em que o autor francês se volta a Saussure, relendo-o, criticando a metodologia da construção de sua teoria e propondo uma releitura que tributasse a Saussure outros méritos para além do que já estava instituído nos anos de 1960. Parece também ser este o momento em que Pêcheux toma posição crítica em relação aos trabalhos pós-estruturalistas que tratavam o sistema linguístico saussuriano apenas de um ponto de vista unidimensional. De fato:

Pêcheux pose, quant à lui, la question de la place théorique du “discours” au sein du modèle saussurien. Le problème est le suivant : des interrogations telles que « Que veut dire ce texte? » sont systématiquement exclues de l’analyse linguistique. Les réponses sont alors présupposées, abandonnées ainsi aux évidences de l’expérience empirique. Selon Pêcheux, c’est précisément le fait de « laisser à découvert le terrain » sans qu’il soit réinvesti par une autre science, qui autorise les idéologies à le (ré)envahir. En d’autres termes, bien que la linguistique se soit constituée en tant que science à travers une coupure épistémologique « saussurienne », elle a « oublié » de développer une théorie adéquate de la production du sens dans le discours. (Helsloot; Hak, 2000, p. 14)⁸.

Apesar da crítica à questão epistemológica, o que se observa é que Pêcheux reconhece o deslocamento operado por Saussure. Em

⁸ Tradução nossa: “Pêcheux coloca a questão do lugar teórico do ‘discurso’ no seio do modelo saussuriano. O problema é o seguinte: as interrogações tais como ‘O que quer dizer este texto?’ são sistematicamente excluídas da análise linguística. As respostas são então pressupostas, abandonadas assim às evidências da experiência empírica. Segundo Pêcheux, este é precisamente o fato de ‘deixar a descoberto o terreno’ sem que ele seja reinvestido por uma outra ciência, que autoriza as ideologias a (re)invadi-lo. Em outros termos, ainda que a linguística seja constituída enquanto ciência através de um corte epistemológico ‘saussuriano’, ela ‘esqueceu’ de desenvolver uma teoria adequada da produção do sentido no discurso”.

Pêcheux, a língua – objeto bem delimitado pela Linguística Moderna – inscreve-se no interior de uma formação social, produzindo sentidos, mas, em relação a esse conceito, ainda havia muito por fazer, em particular neste momento da história. Pêcheux parte do pressuposto de que já está em Saussure a ideia de que a língua não desempenha uma função qualquer, seja ela enunciativa, comunicativa ou interacional, uma vez que, pelo social, a língua tem um funcionamento próprio, sendo esse “um adquirido científico irreversível” (Maldidier, [1990] 2003, p. 22). Aproximadamente 50 anos depois da publicação do CLG, o autor francês já tem acesso a leituras cristalizadas, o que lhe possibilita problematizá-las a partir de críticas severas em relação ao trabalho de linguistas leitores de Saussure (para exemplificar, podemos fazer especial alusão às críticas dirigidas a Chomsky, em *A língua inatingível*). Para Mazière (2007, p. 50), “a entrada em AD [se] faz exatamente com esse propósito teórico, essencialmente por meio de uma crítica da língua saussureana, tal qual foi fixada por uma leitura indireta do *Curso de Linguística Geral* (1916)”. É ao adentrar a linguística e ao reler criticamente Saussure que Pêcheux nos mostra que ele “não é tão fácil assim!” e que merece o respeito e o cuidado do leitor/linguista que, no afã de produzir saber sobre a língua, pode ler Saussure sem atribuir a ele a complexidade que realmente engendra.

Em texto tido por muitos como “inaugural” para a Análise de Discurso e intitulado “Análise Automática do Discurso (AAD-69)”, Michel Pêcheux traz a contribuição de Saussure como a introdução de um deslocamento conceitual que:

[...] consiste precisamente em separar essa homogeneidade cúmplice entre a prática e a teoria da linguagem: a partir do momento em que a língua deve ser pensada como um *sistema*, deixa de ser compreendida como tendo a *função* de exprimir sentido; ela torna-se um objeto do qual uma ciência pode descrever o *funcionamento* (retomando a metáfora do jogo de xadrez utilizada por Saussure para pensar o objeto da linguística, diremos que não se deve procurar o que cada parte *significa*, mas *quais são*

as regras que tornam possível qualquer parte, quer se realize ou não). (Pêcheux, [1969] 1990, p. 62, grifo do autor).

Esta citação de Pêcheux propõe um gesto de interpretação ao trabalho do fundador da Linguística moderna, explicitando especialmente a proposta de desconstrução da ideia de homogeneidade entre teoria e prática da linguagem. Para Pêcheux, ao separar metodologicamente língua e fala, Saussure demonstra que a heterogeneidade é constitutiva do objeto de estudo da Linguística, tornando, assim, visível a contradição que lhe é inerente. Essa questão retornará com mais propriedade na obra *A Língua Inatingível*, de Gadet e Pêcheux ([1981] 2004, p. 63), sendo nela que os autores desenvolverão a ideia de que Saussure não resolve a contradição, “invisível antes dele, que une a língua à alíngua: ele a abre, tornando-a visível”. É nesse espaço que se instala o analista que estuda o discurso e está aí, portanto, um dos méritos saussurianos para a constituição da Análise de Discurso.

Ainda na AAD-69, Pêcheux trará à baila a noção de efeito metafórico, concebido como:

[...] o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, para lembrar que esse “deslizamento de sentido” entre *x* e *y* é constitutivo do “sentido” designado por *x* e *y*; esse efeito é característico dos sistemas linguísticos “naturais” (Pêcheux, [1969] 1990, p. 96, grifo do autor).

para introduzir sua reflexão a propósito da noção saussuriana de valor, mais desenvolvida também em *A língua inatingível*, já que é o valor aquilo que promove a observação do efeito metafórico em materialidades linguísticas. De fato, o texto que inaugura as discussões em *A língua Inatingível: o discurso na história da Linguística*, nomeado “Introdução” e intitulado “A língua de Marte”, reserva a Saussure um lugar muito especial como aquilo que retorna “com insistência de um estranhamento familiar” (Gadet; Pêcheux, [1981] 2004, p. 21) e dá a ele o estatuto de estar no “momento histórico dos começos”, a partir da noção que Pêcheux

considera essencial na teoria saussuriana, a “constituição do princípio de valor” (Gadet; Pêcheux, [1981] 2004, p. 22).

Em *A Língua Inatingível*, Gadet e Pêcheux dedicam dois outros textos a Saussure, intitulados respectivamente “Dois Saussure?” e “A irrupção do equívoco no real”. Em “Dois Saussure?”, analisando a história da Linguística, os autores perguntam-se se haveria dois Saussures encaminhando os linguistas para diferentes posicionamentos teóricos, uma vez que é Saussure, “direta ou indiretamente, a pedra de toque de todas as escolas linguísticas atuais” (Gadet; Pêcheux, [1981] 2004, p. 55). Haveria um Saussure do *Curso de Linguística Geral*, “tanto mais claro e frio quanto for comentado segundo a leitura dos editores”, e um Saussure dos anagramas, “em que vaga a obscura loucura da decodificação, das associações escondidas nos versos saturninos” (Gadet; Pêcheux, [1981] 2004, p. 55)? Como poderia o Saussure noturno dos anagramas, que trabalhava a poesia, esconder-se do Saussure diurno do *Curso de Linguística Geral* e negar à língua a propriedade de deslizamento inerente a ela própria?

Para os autores, a positividade do contexto histórico e social em que Saussure foi lido não permitia que relações complementares fossem vistas senão em termos de exclusão, como se língua fosse oposta a fala e como se significado se opusesse a significante. Inevitavelmente, essas leituras fizeram da língua “uma rede de diferenças sem termo positivo” (Gadet; Pêcheux, [1981] 2004, p. 58) e acabaram por se estender à da teoria do valor, a qual corria o risco de, também, segundo Gadet e Pêcheux, ser inadequadamente interpretada, tendo em vista a metáfora da finitude de regras do xadrez, que encaminharia a uma possível compreensão da língua como, de fato, reduzida à finitude do seu próprio sistema.

Gadet e Pêcheux ([1981] 2004, p. 59) postulam que o equívoco da metáfora e do associativo seria ameaçado de “desaparecer sob a univocidade psicológica das escolhas e intenções no interior do paradigmático...”. Em outras palavras, seria, para os autores, o que

está em ausência (e a possibilidade da metáfora) aquilo que incomodava a Linguística e que, portanto, dividia os teóricos. Menos complexo do que compreender a língua em seu funcionamento a partir da relação necessária entre um eixo paradigmático e um eixo sintagmático, podia ser a compreensão da língua a partir de relações dicotômicas, em que um elemento negaria ou mesmo excluiria o outro. No entanto, se, no sistema linguístico, os signos se constituem a partir da relação entre um eixo paradigmático e um eixo sintagmático, tanto a ideia de oposição quanto a ideia de complementaridade – do politicamente resolvido – são desconstruídas se observadas sob o viés da heterogeneidade, tendo em vista que a existência de dois eixos não implica contrariedade e negação, e sim, nesse caso, diferença.

No CLG, afirma-se que “na língua só há apenas diferenças *sem termos positivos*” (Saussure, [1916] 2000, p. 139, grifo do autor), porque sons e ideias não preexistem ao sistema, o que nos encaminha para a oposição constitutiva entre significante e significado. O próprio mestre, no entanto, faz a ressalva de que tornar tudo na língua negativo só é possível quando trabalhamos com as partes constituintes do signo de modo separado. Considerado como unidade, ou em sua *totalidade*, como propõe Saussure ([1916] 2000, p. 140-141, grifo do autor), o signo é algo positivo se tomado em sua ordem própria: “aplicado à unidade, o princípio da diferenciação pode ser assim formulado: *os caracteres da unidade se confundem com a própria unidade*. Na língua, como em todo sistema semiológico, o que distingue o signo é tudo o que o constitui”. Na cadeia sintagmática, portanto, as combinações de um ou outro signo preservam suas naturezas puramente diferenciais: cada signo comporta um significante unido a um significado, sendo essa singularidade justamente aquilo que permite as articulações no sistema linguístico. Como afirma Saussure, “O próprio da instituição linguística é justamente manter o paralelismo entre essas duas ordens de diferença” (Saussure, [1916] 2000, p. 140).

Para Gadet e Pêcheux, aquilo que torna possível a constituição de uma rede sintagmática e a combinação regradada/regularizada de elementos em presença é uma das definições que, de fato, singulariza a teoria saussuriana, tornando-a sempre pertinente e atual pela contradição mesma que ela instaura:

[...] é pelo papel constitutivo da ausência que o pensamento saussuriano resiste às interpretações sistêmicas, funcionalistas, gestaltistas e fenomenológicas que, entretanto, elas não cessam de provocar. A revolução saussuriana provoca o esfacelamento da complementariedade. (Gadet; Pêcheux, [1981] 2004, p. 58).

A língua inatingível representa, assim, um momento em que Pêcheux reafirma, com propriedade, a teoria do valor: não há “dois Saussure”; há, sim, uma teoria do valor que só pode ser compreendida se associarmos o Saussure diurno ao noturno. Sem ausência, não há presença, e um Saussure não exclui o outro. A possibilidade de estabelecer relação entre o Saussure diurno e o Saussure noturno é o que faz retornar, na Análise de Discurso, a questão da diferença, da heterogeneidade que vai ser constitutiva do objeto de estudo da Linguística: a língua. Afinal, para Gadet e Pêcheux, é a língua, não o poético, nem o verso saturnino, que pode ser vista em sua relação com o real e com o equívoco: sem poesia, nós não saberíamos que “a língua se inscreve no real, e os trocadilhos, lapsos, etc., seriam acidentes” (Gadet; Pêcheux, [1981] 2004, p. 63, [em referência a Milner]).

Não há, portanto, um lugar determinado da poesia na língua porque “o que afeta e corrompe o princípio da univocidade na língua não é localizável nela: o equívoco aparece exatamente como o ponto em que o impossível (linguístico) vem aliar-se à contradição (histórica): o ponto em que a língua atinge a história” (Gadet; Pêcheux, [1981] 2004, p. 64). Assim, talvez seja a poesia o ponto máximo da teoria do valor ou aquilo que dessa teoria extrapola, promovendo a visibilidade do dissenso no interior da Linguística, ou seja, aquilo que é possível na língua, mas que rompe com o ideal do sistema, porque prevê a inscrição da língua

na história, a relação da língua com a exterioridade, tornando-a exposta às condições de produção e ao funcionamento da ideologia. Um Saussure noturno, portanto, e um Saussure diurno, o que é e o que pode o sistema linguístico.

A língua: de Saussure a Pêcheux

Para especificar um pouco mais nossa reflexão sobre a noção de língua de Saussure a Pêcheux, tomamos um elemento que nos chama especial atenção no que diz respeito à definição de signo linguístico e à sua bipartição em significante e significado, a fim de, também, refletirmos sobre o pressuposto pecheutiano da materialidade da língua. No CLG, percebe-se um esforço muito grande em explicitar as diferenças entre as duas esferas do signo e em mostrar, ao mesmo tempo, como, juntos, significante e significado são constitutivos da unidade de análise da ciência linguística. A relação entre ambos é, no CLG, um modo de se chegar ao objeto da ciência, mais propriamente à língua enquanto sistema. Em uma das investidas nesses conceitos, teremos o que segue:

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (Saussure, [1916] 2000, p. 80).

Dessa citação destacamos as duas ocorrências da palavra *material*: a primeira para afirmar que som é algo físico, portanto, material, diferente do que virá a ser denominado como significante; a segunda, entre aspas, para marcar a diferença entre significado (“mais abstrato”) e significante (não abstrato, logo material). Em gesto de leitura sobre a mesma citação do CLG, Paveau e Sarfati (2006) afirmam que, nessa pontuação sobre a diferença entre o

aspecto abstrato e o aspecto não material do signo (ainda que concreto), reside a articulação entre a Fonética (ciência do som material) e a Fonologia (ciência da imagem acústica). Com tal articulação, Saussure dá forma ao signo como uma entidade psíquica, que os autores redefinem como “igualmente [...] abstrata” (Paveau; Sarfati, 2006, p. 71).

Tratar de abstração, no que tange à teoria saussuriana, é pensar no que é da ordem do psíquico e que não preexiste enquanto tal. Ocorre que, para os analistas de discurso, o caráter material da língua é um elemento muito caro, pois constitui os fundamentos pecheutianos, de tal modo que essa condição não passa despercebida nas leituras que são feitas da teoria saussuriana. A materialidade, para Pêcheux, é condição *sine qua non* para a constituição da língua enquanto base para os processos discursivos, não procedendo qualquer distinção entre o que seria concreto/material e o que seria abstrato.

Com Pêcheux e Fuchs ([1975] 1997, p. 166), vamos entender que “se deve conceber o discursivo como um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica”, na qual a língua funciona como base, pois

[...] estando os processos discursivos na fonte da produção dos efeitos de sentido, a língua constitui o lugar material onde se realizam estes efeitos de sentido. Esta materialidade específica da língua remete à idéia de “funcionamento” (no sentido saussuriano), por oposição à idéia de “função”. A caracterização desta materialidade constitui todo o problema da linguística (Pêcheux; Fuchs, [1975] 1997, p. 172).

Funcionamento, em Análise de Discurso, é um conceito empregado para referir o discursivo constituído na e pela ordem da língua. Orlandi ([1983] 2001, p. 125) o define como “a atividade estruturante de um discurso determinado, por um falante determinado, para um interlocutor determinado, com finalidades específicas”. É no e pelo funcionamento discursivo, então, que significam não apenas os sujeitos em situação de interlocução, como também “a relação que eles mantêm com a formação

ideológica” (Orlandi, [1983] 2001, p. 125). Pêcheux e Fuchs, no entanto, referem a materialidade da língua em associação à ideia de funcionamento saussuriano, para assim, distanciar funcionamento da ideia de função. Para melhor entendermos esse deslocamento, tomamos as palavras ao “pé da letra”: função seria aquilo que é naturalizado, o instrumento para; e funcionamento, o processo. Na teoria saussuriana, é o funcionamento, e não a função, que remeteria aos signos em associação, coexistindo no sistema, sendo essa sua única realidade possível. O funcionamento pressupõe o valor, já que, se um signo existe e significa como tal em relação aos outros, é porque eles não têm valor senão no funcionamento interno do próprio sistema. Em outras palavras, a materialidade linguística não pode ser associada à função, e sim ao funcionamento do sistema saussuriano porque o signo não é substância ou matéria; trata-se, de outro modo, de forma⁹, ou melhor, de formas em funcionamento, princípio necessário para que as línguas distingam-se uma das outras¹⁰ e para que o discurso se realize enquanto tal.

A respeito da problemática de definição desse funcionamento, que na teoria saussuriana se concretiza pela linearização dos signos no eixo sintagmático, e que em outro alcance poderia ser associado à materialidade linguística, pelo próprio da língua acontecendo e significando, Pêcheux e Fuchs ([1975] 1997, p. 173) acrescentam que “O que falta atualmente é uma teoria do funcionamento material da Língua em sua relação consigo própria, isto é, uma sistematicidade que no se opõe ao não-sistemático (Língua/fala), mas que se articula em processos”. Essa seria, portanto, a tônica da proposta de pensarmos a materialidade linguística sob o ponto de vista discursivo e um dos pontos mais interessantes da releitura

⁹ Para Saussure ([1916] 2000, p. 131, grifo do autor), o terreno limítrofe em que se combinam significante e significado faz com que a língua produza “*uma forma, e não uma substância*”.

¹⁰ Para mais sobre as diferenças entre materialidade, forma e substância, ver Orlandi (2012), listada nas referências finais desse artigo.

saussuriana de Pêcheux e Fuchs ([1975] 1997, p. 179): “o discursivo só pode ser concebido como um processo social cuja especificidade reside no tipo de materialidade de sua base, a saber, a materialidade linguística”.

Com essa reflexão sobre a noção de língua e seu funcionamento, enquanto base material para a produção e sentidos, acreditamos que se estabelece uma diferença fundamental da leitura de Pêcheux sobre o CLG em relação aos demais linguistas que tributam a Saussure a fundação da Linguística Moderna: Pêcheux reconhece o mérito de Saussure, mas não se refugia nas descobertas saussurianas, explicitando que a questão da produção dos sentidos ainda estaria à descoberta. É pela Análise de Discurso, tal como foi pensada por Pêcheux e seus interlocutores, que a língua ganha um estatuto especial, passando a ser trabalhada do ponto de vista semântico. Dito de outro modo, o par saussuriano significação/valor é algo que, na leitura pecheutiana, precisava ser mais desenvolvido, de tal modo a ligar-se “a significação à fala, ao sujeito, e o segundo à língua” (Maldidier, [1990] 2003, p. 30). Com o conceito de materialidade e a partir do trabalho de Pêcheux sobre a noção de “efeito metafórico”, que coloca em funcionamento as relações entre a noção de língua e a noção de valor, poderia ser desconstruído também o par opositivo “língua/linguagem sem sacrificar a língua” (Mazière, 2007, p. 58).

Em Pêcheux, os processos de produção de sentidos estão em primeiro plano e em relação com a exterioridade e a historicidade, estando, portanto, sujeitos a falhas e ao equívoco na e pela língua. Pensar na produção de sentidos da perspectiva pechetiana é ir além do que pode a ciência linguística, fundada por Saussure, ou do que pode a Linguística, que possibilita o desenvolvimento do formalismo ou do subjetivismo, pois é pelo trabalho de uma “semântica discursiva” que se poderá dar conta das contradições da e na língua que Saussure explicitou com suas reflexões presentes no CLG. Afinal, “o sentido, objeto da semântica, excede o

âmbito da linguística, ciência da língua” (Mazière, 2007, p. 31), mas compreender o que excede a Linguística e inscrever-se nesse lugar desconfortável de trabalhar no interior mesmo das contradições não joga a Análise de Discurso pecheutiana para fora da ciência linguística, posto que, como nos diz Courtine (1999, p. 18), “para trabalhar com a categoria de discurso, é necessário ser linguista e deixar de sê-lo ao mesmo tempo”. Tanto isso é fato consumado que a superfície do discurso é um observatório profícuo para um analista de discurso, pois ele pode observar as sistematicidades da língua no discurso, levando em conta a definição saussureana de língua como sistema, embora este sistema não seja completo e fechado sobre si mesmo.

Orlandi (2012, p. 39), ao discutir a posição de Pêcheux na AAD, destaca, com muita propriedade, que já lá o autor “põe em relação a língua ‘sujeita a falhas’ e não como um sistema fechado [tal como o pensou Saussure] e a ideologia, cuja estrutura/funcionamento se assemelha à do inconsciente”. Assim, nos deparamos com uma concepção de língua diferenciada, numa retomada da noção saussuriana e, para além disso, posta em relação à exterioridade e à constituição do sujeito. Ou como afirma Malidier ([1990] 2003, p. 22), é “sempre manter-se no ponto de encontro da língua, tomada na pura acepção saussuriana de sistema, e de coerções irreduzíveis à ordem linguística e ao sujeito psicológico”.

Considerações finais

A posição fundante de Saussure e do CLG ainda é objeto de discussões bastante atuais e recorrentes no campo das Ciências da Linguagem. Pêcheux, Haroche e Henry ([1971] 2008) referem-se a essa recorrência como um *lugar comum* na Linguística. No caso específico da obra de Pêcheux, apesar do deslocamento teórico proposto pela AD, o autor acreditava que o “próprio da língua”

havia se perdido “da vista” dos linguistas. Em texto de 1982¹¹, por exemplo, Pêcheux demonstra acreditar que o CLG não tenha sido devidamente trabalhado pelas diversas correntes linguísticas do século XX, uma vez que estas se ocuparam do CLG ou para dele se afastarem, negando-o, ou para a ele retornarem. Em outro texto, datado de 1971¹², junto a Henry e Haroche, os autores se referiam a um equívoco de compreensão do trabalho de Saussure, equívoco este derivado de certa confusão na leitura dos conceitos língua e linguagem. Em *A Língua Inatingível*, Gadet e Pêcheux ([1981] 2004, p. 63) pontuam que “a língua é um sistema que não pode ser fechado, que existe fora de todo sujeito, o que não implica absolutamente que ela escape ao representável”. Assim sendo, longe de finalizarmos com uma conclusão, fechamos o texto com a certeza e a reiteração da continuidade: Saussure ainda é hoje nosso ponto de referência em Linguística e sua teoria da língua como sistema é o que dá vazão a todas as nossas reflexões. Como afirmamos no início do texto, o que no CLG foi inaugurado, “continua a se manifestar por efeitos paradoxais” (Gadet e Pêcheux ([1981] 2004, p. 55), e é pela Análise de Discurso que podemos observar e explicitar as contradições que lhe são constitutivas.

Referências

Auroux, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Unicamp, 1992.

Gadet, Françoise; Pêcheux, Michel [1981]. *A língua inatingível: o discurso na história da Linguística*. Tradução de Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004.

¹¹ “Sobre a desconstrução das teorias linguísticas”, traduzido e publicado no Brasil em 1998.

¹² “A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso”, traduzido e publicado no Brasil em 2008.

Haroche, Claudine; Henry, Paul; Pêcheux, Michel [1971]. A semântica e o corte saussureano: língua, linguagem, discurso. Tradução de Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. *Linguasagem*, UFSCAR, São Carlos, n. 3, out./dez. 2008. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao03/traducao_hph.php>. Acesso em: 04 set. 2013.

Helsloot, Niels; Hak, Tony. La contribution de Michel Pêcheux à l'analyse de discours. *Langage et société*, n. 91, mar. 2000. Disponível em: <http://www.cairn.info/resume.php?ID_ARTICLE=LS_091_0005>. Acesso em: 04 jun. 2014.

Herbert, Thomas [1967]. Observações para uma Teoria Geral das Ideologias. Tradução de Carolina Rodriguez Zuccolillo, Eni Orlandi e José Horta Nunes. *RUA*, Campinas, n. 1, p. 63-89, 1995.

Maldidier, Denise [1990]. *A inquietação do discurso: (Re)Ler Michel Pêcheux hoje*. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

Mazière, Francine. *A análise do discurso: história e práticas*. Tradução de Marco Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2007.

Orlandi, Eni Puccinelli [1983]. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2001.

_____. *Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.

Paveau, Marie-Anne; Sarfati, Georges-Élia. *As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática*. Tradução Maria do Rosário Gregolin. São Carlos: Claraluz, 2006.

Pêcheux, Michel [1975]. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Tradução de Eni Orlandi et al. Campinas: Unicamp, 2009.

_____. [1982]. Sobre a desconstrução das teorias linguísticas. Tradução de Celene M. Cruz e Clémence Jouët-Pastré. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, n. 2, Campinas, p. 7-32, 1998.

Pêcheux, Michel; Fuchs, Catherine [1975]. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: Gadet, Françoise; Hak, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso*:

uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1997.

Saussure, Ferdinand de [1916]. *Curso de Linguística Geral*. 22. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2000.

Scherer, Amanda Eloina; Dias, Cristiane; Petri, Verli. *Dialectiques: uma contribuição para a história da produção do conhecimento sobre a linguagem nos anos 60, 70 e 80*. In: Baldini, Lauro (Org.). *Análise de Discurso e Materialismo Histórico: língua, sujeito e ideologia*. [No prelo], 2014.

Lacan
leitor de Saussure

Do escrito como borda da língua

Eduardo Vidal¹

Com Saussure

O encontro com os manuscritos que Ferdinand de Saussure escrevera, como base e suporte de seu ensino, abre a possibilidade de ler o escrito de um autor que se transmitiu quase exclusivamente de forma oral. Em 1996 foram “descobertos”, na residência da família, manuscritos do curso que Saussure ministrara entre 1906 e 1911 e que Rudolf Engler, que dedicara sua vida a decifrar seu texto, publicara com Simon Bouquet em 2002, sob o título de *Escritos de linguística geral*, junto com outros manuscritos já editados anteriormente. Engler e Bouquet conservaram, para essa edição, o essencial do nome que Bally e Sechehaye, discípulos que assistiram os três períodos do curso de Saussure, atribuíram as notas que eles tomaram e depois compilaram para a publicação do *Curso de Linguística Geral* em 1916. Este livro era o produto de um árduo trabalho de escrita na direção de constituir a linguística como ciência, sendo crucial nesse projeto transmitir as ideias do mestre de um modo claro e sistemático. O estabelecimento do texto, a organização dos fragmentos, a designação das partes, de autoria dos discípulos mencionados, produziram uma obra tão coerente que durante quase um século foi lida como sendo letra do próprio Saussure. A teoria moderna do signo deve muito a essa obra, construída com um critério de ordenação e de inteligibilidade apropriado ao

¹ Psicanalista, membro da Escola Letra Freudiana. Mestre em Filosofia pela PUC-RJ.

discurso universitário em que os editores transitavam e ao espírito científico que os animava.

No prefácio à publicação dos manuscritos, seus editores Engler e Bouquet explicitam a decisão de manter o termo *linguística geral* no título dos escritos de Saussure. *Linguística geral* foi o nome com que o curso foi apresentado na Universidade de Genebra em 1906, nome ao qual Saussure não outorgara grande importância. A decisão de conservar parte do título na edição dos manuscritos, mesmo reconhecendo que ele tem função de rótulo no pensamento de Saussure, os inscreve na trilha aberta em 1916, isto é, num projeto de ciência, segundo três vertentes: a da crítica epistemológica à uma prática científica, a da reflexão analítica sobre a linguagem, a da invenção de uma ciência por vir não inteiramente contida no conhecimento linguístico da época. Decisão incontestável desde a perspectiva da ciência que o mestre ajudara a construir. Engler e Bouquet salientam o caráter menos categórico, no que se refere ao programa científico, dos manuscritos de Saussure, se comparados com o curso publicado pelos discípulos.

Do escrito

A aparição dos manuscritos constitui um acontecimento a ser considerado como a emergência de algo do real da língua e nos permite lançar algumas questões relativas à função do escrito em Saussure. Foram poucos os escritos publicados durante sua vida e só uma compilação de seus artigos apareceu em 1922. Sabe-se que destruiu os borradores de seu curso imediatamente depois das aulas e em algum momento exprimiu uma fobia que se manifestava por um horror à escrita que o submergia num suplício torturante. A isto se soma um silêncio profundo sobre sua vida pessoal e uma solidão extrema de um criador que avançava ideias, noções e conceitos sobre a língua não muito escutados fora do entorno de seus discípulos. Sua morte em 1913, pouco depois de

proferir os três cursos de linguística geral, interrompe o tempo de um a-posteriori necessário para a decantação da escrita. Uma sombra de enigma paira sobre Saussure que a aparição dos manuscritos não desvenda, mas relança o desejo de decifrar a língua que nos habita.

Saussure atesta o impacto da língua e responde a ele com frases interrompidas, com pequenos esquemas, com alguns diagramas, traçados e desenhos. Fazemos a suposição de que Saussure chega ao signo, como cristal de uma língua, por ter sido afetado de um modo real pelo significante, só lhe restando passá-lo ao escrito.

Não há aproximação do real que não passe pelo escrito. O signo escrito responde ao real implicado na produção da significação. É relevante a insistência nos manuscritos do termo *fait*, fato, derivado de *factum*, que se refere àquilo que é feito, implicando a dimensão jurídica na ação. Outra acepção do termo indica aquilo que aconteceu, o acontecimento no seu caráter material e real. A língua não é uma elucubração, ela é feita de fatos de linguagem que afetam os sujeitos falantes. Ao abordar o plano fonatório na formulação de uma locução, Saussure enlaça o fato fonológico ao acústico salientando que nem o organismo do aparelho fonador nem o do sistema auditivo em funcionamento são apenas dados naturais, eles constituem fatos circunscritos pelo simbólico, inseridos na linguagem. Por se tratarem de fatos há uma exigência lógica de abordá-los pela via do escrito.

O ato de palavra é ímpar, é singular. Na apreciação de Túlio de Mauro no ato o que interessa não é a execução, isto é, o que os locutores 'fazem', mas o que eles 'sabem', no interior mesmo de seu saber. Até que ponto o real do ato da palavra força a construção de um saber da língua, eis uma questão que o Saussure dos manuscritos relança.

Os manuscritos são escritos não destinados ao leitor. São notas, anotações, restos de memória que como os outros borradores de seus cursos estariam, talvez, sujeitos à desapareição. Eles foram

encontrados ‘por acaso’ e, na contingência, lemos o aforismo lacaniano de que a carta, *la lettre*, chega sempre a seu destino. O destino se constitui no leitor eventual e inesperado a quem os manuscritos não estavam endereçados. A experiência do leitor dos manuscritos que não esperavam por ele é inédita. O leitor é confrontado com a inquietação de Saussure ante o material da língua, com sua perplexidade, com suas hesitações. O leitor faz a experiência da incompletude da língua através dos brancos, das rasuras, das interrupções no texto. A ilusão de um sistema completo e acabado não mais se sustenta. Trata-se mais de uma suspensão da compreensão e do sentido como lugar eletivo da passagem do real da língua. Saussure teria se deparado muito cedo, é nossa suposição, com esse real não podendo tratá-lo apenas como um sistema de conhecimento alheio a ele próprio enquanto falante. A língua o constitui e a escrita fragmentária testemunha da emergência de fragmentos que se impõem, como pedaços de real, ao linguista.

Da impossibilidade, o real da língua

Saussure escreve: “Eu tomo ao acaso: se um escritor em algum lugar em vez de *velhice* diz *senescência*, ele tem a certeza que a palavra exerce imediatamente sua ação”², provocando variadas associações em sentidos diversos. “A palavra (*senescência* ou outra) entra, portanto, no vocabulário, parecendo então que alguma coisa foi criada. E, efetivamente, uma coisa foi criada porque a criação que vai do pensamento ao signo é absolutamente indefinida”³.

A ficção do escritor evocada por Saussure nos aproxima daquele que faz a experiência da língua, o fazedor que se surpreende com a diversidade de cadeias de associações que uma palavra pode provocar. Pois, a palavra não retrata o objeto, o cria,

² Saussure, 2012 [Outros escritos de linguística, antigos documentos, 19 – semiologia], p. 226.

³ *Ibid.*, p. 226.

deixando uma margem de indefinição entre o pensamento e o signo. Prosseguimos com a citação:

Apenas considerações [], se a linguística fosse uma ciência organizada, como poderia facilmente ser, embora não o seja até agora, uma das afirmações mais imediatas seria: *a impossibilidade de criar um sinônimo*, como sendo a coisa mais absoluta e mais notável que se impõe entre todas as questões relativas ao signo⁴.

O texto manuscrito apresenta brancos como o indicado entre colchetes. O linguista se depara com a impossibilidade do sinônimo, já que a substituição de um signo por outro traz sérias consequências para o sentido de uma proposição. O escritor sabe disso, também o tradutor e todo ser falante em algum momento do dizer ou do escrever. Pois, o signo revela o que há de mais real na língua que se habita. E, se bem o signo não é sem os outros signos, o que há de diferente, o que há de distintivo, o que o faz signo vem da impossibilidade, da “coisa mais absoluta e mais notável” que se impõe com ele. O encontro com o impossível da língua teria orientado o trabalho de Saussure na direção de circunscrever o cristal da língua, de extrair o signo do vasto campo de relações que a linguagem constitui. Retomamos a citação:

A dificuldade que se tem para observar o que é geral na língua, nos signos de fala [*signes de parole*]⁵ que constituem a linguagem é o sentimento de que

⁴ Ibid., p. 226.

⁵ Saussure, ao pontuar a impossibilidade do sinônimo (a substituição numa língua de um termo por outro equivalente), nos permite pensar a impossibilidade entre línguas, como é o caso da tradução. O termo *parole* foi traduzido na obra de Saussure por *fala*, o que corresponde a uma acepção do termo em francês, o exercício de uma língua na linguagem falada, isto é, uma dimensão da faculdade de falar. Em francês, *parole* se diferencia do termo *mot* que indica a palavra enquanto correlação entre som e sentido numa língua dada. Contudo, na tradução *parole* = *fala* ficam excluídas a dimensão do sujeito e sua decisão de assumir um lugar no discurso, como quando se diz que alguém “toma a palavra”, “dá sua palavra”, “é palavra de honra!” Traduzir *fala* por *parole* é insuficiente, a nosso parecer, por deixar fora do registro da língua o sujeito que

esses signos pertencem a uma ciência muito mais vasta do que a “ciência da linguagem”. Falou-se um pouco prematuramente de uma *ciência da linguagem*. Era numa época em que ninguém, além de raros romanistas, poderia conhecer a ideia do que é A LÍNGUA, nem mesmo UMA língua em sua evolução. A primeira tentativa []⁶.

Se no parágrafo precedente, Saussure podia imaginar uma linguística mais organizada da existente até então, neste último aponta para uma dificuldade que pode operar como limite. O termo *geral* não convém ao estudo de uma língua já que os signos de fala não pertencem exclusivamente à ciência da linguagem. Desde essa perspectiva, seria inapropriado construir uma ciência que se pretenda única na abordagem das questões que a LÍNGUA – no manuscrito em maiúsculas – suscita no campo do saber, fato que fica patente quando se trata de UMA língua em particular.

A suposição de que uma ciência poderia ser exaustiva ao sistematizar os fatos da linguagem é questionável em duas direções. A primeira se refere ao sujeito implicado no fato de linguagem, dimensão que a ciência pretende em grande parte suprimir; a segunda se deve a que há um real na língua que implica uma dimensão opaca que nem sempre a transparência idealizada pela ciência clássica está em condições de reconhecer.

Da língua: dualidade, diferença, *quaternion*

O ideal de uma ciência abrangente e unitária não condiz com os fatos da linguagem com os quais se confronta Saussure na abordagem de *uma* língua. Nos antigos documentos compilados por Engler (1968-1974) se lê a lei da dualidade que rege o signo. Na associação interior, o signo se apresenta como dois lados heterogêneos, que Saussure desenha em duas posições separadas por uma barra. Dualidade que também se manifesta no nível do

assume o ato da palavra, comprometendo-se com dito ato. Não seria precisamente essa a pretensão da ciência?

⁶ Ibid., p. 226.

indivíduo e da massa. Pois, a língua se impõe a um indivíduo por uma sanção coletiva. “A língua é social ou então não existe!”⁷. O signo se divide, então, em dois sistemas: o indivíduo fala uma língua que está inexoravelmente ligada a uma massa humana existente. Questão que leva a mais uma dualidade em que “o signo é entregue a uma dupla manutenção”⁸. Trata-se da língua e da fala. A língua, como estrutura social, não depende do indivíduo. Ela tem uma existência própria. O indivíduo participa nela pela fonação, operando a combinação dos elementos da fala. Só aqui entra a dimensão da vontade individual na qual reconhecemos o lugar que Saussure destina ao sujeito. Com o termo linguagem Saussure procede a enlaçar a heterogeneidade entre língua e fala. A língua reside na alma da massa falante. Pensar uma língua fora da realidade social em que ela se realiza seria irreal; para que haja língua é necessário considerar o ser falante que se serve dela.

Saussure define, nos novos documentos encontrados, a linguagem como exercício de uma faculdade que existe no homem em tanto que uma língua consiste nas formas que a linguagem assume numa coletividade e numa época determinadas. A linguística que Saussure inaugura se afasta da concepção da língua pensada a partir de uma letra fixa, para articular na linguagem a função do sujeito falante como ser social, levando especialmente em conta o material significante na sua dimensão de som articulado como fala.

A pequena nota sobre o discurso formula a questão de que a língua só entra em ação como discurso; a concatenação das palavras com as idéias que evocam indicam o lugar de um sujeito que deseja comunicar alguma coisa a outro sujeito. O discurso põe em relação elementos que na língua permanecem isolados, constituindo um laço de significações entre os sujeitos falantes.

⁷ Saussure, op.cit. [Antigos documentos, 2a – notas para o curso II (1908-1909): dualidades], p. 258.

⁸ Ibid., p. 258.

À complexidade da articulação de relações numa língua dada, Saussure responde com o *Quaternion* que reúne quatro termos irreduzíveis a três relações também irreduzíveis: um signo – sua significação, um signo – outro signo, uma significação – outra significação. O sujeito falante é localizado no *quaternion* na medida em que a língua não percebe apenas a relação entre a ideia *a* e a forma vocal *A*. “Ela só percebe, na verdade, a relação entre duas relações”⁹.

$$\text{N\~{a}o apenas: } \frac{a}{A} \text{ mas tamb\~{e}m } \frac{a}{ABC} \text{ e } \frac{abc}{A}$$

isto é, a ideia *a* se desdobra em *a*, *b*, *c* e a forma vocal *A* abarca também *A*, *B*, *C*. O signo é arbitrário, quer dizer, resulta da relação entre termos, sendo que a relação entre ideia e forma também não é unívoca mas consiste no estabelecimento de um nó entre quatro termos irreduzíveis articulados a três relações do signo e da significação. A língua não é uma abstração: ela é ato onde um signo só existe linguisticamente quando é percebido pela consciência dos sujeitos falantes.

Na língua falada, num momento dado de sua existência, só há *diferenças* de signos e *diferenças* de significações. Não há umas sem as outras, mas isso não implica numa correspondência direta entre as diferenças. O linguista, atento à experiência do sujeito falante com a sua língua, não encontra apenas o signo como figura vocal, mas se depara com as relações das diferenças entre signos e significações. Cabe assinalar que uma figura vocal não emerge da sucessão dos mesmos sons nem de algum sentido que esteja atrelado a ela; uma figura vocal isolada não está determinada para a consciência do sujeito falante. Saussure coloca a questão: haveria a possibilidade de dizer: “esta palavra”... O uso da língua pelo sujeito falante “cria” uma suposta correspondência entre sequências de sons e ideias. Cria-se, então, a ilusão da existência de uma unidade na língua. Quando se tenta isolar a palavra na sua unidade ou a língua na sua origem, se

⁹ Saussure, op. cit. [Sobre a essência dupla da linguagem (Acervo BPU 1996)], p. 39.

desconhece que as palavras se dizem na oposição e na diferença a outras, que a língua é sempre deslizante e não há ponto de início.

A unidade! Não se deve sonhar com isso, já que jamais haverá uma palavra que realize sua unidade ou sua “existência”, senão pela combinação de fatos bucais com uma operação mental, de uma ordem inteiramente diferente. É agora que se começa a entrever que a e b são mais difíceis de captar que o fenômeno $a - b$ ¹⁰.

Daí, Saussure acreditar na possibilidade de uma operação com as palavras consideradas como letras da álgebra. Mas aqui o manuscrito deixa espaços em branco, se interrompe, indicando o plano de uma enunciação que poderá repercutir alhures, naqueles para quem a língua ainda tem seus enigmas, dando lugar ao desejo de que o trabalho de invenção prossiga.

Do signo saussuriano

Há ausência nos manuscritos até agora publicados do signo escrito tal como aparece no *Curso de Linguística Geral*. No entanto, nos deparamos com uma curiosa grafia do signo nas notas para o curso II (1908-1909) que Engler já publicara nos antigos documentos (1968-1974). Ao propor que a linguagem fosse reduzida a cinco ou seis dualidades, Saussure escreve a primeira delas, ligada à associação, assim

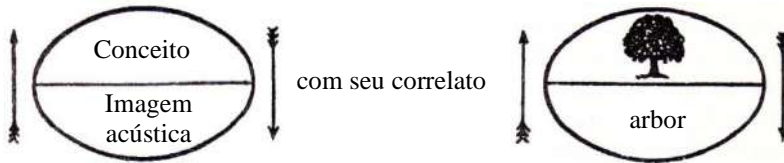


O desenho gráfico é composto por um traçado, uma barra e um ponto, elementos desprovidos de qualquer sentido.

¹⁰ Saussure, op. cit. [Unde exoriar (Acervo BPU 1996)], p. 241-242.

¹¹ Saussure, op. cit. [Antigos documentos, 2a – notas para o curso II (1908-1909): dualidades], p. 258.

No primeiro capítulo do *Curso* de 1916 denominado *Signo, significado, significante* o esquema do signo é o seguinte:



O signo está na base do processo de significação. A imagem acústica não é apenas o som de uma palavra; ela traz também seu efeito no sujeito e é inseparável do conceito. Esses dois termos heterogêneos são englobados por um círculo e separados por uma barra, e as duas flechas, em sentidos opostos, indicam a mútua incidência de um termo sobre o outro.

Dois princípios decorrem da escrita do signo. O da arbitrariedade, enunciando que não há nenhuma relação intrínseca que ligue o conceito ao significante, o que não implica uma livre escolha por parte do sujeito falante do significado de um signo numa língua dada. Princípio que se enlaça a outro: o caráter linear do significante, de natureza auditiva, que se efetua no tempo.

O signo introduz uma dimensão de valor que não se limita à propriedade que tem uma palavra de representar um conceito, pois o que aqui está em jogo é a relação do signo com os outros signos, tanto na diferença como na presença simultânea. Valor designa, portanto, a relação de um signo com outro signo, numa cadeia articulada; é impossível ler o signo como unidade isolada, portador de um sentido em si mesmo.

Conceito e imagem acústica passam a ser designados por significado e significante, “estes últimos termos têm a vantagem de marcar a oposição que os separa, seja entre eles, seja da totalidade da qual fazem parte”¹².

¹² Saussure, 2006, p. 81.

O signo passa a se escrever em termos estritamente linguísticos:



Com o signo assim escrito se produz uma redução da dimensão imaginária ligada à ideia da representação. O valor de um signo reside na oposição interna do significado e do significante, a barra sustentando a separação entre eles, e na oposição desse signo com os outros para constituir uma língua. Esta última escrita, com relação a precedente, é *outra* escrita. O significado pode não mais representar uma ideia ou um conceito cujo referente seria um objeto, do mesmo modo que o significante, tendo como suporte a materialidade do som, interessa a título do ato fonatório em que intervém. Pelo caráter de oposição, não há de se confundir o significado com a produção da significação.

O signo escrito oficia de célula elementar da língua, decorrente de um saber que comporta o limite. Foi necessário um tempo de parada no deslizamento incessante da cadeia do significante para que o signo fosse extraído de complexas relações no campo da linguagem, constituindo o ponto nodal do qual parte a significação para o sujeito falante.

A fala não recobre integralmente o campo da linguagem nem sua função se reduz à comunicação. Saussure entendeu que a linguagem implica a fala referida a uma língua dada em um momento de sua evolução. A noção de discurso enlaça o sujeito falante numa comunidade linguística. O escrito difere da fala, da palavra; ele não retrata algo 'natural' da língua. Saussure cria, inventa o signo em resposta às exigências e às questões que uma língua impõe aos seres falantes. O signo escrito, inaugural da ciência linguística, faz borda à língua.

Saussure e Freud

As investigações de Saussure com a língua são contemporâneas das formulações de Freud sobre o inconsciente. Contudo, apesar da contemporaneidade, não há sinais de que um tenha conhecido a obra do outro. M. Arrivé (2007) destaca o fato de que até o ano de sua morte, em 1913, Saussure era conhecido estritamente no círculo próximo dos linguistas e que *A interpretação dos sonhos* de Freud, publicada em 1900, não atravessara a fronteira das disciplinas que pudessem chegar ao interesse de Saussure. Situação que muda, como M. Arrivé salienta, a partir de 1920 quando o filho de Saussure, Raymond, inicia uma análise com Freud e publica, logo depois, uma tese com prefácio do analista, onde o linguista é mencionado. No entanto, Freud, que levava em consideração os estudos em linguística de sua época, não se consagrou à leitura de Saussure nem comentou a sua obra.

Silêncio significativo quando se trata de aproximar dois campos de saberes que tiveram uma importância decisiva na abordagem da questão do sujeito no século XX, não sem levar em conta a singularidade de cada um em suas dimensões heterogêneas.

Por um lado, a experiência analítica acontece na palavra que constitui um sujeito em análise – palavra que alcança uma significação no lugar do ouvinte que é suposto à função do analista. Portanto, o material em que se elabora a questão do sujeito é a palavra articulada na cadeia de associação ‘livre’ como o exige a ‘regra fundamental’ do processo analítico. Assim, o sonho constitui a via de acesso privilegiada ao inconsciente, de acordo com a exigência de escutar a rede de associações que o analisante produz a cada elemento do texto do sonho. Esse texto é o produto de um trabalho com os restos da língua, tratados como material significante, desprovido de significação, restos que sofrem a ação da condensação e de deslocamento, as duas operações principais

do trabalho implicadas no inconsciente, sob a égide do princípio de prazer.

Só há aproximação ao inconsciente pela via da palavra do sujeito. Freud “não descobre” o inconsciente como se se tratasse de um saber já existente que esperava pela sua revelação. Freud o inventa com os ditos dele próprio e com os daqueles que se dispuseram a realizar o trabalho da psicanálise. É dos ditos que se constrói o saber inconsciente, como fiapos de saber que se enlaçam a experiências acontecidas muito cedo, ainda antes de uma criança podê-las dizer em palavras. Experiências que, em grande parte, são inacessíveis ao próprio sujeito, afetadas pelo recalçamento. Rastros dessas experiências se inscrevem de maneira duradoura no inconsciente como marcas que guardam a satisfação paradoxal de outrora. O inconsciente constitui um saber das marcas de um gozo sexual experimentado com os outros que tomaram conta do sujeito nos primórdios de sua existência.

Na sua correspondência com Fliess, em carta de 6 de dezembro de 1896¹³, Freud antecipa que os signos de percepção, *WZ*, *Wahrnehmungzeichen*, constituem a primeira escrita, *Niederschrift*, das impressões que se registram no aparelho psíquico do recém-nascido. São signos que se ordenam periodicamente e, articulados, prefiguram o saber inconsciente que ali se cifra.

O próprio do signo é ser decifrado na direção de produzir o sentido. A interpretação do sonho consiste na decifração que toca um limite, o enigma não se revela, o inconsciente é um saber irreduzivelmente insabido. O limite opera de ponto nodal do inconsciente, a partir do qual não há mais nada a tirar. Dessa opacidade, como um cogumelo de seu micélio, segundo a expressão poética de Freud, emerge o desejo inconsciente.

¹³ Quis Freud que a correspondência fosse destruída por Fliess, seu destinatário, mas por uma longa série de avatares e depois de sua morte, ela chega à publicação. Um ponto de contato com a trajetória dos manuscritos de Saussure, não destinados pelo autor a sua publicação, que chegam finalmente a destino, o leitor que os toma como material e causa de seu trabalho.

Por outro lado, o projeto de linguística que Saussure pacientemente constrói não prescinde do lugar nem da função do sujeito falante. O fato de linguagem só existe para uma consciência, a do falante. A língua se realiza como discurso e os elementos materiais só ganham significação quando um sujeito deseja comunicar discursivamente algo a outro em posição de ouvinte.

Seria, então, o fato de linguagem um ato de nossa vontade? Saussure responde à questão dizendo que há uma gradação entre a vontade consciente e a inconsciente; o fato de linguagem é menos premeditado e menos refletido do que se supõe, mas, sem dúvida, também mais impessoal. À pergunta pelas modificações que se produzem no curso de uma língua, sejam elas fonéticas ou gramaticais, Saussure responde dizendo que elas não provêm de uma reflexão de um sujeito revisitando o tesouro da língua. “Toda inovação chega de improviso, ao falar, e penetra daí no tesouro íntimo do ouvinte ou no do orador, mas se produz, portanto, a propósito de uma linguagem discursiva”¹⁴.

Na primeira conferência ministrada na Universidade de Genebra em 1891¹⁵, Saussure formula a hipótese de uma linguística que não seja natural e sim, histórica, pois a língua se compõe de fatos e não de leis: fatos regidos pela contingência. Uma língua consiste no acúmulo de acontecimentos através dos tempos, como os depósitos glaciares, fatos nos quais não só o indivíduo intervém, mas também a comunidade.

Poderíamos aqui estabelecer um ponto de interseção das formulações de Saussure com o discurso freudiano, já que a dimensão do inconsciente supõe que o sujeito fale sem saber estritamente o que diz, fale mais do que crê saber, sendo mais falado do que falante. Saussure também se confronta com o fato de que o funcionamento de uma língua é impensado; o falante não é “consciente” das leis da língua que ele fala. Contudo, há uma

¹⁴ Saussure, op. cit. [Novos itens, 4 – o discursivo, lugar de modificações], p. 87.

¹⁵ Saussure, op. cit. [Primeira conferência na Universidade de Genebra (novembro de 1891)], p. 131.

radical diferença entre a modalidade inconsciente de um “saber impensado” e o inconsciente como “saber insabido”. Em Saussure se trata de uma qualidade do saber que se refere aos efeitos de uma língua para o sujeito falante. A noção de que a língua é um tesouro feito das modificações e transformações que se decantaram através dos tempos permite supor a existência de um saber armazenado nela. As modificações foram produzidas nos atos de fala dos sujeitos que não eram conscientes nem estavam avisados do que estava acontecendo na língua. A vontade consciente não cobre todas as dimensões de um ato de palavra, o que limita o alcance da ‘consciência’ na apreensão do ato de fala.

Por sua vez, Freud diferenciou, na denominação de “inconsciente”, a qualidade de um processo psíquico da instância que se funda na fixação do representante à pulsão no tempo primeiro do recalque, o recalque originário. O inconsciente é a suposição de um saber insabido no ser falante enquanto ele fala e do qual ele não quer saber nada. O saber inconsciente traz a marca, desde o momento de sua fundação, de como o corpo goza por sermos falantes.

Saussure e Freud, sendo a conjunção e a que os reúne, estabelecendo a singularidade do nome de cada um na emergência de dois discursos cruciais no século XX. São decorrentes da conjunção a diferença e a distância entre os dois saberes da língua, o saber do linguista e o saber do psicanalista. Saberes que se originam de práticas diferentes em que sujeito é concernido realmente pela língua que habita.

Saussure com Lacan

Freud procede na interpretação dos sonhos a uma análise linguística. O trabalho de decifrar um texto implica tomar o inconsciente como letra. Ao traço de uma letra se articula o desejo e Lacan dirá que Freud fazia ‘linguística’ sem sabê-lo, antes mesmo de que ela existisse. Freud teria inventado a linguística. Não é essa

a posição de Lacan para quem o inconsciente já se abria com Saussure. Essa é a 'distância' que separa Lacan de Freud, distância que faz possível escrever o inconsciente estruturado como uma linguagem, o que não deve ser entendido como uma analogia, pois a estrutura do inconsciente é a mesma da linguagem.

No escrito de 1957 "A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud", Lacan define a letra como "estrutura essencialmente localizada do significante"¹⁶. Instância é um termo jurídico que indica o lugar, sem esquecer a dimensão do tempo, na urgência do que insta a agir. Trata-se de uma instância de letra e não de significante. Há um laço entre a invenção de um saber e a escrita do que se decanta do saber. E a própria linguística, como as outras ciências, procedem da letra. Nesse lugar, Lacan rende homenagem ao ensino de Saussure nos três cursos reunidos pelos seus discípulos sob o título de "*Curso de Linguística Geral*".

Saussure *com* Lacan, a preposição *com* indicando a incidência do segundo sobre o primeiro em dois tempos: o da fundação da linguística com a escrita do algoritmo, inaugurando, pela sua vez, a instância da letra no inconsciente freudiano.

A linguística, como ciência que estuda uma língua existente na sua estrutura e nas suas leis, não poderia prescindir, na diversidade de suas escolas, "do algoritmo saussuriano"¹⁷ proposto por Lacan. Aqui a escrita incide, retroativamente, na própria linguística "que se sustenta como acontece com toda ciência no sentido moderno, no momento constitutivo de um algoritmo que a funda"¹⁸. Esse algoritmo é o seguinte:

$$\frac{S}{s}$$

O termo algoritmo, na sua etimologia, aponta para a noção de número e designa o conjunto de regras operacionais para a

¹⁶ Lacan, 1988, p. 505.

¹⁷ Ibid., p. 503.

¹⁸ Ibid., p. 500.

realização de um cálculo. A introdução do algoritmo está de acordo com o anseio de Saussure de que a linguística pudesse ser transmitida como uma álgebra. O passo de Lacan consiste em nomear de algoritmo uma escrita que não é meramente a translação da noção de signo do campo da linguística para o discurso analítico. O algoritmo reduz os termos a letras, *S*, significante e *s*, significado, em uma inversão de letras que não implica em dar uma primazia ao significante, senão em pontuar sua incidência no significado.

O algoritmo marca o lugar a partir do qual a linguagem pode ser interrogada. Ele rompe com a ilusão de que a função do significante seria representar o significado, ou ainda, que sua existência de significante estaria condicionada à produção de uma significação qualquer.

Isso supõe ir um passo além do debate sobre a arbitrariedade do signo, questão que foi retomada por Saussure dos estoicos, desembocando na inexistência de uma correspondência biunívoca entre a palavra e a coisa. Como Saussure demonstrou, a significação remete sempre a outra significação e a coisa, na sua raiz latina de *res*, se divide em causa e em nada, segundo o poder da palavra de criar a coisa sobre um fundo de ausência.

Não é questão de tomar o algoritmo como constituído por dois termos paralelos, cada um isolado em uma globalidade, o que o tornaria “o signo enigmático de um mistério total”¹⁹. Que o algoritmo careça de sentido, isso não equivale a considerá-lo inefável. Ao contrário, pela sua função de algoritmo, podemos vislumbrar o alcance do significante na experiência do ser falante, na qual, longe de produzir o ‘sentido do sentido’ que o positivismo lógico procura, nos confronta com “a surpresa de uma inesperada precipitação de sentido”²⁰.

O algoritmo presentifica a incidência, a entrada do significante no significado enquanto este desliza incessantemente sob a barra.

¹⁹ Ibid., p. 502.

²⁰ Ibid., p. 503.

A linearidade da cadeia do discurso – Saussure localizou nela a função-tempo como segunda propriedade do signo – corresponde à propriedade do significante de se compor numa cadeia significante, como enodamento de anéis que comporta uma escrita topológica. Na língua falada, a emergência da significação não pode prescindir do enlace do significante ao significante em termos de cadeia. A cadeia significante opera também no sentido da vertical a partir de cada um de seus elementos, fazendo-se ouvir uma polifonia de efeito poético.

O significante se antecipa sempre a uma significação “inacabada”. As frases interrompidas antes do elemento significativo são reveladoras da função do significante de se antecipar ao sentido. Como exemplo, na frase: “então você não...”, o sentido para e a estranheza que ali vem à tona se mostra densa de sentido “De onde se pode dizer que é na cadeia significante que o sentido *insiste*, mas que nenhum dos elementos na cadeia *consiste* na significação de que ele é capaz nesse momento”²¹.

O “algoritmo saussuriano” é escrito, é letra. A letra se lê de modo diferente em cada discurso. O algoritmo é inaugural da ciência linguística e escreve a tópica do inconsciente estruturado como uma linguagem.

A função significante que o algoritmo escreve dá o suporte à metonímia e à metáfora, os dois *tropos* que estão em uma relação de homologia com o deslocamento e a condensação, mecanismos que, no trabalho do inconsciente, participam do ciframento do texto do sonho.

Na metonímia a barra do escrito se faz patente, no seu caráter irreduzível em que se constitui a resistência à significação. De um significante a outro, de palavra *em* palavra, desliza a falta a ser que visa o desejo.

Na metáfora, uma palavra *por* outra, com a substituição significante há transposição da barra e emergência da significação

²¹ Ibid., p. 506.

do sujeito. O escrito, sustentado na barra, *barre*, aponta para a função do desejo coordenada ao lugar do sujeito no inconsciente.

A função do escrito não é a mesma em cada discurso. Tributário do discurso científico e oriundo da linguística, o significante é suposto manter relação com o significado, mesmo que Saussure designasse essa relação como arbitrária.

Já no discurso analítico, o escrito se especifica pelo irreduzível da barra: o significante é sem relação com o significado. A barra, como tudo o que é do escrito, não é para ser compreendida. Se houve chance, com Lacan, de passar o signo de Saussure ao escrito, isso se deve à existência da barra que impossibilita que S e s façam relação. Disse Lacan, em 1972, no seu seminário *Encore*, retomando o algoritmo: “Se não houvesse essa barra, com efeito, nada poderia ser explicado da linguagem pela linguística. Se não houvesse essa barra em cima da qual há significante que passa, vocês não poderiam ver o que do significante se injeta no significado”²².

Barre, em francês, é anagrama de *arbre*, o significante com que Saussure se introduz na questão do signo. Saussure foi especialmente tocado pela poesia dos versos homéricos e dos versos saturninos. A publicação de uma parte de seus anagramas, feita por Jean Starobinski em 1964, abre a toda uma outra dimensão de leitura na escrita de Saussure que se continua, recentemente, com a edição de seus anagramas homéricos.

Saussure começara suas reflexões sobre os anagramas em 1906, um pouco antes de iniciar o primeiro seminário do *Curso de Linguística Geral*. Existem inúmeros cadernos onde constam suas anotações, um verdadeiro trabalho de ciframento e deciframento que, em princípio, não estava destinado à publicação. Notas incompletas e fragmentárias, muitas vezes rasuradas, em consonância com os manuscritos que trabalhamos. Apesar de ter sido Roman Jakobson o primeiro em chamar a atenção para os anagramas, só recentemente começaram a serem publicados de forma integral. A partir do material escrito, não se sustentam mais

²² Lacan, 1975, p. 35.

os critérios de uma divisão de Saussure entre um trabalho científico e outro poético. Em sua obra, Saussure não retrocede ante a opacidade da língua, não só do francês, sua língua materna, mas também de tantas outras que ele frequentava. Opacidade que vai além da significação, sinalizando que o exercício de uma língua evoca um gozo difícil de localizar.

Os anagramas de Saussure são produtos de leitura. Ele não os encontrava simplesmente, como o mencionado “barre-arbre”, por uma recomposição de letras já existentes. Saussure criava os anagramas a partir da cadência e da sonoridade dos versos lidos. Estabelecia, então, uma lei baseada na repetição de uma sílaba ou de uma sequência de letras, extraída do som dos versos. Procedimento que o levava ao cerne da repetição na língua, em lugares em que o gozo ressoava.

Não constituiriam os anagramas de Saussure uma outra via que tornaria possível interrogar o escrito na função de fazer uma borda à opacidade encontrada na língua?

Os anagramas criados por Saussure vão além da significação. Eles apontam para letras e sílabas que, lidas de um certo modo, revelariam o nome de um deus venerado pela poesia. Teria Saussure, nos confins do signo, inventado os anagramas como borda ao enigma que a palavra não decifra?

Ferdinand de Saussure é o nome de uma experiência que não retrocede ante o real da língua, tendo se confrontado com o horror de um gozo pressentido. Lacan fez escrito do signo e, com a letra, escreveu a tópica do inconsciente. Saber insabido cifrado em volta das primeiras marcas que registra, como Freud escrevera, o inassimilável de um gozo que falta e que, como o sentido, está sempre em fuga. O escrito faz, uma e outra vez, função de borda da língua.

Referências

- Arrivé, M. Qu'en est-il de l'inconscient chez Ferdinand de Saussure. In: _____. *À la recherche de Ferdinand de Saussure*. Paris: Presse Universitaire de France, 2007.
- Lacan, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- _____. Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- _____. La fonction de l'écrit. In: _____. *Le Séminaire: livre XX: Encore*. Paris: Seuil, 1975.
- Lacan, J. Radiofonia. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- Mauro, T de. Introduction à l'édition critique du Cours de Linguistique Générale. Paris: Payot, 1981.
- Normand, C. Les blancs des manuscrits saussuriens. In : _____. *Allegro ma non troppo*. Paris: Ophrys, 2006, p. 79.
- Saussure, F de. *Anagrammes Homériques: présentes et edités par Pierre-Yves Testenoire*. Limoges: Lambert-Lucas, 2013.
- Saussure, F. de. *Escritos de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2012.
- _____. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- Starobinski, J. *Les mots sous les mots*. Limoges: Lambert-Lucas, 1971.

Lacan é o a posteriori de Saussure

Maria Claudia G. Maia A. do Brasil¹

1. Saussure entre Freud & Lacan: a língua fala no inconsciente

Seguindo os passos da História, podemos afirmar, com alguma certeza, o não encontro teórico e presencial entre Freud e Saussure. O primeiro nasceu em 1856 e morreu em 1939; o segundo nasceu em 1857, tendo morrido em 1913. Foram contemporâneos em suas pesquisas e trabalhos; ambos costumam a ser reconhecidos pela Universidade, com Saussure atuando durante algum tempo apenas como professor ordinário. Não foram leitores um do outro, apesar de terem estado próximos, em diversas situações: Freud e Saussure moraram em Paris entre 1885 e 1886 (Arrivé, 2010, p. 38), além de Saussure ter como colega Théodore Flournoy, um leitor de “Estudos sobre a histeria” e comentador de “A interpretação dos sonhos”. Freud foi analista de Raymond Saussure, filho de Ferdinand, tendo escrito um prefácio para sua obra “Método psicanalítico”. Teria Freud lido Saussure então? Parece que não.

Foi preciso que Lacan (1901-1981), em sua proposta de um retorno à letra freudiana, promovesse, então, o encontro *post mortem* através de sua particular e inédita leitura acerca do campo inaugurado por Saussure: o da Linguística Moderna. Ouso dizer que a diferença de Lacan em relação a Freud se faz pela

¹ Psicanalista membro da Escola Brasileira de Psicanálise Movimento Freudiano (EBPMF). Coordenadora de ensino do Instituto de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro (IUPERJ/UCAM) e é pós-doutora em Letras pela Pontifícia Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Linguística: disciplina ainda em construção nos tempos de Freud e já formulada nos anos de formação de Lacan. Ele nos dá a dica:

[...] o termo crucial é o significante, ressuscitado da retórica antiga pela linguística moderna, numa doutrina cujas etapas não podemos assinalar aqui, mas da qual os nomes de Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson indicarão a aurora e a culminância atual, lembrando que a ciência-piloto do estruturalismo no Ocidente tem suas raízes na Rússia em que floresceu o formalismo. Genebra, 1910 e Petrogrado, 1920, dizem bem por que seu instrumento faltou a Freud (Lacan, 1998, p. 813).

Freud, por sua vez, sem dizê-lo explicitamente, está criando uma ciência da linguagem que considera a relação entre linguagem e inconsciente. Seu trabalho sobre os chistes é revelador disso. Lá nos deparamos com uma exaustiva análise linguística, considerando os mais variados aspectos da linguagem, como a contradição, o paradoxo, a homonímia ou os neologismos: “mas o inconsciente fala mais de um dialeto” (Freud, [1913] 1980, p. 212).

Mas não é só Freud que mantém semelhanças com Saussure. O modo de aproximação do texto saussuriano desperta uma outra curiosidade: assim como Saussure não escreveu o seu famoso *Curso de Linguística Geral*, produto de suas aulas na Universidade de Genebra, Lacan também não o fez em relação aos seus Seminários, fonte de praticamente toda a sua obra. Ambos, Lacan e Saussure, são marcados por uma transmissão oral, pela fala. Fala que Saussure exclui de sua teoria como objeto de estudo e, ao mesmo tempo, matéria prima do trabalho analítico.

Por outro lado, não podemos esquecer que Saussure, apesar de não se debruçar sobre essa vertente da linguagem, acredita que seja fundamental o estudo de uma outra linguística, definida por outro objeto: a fala ou linguística da fala. Em seus “Escritos” (2002, p. 299) – de Saussure, não de Lacan! –, ele afirma que a língua é consagrada socialmente e não depende do indivíduo; por outro lado, é do indivíduo ou da fala tudo o que diz respeito à fonação, tudo o que é combinação e tudo o que é Vontade: Vontade individual em contrapartida à passividade social da língua.

Vontade como intencionalidade? A fala como Vontade faz buraco no objeto língua de Saussure, aquela definida como sendo a linguagem menos a fala. E a fala invade a língua como ato:

Notamment elle [la linguistique] comporte deux parties: l'une que est plus près de la *langue*, dépôt passif, l'autre qui est plus près de la *parole*, force active et origine véritable des phénomènes qui s'aperçoivent ensuite peu à peu dans l'autre moitié du langage. (Saussure, 2002, p. 273).

E parece que Saussure vai deixando pistas de que, no campo das ciências da linguagem, o inconsciente tem lugar:

[...] porque os termos a e b são radicalmente incapazes de chegar, como tais, até regiões da consciência – a qual não percebe perpetuamente mais do que a diferença a/b – que cada um dos termos fica livre de se modificar conforme leis estranhas à sua função significativa. (Saussure, 1995, p. 137).

O inconsciente, segundo Lacan, é estruturado como uma linguagem. Seu funcionamento permite afirmar isso. E permite avançar nas ideias anagramáticas de Saussure. Diz Lacan:

O inconsciente, a partir de Freud, é uma cadeia de significantes que em algum lugar (numa outra cena, escreve ele) se repete e insiste, para interferir nos cortes que lhe oferece o discurso efetivo e na cogitação a que ele dá forma. (Lacan, 1998, p. 813).

Seriam cortes os anagramas de Saussure? Ou o seu sonho, lugar em que alguns termos não alcançam a consciência a não ser modificados por oposições? O campo freudiano e seu objeto fundamental – o inconsciente –, na leitura de Lacan, revela a verdade recalcada do texto oficial saussuriano, pois o inconsciente insiste: “[...] as interpretações feitas pelos psicanalistas são, antes de tudo, traduções de um método estranho de expressão para outro que nos é familiar” (Freud, [1913] 1980, p. 211), são intromissões do significante. Sobre o texto escondido do público, o dos anagramas, ele apontaria para um lugar outro de pesquisa. Uma outra cena se

revela: um sentido latente que pulsa do manifesto; são as mesmas letras rearranjadas para revelarem um outro sentido.

O estudo dos anagramas poderia ser considerado o recalco do linguista, a intromissão do inconsciente lá onde ele não o queria? A pesquisa se interrompe bruscamente diante da pergunta que não quer calar: “as palavras sob as palavras são talvez produto do ‘acaso’, ou de alguma instância não-nomeada e por isso não-pensável?” (Arrivé, 1999, p. 23) e, por extensão, “o inconsciente pode ser, como disse, a condição da linguística. Esta, no entanto, não tem sobre ele a menor influência” (Lacan, 2003, p. 407).

Os anagramas rompem com o princípio sobre o caráter linear do significante, formulado por Saussure – “[o caráter linear do significante] representa uma extensão e essa extensão é mensurável numa só dimensão, é uma linha” (Saussure, 1995, p. 84) –, apontando para a dimensão de condensação que perpassa o significante. Aqui escolho não entrar na polêmica de Michel Arrivé que questiona a construção de um princípio que valeria apenas para uma das faces do signo – o significante – mesmo com Saussure afirmando a totalidade do signo tal qual uma folha de papel: os dois lados são constitutivos e dependentes. Como conceber um princípio que só vale para um deles?

Passemos, então, à dicotomia significado/significante.

2. Lacan barra Saussure: significante e significado

Das famosas dicotomias saussurianas – língua e fala; sintagma e paradigma; sincronia e diacronia; significante e significado –, a primeira foi apresentada anteriormente. Vou me ater, nesse momento, a esta última, não querendo indicar com isso que a referência de Lacan a Saussure se limite ao conceito de significante como este trabalho mostra.

Sem necessariamente ter a ideia prévia de estar fundando uma nova ciência – “le langage ou la langue peut-il donc passer pour un objet qui appelle, par lui-même, l’étude?” (Saussure, 2002, p.

145) –, Saussure define um campo cujo objeto é a língua – língua como um sistema de signos –, pretendendo descrever os fatos pertinentes a esse objeto. Sua análise não irá se restringir a análise de fenômenos sonoros uma vez que aquilo que falamos deve e precisa significar alguma coisa, do contrário não estaríamos nos referindo à linguagem humana e às coisas do mundo. É preciso ressaltar também que, ao falar de signos, estaremos falando conseqüentemente de sistema, pois os signos só existem em relação ao sistema que os constitui.

O signo linguístico se constitui em duas partes, quais sejam, o conceito e a imagem acústica. O conceito é o conteúdo pensado do signo, um elemento representativo, mas esse conteúdo precisa estar associado a algum fenômeno sonoro, chamado de imagem acústica, que não pode ser confundido com o próprio som; ambas as partes – conteúdo e imagem acústica (acústico aqui como marca psíquica) – apresentam-se como um fenômeno psíquico. Em sua reconstituição do ato de fala, ele diz:

O ponto de partida do circuito se situa no cérebro de uma delas [pessoas que conversam], onde os fatos de consciência, a que chamaremos conceitos, se acham associados às representações dos signos linguísticos ou imagens acústicas que servem para exprimi-los. Suponhamos que um dado conceito suscite no cérebro uma imagem acústica correspondente: é um fenômeno inteiramente *psíquico* [...]. (Saussure, 1995, p. 19).

Nesse ponto, podemos aproximar Saussure de Freud, em sua elaboração acerca das representações de coisa e de palavra, no texto sobre *O Inconsciente* ([1915] 1980): a representação de coisa e a representação de palavra estariam associadas à representação de objeto consciente; assim como para Saussure o conceito e a sua respectiva imagem acústica – “a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos” (Saussure, 1995, p. 80) – formam o signo.

Significado e significante, respectivamente, para o genebrino:

Propomo-nos a conservar o termo signo para designar o total, e a substituir conceito e imagem acústica respectivamente por significado e significante; estes dois termos tem a vantagem de assinalar a oposição que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte. (Saussure, 1995, p. 81);

representação de coisa e representação de palavra, para o vienense:

[...] a apresentação consciente abrange a apresentação da coisa mais a apresentação da palavra que pertence a ela, ao passo que a apresentação inconsciente é a apresentação da coisa apenas. (Freud, [1915] 1980, p. 230).

O estabelecimento da dicotomia significante/significado, seguindo Juranville (1987), não traria nada de novo para o campo das pesquisas sobre linguagem não fosse a afirmação, de Saussure, de que entre esses pares não existe nenhuma relação de finalidade ou de hierarquia, isto é, qualquer elemento que ultrapasse o que é dado no próprio objeto não interessa, fica fora de questão, o significado não precede o significante:

Mas o essencial para uma ciência da linguagem [...] no presente caso, [é não relevar] uma preexistência qualquer do significado ao signo, uma existência do significado fora de sua relação com o significante. (Juranville, 1987, p. 42).

porque “a língua não comporta nem ideias e nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes deste sistema” (Saussure, 1995, p. 139), seja em relação ao significante ou ao significado. A inovação radical de Saussure – retirando da língua a condição de meio ou instrumento de comunicação uma vez que esta não é o essencial da linguagem – se dá justamente na equiparação dos dois termos constituintes do signo linguístico, abrindo um potencial caminho para a leitura que Lacan fará, ao

criar uma dobra sobre essa posição: a valorização do significante em detrimento do significado na constituição do sujeito falante.

Para sair da encruzilhada de que não há um ser das coisas que garanta a significação, com objetos do pensamento antecipando a linguagem, isto é, se o vínculo entre a imagem acústica e seu respectivo conceito se dá pelo princípio da arbitrariedade do signo

o laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o *signo linguístico é arbitrário*. (Saussure, 1995, p. 81),

Saussure precisa criar a noção de valor ou valores que originam-se do próprio sistema linguístico:

Se as palavras estivessem encarregadas de representar os conceitos dados de antemão, cada uma delas teria, de uma língua para outra, correspondentes exatos para o sentido, mas não ocorre assim. (Saussure, 1995, p. 135).

Mas a encruzilhada não se resolve facilmente. No que diz respeito ao significante, a noção de valor recobre seu funcionamento. Um significante só o é na diferença a que remete para outro significante, isto é, só é 'cão' porque não é 'gato', em termos de imagem acústica. Por outro lado, Saussure afirma que a associação de uma imagem acústica a um conceito pode exprimir uma ideia de realidade, "mas de maneira alguma exprime o fato linguístico em sua essência e sua amplitude" (Saussure, 1995, p. 136), entendendo aí a essência do fato linguístico como a diferença: "na língua só existem diferenças" (Saussure, 1995, p. 139).

Tais diferenças são plenamente realizadas em se tratando de significante, como dito acima, mas, ao analisarmos o conceito a partir da pura diferença entre significados dentro de um sistema linguístico fechado, a teoria parece claudicar. Como pensar que o significante 'cão' possa ser "preenchido" com um respectivo conteúdo apenas por sua oposição ou diferença em relação ao

significante ‘gato’, já que não há um ‘cão’ em si mesmo com uma essência que o distinguiria de outro objeto, no caso, ‘gato’?

Michel Arrivé (1999) identifica, nesse ponto, uma saída contraditória de Saussure: ele precisa recorrer à ideia de ‘referente’, inicialmente excluído de suas reflexões, na medida em que nega a língua como uma mera nomenclatura. Pensar a língua como nomenclatura equivaleria em afirmar que as ideias seriam antecedentes às palavras. Servir-se da ideia de referente seria retornar a um ponto fora do sistema linguístico fechado para explicar as diferenças de conteúdo entre os significantes.

E parece ser isso exatamente o que Saussure faz ao tentar manter-se dentro da análise pela diferença de valor entre significados. Ele recorre ao exemplo da tradução de uma língua a outra, retornando com a ideia de nomenclatura, como se o significado de uma palavra, no caso, ‘*boeuf*’, fosse gêmeo da palavra ‘*Ochs*’, como se ambas estivessem se referindo a um mesmo referente:

[...] a ideia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa *boeuf* (“boi”) tem por significante *b-ö-f* de um lado da fronteira franco-germânica, e *o-k-s* (*Ochs*) do outro. (Saussure, 1995, p. 81-82).

Uma saída para esse ponto de incoerência é sugerida por Arrivé: ao invés de nomear a questão da arbitrariedade como um princípio, ele poderia tê-la apresentada como um postulado, visto que “um princípio não demonstrado é um postulado” (Arrivé, 1999, p. 46) e uma vez que o próprio Saussure é quem afirma que “às vezes é mais fácil descobrir uma verdade do que lhe assinalar o lugar que lhe cabe” (Saussure, 1995, p. 82)!

Mas, seguindo Milner, a loucura de Saussure não é a loucura anagramática, pois ela já se faz presente nas próprias proposições do *Curso de Linguística Geral*, quando ele repete o mesmo

movimento de procurar e “sustentar o Um no seio dos equívocos sonoros do verso latino e no seio de toda língua possível, pelo diferencial” (Milner, 1987, p. 68).

Um princípio incoerente ou um postulado em potencial, o fato é que Saussure, ao afirmar que tanto os significantes quanto os significados se constituem pela pura diferença, não havendo hierarquia entre as duas faces do signo e nem hierarquia entre as diferenças que compõem o significante e o significado, isto é, ‘cão’ não é menos diferente do que ‘cadela’ em relação a ‘gato’, ele abre uma clareira para Lacan continuar iluminando o campo das reflexões sobre a linguagem. Dessa vez, trazendo à tona o inconsciente recalçado de Saussure: *o seu retorno à verdade de Freud passa necessariamente pela letra de Saussure*.

Lacan, ao contrário do que muitos afirmam, não subverte, negativamente, a teoria saussuriana. Lacan continua o trabalho teórico de Saussure, provocando um ultrapassamento em relação às posições do genebrino. Lacan sai do campo da linguística, mas precisa do pensamento de Saussure sobre a linguagem para confirmar o inconsciente: a linguagem é a condição do inconsciente (Lacan, 2003, p. 404) e, num outro desdobramento, ao afirmar que Freud se antecipa a Saussure, ou melhor, à linguística: “o inconsciente é a condição da linguística” (Lacan, 2003, p. 403).

Se o linguista subverte a tradição, estabelecendo a concepção de um signo linguístico em que as duas faces possuem o mesmo valor, sem antecedência de uma em relação à outra; Lacan, por sua vez, vai além e concebe um signo de apenas uma face: a do significante, um significante sem significado porque a linha contínua do signo saussuriano transforma-se em barra na leitura lacaniana:

A linguística, com Saussure e o Círculo de Praga, institui-se por um corte que é a barra colocada entre o significante e o significado, para que nela prevaleça a diferença pela qual o significante se constitui em termos absolutos (Lacan, 2003, p. 400-401).

O significante é aquilo que significa, é o agente da significação. E é preciso não confundir palavra com significante: todo

significante significa a mesma coisa, mas isso não diz respeito às palavras, “não é a palavra que pode fundar o significante. A palavra não tem outro ponto onde fazer-se coleção senão no dicionário” (Lacan, 1985, p. 29). Aquilo que o significante significa diz respeito apenas ao sujeito para quem ele, o significante, significa alguma coisa, logo é impossível não destacar da teoria do significante uma teoria do sujeito, sujeito ao significante, e curiosamente sujeito excluído do campo da linguística. Por extensão, o sujeito está submetido à lei do significante: eis o seu significado, um significado por efeito, “os efeitos de significado tem o ar de nada terem a ver com o que os causa” (Lacan, 1985, p. 31). E estar assujeitado a essa lei, identificar-se a um significante, quer dizer que o sujeito assente à lei do desejo e da castração. Impõe-se algo do significante que será necessariamente significado e as diferenças de significados aparecem nos ditos do sujeito:

Como psicanalista, é pelo signo que sou alertado. Se ele me assinala o algo que tenho de tratar, sei, por ter encontrado na lógica do significante um meio de romper o engodo do signo, que esse algo é a divisão do sujeito: divisão decorrente de que o outro é aquele que cria o significante, pelo que não pode representar um sujeito senão por ele só ser um do outro. (Lacan, 2003, p. 411).

Se Saussure empaca ao tentar dar ao significado a mesma dimensão de pura diferença exequível ao significante, precisando recorrer à figura do referente sem se dar conta disso, Lacan, por sua vez, funda um significante que se relaciona com uma outra ordem que não a do mundo, mas a do próprio inconsciente e de suas formações. Ele assevera a criação freudiana assinalando “a diferença entre o *sujeito do inconsciente*, aquele cuja causa é o significante, e o ‘sujeito’ do ser-no-mundo, o único para o qual pode haver representações” (Juranville, 1989, p. 50).

3. Lacan & Saussure: do sintagma e paradigma à metáfora e metonímia

Para Saussure, as unidades linguísticas se relacionam de duas formas a partir de um estado de língua: numa relação *in presentia*, ou seja, a conhecida relação sintagmática em que as palavras estariam concatenadas formando uma série efetiva; e numa relação *in absentia*, ou relações paradigmáticas, em que a série se estrutura de modo virtual, potencial. Esta última, o linguista remete ao campo da psicologia, pois essa relação associativa diz respeito tanto aos significados como também sobre o conjunto das imagens acústicas propriamente ditas:

Et en effet, Freud a bien sa place là, lui qui, en inventant la psychanalyse et en édictant la règle de l'association libre, rendait présent dans le déroulement de la chaîne significative ce qui pour Saussure demeurerait *in absentia*. Dès lors, il est possible d'étudier les mécanismes de ce rapport associatif sans pour autant verser dans la psychologisme ou la technique de laboratoire. Et Freud, qui ignorait les avancées saussurriennes bien qu'elles lui aient été contemporaines, dégagea les lois fondamentales de ces séries associatives: la condensation et le déplacement. (Miech, 1994, p. 5).

Freud, por sua vez, trabalha a fala pela via da associação livre e da interpretação dos sonhos, sonhos estes que revelam o funcionamento das “palavras” no inconsciente pela via da condensação e do deslocamento que caracterizam o processo primário como modo de operação do inconsciente. Freud identifica, como vimos anteriormente, o conteúdo do inconsciente como representação de coisa, que, na leitura lacaniana, nada mais é do que o próprio significante. Ele retomará esse funcionamento, após leitura de Jakobson sobre as afasias, chamando-o de funcionamento pela metáfora e metonímia, utilizando mais uma vez os termos da linguística para abordar o campo do inconsciente.

Assim, o significante de Saussure, em sua linearidade, se apresenta a partir de dois eixos: o da simultaneidade – relações paradigmáticas – e o da sucessão ou associação – relações

sintagmáticas –, formando uma cadeia significante cujos elementos se sucedem. Transpondo a condensação pela metáfora e o deslocamento pela metonímia, podemos afirmar que esta seria a substituição de um significante por outro significante da cadeia ou, por extensão, a substituição da cadeia em sua totalidade por apenas um de seus significantes; aquela se caracterizaria pela equivalência de diferentes cadeias significantes entre si. Assim,

tal ‘metonímia’ evidencia, por ora, uma relação de deslocamento do ‘investimento’ entre termos coexistentes, e a ‘metáfora’ supõe a superposição de elementos a que Freud visava com a condensação (Juranville, 1989, p. 49).

A passagem da nomeação ‘condensação’ e ‘deslocamento’ para ‘metáfora’ e ‘metonímia’, guardando o princípio das relações sintagmáticas e paradigmáticas, não é uma passagem ingênua:

É que não metáforizo a metáfora nem metonimizo a metonímia para dizer que elas equivalem à condensação e à transposição no inconsciente. Mas desloco-me com o deslocamento e me condenso para dar peso a meus símbolos no *real*, como convém para seguir o inconsciente em sua pista. (Lacan, 2003, p. 418).

A introdução do conceito de ‘real’ faz a diferença. A nova nomeação, metáfora e metonímia, diz respeito diretamente ao significante e à barra ou borda real que faz saltar “do significante que flutua para o significado que flui” (Lacan, 2003, p. 414). A cadeia significante se faz totalmente permeável aos efeitos significantes da metáfora e da metonímia, encadeadas na outra cena do inconsciente, fazendo com que um enunciado possa ser completamente discordante em relação com o que indica a própria materialidade do significante, expressando alguma coisa completamente distinta da prevista – *uma palavra por outra*, no ponto em que o sentido será produzido na falta de sentido:

A centelha criadora da metáfora [...] brota entre dois significantes dos quais um substituiu o outro, assumindo seu lugar na cadeia significante,

enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia. (Lacan, 1998, p. 510).

E da dicotomia ‘sintagma’ e ‘paradigma’, podemos ir direto aos polos da diacronia e da sincronia em toda a correlação que lhes é atribuída.

4. Tempos de ‘Infância’: diacronia e sincronia e o só-depois

A dicotomia ‘sincronia’ e ‘diacronia’ servirá de mote para alguns desdobramentos literários sobre esses dois eixos do tempo que intervêm no significante – ou seria o contrário? Se é preciso, seguindo Lacan, o recalque do significante primeiro, S1, para a fundação da cadeia, instaurando um sujeito em potencial, as significações e ressignificações só se fazem possíveis, no tempo, pela própria dinâmica ou funcionamento do significante. E para materializar essa posição, o romance “Infância”, de J. M. Coetzee, será a minha referência de análise, tomando como contribuição o relato de Georges Pérec, em “Cenas de um estratagema”, sobre sua análise pessoal.

Pensar a sincronia e a diacronia é também firmar relação entre a cadeia sintagmática e a cadeia paradigmática. Saussure é bastante explícito em sua definição: sobre o eixo das simultaneidades, onde *o tempo está excluído*, estão todas as coisas em coexistência. Em contraposição, há o eixo das sucessividades, onde *há a interferência do tempo* e, portanto, só se pode considerar uma coisa de cada vez. Neste eixo, estão contidas as coisas do primeiro com suas respectivas mudanças.

É importante notar que essa relação de oposição a que Saussure se refere só é pertinente na medida em que estamos trabalhando com a concepção de ‘valor’, a língua como sistema de valores que remetem à pura diferença, diferença sem qualificativos: diferenças entre os eixos e diferenças entre os elementos constitutivos de cada eixo. Por outro lado, é simples entender que há a ação do tempo sobre a diacronia, afetando a língua em sua

própria evolução e nos fazendo rapidamente estabelecer uma sinonímia entre diacronia e linearidade; mas o eixo da sincronia simplesmente exclui o tempo ou abre a possibilidade de pensarmos uma outra temporalidade? Diz Saussure:

A primeira coisa que surpreende quando se estudam os fatos de língua é que, para o indivíduo falante, a sucessão deles no tempo não existe: ele se acha diante de um *estado*. (Saussure, 1995, p. 97).

Não seria a demarcação de um espaço/estado discursivo uma forma de intervenção temporal? Só existe tempo a partir da lógica de uma sucessão? Há linearidade num espaço recortado? O caráter linear do significante pode ser associado à fala, enquanto a diacronia se reporta à língua em suas mudanças históricas, por exemplo. Podemos a partir daí inscrever no tempo o eixo da sincronia: as relações sintagmáticas são afetadas, na fala, pela temporalidade embutida na própria concepção de linearidade: não podemos falar duas coisas ao mesmo tempo, pelo menos não no nível da fonação, mas *também* podemos falar mais de uma coisa ao mesmo tempo.

Nessa dobra, o sujeito que fala impõe um tempo que pode ser nomeado como tempo subjetivo, um tempo que remete a uma outra temporalidade – ainda não vou dizer ao *inconsciente* – e “a um valor de tempo que depende de um sistema de valores contemporâneos” (Saussure, 1995, p. 96). O tempo da língua, por outro lado, pode ser descrito como um tempo objetivo, ligado à organização tradicional da cronologia. Saussure entrelaça ainda mais os dois eixos e imagina uma língua sem a intervenção de uma massa falante. Nesse caso suposto, a língua não sofreria a ação do tempo e permaneceria imutável! Uma língua morta? De qualquer forma ou por isso mesmo, um tempo continua afetando o outro, não sendo relevante discutir, nesse ponto, se os dois tempos – diacrônico e linear – são o mesmo tempo:

A sincronia conhece somente uma perspectiva, a das pessoas que falam, [...]; para saber em que medida uma coisa é uma realidade, será

necessário e suficiente averiguar em que medida ela existe para a consciência de tais pessoas. A linguística diacrônica, pelo contrário, deve distinguir duas perspectivas: uma, *prospectiva*, que acompanhe o curso do tempo, e outra *retrospectiva*, que faça o mesmo em sentido contrário. (Saussure, 1995, p. 106).

Na leitura de Lacan, os tempos da sincronia e da diacronia ganham outro contorno. A sua noção de corte monta e remonta à noção de sincronia estabelecida por Saussure. É na batida de um ritmo ou de um (re)corte na cadeia significante, num estado de coisas, que se pode ter acesso a uma apreensão sincrônica dos processos do inconsciente. Instaurando o funcionamento do corte, Lacan anula, num certo sentido, a prevalência da temporalidade diacrônica, cara a Freud em suas preocupações filogenéticas, por exemplo.

Na ordem lógica da linguagem estabelecida por Lacan, há o tempo da retroação, do só-depois, formalizando aquilo que Freud havia descoberto em relação ao segundo tempo da ação traumática: surge o tempo de retroação de um significante sobre outro, que num só depois cria o que seria o tempo um, ou primeiro tempo, de um significante qualquer, fundando a “verdade do que o precedeu” (Lacan, 2006, p. 56).

Partindo desse esquema e introduzindo o Outro na temporalidade subjetiva, Lacan estabelece escansões temporais orientadas pelo Imaginário, pelo Simbólico e pelo Real. São eles o ‘instante de ver’, o ‘tempo de compreender’ e o ‘momento de concluir’, respectivamente. É possível relacionar essas três dimensões do tempo ao percurso de uma análise em sua historicidade – as entrevistas preliminares em que o sujeito ainda se apresenta numa relação especular com o outro pequeno (Imaginário); um segundo momento em que o sujeito já pode se remeter ao Outro para encaminhar e elaborar suas questões (Simbólico) e o momento de finalizar, quando o Outro perde consistência (Real) –; como também na medida e no corte de cada

sessão uma a uma: o imaginário de um início, a elaboração da fala e a ruptura provocada pelo corte.

Dando forma estética a esse funcionamento, Pérec transmite sua experiência como analisante, tocando exatamente na questão do tempo na análise. Para ele a análise mostra, no sentido matemático do termo, um aqui e agora que não tem antes e depois, apenas um presente: “eu bem que poderia escrever que demorou quatro anos para começar ou que terminou durante quatro anos” (Pérec, 2005, p. 15). Ele aponta também, paradoxalmente, para esse espaço inserido num tempo contínuo não exatamente bem delimitado ou que será descontinuado pela marcação da sessão:

A análise já tinha começado muito antes da primeira sessão, na lenta decisão em minha mente para submeter-se a uma análise e na escolha do analista. A análise continua, muito depois da última sessão, na sua duplicação solitária, que mimetiza tanto sua obstinação quanto as falhas em mover-se para frente [...] uma certa divisão nos dias – em dias com e dias sem –, e nos dias com, algo que se assemelhava a uma dobra, uma prega [...]. (Pérec, 2005, p. 15).

Esse tempo cria e, também é efeito, (de) um espaço cujas coordenadas físico-geográficas estão redesenhadas, impondo “um discurso sem fim que sessão após sessão, mês após mês, ano após ano, eu iria experimentar e tornar meu [...] e por quatro anos mergulhei profundamente nesse tempo sem história” (Pérec, 2005, p. 16-17).

E é a história de um tempo de que se trata no romance “Infância”, de Coetzee. O livro é definido como uma ficção autobiográfica cujo narrador mantém uma identificação bastante próxima do personagem Ele, não necessariamente com letra maiúscula. Em todo o romance, é o ponto de vista de Ele que determina a narrativa e o leitor percebe a intimidade maior do narrador com esse personagem. Eles se conhecem... O narrador está contando a história de um passado no tempo presente, mas a situação que se revela é como a de um analisante que falasse de si

pelo pronome 'você', isto é, falasse através de um outro em outro tempo. De quem é a história, portanto?

O conhecimento do narrador sobre Ele revela uma intimidade peculiar. Ao mesmo tempo que parece ser dele mesmo, narrador, a história contada, uma vez que ele se apropria do ponto de vista do personagem Ele, guardando inclusive segredos do menino – “o grande segredo de sua vida escolar, o segredo que ele não conta para ninguém em casa, é que se tornou católico; para todos os efeitos, ele ‘é’ católico” (Coetzee, 2010, p. 20) –, também é possível sentir um certo distanciamento do narrador que relata a infância de Ele sem maiores emoções, num estilo seco de quem não tem mais nada a ver com aquilo. O jogo duplo entre intimidade e distanciamento marca a relação do narrador com o menino Ele, numa possível analogia com um analisante em relação a sua infância. O tempo diacrônico impõe essa distância. Por outro lado, o romance produz um recorte numa temporalidade passada, constituindo para ela um fato estático sincrônico.

Os personagens que circundam Ele não possuem nome próprio. São designados por sua função na constelação familiar, constelação de significantes: mãe, pai, irmão menor. Basta essa nomeação para que o leitor circunscreva o lugar subjetivo de Ele em relação aos outros: “se pode sentir ciúme de alguém, não é do pai, mas do irmão menor. Pois a mãe também o incentiva e, porque o irmão é inteligente, mas não tanto quanto ele [...]” (Coetzee, 2010, p. 15). De fato, os integrantes da família não precisam de nome uma vez que a inscrição de mãe ou pai de Ele pertence apenas a cada um em sua relação singular com Ele. Por outro lado, os personagens que habitam o entorno, mas que estão fora da constituição fantasmática familiar, são nomeados para se distinguirem de uma massa amorfa exterior em relação ao particular, ao um a um da casa.

Retomando a prática do corte da sessão inaugurada por Lacan, instaurando as sessões curtas dentro de um processo analítico, elas podem ser uma chave de leitura para o romance de Coetzee. A

escansão do analista joga no vazio do desejo o seu analisante; esse corte contém não só o traço daquela sessão, mas também de todas as outras passadas e por virem. De maneira análoga, Coetzee permite uma leitura por escansão: cada capítulo carrega em si não só aquele recorte que faz um todo, como também o todo do romance em sua possível diacronia. Numa o tempo é o presente e na outra é necessário afirmar um antes e depois.

Cabe ao leitor escolher: ler cada parte, indicada apenas por um algarismo, de modo independente, sincrônico, como se fosse um conto; ou ler o romance de modo tradicional, num modo diacrônico, encadeando as histórias para imaginariamente montar uma narrativa com começo, meio e fim. O modo de leitura por corte se aproxima da experiência analítica uma vez que nela, nessa única sessão, todos os significantes que representam o sujeito ali estão, paradoxalmente, condensados em sua linearidade. No modo diacrônico, o engate é realizado de uma forma diluída, em que se pode cair no engodo de uma relação de causa e consequência inscrita numa temporalidade imaginária, relacionando elementos de um tempo diferente num mesmo e só tempo. O importante a ressaltar é que mexer num significante, seja em sua relação sintagmática ou paradigmática, sincrônica ou diacrônica, mexerá na cadeia como um todo, não importa em qual eixo se esteja trabalhando.

Assim como se pode identificar, numa diacronia, os tempos de ver, compreender e concluir, também se pode experimentar esses três tempos num determinado espaço ou estado discursivo. No caso do romance, o tempo de compreensão parece apontar para a própria escrita do texto, enquanto o momento de concluir não só coincide com o final da narrativa como remete ao instante de ver, num circuito de continuidade e de repetição que o só-depois faz retornar ao um que o motiva: “Como guardará todos em sua cabeça, todos os livros, todas as pessoas, todas as histórias? *E se ele não lembrar, quem o fará?*” (Coetzee, 2010, p. 150)

Não há um início, meio ou fim: o corte introduz um antes e um depois de um tempo único. O tempo nesse sentido é um tempo ligado diretamente ao funcionamento significante sem estar ligado a uma temporalidade cronológica, passível de ser medida:

Esse manejo do tempo da sessão liga a repetição à rememoração; o atual da fala que reinscreve no lugar do Outro a não-identidade consigo mesma das palavras da história do sujeito lhe permite ter acesso ao que constitui a indestrutibilidade de seu desejo (Porge, 1996, p. 521)

que o faz escapar do desgaste do tempo. O corte de sessão cria uma ruptura do laço significante da linguagem, reordenando as palavras, criando novos arranjos significantes a fim de causar e enganchar o sujeito em outros significantes. Ao leitor cabe correr para o próximo capítulo enquanto o analisante, provocado em sua falta, insiste e retorna para uma (outra) sessão.

5. Momento de concluir

Chegando num terceiro momento, que inclui os outros dois simultaneamente, reforço a ideia, que espero ter ficado clara, de que Lacan, ao contrário do que muitos linguistas afirmam com veemência, deu continuidade à obra de Saussure, indo além do ponto em que o linguista, por força de sua posição subjetiva, ficou impedido de seguir. Permito-me dizer que Lacan levou adiante o estudo oficial e formalmente apresentado em seu *Curso de Linguística Geral*, provocando consequências teóricas de ruptura e, como se não bastasse, não recuou diante dos anagramas!

Referências

Arrivé, M. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. *Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

- Coetzee, J. M. *Infância*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- Freud, S [1915]. O inconsciente. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XIV.
- _____ [1913]. O interesse científico da psicanálise. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XIII.
- Juranville, A. *Lacan e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- Lacan, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *Meu ensino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- _____. *O Seminário: livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- Miech, M. L'image ou le signe?. *La lettre mensuelle*, École de la cause freudienne ACF, n. 133, oct./nov., 1994.
- Milner, J.-C. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- Pérec, G. Cenas de um estratagema. *Psyché*, ano IX, n. 15, jan./jun. 2005.
- Porge, É. Tempo [verbete]. In: *Dicionário enciclopédico de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- Saussure, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- _____. *Écrits de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 2002.

O efeito Saussure

Patricia Alves Ribeiro¹

O presente artigo é um exercício de releitura. Releitura de Saussure à luz de Saussure, de Lacan à luz de Saussure, de Saussure à luz de Lacan. Trata-se, portanto, de um efeito de leituras cruzadas que desejo fazer aqui, acreditando, como Starobinski propõe, que há textos sob textos e que se os cruzarmos, talvez obtenhamos efeitos de significação que correm sob os significantes de Lacan e Saussure.

Em primeiro lugar, é absolutamente surpreendente reler Saussure a partir dos *Escritos de Linguística Geral* onde podemos acompanhar a construção de seu pensamento sem a intenção clara de fundar uma ciência, o que se traduz numa posição enunciativa bastante diferente da que encontramos no *Curso*, ou seja, de seus alunos. Na escolha editorial do *Curso* temos como resultado um pensamento muito mais organizado, simplificado, categorizado, não tão condizente com o pensamento de Saussure.

Michel Arrivé discute, por exemplo, como as restrições à fala e a hierarquia estabelecida entre linguística da língua e linguística da fala no *Curso* provém dos editores: “Seria muito audacioso ver aqui apenas a pressão da urgência epistemológica?” (Arrivé, [2007] 2010, p. 52), ele se pergunta também sobre as motivações que teriam levado os editores a dar mais importância que Saussure às reservas sobre o papel da fala.

Em uma passagem, incluída nos *Escritos* sob o título de “Novos documentos” e intitulada por Saussure de “Linguagem – Língua –

¹ Psicanalista. Doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL).

Fala”, lê-se: “O mal-entendido em que caiu, no início, a escola fundada por Franz Bopp, foi atribuir às línguas um corpo e uma existência imaginários, fora dos indivíduos falantes” (Saussure, [2002] 2012, p. 115). Para Saussure ([2002] 2012, p. 116, grifo meu), a conquista dos últimos anos teria sido “ter, enfim, colocado não apenas tudo que é a linguagem e a língua em seu verdadeiro nicho exclusivamente *no sujeito falante*”.

Impressiona como da posição discursiva que encontramos nos *Escritos*, podemos ler em Saussure formulações muito próximas do pensamento de Lacan. Não se trata de questionar se Lacan teria tido acesso aos manuscritos, o que aparentemente se confirma por Michel Arrivé (2007). A questão que nos interessa é menos onde Lacan teria lido Saussure, mas o que ele leu, à sua maneira. Aqui vale uma nota sobre o método de leitura de Lacan à propósito do qual podemos, brevemente, destacar alguns pontos: ler nas entrelinhas; tirar proveito das contradições e dos pontos onde “falta sentido” no texto; a partir dos ditos iluminar o dizer, fazendo saltar aos olhos a enunciação – essa é a operação de leitura que Lacan realiza ao se aproximar de Saussure. Assim sendo, gostaríamos de comentar neste artigo, como, partindo da noção de linguagem e língua do próprio Saussure, Lacan lê o signo linguístico.

Por um lado, o signo linguístico torna possível a constituição da ciência linguística atendendo ao modelo euclidiano (regido pelo princípio do mínimo e da evidência), pois há um axioma, mínimo absoluto: “a língua é um sistema de signos” e há um conceito primitivo e evidente que não requer demonstração: o signo. Por outro lado, o signo é um ponto crítico da teorização, pois ele “permite dimensionar o que, em Saussure, está ligado a uma concepção particular da ciência e o que disso escapa” (Milner, [1978] 2012, p. 56). Certamente é lá, onde isso escapa, que Lacan se colocará como leitor de Saussure.

Nos *Escritos*, o que se evidencia é justamente a dificuldade de Saussure em situar a linguística no rol das ciências clássicas. A

linguística não tem um objeto imediato, dado a priori, “o objeto da linguística não existe para começar, não é determinado em si mesmo” (Saussure, [2002] 2012, p. 26). Há um “inconveniente fundamental que jamais se suprimirá da língua. Esse inconveniente, nós o apontamos como todos os outros pesquisadores: não há um único objeto material ao qual se aplique exatamente e exclusivamente uma palavra” (Saussure, [2002] 2012, p. 38). Portanto, “não há nenhum ponto de partida nem qualquer ponto de referência fixo na língua” (Saussure, [2002] 2012, p. 40).

Vemos aqui dois cortes importantes, especialmente para a psicanálise: a queda do referente – o signo não está ligado ao referente, é uma operação puramente psíquica; e o deslocamento da noção de linguagem e tudo que a ela compreende na língua (tanto o signo, quanto a fala e a escrita) como representação.

Deste modo, parece colocar-se para Saussure uma questão: de onde partir então? Ele deixa bem claro que a eleição do objeto depende do ponto de vista e na sua visada a linguagem é marcada por uma “dualidade incessante”. A identidade linguística, o signo, implica associação dois elementos absolutamente heterogêneos como “o conjunto bizarro de uma barra de ferro presa a um cavalo” ou um “carneiro que ostenta um enfeite de cobre”, tal é a estranheza da linguagem e a natureza absurda do signo, constituído de “elementos destituídos, em sua complexidade, de uma unidade natural” (Saussure, [2002] 2012, p. 22).

Saussure postula então uma “essência dupla da linguagem”: negativa e diferencial.

Jamais se compreenderá o suficiente da *essência puramente negativa, puramente diferencial*, de cada um dos elementos da linguagem, aos quais atribuímos precipitadamente uma existência: não há nenhum deles, em nenhuma ordem, que possua essa suposta existência [...] para formular de outra maneira, (a menos talvez que empurrem os fatos até *os limites da metafísica, ou da questão do conhecimento, de que pretendemos fazer plena abstração*), ora parece que a ciência da linguagem é colocada à parte na medida em que os objetos que estão diante dela jamais têm realidade em si. (Saussure, [2002] 2012, p. 61, grifo meu).

A linguística sempre lida com “fatos negativos e desprovidos, em si mesmos, de sentido e de existência” (Saussure, [2002] 2012, p. 61).

Vê-se, na letra de Saussure, como a natureza da linguagem impede a ontologia, é des-substancializada, impõe o esvaziamento do sentido, questões cruciais para Lacan. “Estamos muito longe de fazer metafísica”, afirma Saussure e mais adiante um pouco: “a unidade é sempre imaginária” (Saussure, [2002] 2012, p. 76).

A língua, tomada como sistema de signos que isoladamente não significam nada, apenas na relação de diferença e negatividade para com outros signos, “não consiste”. Ela é a “solução particular” e “contingente” de uma “certa relação entre os signos e as significações, estabelecida sobre a diferença geral dos signos mais a diferença geral das significações” (Saussure, [2002] 2012, p. 31). Signo aqui deve ser lido como significante, pois Saussure usa diversas vezes um termo pelo outro – como ele mesmo diz:

Não estabelecemos nenhuma diferença séria entre os termos valor, sentido, significação, função ou emprego de uma forma [...]. Entretanto é preciso reconhecer que valor exprime, melhor do que qualquer outra palavra, a essência do fato, que é também a essência da língua, a saber, que uma forma *não significa, mas vale: esse é o ponto cardeal*. (Saussure, [2002] 2012, p. 30, grifo meu).

Ponto cardeal também para a psicanálise.

O indestrutível, para Saussure, é o jogo dos signos. Ele evoca a metáfora de um jogo de xadrez: “seria absurdo perguntar o que seria uma dama, um peão, um bispo ou – se considera verdadeiramente a língua, buscar o que é cada elemento por si mesmo. Ele nada é além de uma peça que vale por oposição às outras, segundo certas convenções” (Saussure, [2002] 2012, p. 63). “Sentido = valor diferente” (Saussure, [2002] 2012, p. 30). Portanto, o sentido só se dá no encadeamento dos signos, sendo produzido na cadeia, como efeito desta. Não há sentido prévio, só há efeitos de sentido. Isto posto, vamos a “releitura” de Lacan do signo

linguístico, a famosa inversão que Lacan teria feito do algoritmo s/S (em Saussure) para S/s.

Lê-se nos *Escritos*:

A primeira expressão da realidade seria dizer que a língua (ou seja, o sujeito falante) não percebe nem a ideia a, nem a forma A, mas apenas a relação a/A; essa expressão seria, ainda, completamente grosseira. Ela só percebe, na verdade, a relação entre duas relações a/AHZ e abc/A, ou b/ARS e blr/B, etc. É isso que chamamos de QUATERNION FINAL [...] É, talvez, sem razão que renunciamos a reduzir essas três relações a uma só, mas nos parece que essa tentativa começaria a ultrapassar a competência do linguista. (Saussure, [2002] 2012, p. 39-40, grifo do autor).

A redução seria da competência do cientista? – podemos nos perguntar.

Mais adiante um pouco: “Como entender o mal-entendido que domina as reflexões sobre a linguagem? Supõe-se que existem termos duplos que comportam uma forma, um corpo, um ser fonético – e uma significação, uma ideia [...]. Dizemos, antes de tudo, [...], que esse ser é quádruplo” (Saussure, [2002] 2012, p. 41).

Visão habitual:

A Significação
B Forma

Visão proposta:

I		II
Diferença geral das significações (só existe segundo a diferença das formas).	Uma significação (relativa a uma forma).	Figura vocal (que serve de forma ou de várias formas em I).
Diferença geral das formas (só existe segundo a diferença das significações).	Uma forma (sempre relativa a uma significação).	

Lacan, após apresentar o algoritmo que funda a linguística com a notação: S/s, afirma: “O signo assim redigido merece ser atribuído a Ferdinand Saussure, embora não se reduza estritamente a essa forma em nenhum dos numerosos esquemas em que aparece na impressão das diversas aulas dos três cursos” (Lacan, [1957] 1998, p. 500). Ele diz que devemos render homenagem a Saussure pela formalização S/s, pois isso caracteriza uma diferença em relação às escolas de linguística anteriores: a barra do algoritmo promove um corte inaugural, e podemos dizer epistemológico, introduzido por Saussure, uma vez que tal formalização abrirá vias para o estruturalismo. Essa barreira de resistência à significação nos intima a nos livrarmos da “ilusão” de que o significante representa o significado, ilusão esta que “conduz o positivismo lógico à busca do sentido do sentido” (Lacan, [1957] 1998, p. 501).

Esse corte inaugural “implica uma exclusão metafísica, a ser tomada como fato de des-ser. Nenhuma significação, doravante, será tida como evidente – que haja clareza quando é dia, por exemplo” (Lacan, [1970] 2003, p. 401).

Após este “lembrete”, partimos para a crítica de Lacan da “ilustração incorreta” do signo. Ele reproduz o desenho:

ÁRVORE

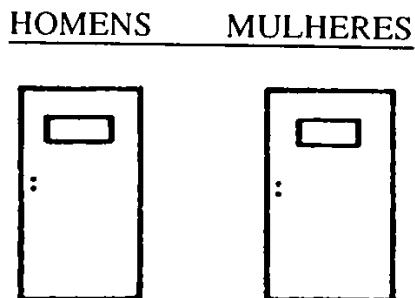


e aponta que foi retirado desta representação a noção de paralelismo dos termos superior e inferior, cada qual sendo tomado isoladamente e sendo assim, o signo não significaria nada. Entendemos o paralelismo aqui à luz da noção de diferença que

exige que haja no mínimo dois significantes para que se produza alguma significação. Lacan critica a preferência por essa ilustração que dá uma direção “previamente apontada como errônea” (Lacan, [1957] 1998, p. 502). Podemos pensar num vetor, que coloca a linguagem e a língua em trilhos enganosos. Essa figura parece negar a barra, como se o significante representasse o objeto árvore.

Remetendo este trecho da Instância da Letra ao trecho supracitado dos *Escritos de Linguística Geral*, podemos inferir que talvez Lacan esteja criticando a preferência dos editores do *Curso* pela ilustração, a despeito da direção dada por Saussure, especialmente com a noção de valor. O que se depreende da crítica de Lacan é que esta “preferência” talvez responda às exigências da fundação da ciência linguística no *Curso*.

Por isso Lacan propõe uma outra notação que ele diz que irá “exagerar a dimensão incongruente” do signo:



Ao colocar quatro termos, Lacan teria sido mais fiel ao pensamento de Saussure? Colocando termos paralelos na parte superior e inferior, ele reintroduz as noções essenciais de diferença, negatividade e valor no signo linguístico. Deste modo “produz-se a surpresa de uma inesperada precipitação do sentido, na imagem de duas portas gêmeas” (Lacan, [1957] 1998, p. 503). A ilustração de Lacan serve para “mostrar como de fato o significante entra no significado” (Lacan, [1957] 1998, p. 503), torna mais evidente que são as relações do significante com outro significante que impõe a busca de significação, produzindo efeitos de sentido, produzindo o

“efeito Saussure” – ruptura do significado pelo significante (Lacan, [1970] 2003, p. 414).

Dando a barra do algoritmo sua devida importância, Lacan mostra como ele não deve comportar em si nenhuma significação, ele mesmo sendo função do significante, ou seja, exigindo uma cadeia e portanto, dando lugar a um sujeito.

Donde se pode dizer que é na cadeia do significante que o sentido insiste, mas que nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação de que ele capaz nesse momento. Impõe-se, portanto, a noção de um deslizamento incessante do significado sob o significante – F. Saussure ilustra com a imagem que se assemelha às duas sinuosidades das águas superiores e inferiores nas miniaturas dos manuscritos dos Gênesis. (Lacan, [1957] 1998, p. 506).

Sente-se o efeito da leitura de Lacan, o que talvez o autorize a afirmar que “em Saussure mesmo S está acima de s, sobre a barra” (Lacan, [1972/1973] 1985, p. 48). Ele acrescenta ainda que se isso acontece é por que os efeitos do inconsciente têm suporte nessa barra. É na barra que se sustentam os lapsos, os chistes, os esquecimentos, por exemplo. Portanto poderíamos pensar, com Lacan, que a barra inscreve no signo saussuriano o falante? Lacan certamente faz uma leitura de Saussure atravessada por Freud e vice-versa.

“Se não houvesse essa barra, com efeito, nada poderia ser explicado, da linguagem, pela linguística. Se não houvesse essa barra acima da qual há significante passando, vocês não poderiam ver que há injeção de significante no significado” (Lacan, [1972/1973] 1985, p. 48). Podemos ler no trecho acima a barra como o inconsciente, uma vez que Lacan afirma que “O inconsciente é a condição da linguística”, enunciado que ele retira como consequência de um anterior: “Freud antecipa Saussure” (Lacan, [1970] 2003).

Que Freud antecipa Saussure, só pode ser dito numa temporalidade que faz retroagir uma leitura sobre outra, no só-depois, ou seja, implica um movimento de resignificação. Portanto,

que Freud antecipa Saussure e que o inconsciente é condição da linguística são dizeres que devem ser tomados como efeito de leitura, da leitura cruzada de Lacan. Vejamos:

Que o sujeito não sabe o que diz e que algo é dito pela palavra que ele esquece ou na qual ele tropeça, impõe-se pela “descoberta” do inconsciente freudiano. Lacan afirma que “é a partir daí que a linguística ganha força, para além dos gracejos da comunicação. Sim, força que põe o poeta no saco dela” (Lacan, [1970] 2003, p. 402). Lacan refere-se implicitamente a força dos anagramas, onde o poeta é “devorado pelos versos/vermes [vers] que encontram entre si o seu arranjo, sem se incomodar, isso é patente, se o poeta sabe disso ou não” (Lacan, [1970] 2003, p. 402).

A pesquisa dos anagramas é permeada pela questão da intencionalidade, Saussure se pergunta insistentemente se os anagramas são fruto da intenção do poeta ou do acaso. A questão é saber até que ponto o poeta conscientemente maneja a língua ou é atravessado por ela. Ele procura a todo custo, sem sucesso, decifrar a lei que regeria a combinatória das sílabas dos anagramas: “crendo ter razões de suspeitar uma proporção regular de vogais e consoantes – não a pude encontrar, mas em compensação vi que o anagrama podia ser estabelecido a cada instante e apego-me a isso para que um caminho qualquer seja aberto” (Saussure apud Starobinski, [1971] 1974, p. 84). Se o caminho da regularidade fracassa, também o do cálculo das probabilidades: “É então uma questão de grau e de cálculo”, mas

quando um primeiro anagrama surge, parece ser uma luz. Depois quando se vê que se pode acrescentar-lhe um segundo, terceiro, um quarto [...] chegamos a perguntar-nos se não poderíamos encontrar definitivamente todas as palavras possíveis em cada texto, ou até que ponto, aquelas que se ofereceram sem que as procurássemos são verdadeiramente cercadas de garantias características. (Saussure apud Starobinski, [1971] 1974, p. 89).

Ele precisa de “um tipo de garantia qualquer, por exemplo, a da probabilidade” (Saussure apud Starobinski, [1971] 1974, p. 94).

Saussure, sabendo ser o cálculo das probabilidades um recurso fadado ao fracasso, pois ele “desafiaria as forças dos próprios matemáticos”, recorre a um terceiro que se imponha entre ele e os anagramas. Primeiro pede auxílio a um dos alunos integrados à sua pesquisa, depois se dirige ao diretor da universidade e por fim, lança a pergunta ao poeta mesmo – em março de 1909 escreve uma carta à Pascoli, poeta que dá continuidade a tradição de versificação anagramática da poesia latina, perguntando se os pormenores da técnica da versificação “são puramente fortuitos ou são desejados e aplicados de maneira consciente” (Saussure apud Starobinski, [1971] 1974, p. 104). Supõe-se que a resposta de Pascoli tenha sido acolhedora, mas não decisiva, pois Saussure lhe escreve uma segunda carta, onde se vê a “decepção” de Saussure:

De antemão, creio bastante provável, a julgar por algumas palavras de sua carta, que tudo não deve passar de simples coincidências fortuitas [...] Há qualquer coisa de decepcionante no problema que propõe porque o número de exemplos não pode servir para verificar a intenção que pode presidir o fato. (Saussure apud Starobinski, [1971] 1974, p. 105).

Pascoli não responde a carta e Saussure interrompe sua investigação sobre os anagramas. O linguista fica preso na armadilha do poeta. Ele interrompe sua pesquisa no momento em que parece se dar conta da natureza das palavras que como bichinhos “seguem apenas seus caprichos” (Lacan, [1970] 2003, p. 403). Para Starobinski o “erro” de Saussure teria sido ficar preso na alternância entre o “efeito do acaso” e o “procedimento consciente”. “Porque não dispensar, no caso, tanto o acaso quanto a consciência?” (Starobinski, [1971] 1974, p. 108).

O silêncio do poeta deixa o linguista no indecível. É Freud quem viria responder: nem a consciência, nem o acaso, mas outro tipo de intencionalidade, a do inconsciente? Saussure espera por Freud e “as convulsões da história permanecem como enigma” (Lacan, [1970] 2003, p. 405).

“Sem a irrupção do inconsciente, não há meio de a linguística sair do jogo duvidoso mediante o qual a Universidade, com o

nome de ciências humanas, continua a ofuscar a ciência” (Lacan, [1970] 2003, p. 403). Para Lacan, o erro de Saussure teria sido não ter publicado sua pesquisa sobre os anagramas e isto porque eles vão contra toda descrição universitária da linguagem: não é possível extrair uma lei sobre os anagramas; eles desafiam a lei da linearidade do signo, ordenando-se em outra temporalidade e a questão da arbitrariedade fica sem resposta. Saussure vê cair por terra toda e qualquer certeza. Suspensão que exigiria um ato, mas como Starobinski bem diz, todas as hipóteses são possíveis e “ele não aceita nem recusa” (Starobinski, [1971] 1974, p. 109).

Mas, como Lacan mesmo reconhece, apesar de em certas passagens criticar duramente Saussure, a Universidade não deu a última palavra e pode-se ver a influência de Freud em Saussure que teria percebido “melhor do que o próprio Freud, aquilo que ele antecipou, em especial a metáfora e a metonímia lacanianas” (Lacan, [1970] 2003, p. 404), convulsões da história.

A não publicação dos anagramas ou de um livro de autoria do próprio Saussure a partir de seus manuscritos, não impediu o efeito de transmissão de sua palavra. Efeito que se produz não por “comunicação universitária”, mas como um seixo que caindo no lago produz ondas. Sendo, tanto Saussure quanto Freud, instauradores de discursividades, o efeito de sua palavra é o deslocamento de todo um discurso.

Referências

Arrivé, M. [2007]. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Parábola, 2010.

Lacan, J. [1957]. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 496-536.

- _____. [1972-1973]. *O Seminário: Livro 20: mais, ainda*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. [1970]. Radiofonia. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 400-447.
- Milner, J.C. [1978]. *O amor da língua*. Campinas: Unicamp, 2012.
- Saussure, Ferdinand de [2002]. *Escritos de Linguística Geral*: organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix, 2012.
- Starobinski, J. [1971]. *As Palavras sob as Palavras*: os anagramas de Ferdinand de Saussure. São Paulo: Perspectiva, 1974.

Decantamento de sentido: grafema, poema e anagrama

Ana Paula Lacorte Giansesi¹

Um canto a meia voz... um evento... um dizer...

Esvaziar, escoar, equivocar, hesitar, decantar, contra-dizer... apagar... eis aquilo que se espera de uma psicanálise quanto ao sentido. Para que se extraia um efeito feminizante? Para que o falasser se produza? Para que um nó heterogêneo, não homólogo aos nós da neurose, o nó pelo sinthoma, possa fazer do real que se exclui do sentido, algo distinto de uma metáfora?

É mesmo preciso tempo, é preciso dar voltas na estrutura da fala para que um corte efetivamente ocorra. É preciso girar os discursos e levar em conta a razão de cada giro, o furo que se produz em cada quarto de giro. Levar em conta o incalculável de um novo amor, signo das mudanças; amor-acontecimento: dizer sem rebarbas. Um dizer que se faz aparecer como discurso do analista.

Tal discurso, o do analista, aquele que é sustentado por um desejo inédito, é mesmo uma escrita. Ele mostra o saber da estrutura, saber furado sobre a verdade não-toda. Saber que suporta o vazio e o silêncio da causa (seu agente). Saber inter-dito (ao mesmo tempo impossível e dito entre as palavras).

¹ Psicanalista. Doutora em Psicologia Clínica pelo IP/USP. Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano e do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo.

$$\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\cancel{S}}{S_1}$$

Pois bem, podemos pensar que o saber S2 enquanto elemento (e sua posição no discurso) é aqui fundamental. Não é o mesmo saber! O saber do psicanalista porta algo do real! S2, por surgir aqui como duplo sentido, faz claudicar o sentido fixo da neurose.

Desta feita, dizemos que a emergência do Discurso do Analista (DA) traz a abertura de um saber sem autor (como o supõe o Discurso Universitário), de um saber não sustentado unicamente na fantasia ou na recorrência do saber do escravo (*savoir-faire*), para dali produzir mais-de-gozar (como o Discurso do Mestre, que localiza o saber no lugar Outro da alteridade simbólica) ou mesmo na séria produção de saber, enquanto impotência de saber (que anima o desejo Histórico). O saber de que se trata, a cada vez que o discurso do analista emerge, é um saber que circunscreve a impossibilidade.

Trata-se do saber sobre o não há relação sexual!

Ainda sobre o discurso do analista, encontramos uma interessante articulação de Lacan em uma conferência que este deu nos EUA, em 1976:

Escritas do Discurso do Analista:

Semblante de dejetos (silêncio) (a)	que se enuncia \$
Meio-dizer da verdade (S2) E	o que não se diz (S1) saber inconsciente
Semblante de dejetos (silêncio) (a)	\$
Meio-dizer da verdade (S2)	o que o inconsciente produz, Mais-de-gozar Falasser (S1)

O S1 é o que representa o sujeito (ele não diz – para outro significante), seja lá o que ele diga, faz-se lugar de verdade (S1 – S2). Mesmo que seja indemonstrável. Ou seja: não é uma questão de decisão sobre a verdade, a verdade (enquanto meio-dizer) está posta. A questão do indecível ou do indiscernível recai sobre a demonstrabilidade. E é bastante interessante pontuarmos que de S1 a S2 Lacan escreve o forçamento (ponto posto adiante). Destarte, o analista força a decisão de um indecível.

Enquanto lugar para o S1 no discurso do analista, Lacan escreve o falasser (e o que o inconsciente produz). Pois, então, o S1, único produto de uma análise, é esta letra-signo impronunciável. Esse Um que se escreve (pela contingência) e prova a indeterminação e o impossível do que não se alcança de saber. De um saber - limite. Esse S1-falasser de uma escrita real.

O produto de uma análise, sua invenção, resta só, singular, dali se pode gozar, dali se faz laço (pela ética que nos concerne), mas não se faz relação (proporção – complementação entre os sexos).

Nessa escrita dos lugares proposta por Lacan, o silêncio corresponde ao semblante de dejetivo. Silêncio mudo, lugar da voz (ou, melhor ainda, da meia voz). Lugar hiante, próprio à causa. O analista é este semblante de dejetivo (a). Afirmamos, desta feita, que o objeto a, enquanto causa de discurso, dá substância (o termo é proposital) à posição do psicanalista. O saber suporta, o objeto dá substância.

Deste lugar, de um silêncio que é queda de dizer, é que se pode fazer ressoar outra coisa. Outra coisa que o sentido...

Isto para que, daquilo que se enuncia (do saber inconsciente), se produza o que não se diz (o impronunciável produto de uma análise – seu nome-furo). Como possibilidade, abre-se um dizer, enquanto acontecimento, que ressoa à meia voz, ou, da queda do dizer, um meio-dizer... (e a produção de mais-de-gozar e do falasser) (Lacan [1973/74], aula de 18 de dezembro de 1973, inédito).

Recordemos que Lacan já havia colocado o sujeito (barrado) no lugar daquele que fala ali sem saber: fala com seu corpo, mas isto, sem saber. E o que fala sem saber o faz eu (je), sujeito do verbo (Lacan, [1972-73] 1985, p. 161). Este (je), suposto a quem fala, tem a ver com a solidão, tem a ver com “o que se escreve por excelência” (Lacan, [1972-73] 1985, p.163).

Decantamento do sentido

Ao apresentar os discursos como escrita, Lacan fez uma articulação com a lógica. E se pergunta: o que a lógica tem a fazer no discurso do analista? Ainda responde: “A característica de seu passo é a de esvaziar os ditos de seus sentidos” (Lacan, [1973/74], aula de 12 de fevereiro de 1974, inédito).

Por essa via, uma psicanálise é possível:

O de que se trata no discurso analítico é sempre isto – ao que se enuncie de significante, vocês dão sempre uma leitura outra que o que ele significa. (Lacan, [1972-73] 1985, p.52).

Ou,

Uma proposição é o apagamento do sentido das palavras [...] Se ela (língua) é feita disso, do sentido, resta saber como: pela ambiguidade de cada palavra, ela se presta a esta função em que o sentido esco. Ele não esco nos seus dizeres [...] por isso a língua é isso. E está mesmo aí o sentido a ser dado a isto que cessa de se escrever. Esse seria o sentido mesmo das palavras que, nesse caso, se suspende. É de onde emerge todo o possível. Que, afinal de contas, alguma coisa que é dita, cessa de se escrever, é bem isso que mostra que, afinal, tudo é possível para as palavras, justamente nesta condição de que elas não tenham mais sentido. (Lacan, [1973-74], aula de 8 de janeiro de 1974, inédito).

Tudo é possível para as palavras. O sentido esco, decanta e assim é possível que ressoe outra coisa, um canto de amor-acontecimento.

Ao fornecermos outra leitura para qualquer significante que apareça, contamos com o que Lacan chamou “materialismo”: o material – palavra que possui a elasticidade de uma goma de mascar. Capacidade topológica de deformação. Apostamos, assim, na prática do equívoco. No equívoco como interpretação.

No *Seminário 24* encontramos:

Um equívoco (*une bévue*) é sempre possível, quer dizer, que ele não se perpetuará, que ele cessará como equívoco. (Lacan [1976-77], aula de 14 de dezembro de 1976, inédito).

Apagar, esvaziar... decantar... contra-dizer...

Neste ponto parece já bastante preciso introduzir o propósito de conversa com Saussure:

(Proposição no 5.) Considerada de qualquer ponto de vista, a língua não consiste de um conjunto de valores positivos e absolutos, mas de um conjunto de valores relativos que só têm existência pelo fato de sua oposição [...] (Corolário à proposição 5.) A “sinonímia” de uma palavra é, nela mesma, infinita, ainda que seja definida com relação a uma outra palavra [...] É por isso que querer esgotar as ideias contidas numa palavra é uma empreitada totalmente quimérica... (Saussure, 2012, p.71).

Com suas letras, Saussure nos ajuda a pensar a dimensão do cúmulo de sentido que uma palavra porta. Abre-se, sobremaneira, um campo de inesgotáveis possibilidades.

Para que o sentido escoe e decante, apostamos, com Lacan, no equívoco como interpretação. Ele reconhece naquele “a abordagem predileta do inconsciente para reduzir o sintoma”, de que modo? Contradizendo o sentido (Lacan, [1975] 2003, p. 317). A homofonia (o jogo fônico) e as lógicas (que derrogam princípios clássicos) ocupam, aqui, lugar central.

Contra-dizer o sentido. E é incrível como o significante se presta ao equívoco. Nesta direção, aportamos na interpretação que leva em conta o som, e apontamos o quanto o som é consonante com o que é o inconsciente (falasser). Nesta medida (ou desmedida), fornecemos os suportes de língua.

Há ainda, na prática do equívoco, certo jogo posto entre a decifração e o ciframento.

Se pensarmos, conforme Lacan colocou, que o inconsciente é um saber no qual o sujeito pode se decifrar, indicamos, justamente, um saber que consiste num ciframento (Lacan [1973] 2003, p. 553).

Afirmamos que o ciframento é feito pelo gozo (ou para o gozo) – uma dimensão da linguagem que não tem nada a ver com a comunicação (Lacan, [1973-74], aula de 20 de novembro de 1973, inédito). Ele é um buraco, justamente o buraco que faz com que a relação sexual não possa se escrever.

Entre ciframento (de gozo) e deciframento, a função do enigma é fundamental! É conhecida a passagem em que Lacan propõe uma articulação entre o enigma e a escrita. Sobre a enunciação (ali articulada ao dizer), ele aposta no: “enigma elevado à potência da escrita” (Lacan, [1975-76] 2007, p. 150).

O decifrar, em análise, não apaga a condição do enigma. Ao contrário, antes a mantém, ou, mais ainda, procura escrevê-lo (o enigma), escrever a não relação sexual.

Outra citação de Lacan:

Se vocês são psicanalistas, vocês verão que é o forçamento por onde um psicanalista pode fazer ressoar outra coisa, outra coisa que o sentido [...]. O sentido, isso tampona; mas com a ajuda daquilo que se chama escritura poética vocês podem ter a dimensão do que poderia ser a interpretação analítica [...] Não que toda poesia seja tal que a possamos imaginar pela escritura, pela escritura poética chinesa [...] é que eles cantarolam, é que eles modulam, é que há o que François Cheng enunciou diante de mim, a saber, um contraponto tônico, uma modulação que faz com que isso cantarole, porque da tonalidade à modulação há um deslizamento. Que vocês sejam inspirados por alguma coisa da ordem da poesia para intervir, é bem em direção a que vocês devem se voltar [...] se a linguística se soergue é na medida em que Roman Jakobson aborda francamente as questões de poética (Lacan, [1976-77], aula de 18 de abril de 1977, inédito).

Pela escritura poética (mais precisamente a escritura poética chinesa) nós temos a dimensão da interpretação analítica. As

questões da escritura, da tonalidade e da modulação da voz aparecem em destaque neste colocar o corpo que o cantarolar poético realiza. No trecho referido, Lacan cita a poesia chinesa e aponta a importância da função poética elaborada por Jakobson. Não obstante, de modo bastante sutil, ele igualmente implica a lógica no que nos mostra.

Sim, o poema e o grafema (do ideograma) não passam sem a lógica. Para fazer ressoar outra coisa que o sentido, para isso parece ser preciso um forçamento – forcing. Parece preciso forçar enunciados sobre Nomes. Conforme Badiou propôs: o forçamento ao indecível!

A lógica, um forçamento...

Pois bem, o forçamento revela um indiscernível (ou inexistente), pois como uma técnica que é, ele parte de uma operação na qual se obtêm uma extensão (um conjunto) por adjunção de uma parte indiscernível, uma parte genérica, que é desconhecida na situação, mas que existe. Não obstante desconhecida, é nomeada (Badiou, 1996).

Trata-se mesmo de uma operação sobre axiomas de determinada teoria dos conjuntos, o que se dá por nomeação. Podemos forçar um axioma por Vazio (inexistente, indiscernível). O “sujeito passa à força num ponto em que a língua falha [...] aquilo para o que ele abre é uma des-medida, porque o vazio foi convocado” (Badiou, 1996, p. 335).

Lembremos que a fantasia é um axioma para o neurótico. Daí que por forçamento um sujeito possa atravessar sua verdade mentirosa e articular “o indiscernível à decisão de um indecível” (Badiou, 1996, p.326).

A aposta de Lacan: ao forçarmos o inexistente (vazio), para que este possa inexistir, podemos fazer ressoar outra coisa... as modulações do corpo. Efeitos de furo...

A des-medida não clássica

Sublinhamos, assim, a importância da lógica. Não qualquer uma. Lacan insiste: o “formalizado”, aquilo que é próprio do matema, isso pode existir desde paradoxos. Conforme ele bem ponderou em seu *Momento de concluir*: “O inconsciente, diz-se, não conhece a contradição, e é exatamente por isso que é preciso que o analista opere por intermédio de alguma coisa que não se baseie na contradição” (Lacan, [1977], aula de 15 de novembro de 1977, inédito).

Em nosso esforço de formalização, diremos que: Por um lado, o discurso do analista é paraconsistente, derroga o princípio da contradição. Isto, na justa medida em que a suporta. Suportamos a estrutura que Freud ([1905] 1980) nos traz em “Os Chistes e sua relação com o inconsciente” no exemplo do caldeirão:

A. tomou um caldeirão emprestado de B. Ao devolvê-lo, foi chamado por B. pois o caldeirão tinha agora um grande furo. Sua defesa foi: “Em primeiro lugar nunca tomei emprestado um caldeirão de B.; e em segundo lugar o caldeirão já estava furado quando eu o peguei emprestado; e em terceiro lugar, devolvi-lhe o caldeirão intacto”.

De fato, “o sim e o não” (Lacan, [1973-74], aula de 20 de novembro de 1973, inédito) que um analista pode ouvir, permite que se opere prescindindo desse princípio clássico (aquele da contradição). Um analista dá suporte à estrutura inconsciente que contra-diz o sentido e isso não trivializa os fundamentos de uma análise.

Por outro lado, nosso discurso é para completo (derroga o princípio do terceiro excluído). O recurso lógico nos possibilita operar em outro campo que aquele do um ou outro. A aposta lógica-poética nos permite o decantamento do sentido. O apelo ao equívoco, faz do cúmulo do sentido, tonel que provoca o deslizar do gozo. O sentido, desta feita, não se estabiliza. Dizemos: nem um nem outro.

Interessante pensarmos essa fundamental articulação entre lógica e poética (não qualquer lógica). Julia Kristeva inicia seu texto: Por uma semiologia dos paragramas como uma citação de Saussure segundo a qual a expressão deverá ser algébrica. Ela nos mostra a importância da matemática e do formalismo para a linguagem poética. Chegando a afirmar que em um sistema formalizado próprio à linguagem poética “os conjuntos vazios são um modo de encadeamento particularmente significante” (Kristeva, 2012, p. 185).

Os estudos sobre a função poética possibilitam bons debates acerca do fundamento do equívoco, de lalíngua e do poema analisante. Entrementes, vale outra pontuação, o grafema e o anagrama Saussuriano podem nos ensinar ainda mais.

Sobre a função poética, podemos lembrar a inspiração de Valéry, da poesia enquanto hesitação entre o som e o sentido, que mereceu tanto destaque por parte de Jakobson. Também, a queda ou a cisão do referente. A tão comentada supremacia da função poética sobre a função referencial que torna o referente ambíguo: “A mensagem de duplo sentido encontra correspondência num remetente cindido, num destinatário cindido e, além disso, numa referência cindida” (Jakobson, 2008, p. 150).

Igualmente, aquilo que Jakobson escreveu como a característica indispensável da função poética, qual seja: o projetar do eixo de seleção (equivalência) paradigmática no eixo de combinação (construção da sequência) sintagmática. “A equivalência é promovida à condição de recurso constitutivo de sequência” (Jakobson, 2008, p. 130). Assim, em poesia, “toda metonímia é ligeiramente metafórica e toda metáfora tem um matiz metonímico” (Jakobson, 2008, p. 149).

Seguindo com a conversa com o campo psicanalítico, podemos nos perguntar: não seria o saber (S2) posto no lugar da meia-verdade do discurso analítico um saber-poético? Um saber que é saber fazer com o duplo sentido, por ser mesmo duplo sentido. Afinal, operar com as “figuras de som recorrentes”, fazer hesitar

por aí o sentido, tornar o referente ambíguo, estas são operações possíveis sobre o significante e o gozo. Isto pode ser encampado pela paracompletude discursiva.

Ainda sobre a função poética, Haroldo de Campos coloca o quanto esta comentada queda da função referencial faz importar descobrir, por exemplo, a palavra “astro” no adjetivo “desastrado” ou mesmo no substantivo “desastre” (Campos, 1977, p. 39). Esses encontros são muito importantes para um poeta. Esses encontros não são menos importantes para um psicanalista.

Função poética, jogo chinês e anagrama

O mesmo Haroldo de Campos comenta uma interessante articulação entre a função poética, a poesia chinesa e o que chamou de “vertiginosa decifração anagramática” de Saussure:

[...] na poesia das línguas fonéticas, Jakobson perquiria a recorrência intercambiante das “figuras de som e de sentido” (como Saussure, antes, na vertiginosa decifração anagramática cedera ao “furor do jogo fônico”, ao “jogo chinês” [sic] das palavras ressoando sobre as palavras). (Campos, 1977, p. 32).

A respeito da noção de jogo, encontramos em Saussure:

Nós negamos, ao contrário, que nenhum fato de língua, depois exista, por um instante sequer, por si mesmo, fora de sua oposição com outros, e que seja alguma coisa além de um modo mais ou menos feliz de representar um conjunto de diferenças em jogo: de sorte que só essas diferenças existem [...] Assim como, no jogo de xadrez, seria absurdo perguntar o que seria uma dama, um peão, um bispo ou um cavalo, considerados fora do jogo de xadrez (Saussure, 2012, p. 61-63).

Campos sugere ser possível pensar a homologia entre o “jogo chinês” (termo utilizado pelo próprio Saussure²) e a função poética.

² “... pois o Saturnino é um verdadeiro jogo chinês, independentemente de qualquer consideração sobre a métrica” (Carta de Saussure, de 14 de julho de 1906 apud Starobinski, 1974, p. 17).

Sua hipótese é que por um lado Saussure, com seus escritos, mostrou-se uma companhia premonitória em relação à Jakobson (mostrando as palavras ressoando sobre palavras) e, por outro, encontrou espaço para o “ideofônico” (senão um ideograma, o “jogo chinês” de Saussure criaria o ideofônico). Isso abriria, justamente, uma “dimensão grafemática”, de “simbólica visual”, icônica.

Ao usar a metáfora do “jogo chinês”, para salientar a dificuldade e os percalços de suas reconstituições combinatórias, Saussure, sem o saber, estava ilustrando operacionalmente os efeitos de sua “função anagramática”: a linguagem que o anagrama inscrevia no cerne da língua poética do mundo indo-europeu, em particular dentro da tradição ocidental Greco-latina, era como uma contralinguagem “isolante” e “contrapontística”, uma espécie de “chinês”, senão ideográfico, ideofônico. Já não era arbitrária [...]; não era também linear, porque rompia a consecutividade “melódica” da linha temporal de leitura (a famosa linearidade significante), em prol de um “amálgama fora do tempo”, de uma “média das impressões acústicas fora da ordem linear do tempo” [...] Esse “chinês” fugal, que minava a contrapelo o discurso poético do Ocidente, foi o que Saussure descobriu, sem saber exatamente o que estava descobrindo... (Campos, 1977, p. 66).

Com a decifração anagramática, Saussure fazia escrever uma “contralinguagem”, “impressões acústicas fora da ordem” temporal linear e criava um contraponto. Evidenciava, assim, polissemias e polifonias.

Apostando que o sentido das palavras fosse “eminentemente negativo” (Saussure, 2012, p. 67), que nenhum fato de língua exista por si mesmo, Saussure nos mostra a variedade de sentido, apontamos o cúmulo de sentido e prova que a decifração mantém o enigma. A poética e a paracompletude lógica mantém-se, desta feita, trançadas.

Em outro livro, *A ReOperação do Texto*, Haroldo de Campos escreveu que:

A julgar pelos 99 cadernos de notas que ficaram inéditos, a mais importante dessas preocupações diz respeito a uma variedade particular

de anagrama, que Saussure chamou, sucessivamente, anafonia, hipograma ou paragrama. (Campos, 2013, p. 112).

Saussure interessou-se pelos anagramas através dos fonemas, pela repetição de sons que, combinados, resultam em uma dada palavra. Formam uma palavra-tema:

Esta palavra-tema (um onomástico, nome de deus ou herói), Saussure a reconhece de maneira bastante livre, sem respeito à ordem de sucessão linear dos fonemas, como se alguns elementos “privilegiados” [...] se fossem ressaltando para o seu ouvido contra um bastidor fonético de elementos menos relevantes [...] Assim, no exemplo: Taurasia Cisauna Samnio cepit Saussure reconhece o nome de Scipio (Cipião). (Campos, 2013, p. 112).

Cipião seria, então, um nome-forçamento? Saussure, através da decifração anagramática, fazia ressoar outra coisa, palavras sobre palavras como colocou Starobinski. Ressonâncias anagramáticas que colocam o sentido em tonel, em enigma.

O paragrama ou hipograma podem ser considerados

uma paráfrase especializada da palavra-tema [...] realiza-se a fusão de som e sentido característica da função poética da linguagem [...] No simultaneísmo da leitura paragramática se espelha aquela projeção do paradigma sobre o sintagma que, segundo Jakobson, distinguiria a poesia [...] de fato, o paragrama tem a natureza de um paradigma fônico, em que a palavra-tema funciona como centro da constelação associativa [...] por força da anafonia (paragrama) o nome-tema reiteradamente se desenha no horizonte significativo do poema. (Campos, 2013, p.121).

Saussure realizou exercícios de decifração paragramática em Homero, Virgílio, Lucrécio, Sêneca, Horácio, Ovídio, Plauto etc... Segundo o genebrino, os poetas teriam se inspirado nas sílabas das palavras-temas na eleição das expressões utilizadas. Recusando um sentido estável, extrai-se o nome-tema de um poema.

A equivalência fônica traz o simultaneísmo da função poética para a decifração que se opera no texto. Não obstante, Haroldo de

Campos igualmente chamou nossa atenção para o que denominou “chinês fugal” de Saussure. O ideofônico de Saussure.

Quando Lacan fala sobre a poesia chinesa, ele destaca a escrita e o cantarolar, o falar cantando. Há o grafema e o tonema (a modulação da voz: no som e no tempo) neste colocar o corpo que é um ideograma. Cantarolar, modular... o tom, o som, o silêncio... as ressonâncias do corpo...

Encontramos em *Duplo Canto e outros poemas*, de François Cheng, uma afirmação segundo a qual a poesia, na tradição poética chinesa, “suscita a ressonância do não-dito, faz viver uma experiência de vacuidade” (Cheng, 2011, p. 19) Além disso, sobre o ideograma, ele afirma que não se trata de marcas arbitrárias nem de sinais que visam copiar as coisas, mas antes procura “figurá-las por traços essenciais” (Cheng, 2011, p. 31). Pelo fato do ideograma ser monossilábico e invariável, isso se lho confere “uma grande mobilidade quanto a possibilidade de se combinar com outros ideogramas” (Cheng, 2011, p. 32).

E Lacan ainda articula a escrita chinesa (segundo ele, menos imaginária que as nossas indo-européias) ao nó borromeano. Afirma, textualmente, que “é sobre o nó que elas trabalham” (Lacan, [1973-1974] aula de 11 de dezembro de 1973, inédito). Ou seja, trabalham em outra dimensão espacial, não na consistência de um espaço geométrico euclidiano. A figuração chinesa, grafemática, permite combinações que fazem nó. Recordemos, aqui: para que a nodalidade se opere é necessário o vazio, uma experiência de vacuidade.

Enfim, entre grafemas, tonemas e fonemas, é possível que um analista permita o poema (não sem a lógica) nodal (modal). Em escape de tonel (por Lacan), das palavras ressoando sob as palavras (ensinados por Saussure), que se encante mais, que se cante mais, a meia voz. Decantamento de sentido.

Referências

- Badiou, A. *O Ser e o Evento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- Campos, H. *A ReOPERAÇÃO DO TEXTO*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- _____. *Ideograma. Lógica, poética, linguagem*. São Paulo, Cultrix, 1977.
- Cheng, F. *Duplo canto e outros poemas*. Ateliê Editorial, 2011.
- Freud, S. [1905]. Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1980. v. 8.
- Jakobson, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2008.
- Kristeva, J. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- Lacan, J. [1976]. *Conferências Norte Americanas*. Inédito.
- _____. [1973]. Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____. [1972-73]. *O seminário, livro 20: Mais, ainda*. Tradução de M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- _____. [1973-74]. *O seminário, livro 21: Les non-dupes errent*. Inédito.
- _____. [1975-1976]. *O seminário, livro 23: O sinthoma*. Tradução de Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- _____. [1976-1977]. *O seminário, livro 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Inédito.
- _____. [1977]. *O seminário: Momento de Concluir*. Inédito.
- _____. [1975]. Talvez em Vincennes. In: _____. *Outros Escritos*. Tradução Vera Ribeiro Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- Saussure, F. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2012.
- Starobinski, J. *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

O intuicionismo saussureano como fundamento da interpretação poética em Lacan

Conrado Ramos¹

Lembremos, com efeito, que *o objeto* da linguística não existe para começar, não é determinado em si mesmo. (Saussure, [2002] 2012, p. 26).

Ao longo da década de 1970 podemos encontrar, em seminários e escritos de Lacan, uma preocupação renovada com a linguagem, atravessada pela dimensão material daquilo que condicionaria o inconsciente e suas formações como um saber cujo gozo se revela no próprio exercício deste saber inconsciente. É assim que Lacan dará estatuto conceitual à alíngua (*lalangue*), neologismo nascido de um ato falho e que, em francês, remete à lalação (*lalation*), ao exercício gozoso do bebê com a materialidade fônica da linguagem.

Não à toa, Lacan leva às últimas consequências o uso da homofonia em sua transmissão, buscando evocar sempre que possível esta dimensão múltipla e polifônica da linguagem, que introduz como inegável a dimensão da contingência da interpretação ou do ouvir, dada necessariamente pela materialidade da língua. Assim, seu *Seminário 21*, de 1973 a 74, por

¹ Psicanalista. Pós-doutor pelo Núcleo de Pesquisa Psicanálise e Sociedade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutor pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Analista Membro de Escola (AME) da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano e membro do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo.

exemplo, tem como título *Les non dupe errent* (os não tolos erram), homofônico a *Les noms du père* (os nomes do pai), título do Seminário que foi impedido de dar em 1963, ocasião de sua expulsão da IPA.

Penso que o momento em que as formulações de Lacan ([1976-77], inédito), quanto à essa materialidade da alíngua, encontram seu maior rigor, nós podemos encontrar no *Seminário 24*, no qual articula função poética e interpretação:

O sujeito se toma por Deus, mas é impotente para justificar que ele se produz do significante, do significante S1, e ainda mais impotente para justificar que esse S1 o representa ao lado de um outro significante, e que seja por aí que passam todos os efeitos de sentido, os quais se fecham rapidamente, ficam em impasse. A astúcia do homem é encher tudo isso, já lhes disse, com a poesia, que é efeito de sentido, mas também efeito de furo. Somente a poesia, já disse, permite a interpretação (Lacan, [1976-1977], aula de 17 de maio de 1977).

Diante desta investigação sobre alíngua e preocupado com a dimensão poética da interpretação psicanalítica, vemos Lacan se remeter a Roman Jakobson para, a partir de sua concepção de função poética, encontrar na linguística alguns dos elementos que sirvam de apoio à teorização dos efeitos por ele encontrados na clínica, na medida em que obtém, pelo efeito de furo da interpretação pela poesia, a saída do impasse decorrente do fechamento da relação entre S1 → S2 pelo preenchimento do sentido.

Esta aproximação entre Lacan e Jakobson nos faz crer que o primeiro busque uma nova lógica para pensar os efeitos de sentido ou, em termos saussureanos, o manejo do valor do significante, ressaltando o efeito de furo próprio da função poética como o que intervém, se assim podemos dizer, na *economia* do significante, isto é: em seu *valor* e em sua função de gozo, uma vez que ele recorta o corpo.

É neste espírito que ele diz, na aula de 15 de março de 1977 do *Seminário 24*, que é preciso observar que o significante:

é alguma coisa de bem especial. Ele tem o que se chama 'efeitos de sentido', e é suficiente que eu conote o S2 não como sendo o segundo no tempo, mas como tendo um duplo sentido, para que S1 tome seu lugar, e tome seu lugar corretamente. É preciso, aliás, dizer que o peso dessa duplicidade de sentido é comum a todo significante. (Lacan, [1976-77], inédito).

S2, portanto, não aparece como significante que, na função de ponto de estofo, fecharia a significação da cadeia, mas como significante que, tendo duplo sentido, recoloca S1 no seu lugar. E aqui eu acrescentaria: recoloca ou interroga o *valor* de S1.

É preciso tomar isso com cautela e é justamente aqui, para articular a lógica poética desta formulação, que entendo ser imprescindível retornar à Saussure, mas não ao Saussure do *Curso de linguística geral*, e sim àquele dos *Escritos de linguística geral*, posto que este Saussure propriamente autoral nos oferece inúmeras passagens extremamente claras na qual a lógica e a dimensão poética imanentes à língua podem ser investigadas e formalizadas de modo a avançarmos na pesquisa pretendida por Lacan no *Seminário 24*.

Mas antes, e para efeito de ilustração, tomemos um exemplo de interpretação do próprio Lacan, mencionado por Suzanne Hommel no documentário *Um encontro com Lacan*, de Gérard Miller e Leslie Grunberg.

Sou da Alemanha e nasci em 1938. Portanto, vivi os anos da guerra com todos os horrores, as angústias, o pós-guerra, a fome, as mentiras...

Sempre quis deixar a Alemanha por causa disso. E, desde o início das primeiras sessões, eu perguntei à Lacan: "posso me curar desse sofrimento?" e, dizendo isso, entendi que não. Eu havia pensado que podia arrancar essa dor de mim com a análise. Não, havia uma maneira de me olhar que me fez perceber: "Não. Será preciso fazer isso a vida toda."

Um dia, numa sessão, contei a Lacan um sonho que tive. Eu disse: "acordo todo dia às 5h" e acrescentei: "era às 5h que a Gestapo vinha procurar os judeus em suas casas". Nesse momento Lacan se levantou como uma flecha de sua poltrona, veio na minha direção e me fez um carinho muito doce no rosto. Eu entendi: *geste à peau*, o gesto... Ele

transformou a *Gestapo* em um *geste à peau*. Em um gesto carinhoso. Um gesto extremamente carinhoso. E essa surpresa não diminuiu a dor, mas fez outra coisa. A prova, agora, 40 anos depois, é que eu ainda conto esse gesto, eu ainda o tenho no rosto. É um gesto que também é um apelo à humanidade, qualquer coisa assim. (Miller; Grunberg, 2011, 16min53-18min44).

Esta intervenção de Lacan adquire valor por diversas razões. Do ponto de vista clínico, ainda que a própria Suzenne Hommel tenha dito que a interpretação não diminuiu a dor, alguma coisa ela fez, na medida em que abriu para Suzanne algo do sentido de um apelo à humanidade, o que não é qualquer coisa para quem traz na história as marcas da guerra e do antisemitismo nazista. Como ela mesma disse, “ele transformou *Gestapo* em *geste à peau*”, ou seja, há uma transformação de algo que lhe aparecia como marca de um trauma, e que se tornou uma marca de um gesto carinhoso que ela ainda traz no rosto.

Este exemplo é também interessante por nos remeter claramente à noção de que somente a poesia permite a interpretação. Por seu gesto, Lacan joga com a semelhança sonora quase completa entre *Gestapo* e *geste à peau*. Semelhança esta que ele sequer pronunciou, mas *escreveu* no rosto de sua analisante. Podemos dizer, para retomar Jakobson, que Lacan projetou “o princípio de equivalência do eixo de seleção sobre o eixo de combinação”, ao decompor e recompor de outro modo a materialidade sonora da palavra *Gestapo*. Lembremos do que escreve Mladen Dolar (2012, p. 184):

A poética se transforma em coleção de um outro conjunto de códigos que não se elevariam do necessário, como os códigos linguísticos, mas do contingente. Os sons começam inevitavelmente a produzir, eles mesmos, o sentido, um sentido diferente daquele das palavras, um sentido suplementar, um sentido acrescentado, e esta é a vantagem da poesia.

Tentarei agora explorar a lógica que podemos pressupor nesta interpretação para, depois, mostrar que já em Saussure encontramos todos os elementos para sua sustentação.

Pois bem, se tomarmos A = *Gestapo* e B = *geste à peau*, podemos dizer que ambos os sentidos e seus efeitos subjetivos podem ser tomados como verdadeiros e que o sentido de B teria sido proposto para se acrescentar ao sentido de A, mas sem transformá-lo em falso. É isso, aliás, que Suzanne Hommel indica ao dizer “essa surpresa não diminuiu a dor, mas fez outra coisa”.

Porém, quero abordar este exemplo de interpretação por outra lógica.

Vejamos como Mortari (2001, p. 377-378, itálico do autor, negrito meu) nos apresenta a lógica intuicionista:

A lógica intuicionista é a lógica da matemática intuicionista, e o intuicionismo, uma corrente dentro da matemática originada por L. E. J. Brouwer (1881-1966). A diferença entre os matemáticos clássicos e os intuicionistas com relação à matemática poderia ser colocada, ainda que um tanto grosseiramente, como **a diferença entre descobrir e inventar**. Um matemático clássico – também chamado *platonista* – considera que os objetos matemáticos existem independentemente dos seres humanos; nesse sentido, a atividade de um matemático consiste em descobrir que propriedades têm estes objetos, que leis valem a respeito deles etc. Para fazer uma analogia, é como se existisse um “país da matemática”, e a tarefa do matemático fosse similar à de um geógrafo que estudasse a topografia desse país.

Para um intuicionista, contudo, os objetos matemáticos vão sendo criados pelos seres humanos: a matemática é uma atividade mental, e os objetos matemáticos são construções mentais; eles não existem de maneira independente. Assim, um intuicionista só considera demonstrada a existência de algum objeto matemático se houver um método para construí-lo.

Não é nada difícil transportarmos diretamente esta ideia da não existência prévia dos objetos matemáticos para o campo da linguagem. Em Saussure ([2002] 2012, p. 26-27), por exemplo, encontramos essa ideia da seguinte forma:

Assim, muitos linguistas pensam ter se situado no terreno psicológico-acústico ao fazer abstração do sentido da palavra para considerar seus elementos vocais, dizendo que a palavra *champ*, do ponto de vista vocal, é idêntico à palavra *chant*, dizendo que a palavra comporta uma parte

vocal que se vai considerar, mais uma outra parte, etc. Mas de onde se supõe, antes de tudo, que há uma *palavra*, que deverá ser considerada, depois, de diferentes pontos de vista?

Só se obtém essa ideia, ela mesma, de um determinado ponto de vista, porque, para mim, é impossível ver que a palavra, em meio a todos os usos que dela se faz, seja algo dado, que se imponha a mim como a percepção de uma cor.

Aí está! Saussure também não é um platonista. Para ele também não há um país da linguística, do qual cumpriria ao linguista fazer a topografia.

Voltemos à interpretação do Lacan. Permitam-me tomar A e B como sentidos concorrentes, partindo do princípio de que, se eu admitir um dos sentidos como verdadeiro, o outro será falso. Neste caso, $A \wedge B$ (A e B) seria necessariamente falso e $A \vee B$ (A ou B), verdadeiro. Ou noutros termos: entre A e B uma deve ser falsa e uma deve ser verdadeira.

O que quero propor é que, diante da inexistência prévia da palavra (comportando sua forma e seu sentido) como algo dado, a interpretação de Lacan não nos impõe tomarmos A ou B como verdadeira ou falsa. Ao fazer o carinho na pele de sua analisante, ao propor um sentido concorrente à *Gestapo*, Lacan suspendeu o juízo de verdade, ao apontar que não precisa haver um sentido prévio, ao apostar que o sentido e seu efeito no corpo não são pré-existentes, mas uma decisão, uma formulação cuja verdade se aceita, mas que pode ser suspensa.

Bousseyroux (2012, p. 37) nos esclarece sobre isso:

[...] ela (a interpretação) reduz o sintoma “por contradizer o sentido”. O dever de interpretar do analista é um dever de contra-significar, de quebrar o fio do significado que, sob o fluxo dos significantes que choeram do semblante, está a sub-stância que engendra a “stância sob” àquilo do qual o falante goza-se.

Seguindo um exemplo de Kristeva, tomemos de Baudelaire uma figura poética banal – “as lágrimas de fel”. Se a julgarmos pela lógica do discurso corrente, podemos afirmar que isso é falso, pois

não existem lágrimas de fel. Porém, se tomarmos esta expressão no espaço da linguagem poética, “onde não se postula o problema de sua existência e de sua verdade” (Kristeva, [1969] 2012, p. 264), a expressão deixará de ser uma unidade fixa, para se tornar “um efeito de sentido resultante da operação de aplicação de dois sememas exclusivos (lágrima + fel) e ainda todos estes efeitos de sentido que ‘lágrima’ e ‘fel’ possuam nos outros textos (poéticos, mitológicos, científicos) que tenhamos lido” (Kristeva, [1969] 2012, p. 264). O que podemos concluir? Que no espaço da linguagem poética as interpretações do sentido não podem ser consideradas nem verdadeiras nem falsas, pois são indeterminadas em função da pluridimensionalidade dos efeitos de sentido.

Esta lógica que nos coloca frente a proposições contraditórias (as “lágrimas de fel” são verdadeiras ou as “lagrimas de fel” são falsas) sem que possamos dizer que uma delas é necessariamente verdadeira (posto que, na lógica clássica, quando temos duas proposições contraditórias, uma delas é necessariamente verdadeira) se chama lógica paracompleta e decorre justamente da possibilidade de suspensão do juízo diante da não necessidade de se considerar como *a priori* o objeto de uma proposição, seja ele um objeto matemático, linguístico ou outro qualquer. Assim, para tomarmos um exemplo bastante simples de Abe et al. (2011), se temos as duas proposições contraditórias “o paciente está com pneumonia” e “o paciente não está com pneumonia”, ambas falsas, vamos concluir, intuitivamente, que não se pôde diagnosticar a pneumonia deste paciente, isto é, vamos concluir pela suspensão ou inexistência prévia de um diagnóstico.

É preciso entender o alcance da lógica paracompleta na linguagem poética para admitirmos que, diante da infinidade de sentidos possíveis no código poético, o efeito de sentido não passa de um forçamento, uma atribuição de valor completamente análoga a função matemática de limite: “como não há *unidade* alguma (de qualquer ordem e de qualquer natureza que se imagine) [referindo-se à palavra] que repouse sobre alguma coisa

além das *diferenças*, na realidade a unidade é sempre imaginária, só a diferença existe.” (Saussure, [2002] 2012, p. 76) E aqui vale à pena comparar com Lacan ([1973-74], aula de 13 de novembro de 1973, inédito): “O imaginário é o que detém o deciframento, é o sentido.”.

É esta a lógica que estou propondo aplicar à interpretação de Lacan, retirando, desta suspensão do juízo de verdade sobre o sentido, a própria abertura da significância.

Assim entendo que a significância, que pode ser facilmente compreendida dentro da linguística, pode ser tomada dentro da lógica pela suspensão do juízo decorrente da lógica paracompleta ou intuicionista ou, noutros termos, pela derrogação do princípio lógico do terceiro excluído para o qual uma proposição é sempre falsa ou verdadeira, nunca uma terceira possibilidade.

A significância, como abertura e suspensão do sentido pré-existente, como um recurso da interpretação que faz uso da função poética, tem sua lógica sustentada na infinitização dos valores possíveis da palavra, tal como podemos encontrar na lógica intuicionista das formulações de Saussure, para quem o objeto linguístico não pode ser concebido como pré-existente:

Ora, admite-se que se ocupar de uma certa substância química, ou de uma certa espécie zoológica [...] é se ocupar, verdadeiramente, de um objeto que tem uma existência em si, *livre de objetos da mesma ordem*. Nós negamos, ao contrário, que nenhum fato de língua, depois [] exista, por um instante sequer, por si mesmo, fora de sua oposição com outros, e que seja alguma coisa além de um modo mais ou menos feliz de representar um conjunto de diferenças em jogo: de sorte que só essas diferenças existem e que, por isso mesmo, todo objeto sobre o qual incide a ciência da linguagem é precipitado numa esfera de relatividade, saindo, completa e gravemente, do que se entende, em geral, por “relatividade” dos fatos. (Saussure, [2002] 2012, p. 61-62).

A suspensão do sentido de S1 dada pela duplicidade de sentido de S2 é, pois, o que abre, na impossibilidade de que S1 encontre S2 que lhe indique seu sentido último, a significância, desfazendo cristalizações sintomáticas e fantasmáticas de sentido e

relançando o sujeito no campo da metonímia do desejo, mas aberto à contingência própria da paracompletude, para a qual o que não há, não pode ser tomado necessariamente como impossibilidade de haver, pois o que não há pode passar a haver e, ao mesmo tempo, nada que há pode haver por si mesmo, de modo apriorístico ou platônico:

SER. Nada *é*, pelo menos nada *é* absolutamente (no domínio linguístico).

[...]

A forma elementar do julgamento: “isso *é* aquilo” abre a porta a mil contestações porque *é* preciso dizer em nome do que se distingue e se delimita “isso” ou “aquilo”, sendo que nenhum objeto *é* naturalmente delimitado ou dado, sendo que nenhum objeto *é* com evidência. (Saussure, [2002] 2012, p. 74).

Como não ver nesta citação a formulação de Lacan sobre a impossibilidade entre S1 e S2? Como não ver nesta citação que *é* da pluralidade de sentido de S2 que S1 toma seu lugar? Como não ver aí que o *geste à peau* de Lacan, como um S2, mudou o lugar de *Gestapo* como um S1 (em sua função de representação do sujeito para outro significante)?

De outro modo, associar S2 como um atributo de S1 seria forçar uma independência lógica que os significantes não têm:

A primeira [maneira de representar a palavra] *é* fazer da palavra um ser que existe totalmente fora de nós, o que pode ser figurado pela palavra escondida no dicionário, ao menos para a escrita; neste caso, o sentido da palavra se torna um atributo, mas uma coisa distinta da palavra; e as duas coisas são dotadas artificialmente de uma existência, por isso mesmo independentes uma da outra e, ao mesmo tempo, independentes, cada uma, de nossa concepção; elas se tornam, uma e outra, *objetivas* e parecem, além disso, constituir duas entidades. (Saussure, [2002] 2012, p. 76).

Eis aí Saussure contestando a concepção platônica e, podemos dizer, neurótica da linguagem. Afinal, não haveria, por assim dizer, uma *objetificação artificial* do significante *Gestapo* no sentido

traumático pelo qual é tomado no ciframento de gozo presente no sonho de Suzanne?

O entendimento do signo linguístico como uma “**entidade** psíquica de duas faces” (Saussure, [1916] 1997, p. 81) ou como “**o total** resultante da associação de um significante com um significado” (Saussure,[1916] 1997, p. 81, grifo meu), tal como encontramos no *Curso de linguística geral*, não corresponde ao que lemos da própria pena de Saussure, pois dá ao signo uma identidade, uma totalidade, uma especularidade que o signo não tem. Comparemos, por exemplo, a frase colocada como epígrafe deste texto com a definição que encontramos no *Curso de linguística geral*: “Os signos de que a língua se compõe não são abstrações, mas objetos reais; é deles e de suas relações que a linguística se ocupa; podem ser chamados *entidades concretas* desta ciência.” (Saussure, [1916] 1997, p. 119)

Para Saussure propriamente dito, não seria possível pensar o signo como uma totalidade, uma unidade ou uma entidade positiva: “na realidade a unidade é sempre imaginária, só a diferença existe.” (Saussure, [2002] 2012, p. 77); ou ainda:

Não há, na língua, nem *signos* nem *significações*, mas DIFERENÇAS de signos e DIFERENÇAS de significação [...]. De onde se pode, imediatamente, concluir: que tudo, e nos dois domínios (não separáveis, aliás), é NEGATIVO na língua – repousa sobre uma oposição *complicada*, mas unicamente sobre uma oposição, sem intervenção necessária de nenhuma espécie de dado positivo. (Saussure, [2002] 2012,p. 65-66).

Examinemos logicamente o seguinte trecho da pena de Saussure: “É indiferente saber se, numa língua, \bar{a} vale duas vezes a duração de \check{a} ou três vezes, ou uma vez e meia, ou uma vez e um terço. O que é capital é saber que \bar{a} *não tem* a mesma duração de \check{a} .” (Saussure, [2002] 2012,p. 66).

Podemos dizer que a duração de $\bar{a} = \neg$ duração de \check{a} , bem como que a duração de $\check{a} = \neg$ duração de \bar{a} . Num ato de fala, se \bar{a} é verdadeiro, então \check{a} é falso, e vice-versa, mas na língua, elas não existem como $\bar{a} = \bar{a}$ ou como $\check{a} = \check{a}$. O que existe é a diferença, a

oposição, a negatividade que as determina. A estrutura saussureana não admite, portanto, uma lógica identitária, mas uma determinação por uma lógica da não-identidade, que não permite a significação pela via da consistência de um atributo do significante, mas somente como potência decorrente de sua necessária oposição a outro significante.² Isto equivale a dizer que, para Saussure, o significante só pode representar alguma coisa para outros significantes que, por si mesmos, não representam nada e que podem renovar infinitamente seus vínculos. Não se pode, portanto, calcular o conjunto das significações possíveis dentro de um conjunto fechado. Estando o valor do signo sempre aberto à contingência, ao novo, à invenção.

Considerada de qualquer ponto de vista, a língua não consiste de um conjunto de valores *positivos* e *absolutos*, mas de um conjunto de valores *negativos* ou de valores *relativos* que só têm existência pelo fato de sua oposição.

[...] A “sinonímia” de uma palavra é, nela mesma, infinita, ainda que seja definida com relação a uma outra palavra.

[...] é por isso que querer esgotar as ideias contidas numa palavra é uma empreitada totalmente quimérica [...]. (Saussure, [2002] 2012, p. 71).

Em si mesma, esta estrutura suporta o espaço da linguagem poética, na qual a indeterminação dos efeitos de sentido nos leva à derrogar o princípio lógico do terceiro excluído, segundo o qual um juízo é necessariamente falso ou verdadeiro.³ A suspensão do

² Vale aqui lembrarmos de Milner (2012, p. 85): “Logo, este é o paradoxo: o próprio elemento que deve assegurar o discernimento é atravessado pela multiplicidade das oposições em que está preso – ele não tem subsistência que assegure a instância do Um. É que o signo se ajusta a um silêncio: ele é construído de forma que o sujeito seja forcluído, sujeito cuja insistência e cujo repetido fracasso demarcam o Um de cada um dos significantes em sua relação com outro e conferem a todos o Um-por-Um que os estrutura em cadeia.”

³ Cabe ressaltar que Milner (2012, p. 87) já havia apontado, a partir dos estudos dos anagramas, esta derrogação do terceiro excluído em Saussure: “de modo ainda mais geral, o anagrama afronta o próprio princípio de todas as descrições linguísticas ou gramaticais: quaisquer que sejam seus métodos, estes supõem o

juízo, a indeterminação do efeito de sentido, o que não é o mesmo que ausência de sentido, mas potência de sentido, nos coloca em cheio numa lógica intuicionista ou, no mínimo, numa lógica modal (inserida no tempo). “Não existe *a* forma e uma ideia correspondente; não há, também, *a* significação e um signo correspondente. Há formas e significações possíveis (nunca correspondentes).” (Saussure,[2002] 2012, p. 42).

O que assim achamos na pena de Saussure, é o que Lacan procurou na função poética de Jakobson, no vazio mediano do Tao e com Cheng e nas inversões tóricas da topologia: o *sensblanc* (sentido branco), *semblant* (semblante) próprios da intervenção do psicanalista, que opera com alíngua a partir da contingência que ela suporta:

Se não fosse pelo fato, em suma contingente, de que os materiais da língua se transformam e acarretam, só por sua mudança, uma metamorfose inevitável nas próprias condições do jogo, não seria necessário, e jamais se teria considerado, escrutinar a natureza exata desses materiais: seria um esforço positivamente inútil. (Saussure, [2002] 2012,p. 63).

Não temos aí, no fato contingente dos materiais da língua se transformarem e acarretarem uma metamorfose nas próprias condições do jogo, os elementos do que Lacan busca conceituar como alíngua, se acrescentarmos que esta estrutura trabalha como um saber inconsciente que recorta o corpo e visa o gozo?

terceiro excluído – duas unidades ou são totalmente distintas, ou se imiscuem totalmente; uma unidade ou está presente em uma sequência, ou está ausente. Ora, consideremos a sequência *Cicuresque*, anagrama de *Circe* (exemplo de Saussure in Starobinski, p. 105), ou *despotique*, anagrama de *désespoir*(exemplo de Jakobson): perguntar se as formas emparelhadas são distintas umas das outras não tem mais sentido, propriamente, já que o anagrama é suposto subsistir *realmente* na forma explícita; da mesma maneira, *Circe* ou *désespoir* não podem ser ditos univocamente presentes ou ausentes. O anagrama enquanto tal determina um lugar em que tais questões – embora essenciais a uma descrição – não se aplicam.”

Vejam os autores Gadet e Pêcheux (2010, p. 55) compreendem *alíngua* como o real da língua e o localizam em Saussure:

Portanto, o real da língua não é costurado nas suas margens como uma língua lógica: ele é cortado por falhas, atestadas pela existência do lapso, do *Witz* e das séries associativas que o desestratificam sem apagá-lo. O não-idêntico que aí se manifesta pressupõe a *alíngua*, enquanto lugar em que se realiza o retorno do indêntico sob outras formas; a repetição do significante na *alíngua* não coincide com o espaço do repetível e que é próprio à língua, mas ela o fundamenta e, com ele, o equívoco que afeta esse espaço: o que faz com que, em toda língua, um segmento possa ser ao mesmo tempo ele mesmo e um outro, através da homofonia, da homossemia, da metáfora, dos deslizamentos do lapso e do jogo de palavras, e do bom relacionamento entre os efeitos discursivos. Esse saber sobre a relação entre real e equívoco inicia-se na obra de F. Saussure, que constitui ainda hoje uma aposta na questão da linguística como ciência: o que nela foi inaugurado continua a se manifestar por efeitos paradoxais.

Entendo o que dizem os autores sobre o real da língua não ser costurado em suas margens como o real da lógica, porém, não penso que isso faça de *alíngua* que daí resulta um campo destituído de lógica. Precisamos avançar no sentido de descobrir qual é sua lógica. Se este real da língua é cortado por falhas, atestado pela existência do lapso, do *Witz* etc, isso demonstra, justamente que *alíngua*, isto é, a língua considerada com o seu real, é um conjunto aberto, não-todo, sem borda, incluindo o furo da significação como abertura da significância. Concluimos em outro texto com as seguintes considerações sobre a interpretação quando tomada pela lógica do não-todo:

Mas uma clínica que se oriente pelo não-todo do sentido vai fazer cortes no simbólico e recolocar o real de *alíngua* no limite do não sentido que é o furo pelo qual o efeito de sentido flui quando se aponta o real da palavra que se põe em jogo no dizer, enquanto enunciação à qual se amarra, como gozo possível, o gozo parasita do real. Este *ouvir um sentido*, portanto – presente na emenda que o analisante faz entre seu sintoma e o real parasita de gozo –, não é da ordem masculina do todo “x”, ou do quaisquer “x” então Φx , mas sim da produção de um “x” não-

todo Φx , capaz de deixar na indecidibilidade a própria função que fecharia uma significação. Não é um S1 que garanta e sustente o significado, mas um S1 que verifique, a um só tempo, a impossibilidade do sentido pela contingência da significância. Só assim, talvez, um sujeito pode se libertar de seus significados para gozar da produção de sentidos. (Ramos, inédito).

Em que medida podemos atribuir esta abertura, esta dimensão não-toda da linguagem ao princípio da arbitrariedade do signo?

Se tomarmos a descrição deste princípio no *Curso de linguística geral* vamos encontrar o seguinte:

O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: *o signo linguístico é arbitrário* (Saussure, [1916] 1997, p. 81).

Ao ficarmos com esta descrição, proposta pelos organizadores do *Curso*, vamos reduzir a arbitrariedade do signo a uma lógica consensual de entidades pré-existentes e unificáveis numa totalidade com bordas bem delimitadas. Porém, Bouquet ([1997] 2004, p. 234) deixa bastante clara a dimensão não-toda implicada na teoria saussureana do arbitrário ao insistir que “*arbitrário* significa estritamente [...] *contingente a uma língua* – sendo que essa contingência, na perspectiva interna da dita língua, é uma *necessidade*.” E esclarece:

Aqui não se trata mais do arbitrário do vínculo entre dois objetos dessemelhantes unidos por um vínculo de necessidade, mas do arbitrário da própria existência de cada um desses dois objetos – ou, se preferirmos, do arbitrário do vínculo multidimensional entre um objeto e todos os outros objetos da mesma natureza, ou seja, todas as unidades significantes e todas as unidades significadas – que constituem a classe à qual pertence esse objeto. (Bouquet, [1997] 2004, p. 236).

O arbitrário saussureano, portanto, se refere à *língua* enquanto sistema aberto à contingência, e não ao signo como entidade isolada e delimitável. É a lógica contingente posta na não

necessidade de um vínculo *a priori* entre os objetos do sistema da língua que permite, inclusive, a infinitização possível dos objetos e dos vínculos do sistema, uma vez que o vínculo multidimensional aqui suposto não impede, mas possibilita o novo e funciona como estrutura viva da significância como potência sempre renovada da significação:

O que é uma palavra nova, ou seja, a dificuldade de introduzir uma palavra nova, além da afirmação da ligação sistemática entre todas as partes da língua? Criam-se milhões de formas de conjugações ou de [], mas não há uma que represente um jorro original surgido arbitrariamente de uma fonte desconhecida. É preciso não apenas que os elementos sejam colocados nas combinações já conhecidas, mas que tudo esteja, por assim dizer, preparado para fazer jorrar a nova combinação. (Saussure, [2002] 2012, p. 92-3).

Decorre desta teoria do arbitrário, como arbitrário da língua e não somente do signo, que o valor semântico, ou seja, o *sentido* ou a *significação* de um termo, não pode se dar fora deste sistema ou sem que *alíngua* esteja ali subentendida enquanto real da língua, ou enquanto um saber real:

Não é preciso começar pela palavra, o termo, para daí deduzir o sistema. Isso seria imaginar que os termos têm de antemão um valor absoluto, que basta amontoá-los uns sobre os outros para que se tenha o sistema. Ao contrário, é do sistema do todo solidário que é preciso partir. (Saussure, apud Bouquet, [1997] 2004, p. 264).

Deixo aqui como ressalva que este *todo solidário* possa ser melhor caracterizado como *não-todo*, como conjunto aberto.

Não podemos deduzir daí, por um lado, que um significante só pode representar algo frente a um necessário saber *in absentia* e, por outro lado, que não há produção ou invenção contingente de significante que não tenha um saber *in absentia* como ponto de partida necessário?

Sabemos que para Saussure o valor linguístico resulta da coordenação de dois fatos: o *valor in presentia*, entendido como

proveniente da linearidade do fato sintagmático, e o *valor in absentia*, como valor proveniente do fato sistêmico do signo. Arrisco-me aqui na hipótese de que é sobretudo na dimensão do fato sistêmico ou, melhor dizendo, estrutural, do *valor in absentia*, que podemos encontrar *alíngua* como um saber que opera enquanto um dizer que fica esquecido por trás do que se diz, naquilo que se ouve. É o *valor in absentia*, como correspondendo termo a termo ao arbitrário (contingente) da língua (e não somente ao arbitrário do signo) (Bouquet, [1997] 2004), que permite a polifonia dos sentidos e a significância enquanto potência infinita de significação. Tal hipótese não escapou a Lacan ([1957] 1998, p. 506-507) que, inclusive, chega a mencionar os estudos de Saussure sobre anagramas para sustentá-la:

Mas se, com efeito, é necessária a linearidade que F. de Saussure considera constitutiva da cadeia do discurso, em conformidade com sua emissão por uma só voz e na horizontal em que ela se inscreve em nossa escrita, ela não é suficiente.

[...] Mas basta escutar poesia, o que sem dúvida aconteceu com F. de Saussure,⁴ para que nela se faça ouvir uma polifonia e para que todo discurso revele alinhar-se nas diversas pautas de uma partitura.

Não há cadeia significante, com efeito, que não sustente, como que apenso na pontuação de cada uma de suas unidades, tudo o que se articula de contextos atestados na vertical, por assim dizer, desse ponto.

⁴ É interessante registrar que, por ocasião da publicação deste texto, em 1957, Lacan havia escrito “Bastaria escutar a poesia, o que talvez Saussure não tivesse o hábito de fazer, [...]”. Após a publicação dos trabalhos de Starobinski, em 1964, acerca dos inéditos de Saussure sobre os estudos dos anagramas, Lacan notificou o texto original, publicado em 1966.

Assim encontramos em Campos (2013, p. 111), que menciona esta correção: “Quem leu o estudo já famoso de Jacques Lacan ‘L’Instance de la lettre dans l’inconscient’, sabe que o renovador da psicanálise em âmbito estruturalista critica o princípio da linearidade da linguística saussureana em termos que pressupõem um desconhecimento ou um desinteresse por parte de Saussure em relação à poesia.”

Fica claro, portanto, que o próprio Lacan precisou fazer retificações em relação ao Saussure que apreendeu via *Curso de linguística geral* quando dos primeiros contatos com seus originais.

Precisamos ter em mente, portanto, que não nos convém a cisão tão restrita e didática feita pelos organizadores do *Curso* entre linguística sincrônica e linguística diacrônica. Pois nos originais do próprio Saussure podemos encontrar comentários como o que segue:

Mas, *restrição*: podemos separar a esse ponto os fatos de fala dos fatos de língua? Assim, uma série gramatical está na língua – tudo é bem fixado num estado, dado na língua. Mas há sempre esse elemento individual que é a combinação deixada à escolha de cada um para exprimir seu pensamento em uma frase. Essa combinação está na fala, não na língua, pois é uma execução. Essa parte – o uso individual do código da língua – levanta uma questão. É só na sintaxe, em suma, que se apresentará uma certa flutuação entre o que é dado, fixado na língua, e o que é deixado à iniciativa individual. A delimitação é difícil de fazer. É preciso confessar que aqui no domínio da sintaxe, fato social e fato individual, execução e associação fixa se misturam um pouco, chegam a se misturar mais ou menos. *Confessamos que é unicamente sobre essa fronteira que poderemos criticar uma separação entre a língua e a fala.* (Saussure apud Bouquet, [1997] 2004, p. 274)

E tomemos, por fim, as precisas observações de Gadet e Pêcheux (2010, p. 58) sobre as consequências do efeito *in absentia* da associação sobre a produção do valor linguístico:

Saussure não é tão simples assim! Colocar o valor como peça essencial do edifício equivale a conceber a língua como rede de “diferenças sem termo positivo”, o signo no jogo de seu funcionamento opositivo e diferencial e não na sua realidade; conceber o não dito, o efeito *in absentia* da associação, em seu primado teórico sobre a “presença” do dizer e do sintagma; o não dito é constituinte do dizer, porque o todo da língua só existe sob a forma não finita do “não-tudo”, efeito de *alíngua* [...].

Faço aqui a ressalva de que substituiria o não dito e o dizer mencionados pelos autores, respectivamente, por dizer e por dito, pois há, no exercício de gozo que movimenta este saber de acesso impossível em que se constitui *alíngua*, um dizer *in absentia*, esquecido por trás do dito *in presentia*, mas que se manifesta nos equívocos, nos lapsos, no *Witz*, nas aliterações, nas homofonias etc.

É este princípio de uma estrutura furada, sem bordas, não-toda e aberta à contingência, estrutura já anunciada nos originais de Saussure, que Lacan encontra em Freud, e é por isso que ele diz, na aula de 20/03/1973 do *Seminário 20* ([1972-73] s.d., p. 191), que é aí que Saussure espera por Freud: “é aí que se renova a questão do saber.”

A interpretação psicanalítica, assim, não tem por finalidade o fechamento do significado, como se se sustentasse pela lógica fálica, visando a produção de bordas e a totalidade do sentido e a consequente produção de exceções, oposições, discordâncias e não ambiguidades, equívocos e pluralidades, como no caso dos efeitos abertos de sentido. Não se trata de uma interpretação que opera pelo ponto de estofo, pela retroação que fecha um significado. Deste modo, e para concluir, a função poética só tem razão de ser em nossa clínica por trazer a ela os efeitos de sentido, a significância. É por isso que a interpretação psicanalítica põe em jogo a função poética, para buscar, não na lógica fálica, mas nos fatos estruturais de alíngua – como saber que age *in absentia*, movido pelo gozo, na produção sempre polifônica de valores – a abertura dos sentidos: “é por escapar (no sentido do tonel) que um discurso adquire seu sentido, ou seja, pelo fato de seus efeitos serem impossíveis de calcular” (Lacan, [1973] 2003, p. 550).

A interpretação psicanalítica, assim, ao fazer uso da homofonia como o que excede os princípios lógicos de significação e comunicação da linguagem, mas não o real de alíngua, opera logicamente com o forçamento de um fazer-se ouvir outra coisa, qual seja, o saber que fica esquecido por trás daquilo que se ouve naquilo que se diz, saber que se alimenta do que eu não hesitaria em chamar de *gozo poético* de alíngua e do qual só se pode ter notícias ao se sustentar a suspensão de um sentido que seja último e verdadeiro. Esta sustentação do furo de uma significação última a psicanálise consegue ao cingir o objeto *a* como causa de desejo. De outro modo, ao tentar tampar o furo e fazer um sentido fixo que se possa sustentar verdadeiro, o que temos não é outra coisa senão o

sintoma. Interpretar, como contra-significar, é ir nocontra-sentido à satisfação do sintoma como verdade exilada no deserto de gozo, verdade resistente ao saber, para lá fazer *ex-sistir* o real de um saber gozado (Bousseyroux, 2012, p. 37). A psicanálise suspende a verdade totalizante e absoluta do sintoma por meio da verdade furada e não-toda da estrutura de alíngua.

Verdadeiro, mesmo, portanto, somente este saber *in absentia*, mas como *mistério do corpo falante* (Lacan, [1972-73], s.d.)...

Antes de concluir vale dizer que, ao contrário de reduzir alíngua à estrutura da linguagem, o que este ensaio buscou interrogar é o quanto que o Saussure dos *Escritos* nos permite ampliar e aproximar a própria estrutura da língua ao real de alíngua proposto por Lacan.

Evidentemente, não podemos nos esquecer que alíngua recorta o corpo do ser falante, corpo que goza por meio deste saber que se situa na interface do corpo e da linguagem – articulado, portanto, à pulsão.

Assim, no inconsciente este saber não passa de um modo de produção de gozo (S2 no discurso do mestre), podendo vir a ser uma elucubração de saber (S2 no discurso da histérica). Somente no discurso do analista este saber é concebido como alíngua – infraestrutura no lugar da verdade – e o que se produz a partir dela são unidades de gozo (S1 como produção).

Deste modo, é a associação entre a verdade e o saber, isto é, a descompletude do saber *in absentia* (entre o corpo e alíngua), que permite ao discurso do analista sustentar o real e o sinthoma respectivamente como suportes ético e final de uma análise, na medida em que o real (enquanto impossibilidade) e o sinthoma (enquanto resposta contingente de gozo) se dão como verificação da descompletude do saber.⁵

⁵ Uma análise pressupõe, assim, uma passagem do gozo do fantasma para o gozo do sinthoma. A verificação do furo da significação fantasmática ou do furo estrutural do objeto *a* é insuficiente para pensar o final de análise por colocar em jogo a universalidade do saber descompleto do ser falante, mas sem por em

E, para concluir, a impossibilidade $S1 \rightarrow S2$ é o algoritmo de base para o conceito de alíngua.⁶ O Inconsciente é dividido em infraestrutura (alíngua) e superestrutura (linguagem). Podemos dividir o inconsciente entre *formações do inconsciente* e *produtos do inconsciente*: as formações do inconsciente não são equivalentes às inscrições de gozo, mas temos que investigar melhor as articulações entre elas (consideradas como formações do campo da superestrutura) e as marcas de gozo produzidas a partir de alíngua (consideradas a partir da infraestrutura). De certo modo, é a relativização da separação estanque entre estas duas dimensões estruturais (presente no Saussure dos *Escritos*) que nos levará, penso eu, a um melhor entendimento dessas articulações.

Novamente: é a estrutura de S2 como alíngua no lugar da verdade que permite ao S1 tomar o seu lugar, não apenas como representante do \$, mas como unidade de gozo do ser falante.

Referências

- Abe, J. et al. *Lógica paraconsistente anotada evidencial e τ* . Santos: Editora comunicar, 2011.
- Bouquet, S. [1997]. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- Bousseyroux, M. Desenodamento. *Wunsch* – Boletim Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, n. 13, p. 35-39, dez. 2012.

questão a singularidade presente na identificação ao sinthoma. A verificação da descompletude do saber traz a negatividade universalizante do ser falante, mas é a identificação ao sinthoma que traz, numa positivação, a singularidade da solução de gozo de um ser falante. (Agradeço à Rithée Cevasco por este esclarecimento).

⁶ Formulação precisa de Rithée Cevasco, apresentada em conferência no FCL-SP em 10 maio de 2014.

- Campos, H. Diábolos no texto (Saussure e os anagramas). In: _____. *A ReOperação do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 109-124.
- Dolar, M. *Une voix et rien d'autre*. Caen: Nous, 2012.
- Gadet, F.; Pêcheux, M. *A língua inatingível*. Campinas: RG, 2010.
- Kristeva, J. [1969]. *Introdução à semântica*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- Lacan, J. [1957]. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 496-536.
- _____. [1973]. Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 550-556.
- _____. [1972-73]. *O Seminário, livro 20: encore*. Escola Letra Freudiana (Edição não comercial), s.d.
- _____. [1973-74]. *O Seminário, livro 21: Les non-dupes errent*. Inédito.
- _____. [1976-77]. *O Seminário, livro 24: L'insu que sait de l'ubévués'aille à mourre*. Edição heReSIa (para circulação interna). Inédito.
- Milner, J.-C. *O amor da língua*. Campinas: Unicamp, 2012.
- Miller, G.; Grunberg, L. *Rendez-vous chez Lacan*. (documentário). 52min55. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=S-QtbFaZjmw>>. Acesso em 3 de maio de 2014.
- Mortari, C. A. *Introdução à lógica*. São Paulo: UNESP, 2001.
- Ramos, C. Desejo e sintoma: versão e a-versão do sentido. Inédito.
- Saussure, F. [1916]. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- _____. [2002]. *Escritos de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2012.

Apesar de Saussure, a Linguística sucumbe ao desejo de um impossível retorno ao paraíso perdido. A aquisição da língua materna é o momento inaugural de um modo singular de habitar a linguagem. O que é uma língua senão a procura incessante de um objeto de desejo? A linguística não é uma nota de rodapé da literatura. A linguística tem por princípio nunca analisar o sentido nele mesmo, mas exclusivamente as diferenças de sentido. Há algo na natureza e no destino dos manuscritos de Ferdinand de Saussure que parecem entrelaçar-se nesse ponto em que a falta e o excesso deixam as suas marcas. Um Saussure mais orientado para a exatidão da música, que para a da álgebra. Ferdinand de Saussure é o nome de uma experiência que não retrocede ante o real da língua. Lacan, ao contrário do que muitos linguistas afirmam com veemência, deu continuidade à obra de Saussure. Imprescindível retornar à Saussure, mas não ao Saussure do *Curso de linguística geral*, e sim àquele dos *Escritos de linguística geral*.